



CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER

VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL

ANA CATARINA EMMERICK

TOMO XI

A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE

De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick

A Amarga Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Versão online:

www.valde.com.br

Índice

A Última Ceia Pascal.....	4
Disposições para a época pascal.....	6
O cálice da Ceia do Senhor.....	6
Jesus vai a Jerusalém.....	7
A Última Páscoa.....	9
A lavagem dos pés.....	11
Instituição do Santíssimo Sacramento.....	13
Instruções e Consagrações Privadas.....	15
Jesus no Monte das Oliveiras.....	18
Judas e seu bando. O Madeiro da Cruz.....	29
A prisão do Senhor.....	32
Medidas tomadas pelos inimigos de Jesus.....	38
Jerusalém naquele tempo.....	39
Jesus perante Anás.....	42
Jesus foi levado de Anás a Caifás.....	44
Jesus perante Caifás.....	45
Jesus é zombado e insultado.....	50
A negação de Pedro.....	51
Maria na Sala de Julgamento de Caifás.....	53
Jesus é preso.....	55
Judas na Sala do Julgamento.....	57
O julgamento da manhã.....	57
O desespero de Judas.....	59
Jesus é levado a Pilatos.....	60
O palácio de Pilatos e seus arredores.....	61
Jesus perante Pilatos.....	63
Origem da devoção do Santo Caminho da Cruz.....	66
Pilatos e sua esposa.....	68
Jesus perante Herodes.....	69
Jesus é levado de Herodes a Pilatos.....	72
O açoitamento de Jesus.....	75
Maria durante o açoitamento de Jesus.....	78
Interrupção das visões da Paixão pela aparição de São José sob a forma de uma criança.....	78
Aparição pessoal a Maria e a Madalena.....	82
Jesus é coroados de espinhos e zombado.....	82
"Ecce Homo".....	83
Jesus é condenado à morte na cruz.....	87
Jesus carrega a sua cruz até o Gólgota.....	91
Primeira queda de Jesus debaixo da cruz.....	93
Segunda queda de Jesus debaixo da cruz.....	94
Terceira queda de Jesus debaixo da cruz.....	95
Verônica e seu véu.....	96
Quarta e quinta quedas de Jesus debaixo da cruz.....	97
Jesus no Gólgota. A sexta e a sétima queda de Jesus.....	98
Maria e as Santas Mulheres vão para o Gólgota.....	100
Jesus é despido para a crucificação e encharcado de vinagre.....	100
Jesus é pregado na cruz.....	102
O sofrimento era horrível.....	103
A elevação da cruz.....	104
A crucificação dos ladrões.....	105
Os algozes lançaram sortes sobre as vestes de Jesus.....	106
Jesus Crucificado. Os dois Ladrões.....	107
Jesus é escarnecido. Sua Primeira Palavra na Cruz.....	108
O Sol Escureceu. A segunda e a terceira palavras de Jesus na cruz.....	110
Jesus abandonado. Sua Quarta Palavra na Cruz.....	111
A Morte de Jesus. Quinta, Sexta e Sétima Palavras na Cruz.....	113
O terramoto. Aparições dos Mortos em Jerusalém.....	115

José de Arimatéia pede a Pilatos o corpo de Jesus.....	117
O Lado de Jesus Aberto. As pernas dos ladrões quebradas.....	118
Alguns locais da antiga Jerusalém.....	119
Jardim e túmulo de José de Arimatéia.....	121
A descida da cruz.....	122
O corpo de Jesus preparado para sepultamento.....	124
O Sepulcro.....	126
O Retorno do Enterro. O sábado.....	127
A prisão de José de Arimatéia. O Santo Sepulcro vigiado.....	128
Os amigos de Jesus no Sábado Santo.....	129
Algumas palavras sobre a descida de Cristo ao inferno.....	132
A véspera da Santa Ressurreição.....	135
José de Arimateia é libertado.....	136
A noite da Ressurreição.....	136
A Ressurreição do Senhor.....	138
As santas mulheres no túmulo.....	139
As declarações dos guardas.....	142
Fim destas meditações para a Quaresma.....	144

A Última Ceia Pascal

Antes do amanhecer, Jesus, chamando Pedro e João, falou-lhes por algum tempo sobre o que deviam pedir, que preparações deviam fazer em Jerusalém para comerem o cordeiro pascal.

Os discípulos haviam perguntado a Jesus, no dia anterior, sobre onde se devia celebrar esta ceia.

Jesus disse aos dois apóstolos que, ao subirem ao monte Sião, encontrariam um homem carregando uma jarra de água, alguém que eles já conheciam, pois era o mesmo que havia participado da refeição pascal para Jesus no ano anterior, em Betânia. Deveriam segui-lo até a casa e dizer-lhe: "O Mestre nos manda dizer-te que a Sua hora está próxima. Ele deseja celebrar a Páscoa em tua casa. Deveriam então pedir para ver a sala da ceia, que encontrariam preparada, e ali deveriam preparar tudo o que fosse necessário.

Vi os dois Apóstolos subirem a Jerusalém através de um desfiladeiro que corria ao sul do Templo e ao norte de Sião. No lado sul da montanha em que o Templo estava, havia algumas fileiras de casas opostas às quais um córrego rápido descia a encosta; do outro lado deste córrego passava a estrada pela qual os Apóstolos subiram. Ao chegarem a um ponto de Sião mais alto do que o monte do Templo, viraram em direção ao sul e encontraram o homem designado por Jesus num espaço aberto um pouco elevado, e na vizinhança de um antigo edifício cercado por tribunais. Eles o seguiram e, quando se aproximaram da casa, comunicaram-lhe as palavras de Jesus. Ele mostrou grande prazer em vê-los e atender a sua missão. Ele lhes disse que já havia recebido ordens para preparar uma ceia (provavelmente por Nicodemos), embora não soubesse para quem, mas que agora se regozijava grandemente de saber que era para Jesus. Este homem era Eli, o cunhado de Zacarias de Hebrom, o mesmo em cuja casa em Hebrom Jesus, depois de certo sábado do ano anterior, havia anunciado à família a morte de João. Ele tinha cinco filhas solteiras, mas apenas um filho, que era levita e que fora amigo de Lucas antes de este se juntar ao Senhor. Eli ia com seus servos todos os anos à festa, alugava uma sala de jantar e preparava a refeição pascal para pessoas que não tinham amigos na cidade.

Nessa ocasião, Heli havia alugado o refeitório de uma casa antiga e espaçosa de Nicodemos e José de Arimatéia. No lado sul do monte Sião, não muito longe da fortaleza de Davi e da praça, que ficava na subida oriental para a mesma, erguia-se num pátio aberto rodeado de pátios com paredes maciças e entre fileiras de árvores que davam sombra. À direita e à esquerda da entrada e bem dentro das paredes havia um par de edifícios menores. Numa delas, a Virgem Santíssima e as outras santas mulheres celebravam a ceia pascal, e também ali, depois da Crucificação, se retiravam freqüentemente. O grande edifício, ou seja, o principal que continha a sala de jantar alugada por Heli, ficava um pouco atrás do centro do pátio. Foi nesta casa, nos dias do rei Davi, onde seus heróis valentes e generais se exercitavam nas armas; também ali, antes da construção do Templo, foi depositada a Arca da Aliança por muito tempo. Ainda se podiam encontrar vestígios da sua presença num apartamento subterrâneo. Também vi o profeta Malaquias escondido nesta abóbada. Foi lá que escreveu as suas profecias do Santíssimo Sacramento e do Sacrifício da Nova Lei. Também Salomão honrou esta casa, e realizou nela alguma ação simbólica, mas agora esqueci-me de qual. Quando os babilônios destruíram grande parte de Jerusalém, esta casa foi salva. Era agora propriedade de Nicodemos e José de Arimatéia, que arranjaram o edifício principal de modo muito adequado e o alugaram como casa de hóspedes para os estrangeiros que vinham a Jerusalém

para a Páscoa. Além disso, a casa e suas dependências serviam durante o ano como depósito de lápides, pedras de construção e lugar para o corte de pedras em geral, pois José de Arimatéia possuía uma excelente cantera em seu próprio país. Ele comercializava monumentos, ornamentos arquitetônicos e colunas, que ali eram esculpidas sob seu próprio olhar. Nicodemos também se dedicava à construção e dedicava muitas de suas horas de lazer à escultura.

Exceto na época das festas, ele costumava trabalhar ali, no salão ou na oficina abaixo, esculpindo estátuas. Foi por causa desta arte que ele havia formado amizade com José de Arimatéia, e muitas de suas transações eram empreendidas em conjunto.

O edifício principal, o Cenáculo propriamente dito, era um edifício longo, quadrangular, cercado por uma colunata baixa, que podia ser aberta e assim unir com o salão elevado acima. O edifício inteiro repousava sobre colunas, ou pilares, e era construído de modo a permitir que o olhar penetrasse em todas as direções, isto é, quando as telas portáteis geralmente em uso eram removidas. A luz penetrava através de aberturas perto do topo das paredes. Na frente (e este era o lado estreito do edifício), havia uma antecâmara, na qual três entradas conduziam. Daí, entrava-se no salão interior, elevado e lindamente pavimentado, cujo telhado tinha várias lâmpadas penduradas. Os salões tinham sido decorados para a festa. Eles eram cobertos até a metade com um tapete bonito, ou tapeçaria, e a abertura que tinha sido aberta no teto era coberto com gaze azul, brilhante e transparente. A extremidade traseira do corredor era cortada por uma cortina do mesmo tipo de gaze. O Cenáculo, separado do resto da sala, devido a essa divisão em três partes, tinha alguma semelhança com o Templo, pois tinha um pátio, um Santuário e o Santo dos Santos. Em ambos os lados da última divisão eram depositados vestidos e outras coisas necessárias para a festa. No centro, havia uma espécie de altar. Saindo da parede e levantado em três degraus, havia um banco de pedra em forma de triângulo retângulo cujo canto afiado estava encaixado na parede.

Devem ter sido utilizada a parte superior do forno para assar o cordeiro pascal, pois na refeição de hoje estava bastante quente ao redor dos degraus. De um lado deste apartamento havia uma saída que levava para o salão atrás de que a projeção, e a partir desse salão havia uma descida para os cofres subterrâneos e adegas, onde era quente. Na projeção, ou altar, colocavam-se várias coisas em preparação para a festa, tais como caixas, ou gavetas, que podiam ser retiradas. No topo havia aberturas como grades e um lugar para fazer fogo, bem como uma para extingui-lo. Não posso descrevê-lo em detalhes. Parecia ser uma espécie de fogão para cozer o pão pascal e outros tipos de doces, para queimar incenso, ou, em certas festas, para consumir o que restava do sacrifício. Era como uma cozinha pascal. Acima desta lareira, ou altar, havia uma espécie de nicho formado por vigas salientes e coberto por uma válvula, provavelmente para a saída do fumo. Suspensa do teto acima do nicho e pendurada na frente dele, vi a figura de um cordeiro pascal. Tinha uma faca na garganta, e parecia que o sangue caía sobre o altar. Já não me lembro exatamente de como foi efetuado este último. Na parte de trás do nicho havia três pequenos compartimentos, ou armários, que giravam como nossos tabernáculos para abrir ou fechar. Neles vi todos os tipos de vasos para a Páscoa e pratos ovais profundos. Mais tarde, o Santíssimo Sacramento foi guardado lá. Nos corredores laterais do ambiente, aqui e ali, eram construídos sofás inclinados, sobre os quais ficavam cobertores pesados enrolados juntos. Estes eram os lugares para dormir. Belas cavernas estendiam-se por baixo de todo o edifício. O lugar de descanso da Arca da Aliança estava outrora na parte de trás, diretamente sob o local em que agora ficava a lareira pascal. Abaixo das cavernas corriam cinco sarjetas, que

serviam para transportar o lixo para a encosta da colina em cima da qual a casa ficava. Em diversas ocasiões, vi Jesus ensinar e curar ali. Os discípulos muitas vezes se hospedavam nas salas laterais.

Enquanto Pedro e João conversavam com Heli, vi Nicodemos em um dos edifícios no pátio, para onde haviam sido removidos os blocos de pedra da vizinhança da sala da ceia. Por oito dias antes, vi pessoas ocupadas a limpar o pátio e a preparar o salão para a festa pascal. Alguns dos próprios discípulos estavam entre os trabalhadores.

Disposições para a época pascal

Quando Pedro e João terminaram de falar com Eli, este passou pelo pátio e entrou na casa. Os dois apóstolos, no entanto, viraram para a direita, desceram o lado norte da montanha através de Sion, atravessaram um riacho, seguiram por um caminho entre cercas para o outro lado do desfiladeiro que ficava diante do Templo e para a fileira de casas ao sul dele. Ali ficava a casa do velho Simeão, agora ocupada por seus filhos, que eram discípulos em segredo. Os apóstolos entraram e falaram com Obed, o ancião que servia no Templo. Então eles foram com um homem alto, de pele escura, pelo lado leste do Templo, através daquela parte do Ófel pela qual Jesus, no Domingo de Ramos, entrou em Jerusalém, e daí para o mercado de gado na cidade ao norte do Templo. Ali, no lado sul do mercado, vi recintos como pequenos jardins, nos quais belos cordeiros brincavam na grama. Na ocasião da entrada triunfal de Jesus, imaginei que estes arranjos fossem feitos em honra daquele evento, mas agora descobri que eram os cordeiros pascais ali expostos para venda. Vi o filho de Simeão entrar num desses rebanhos, e os cordeiros saltaram em volta dele e o bateram com as cabeças, como se o reconhecessem. Ele escolheu quatro, que ele levou com ele para o Cenáculo, e naquela tarde eu o vi novamente participando da preparação dos cordeiros pascais.

Eu ainda via Pedro e João atravessando a cidade em todas as direções e dando ordens para muitas coisas. Vi-os também do lado de fora da porta de uma casa ao norte do Monte Calvário. Era a pousada, no lado noroeste da cidade, onde muitos dos discípulos estavam hospedados. Esta era a hospedaria dos discípulos fora de Jerusalém. Estava sob o cuidado de Veronica, cujo antigo nome era Seraphia. Da hospedagem, vi-os irem para a própria casa da Verónica, pois tinham muitas instruções para lhe dar. O marido da Verónica era membro do Conselho. Ele geralmente estava fora de casa atendendo a seus negócios, e quando ele estava em casa, sua esposa pouco o via. Era uma mulher com a mesma idade da Virgem. Ela conhecia a Família Sagrada há muito tempo, pois quando o Menino Jesus ficou em Jerusalém depois da festa, foi ela que lhe forneceu comida.

Os dois Apóstolos receberam de Verônica todos os tipos de serviço de mesa, que eram levados pelos discípulos em cestas cobertas para o Cenáculo. Tiraram dali também o cálice do qual Jesus fez uso na instituição do Santíssimo Sacramento.

O cálice da Ceia do Senhor

Este cálice era um vaso muito maravilhoso e misterioso que havia estado no Templo por um longo tempo entre outras coisas antigas e preciosas, cujo uso e origem até tinham sido esquecidos, assim como conosco muitos tesouros antigos e sagrados caíram no esquecimento com o passar do tempo. Frequentemente, no Templo, vasos antigos e ornamentos preciosos cujo uso não era mais conhecido eram readaptados, feitos de novo ou vendidos. Era desta maneira, e pela permissão de Deus, que aquele vaso sagrado (cujo material desconhecido impedia que fosse

derretido, embora muitas tentativas tivessem sido feitas para fazê-lo) fora encontrado pelos jovens sacerdotes no tesouro do Templo. Era guardado numa caixa junto com outros objetos que já não eram usados, e quando descoberto foi vendido a alguns antiquários. O cálice e todos os vasos que lhe pertenciam foram depois comprados por Verônica. Jesus havia usado-os várias vezes na celebração de festas, e a partir deste dia tornou-se a posse exclusiva da Santa Comunidade de Jesus Cristo. Nem sempre foi o mesmo que quando era usado na Última Ceia. Não me lembro mais quando as partes que a compõem foram juntadas; talvez tenha sido na ocasião da Última Ceia do Senhor. Era agora, no entanto, junto com tudo o que era necessário para a instituição do Santíssimo Sacramento, colocado em uma caixa portátil.

Em uma superfície plana, da qual se podia tirar uma pequena tábua, ou tabuinha, ficava o grande cálice cercado por seis copos pequenos. O próprio cálice continha outro vaso menor. Não me lembro se a placa continha a Coisa Sagrada ou não. Um pequeno prato era colocado sobre o cálice, e sobre o todo estava uma tampa convexa. No pé do cálice havia um lugar para guardar uma colher, que podia ser facilmente retirada. Todos esses vasos, com coberturas de linho fino, eram protegidos por uma tampa, ou caixa de couro, acho eu, que tinha um botão no topo. O grande cálice consistia no cálice e no pé, que deve ter sido acrescentado mais tarde, pois era de material diferente. A taça era em forma de pêra, e de um metal castanho, altamente polido, revestido de ouro. Tinha duas pequenas alças, com as quais podia ser levantada quando seu conteúdo a tornava bastante pesada. O pé era elaboradamente forjado de ouro virgem escuro, com a borda cercada por uma serpente. Era adornado com um pequeno cacho de uvas, e enriquecido com pedras preciosas. A colherzinha estava escondida no pé.

O grande cálice foi deixado para a Igreja de Jerusalém sob o cuidado de Tiago, o Menor. Vi-o cuidadosamente preservado algures. Ele voltaria a ser descoberto, como aconteceu antes. Os copos menores que estavam ao redor foram distribuídos entre as outras igrejas: uma para Antioquia, a outra para Éfeso. Esses vasos enriqueceram sete igrejas. Os copos pequenos pertenceram aos Patriarcas, que bebiam alguma bebida misteriosa deles quando recebiam ou davam a Bênção, como já vi e já expliquei.

O grande cálice já pertenceu a Abraão. Melquisedeque a trouxe da terra de Semiramis, onde estava abandonado, para a terra de Canaã, quando começou a marcar assentamentos no local posteriormente ocupado por Jerusalém. Ele o tinha usado na Sacrificação do pão e do vinho oferecidos na presença de Abraão, e depois o deu a ele. Este mesmo cálice esteve até mesmo na posse de Noé. Ficava na parte superior da arca. Moisés também o guardava. O copo era enorme como um sino. Parecia ter sido moldado pela natureza, não pela arte. Eu vi claramente através dele. Só Jesus sabia do que era feito.

Jesus vai a Jerusalém

Enquanto os dois apóstolos em Jerusalém estavam empenhados nos preparativos para a Festa da Páscoa, Jesus tomou uma afetiva despedida das santas mulheres, Lázaro e Sua Mãe em Betânia, e lhes deu algumas instruções e admoestações finais. Vi-O a falar sozinho com a Sua Mãe Santíssima, e lembro-me de algumas das palavras que passaram entre eles. Ele tinha, disse Ele, enviado Pedro, o crente, e João, o amado, a Jerusalém, a fim de prepararem a Páscoa. De Madalena, que estava completamente fora de si mesma de dor, Ele disse: "Ela ama indescritivelmente, mas seu amor ainda é envolvido pelo corpo, portanto, ela se tornou como uma

completamente fora de si com dor". Ele também falou das tramas traiçoeiras de Judas, e a Virgem implorou misericórdia por ele.

Judas, sob o pretexto de cuidar de assuntos diferentes e de pagar certas dívidas, tinha novamente deixado Betânia e apressado-se para Jerusalém. Jesus, embora bem soubesse o que procurava, perguntou aos nove apóstolos sobre ele.

Judas passou o dia inteiro correndo entre os fariseus e consultando seus planos com eles. Os soldados que deveriam prender Jesus foram até mesmo mostrados a ele, e ele organizou sua viagem de ida e volta de modo a poder explicar sua ausência. Pouco antes da hora da Ceia Pascal, ele voltou ao Senhor. Eu vi todos os seus pensamentos e planos.

Quando Jesus falou sobre ele a Maria, vi muitas coisas relacionadas com seu caráter e comportamento.

Era ativo e prestativo, mas cheio de avareza, ambição e inveja, paixões que não lutava para controlar. Ele até mesmo havia feito milagres e, na ausência de Jesus, havia curado os doentes.

Quando Jesus revelou à Virgem Santíssima o que estava prestes a acontecer com Ele, ela implorou-Lhe em termos tocantes que a deixasse morrer com Ele. Mas Ele a exortou a suportar seu pesar com mais calma do que as outras mulheres, dizendo-lhe ao mesmo tempo que Ele ressuscitaria, e Ele nomeou o lugar em que Ele lhe apareceria.

Desta vez, ela não derramou tantas lágrimas, embora ela estava triste além de expressão e havia algo que inspirava temor em sua profunda gravidade.

Como um Filho devotado, Jesus agradeceu-lhe por todo o seu amor. Abraçou-a com o braço direito e apertou-a ao peito. Ele lhe disse que celebraria Sua Última Ceia com ela em espírito, e nomeou a hora em que ela deveria receber Seu Corpo e Sangue. Depois disso, despediu-se de todos com muita emoção, e deu-lhes instruções sobre muitos pontos.

Por volta do meio-dia, Jesus e os nove apóstolos partiram de Betânia para Jerusalém, seguidos por um grupo de sete discípulos que, com exceção de Natanael e Silas, eram principalmente de Jerusalém e de seus arredores. Lembro-me de que João Marcos e o filho da pobre viúva, que na quinta-feira anterior, isto é, há apenas oito dias, havia oferecido sua pequena moeda quando Jesus ensinava junto à caixa de esmolas no Templo, estavam entre eles. Jesus havia recebido o jovem no número de Seus discípulos alguns dias antes. As santas mulheres seguiram mais tarde.

Jesus e Seus companheiros caminharam aqui e ali ao redor do Monte das Oliveiras, através do Vale de Josafá, e até mesmo até o Monte Calvário. Durante toda a caminhada, Jesus deu instruções ininterruptas. Entre outras coisas, ele disse aos apóstolos que até então lhes havia dado o seu pão e o seu vinho, mas que hoje lhes daria a sua carne e o seu sangue. Ele daria a eles, Ele daria a eles, tudo o que Ele tinha. Ao proferir estas palavras, o semblante do Senhor exibia uma expressão comovente, como se estivesse derramando toda a Sua alma, como se estivesse morrendo de amor para Se dar ao homem. Seus discípulos não compreenderam as Suas palavras - eles pensaram que Ele falava do cordeiro pascal. Não há palavras que possam dizer quão afetuoso, quão paciente Jesus foi nas Suas últimas instruções, tanto em Betânia como em Seu caminho para Jerusalém. As santas mulheres chegaram mais tarde à casa de Maria Marcos.

Os sete discípulos que haviam seguido o Senhor até Jerusalém não fizeram a viagem com Ele. Levavam em feixes para o Cenáculo as vestes necessárias para as cerimônias pascais. Depois de os depositarem na antecâmara, foram para a casa de Maria Marcos.

Quando Pedro e João chegaram ao Cenáculo com o cálice, que haviam trazido de

Seraphia, os mantos de cerimônia já estavam na antecâmara, onde haviam sido levados pelos sete discípulos e alguns de seus companheiros. Também tinham coberto as paredes da sala de jantar, aberto as aberturas no telhado e preparado três lâmpadas penduradas. Feito isto, Pedro e João saíram para o Vale de Josafá e convocaram o Senhor e os nove Apóstolos. Os discípulos e amigos que também deveriam comer sua Páscoa no Cenáculo vieram mais tarde.

A Última Páscoa

Jesus e Seus seguidores comeram o cordeiro pascal no Cenáculo em três grupos separados de doze, cada um presidido por um que atuou como anfitrião. Jesus e os Doze Apóstolos comeram no próprio salão; Natanæl com tantos dos discípulos mais velhos, em um dos quartos laterais; e no outro, com outros doze, se sentava Eliacim, filho de Cléofas, e Maria Heli, e o irmão de Maria Cléofas. Ele tinha sido discípulo de João Batista. Em um dos edifícios laterais perto da entrada do pátio do Cenáculo, as santas mulheres comeram. Três cordeiros tinham sido imolados e aspergidos por eles no Templo. Mas o quarto foi abatido e espalhado no Cenáculo, e foi este que Jesus comeu com os Doze. Judas não estava ciente dessa circunstância. Ele tinha estado envolvido em vários assuntos comerciais, entre os quais estava a trama de trair o Senhor, e, conseqüentemente, tinha chegado apenas alguns momentos antes da refeição, e depois do sacrifício do cordeiro ter ocorrido. O abate do cordeiro para Jesus e os Apóstolos apresentou uma cena muito comovente. Ocorreu na antecâmara do Cenáculo, com o filho de Simeão, o levita, ajudando-o. Os apóstolos e discípulos estavam presentes cantando o Salmo 118. Jesus falou de um novo período então começando, e disse que o sacrifício de Moisés e o significado do cordeiro pascal estavam prestes a ser cumpridos, que por causa disso o cordeiro devia ser imolado como anteriormente no Egito, e que agora, na realidade, eles deveriam sair da casa de escravidão. Todos os vasos e instrumentos necessários estavam agora preparados. Então um belo cordeirinho foi trazido, com uma guirlanda em volta do pescoço, que foi tirada e enviada à Virgem Santíssima, que estava a alguma distância com as outras mulheres. O cordeiro foi então amarrado, de costas a uma pequena tábua, com um cordão passado ao redor do corpo. Lembrou-me de Jesus amarrado à coluna. O filho de Simeão levantou a cabeça do cordeiro, e Jesus o espetou no pescoço com uma faca, que Ele então entregou ao filho de Simeão para que completasse o abate. Jesus parecia tímido ao ferir o cordeiro, como se isso lhe tivesse custado dor. O seu movimento era rápido, o seu modo grave. O sangue foi apanhado numa bacia, e os servos trouxeram um ramo de hisopo, que Jesus mergulhou nela. Então, caminhando para a porta do salão, ele aspergiu os dois postes e a fechadura com o sangue, e colocou o ramo ensanguentado acima do lintel. Ele então proferiu algumas palavras solenes, dizendo, entre outras coisas: "O anjo destruidor passará por aqui. Sem medo ou ansiedade, adorarão neste lugar quando eu, o verdadeiro cordeiro pascal, for imolado. Uma nova era, um novo sacrifício estão agora prestes a começar, e eles devem durar até o fim do mundo." Daí, avançaram para a lareira pascal, no fim do salão, onde anteriormente repousava a Arca da Aliança. Lá, encontraram um fogo já aceso. Jesus aspergiu a lareira com sangue, e consagrou-a como altar. O resto do sangue, juntamente com a gordura, foi jogado no fogo sob o altar, após o qual, seguido pelos Apóstolos, Jesus andou ao redor do Cenáculo cantando Salmos e consagrou-o como um novo Templo. Durante esta cerimônia, as portas estavam fechadas.

Enquanto isso, o filho de Simeão tinha preparado o cordeiro. Fixava-se sobre um espeto, as patas dianteiras fixadas a um travessão, e as traseiras ao espeto. Ah! Parecia-se tanto com Jesus na Cruz! Foi então, juntamente com os outros três que

tinham sido abatidos no Templo, colocados no forno para serem assados.

Os cordeiros da Páscoa dos judeus eram todos mortos no vestibulo, e em três lugares: um para pessoas de destaque, outro para o povo comum, e outro para o estrangeiro. O cordeiro pascal de Jesus não foi morto no templo; tudo o mais foi rigorosamente conforme a lei. Jesus falou ainda outras palavras; disse que o cordeiro era apenas uma figura; que Ele mesmo deveria ser no dia seguinte o Cordeiro pascal, e outras coisas que eu esqueci.

Depois de Jesus ter falado assim sobre o cordeiro pascal e seu significado, e Judas ter chegado, prepararam a mesa. Os convidados vestiram as vestes de viagem que estavam no corredor, outros sapatos, uma veste branco parecida com uma camisa, e um casaco mais curto do que o de trás; as vestes eram recolhidos até as cinturas; também tinham mangas largas e arrugadas. Cada grupo foi à mesa que lhe foi designada: os discípulos nos quartos laterais; o Senhor com os apóstolos no Cenáculo. Tomaram uma vara na mão e foram de dois em dois à mesa, cada um em seu lugar, apoiando a vara sobre o braço esquerdo, e as mãos levantadas.

A mesa era estreita e alta, tinha um pé mais alto que o joelho de um homem; sua forma era a de um ferradura; em frente a Jesus, no interior do semicírculo, havia um lugar vazio para servir os pratos. Se bem me lembro, à direita de Jesus estavam João, Tiago, o Maior, e Tiago, o Menor; ao fim da mesa, Bartolomeu, e ao fundo, Tomé e Judas Iscariotes. À esquerda de Jesus estavam Pedro, André e Tadeu; à extrema esquerda, Simão, e ao contrário, Mateus e Filipe.

No meio da mesa estava o cordeiro pascal numa vasilha. Sua cabeça repousava sobre os pés dianteiros cruzados, os pés traseiros estavam estendidos; a borda da vasilha parecia coberta de alho. Ao lado dele havia um prato com o assado da Páscoa; além disso, um prato com legumes verdes, e um segundo prato com manchas de ervas amargas, que pareciam ervas aromáticas; diante de Jesus havia uma vasilha com outras ervas, e um prato com um molho escuro. Os convidados tinham diante de si bolinhos redondos em vez de pratos e facas de marfim.

Depois da oração, o mordomo colocou diante de Jesus, sobre a mesa, a faca para cortar o cordeiro. Pôs uma taça de vinho diante do Senhor e encheu seis taças que cada uma foi entregue a dois apóstolos. Jesus abençoou o vinho e bebeu-o; os apóstolos beberam dois da mesma taça. O Senhor partiu o cordeiro; os apóstolos apresentaram cada um o seu pão, e cada um recebeu a sua parte. Comeram-na muito depressa, com alho e ervas verdes molhadas no molho. Tudo isto foi feito de pé, apoiando-se apenas um pouco sobre o encosto da cadeira.

Jesus partiu um dos pães sem fermento, guardou um pedaço e distribuiu o outro.

Trouxeram outra taça de vinho, mas Jesus não bebeu, mas disse: "Tomai esta e distribui-a entre vós; porque, desde agora, não bebo mais vinho até que venha o reino de Deus".

Depois de comerem, cantaram; Jesus orou e ensinou, e lavaram as mãos novamente. Então ocuparam as cadeiras.

O Senhor partiu ainda outro cordeiro, que foi levado para uma das salas do pátio onde as santas mulheres estavam comendo. Os apóstolos ainda comiam legumes e leveduras. Jesus estava muito retraído e sereno: eu nunca o tinha visto assim. Ele disse aos apóstolos que esquecessem de todos os cuidados que poderiam ter. A Virgem Santíssima, também na mesa das mulheres, estava cheia de serenidade. Quando as outras mulheres vinham até ela e lhe tiravam o véu para falar com ela, havia em seus movimentos uma simplicidade muito terna.

Jesus estava muito afetuoso com os seus apóstolos no início; depois tornou-se sério e melancólico, e disse-lhes: "Um de vós me trairá; um de vós, cuja mão está nesta mesa comigo". Havia apenas um prato de levedura; Jesus distribuiu-o aos que

estavam com ele, e mandou que Judas, que estava diante dele, o distribuísse também. Quando Jesus falou de um traidor, o que assustou todos os apóstolos, ele disse: "Um homem cuja mão está na mesma mesa ou no mesmo prato que a minha". O que significa: "Um dos doze que come e bebe comigo, um dos que partilham do meu pão". Não designou claramente Judas aos outros, pois pôr a mão no mesmo prato era uma expressão que indicava a maior intimidade. No entanto, ele queria dar um aviso a Judas, que colocava a mão no mesmo prato que o Senhor para distribuir a alface; Jesus acrescentou: "O Filho do homem vai, como está escrito a respeito dele; mas aí daquele homem por quem o Filho do homem for traído!"

Os discípulos ficaram muito tristes e começaram a perguntar-lhe, um a um: - Senhor, será que não sou eu? Pedro recostou-se sobre João atrás de Jesus e, por sinal, disse-lhe para perguntar ao Senhor quem era, pois, tendo recebido algumas reticências de Jesus, temia que ele o quisesse designar. João estava à direita de Jesus, e como todos, apoiando-se no braço esquerdo, comia com a mão direita: sua cabeça estava perto do peito de Jesus. Este, então, inclinando-se sobre o peito dele, disse: "Senhor, quem é?" Então teve aviso de que Jesus queria designar Judas. Eu não vi Jesus dizer-lhe com os lábios: "É aquele a quem eu der o pão molhado". Eu não sei se ele disse isso em segredo; mas João soube quando Jesus tocou o pedaço de pão com a alface, e o apresentou carinhosamente a Judas, que perguntou: "Senhor, será que sou eu?" Jesus olhou-o com amor, e deu-lhe uma resposta em termos gerais. Para os judeus, era uma prova de amizade e confiança. Jesus fez isso com afeto cordial para avisar Judas sem denunciá-lo aos outros; mas este estava interiormente cheio de ira. Eu vi, durante a refeição, uma figura horrível sentada aos seus pés, e que às vezes subia até o seu coração. Eu não vi que João tivesse dito a Pedro o que Jesus lhe tinha dito; mas ele acalmou-o com os olhos.

A lavagem dos pés

Levantaram-se da mesa e, enquanto se vestiam e arrumavam suas vestes, conforme o costume antes da oração solene, o chefe do banquete entrou com dois servos para remover a mesa e colocar os assentos. Enquanto isso era feito, Jesus ordenou que lhe trouxessem água para a antecâmara, e o senhor novamente saiu do salão com seus servos.

Jesus, em pé no meio dos apóstolos, falou-lhes por muito tempo e com soleneidade. Mas eu vi e ouvi tantas coisas que não é possível para mim dar exatamente o discurso do Senhor. Lembro-me de que Ele falou do Seu Reino, de que iria para o Seu Pai, e disse-lhes que, antes de deixá-los, lhes daria tudo o que possuía. Daí, ensinou-lhes sobre o arrependimento, o conhecimento e a confissão dos pecados, o arrependimento e a justificação. Achei que isto fazia alguma referência à lavagem dos pés, e vi que todos, com exceção de Judas, reconheceram seus pecados com tristeza. Este discurso foi longo e solene. Quando terminou, Jesus enviou João e Tiago, o Menor, para trazerem água da antecâmara, e instruiu os outros a colocarem os assentos em meio círculo. Entretanto, Ele mesmo retirou-se para a antecâmara para pôr de lado o seu manto, cingir a sua túnica e amarrou em volta de si uma toalha, da qual permitiu pendurar uma ponta.

Enquanto esses preparativos estavam sendo feitos, os apóstolos entraram em uma espécie de disputa quanto a quem entre eles deveria ter o primeiro lugar, pois, como o Senhor havia anunciado expressamente que estava prestes a deixá-los e que Seu Reino estava próximo, eles foram reforçados de novo em sua idéia de que Ele tinha em algum lugar uma força secreta em reserva, e que Ele alcançaria algum triunfo terreno no último momento.

Jesus, ainda na antecâmara, ordenou a João que levasse uma bacia, e a Tiago, o Menor, uma garrafa de água de couro. Este último carregava a garrafa diante de seu peito, com a boca descansando em seu braço. Depois de ter derramado um pouco de água do frasco na bacia, Jesus mandou que os dois o seguissem até o salão, no meio do qual o mestre do banquete havia colocado outra bacia grande e vazia.

Entrando no salão nessa ordem, Jesus, com poucas palavras, repreendeu os Apóstolos pela disputa que havia surgido entre eles. Ele disse, entre outras coisas, que Ele mesmo era seu servo, e que eles deviam tomar seus lugares nos assentos para que Ele lavasse os pés. Obedeceram, observando a mesma ordem que à mesa. Eles se sentaram nas costas dos assentos, que foram dispostos em um semicírculo, e descansaram seus pés nus sobre o próprio assento. Jesus foi de um para outro e, da bacia que João tinha debaixo deles, colheu com a mão água para os pés que lhe foram apresentados. Então, tomando em ambas as mãos a extremidade longa da toalha com que ele estava cingido, ele passou sobre os pés para secá-los, e, em seguida, mudou-se com João para o próximo. João esvaziou a água depois de cada um deles na grande bacia no meio da sala, e então voltou ao Senhor com a vazia. Daí, Jesus voltou a derramar água da garrafa que Tiago segurava sobre os pés do outro, e assim por diante.

Durante toda a Ceia Pascal, o comportamento do Senhor foi muito comovente e gracioso, e nesta humilde lavagem dos pés de Seus Apóstolos, Ele estava cheio de amor. Ele não o realizou como se fosse uma mera cerimônia, mas como um ato sagrado de amor que brotava diretamente do coração. Por meio dela, Ele quis dar expressão ao amor que ardia dentro de nós.

Quando Ele veio a Pedro, este, por humildade, objetou. Ele disse: "Senhor, Tu lavas os meus pés?" E o Senhor respondeu: "O que eu faço, tu não sabes agora, mas depois entenderás". E apareceu-me que Ele lhe disse em particular: "Simão, tu mereceste que meu Pai te revelasse quem eu sou, de onde vim e para onde vou. Só tu o conhecestes e confessaste, por isso, edificarei a minha Igreja sobre ti, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. O meu poder continuará com os teus sucessores até ao fim do mundo. Ali, Jesus apontou para Pedro ao dizer aos outros: "Pedro será Meu representante convosco quando eu for de entre vós. Ele vos guiará e vos fará saber a vossa missão. Então Pedro disse: "Nunca me lavarás os pés!" E o Senhor respondeu: "Se eu não te lavar, não terás parte comigo". Então, Pedro exclamou: 'Senhor, lava-me não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!' A isso Jesus respondeu: "Aquele que se lavou não precisa senão lavar os pés, mas está inteiramente limpo. E vós estais limpos, mas não todos. Nessas últimas palavras, Jesus estava pensando em Judas. Em Sua catequese, Jesus tinha falado da lavagem dos pés como de uma purificação das faltas diárias, porque os pés, vindo em contato contínuo com a terra ao andar, estão constantemente sujeitos a ficar sujos. Isto era uma lavagem espiritual dos pés, uma espécie de absolvição. Pedro, porém, em seu zelo, considerou isso uma humilhação muito grande para seu Mestre. Não sabia que, para salvá-lo, Jesus, no dia seguinte, humilharia-Se por amor a ele, até à vergonhosa morte na Cruz. Quando Jesus lavou os pés de Judas, foi da maneira mais comovente e amorosa. Ele pressionou-os à face e em baixo tom pediu-lhe para entrar em si mesmo, porque ele tinha sido infiel e um traidor no ano anterior. Mas Judas parecia não reparar, e dirigiu algumas palavras a João. Isto despertou a ira de Pedro, e ele exclamou: "Judas, o Mestre está falando com você!" Judas então fez uma observação vaga e evasiva, como: "Senhor, longe isso de mim!"

As palavras de Jesus a Judas passaram despercebidas pelos outros Apóstolos, pois Ele falava em voz baixa, e eles não ouviam. Além disso, eles estavam ocupados calçando as sandálias. A traição de Judas causou mais dor a Jesus do que qualquer

outra parte da Sua Paixão. Jesus então lavou os pés de João e de Tiago; primeiro os do último, enquanto Pedro segurava a garrafa de água; depois o primeiro, para quem Tiago segurava a bacia.

Em seguida, Jesus deu uma catequese sobre a humilhação. Disse-lhes que o maior entre eles devia ser o servo, e que, no futuro, deviam em humildade lavar os pés uns dos outros. Ele disse muitas outras coisas com referência à disputa deles quanto a quem devia ser o maior, conforme está registrado no Evangelho. Jesus agora retomou as vestes que havia posto de lado, e os Apóstolos baixaram as suas que haviam sido suspendidas para comer o cordeiro pascal.

Instituição do Santíssimo Sacramento

Por ordem do Senhor, o servente novamente dispôs a mesa, que ele levantou um pouco mais alto. Foi colocada no meio da sala e coberta com um pano, sobre o qual foram espalhados outros dois, um vermelho, e o outro branco e transparente. Então, o amo colocou dois jarros, um de água e o outro de vinho, debaixo da mesa.

Pedro e João agora trouxeram da parte de trás do salão, onde estava a lareira pascal, o cálice que tinham trazido da casa de Verônica. Eles o carregavam entre eles em sua caixa, segurando-o em suas mãos, e parecia que eles carregavam um tabernáculo. Colocaram a caixa sobre a mesa, diante de Jesus. O prato com os pães pascais, finos e esbranquiçados, estava perto, sob uma cobertura, e a outra metade do pão que fora cortado na Ceia pascal também estava sobre a mesa. Havia um vaso de vinho e água, também três caixas, uma com óleo grosso, outra com óleo fino, e a terceira vazia. Uma espátula, ou faca plana, estava por perto.

O partir e distribuir o pão e beber do mesmo copo era costumeiro nos tempos antigos nas festas de boas-vindas e despedidas. Eram usados como sinais de amor fraternal e amizade. Acho que deve haver algo sobre isso nas Escrituras. Hoje Jesus elevou este costume à dignidade do Santíssimo Sacramento, pois até então era apenas uma cerimônia típica. Uma das acusações apresentadas a Caifás, por ocasião da traição de Judas, era de que Jesus havia introduzido algo novo nas cerimônias pascais, mas Nicodemos provou, por meio das Escrituras, que esta era uma prática antiga nas festas de despedida.

O lugar de Jesus estava entre Pedro e João. As portas estavam fechadas, pois tudo foi conduzido com segredo e solenidade. Quando a tampa do cálice foi removida e levada de volta ao recanto na parte de trás do Cenáculo, Jesus orou e proferiu algumas palavras muito solenes. Vi que Ele estava explicando a Última Ceia aos Apóstolos, assim como as cerimônias que a acompanhariam. Lembrou-me de um padre ensinando a Santa Missa.

Jesus então tirou da tábua plana sobre a qual os vasos estavam uma espécie de prateleira, pegou o linho branco que estava pendurado sobre o cálice e estendeu-o sobre a prateleira. Vi-o a seguir a tirar um prato redondo e plano do cálice e a colocá-lo na prateleira coberta. Então, tomando os pães do prato que estava lá perto, colocou-os sobre aquele que estava diante dele. Os pães eram quadrangulares e oblongos, de comprimento suficiente para se estender além da borda do prato, embora estreitos o suficiente para permitir que fosse visto nos lados.

Depois, aproximou-se um pouco mais do cálice, tirou dele o pequeno copo que continha, colocou-o à direita e deixou os seis vasos menores que estavam ao redor dele. Em seguida, ele abençoou os pães pascais e, creio eu, também o óleo que estava perto, levantou o prato de pão com ambas as mãos, ergueu os olhos para o céu, orou, ofereceu, colocou-o sobre a mesa e novamente o cobriu. Então, tomando

o cálice, recebeu nele vinho e água, o primeiro derramado por Pedro, e o último por João. Água que Ele abençoou antes de ser derramada no cálice. Em seguida, acrescentou um pouco mais de água da pequena colher, abençoou o cálice, levantou-o em alto, orando e oferecendo, e colocou-o de novo.

Depois disso, Jesus segurou Suas mãos sobre o prato sobre o qual estavam os pães, enquanto, por Sua ordem, Pedro e João derramaram água sobre eles; então, com a colher que Ele havia retirado do pé do cálice. Ele colheu um pouco da água que tinha fluído sobre as Suas próprias mãos, e derramou-a sobre as deles. Por fim, o mesmo prato foi passado, e todos os apóstolos lavaram as mãos nele. Não sei se essas cerimônias eram realizadas nessa ordem exata, mas essas e todas as outras que me lembravam tanto da Santa Missa, eu as observava com profunda emoção.

Durante todo esse tempo, Jesus estava ficando cada vez mais isolado. Ele disse aos apóstolos que estava prestes a dar-lhes tudo o que possuía, até mesmo a si mesmo. Ele parecia estar derramando todo o seu ser em amor, e eu o vi se tornando perfeitamente transparente. Parecia uma aparição luminosa.

Em profunda reflexão e oração, Jesus, em seguida, partiu o pão em vários bocados e os colocou um sobre o outro no prato. Com a ponta do dedo, tirou um pedaço do primeiro bocado e o deixou cair no cálice, e no mesmo instante vi, como me parecia, a Virgem recebendo o Santíssimo Sacramento, embora não estivesse presente no Cenáculo. Pareceu-me que a vi entrar pela porta e vir diante do Senhor para receber o Santíssimo Sacramento, depois disso não a vi mais.

Jesus orou novamente e ensinou. Suas palavras, resplandecendo com fogo e luz, saíram de Sua boca e penetraram em todos os apóstolos, exceto em Judas. Ele pegou o prato com os pedaços de pão (não me lembro se Ele o colocou no cálice ou não) e disse: "Toma e come". Este é o meu corpo que é dado por vós. Ao dizer estas palavras, estendeu Sua mão direita sobre ela, como que dando uma bênção, e ao fazê-lo, uma luz brilhante emanou Dele. Suas palavras eram luminosas como também o Pão, que como um corpo de luz entrou na boca dos Apóstolos. Era como se o próprio Jesus fluísse neles. Vi todos eles penetrados pela luz, banhados pela luz. Só Judas estava na escuridão. Jesus entregou o Pão primeiro a Pedro, depois a João, 1 e depois fez um sinal a Judas, que estava sentado na diagonal d'Ele, para se aproximar. Assim, Judas foi o terceiro a quem Jesus apresentou o Santíssimo Sacramento, mas parecia que a palavra do Senhor voltou da boca do traidor. Fiquei tão aterrorizada com a visão que não consigo descrever meus sentimentos. Jesus disse a Judas: "O que estás prestes a fazer, faze-o depressa". O Senhor então administrou o Santíssimo Sacramento para o resto dos Apóstolos, que vieram dois a dois, cada um segurando para o seu vizinho uma pequena cobertura rígida com uma borda ornamental que estava sobre o cálice.

Jesus, em seguida, levantou o cálice por seus dois punhos ao nível de Seu rosto, e pronunciou nele as palavras de consagração. Ao fazê-lo, Ele foi totalmente transfigurado e, por assim dizer, transparente.

Era como se Ele estivesse passando para o que Ele estava dando. Fez com que Pedro e João bebessem do cálice, enquanto ainda estava em Suas mãos, e depois o colocou de lado. Com a pequena colher, João removeu um pouco do Sangue Sagrado do cálice para os pequenos copos, que Pedro entregou aos Apóstolos que, dois a dois, beberam do mesmo copo, Judas também (embora não tenha certeza disso) participou do cálice, mas ele não voltou ao seu lugar, pois imediatamente deixou o Cenáculo. Os outros pensaram que Jesus lhe havia dado uma comissão para executar. Ele saiu sem orar ou agradecer. E aí podemos ver o mal que é deixar de dar graças pelo nosso pão diário e pelo Pão que dura a vida eterna. Durante toda a refeição, vi um monstrinho vermelho com um pé como um osso nu sentado aos pés

de Judas e muitas vezes subindo até o seu coração, mas quando fora da porta, vi três demônios pressionando em torno dele. Um entrou na boca dele, outro o empurrou, e o terceiro correu à sua frente. Era noite. Eles pareciam estar iluminando-o como ele apressou-se como um louco.

Os restos do Sangue Sagrado no cálice, o Senhor derramou no pequeno copo que se encaixava nele; então, segurando os dedos sobre o cálice, Ele pediu a Pedro e João para derramarem água e vinho sobre eles. Este lavamento Ele deu aos dois para beberem do cálice e, derramando o restante em copos menores, passou-o entre os outros apóstolos. Depois disso, Jesus limpou o cálice, colocou nele o pequeno copo com o que restava do Sangue Sagrado, colocou sobre ele o prato com os restos do Pão Pascal consagrado, substituiu a tampa, envolveu o todo no pano de linho e depositou-o em sua caixa entre os copos menores. Depois da Ressurreição, vi os Apóstolos a tomarem a Comunhão deste Pão e Vinho consagrados por Jesus.

Não me lembro de ter visto o próprio Senhor receber as Espécies Sagradas. Devo ter deixado isso passar despercebido. Quando Ele administrou o Seu Corpo e Sangue aos Apóstolos, pareceu-me como se Ele se esvaziasse, como se Ele se derramasse em terno amor. É inexprimível. Nem vi Melquisedeque, ao sacrificar pão e vinho, recebê-lo ele mesmo. Foi-me dado saber por que os sacerdotes participam do Sacrifício, embora Jesus não o fizesse.

(Enquanto pronunciava essas palavras, a irmã Emmerich olhou rapidamente ao redor, como se ouvindo alguém. Ela recebeu uma explicação sobre o acima, mas foi capaz de comunicar apenas o seguinte:) Se os anjos tivessem sido designados para administrar a Santa Eucaristia, eles não a receberiam, mas se os sacerdotes não participassem dela, ela já teria sido perdida há muito tempo. É por sua participação que o Sacramento é preservado.

Os movimentos de Jesus durante a instituição do Santíssimo Sacramento foram medidos e solenes, precedidos e seguidos por explicações e instruções. Vi os apóstolos, depois de cada um, anotando algumas coisas nos pequenos rolos de pergaminho que levavam consigo. Jesus virando-se para a direita e para a esquerda estava cheio de gravidade, como sempre quando Ele estava em oração. Cada ação indicava a instituição da Santa Missa. Vi os Apóstolos, quando se aproximavam uns dos outros e em outras partes dela, inclinando-se como os sacerdotes costumavam fazer.

Instruções e Consagrações Privadas

Jesus deu agora aos Apóstolos uma catequese cheia de mistério. Ele lhes disse como eles deveriam preservar o Santíssimo Sacramento em memória dEle até o fim do mundo, ensinou-lhes as formas necessárias para fazer uso e comunicá-lo, e de que maneira eles deveriam gradualmente ensinar e publicar o Mistério. Ele lhes disse também quando eles deveriam receber o que restava das Espécies consagradas, quando dar algum à Virgem Santíssima, e como consagrá-lo a si mesmos depois que Ele lhes enviasse o Consolador.

Então Ele os ensinou sobre o sacerdócio, a unção sagrada, e a preparação do Crisma e dos Óleos Sagrados. Três caixas, duas com uma mistura de bálsamo e óleo, e também algum algodão cru, ficavam perto da caixa do cálice. Eles foram dispostos de modo a admitir ser colocado um sobre o outro. Jesus ensinou muitas coisas secretas a respeito deles: como misturar o unguento, quais partes do corpo ungir e em que ocasiões. Lembro-me, entre outras coisas, de Jesus mencionar um certo caso em que o Santíssimo Sacramento não podia ser administrado. Talvez fosse algo relacionado com a Extrema Unção, embora agora não saiba claramente. Ele

falou de diferentes tipos de unção, entre elas a dos reis. Ele disse que até mesmo reis maus que foram ungidos, possuíam certo poder interior e misterioso que faltava a outros. Então Jesus pôs um pouco da pomada viscosa e do azeite na caixa vazia e os misturou, mas não posso dizer se foi neste momento ou na consagração do pão e do vinho que o Senhor abençoou o azeite.

Depois disso, vi Jesus ungindo Pedro e João, em cujas mãos, na instituição do Santíssimo Sacramento, Ele derramou a água que tinha fluído sobre os Seus, e que beberam do cálice em Sua mão.

Do meio da mesa, onde Ele estava de pé, Jesus avançou um pouco para um lado e impôs as mãos sobre Pedro e João, primeiro nos ombros e depois na cabeça. Durante esta ação, eles juntaram as mãos e cruzaram os polegares. Enquanto se curvavam diante d'Ele (e não tenho certeza de que não se ajoelhassem), o Senhor ungiu o polegar e o dedo indicador de cada uma de suas mãos com crisma, e fez o sinal da cruz com ela em suas cabeças. Ele lhes disse que esta unção permaneceria com eles até o fim do mundo. Tiago, o Menor, André, Tiago, o Maior, e Bartolomeu, também foram consagrados. Eu vi também que o Senhor torceu transversalmente sobre o peito de Pedro o lenço estreito que ele usava ao redor do pescoço, mas que nos outros Ele o desenhou através do peito sobre o ombro direito e sob o braço esquerdo. Ainda não me lembro claramente se isso ocorreu na instituição do Santíssimo Sacramento, ou não até a unção.

Então eu vi - mas não posso dizer como - que Jesus, nesta unção, comunicou aos Apóstolos algo essencial, algo sobrenatural. Disse-lhes também que, depois de terem recebido o Espírito Santo, deviam consagrar pão e vinho pela primeira vez e ungir os outros apóstolos. Com estas palavras de Jesus, vi de relance Pedro e João, no dia de Pentecostes e antes do grande Batismo, impondo as mãos sobre os outros Apóstolos, e oito dias depois sobre vários dos discípulos. Vi também que João, depois da Ressurreição, deu o Santíssimo Sacramento à Virgem pela primeira vez. Este acontecimento costumava ser comemorado pelos Apóstolos como uma festa. A Igreja já não o celebra, mas na Igreja Triunfante vejo o dia ainda celebrado. Nos primeiros dias após o Pentecostes, só vi Pedro e João consagrarem o Santíssimo Sacramento; mas mais tarde os outros também consagraram.

O Senhor abençoou o fogo num vaso de bronze. Queimou sempre depois, mesmo durante a longa ausência dos Apóstolos. Ele foi mantido perto do local em que o Santíssimo Sacramento foi depositado, em uma divisão da antiga lareira pascal de onde sempre foi removido para fins religiosos.

Tudo o que Jesus fez na instituição da Santíssima Eucaristia e na unção dos Apóstolos foi feito muito secretamente, e mais tarde foi ensinado como um Mistério. Até hoje permaneceu essencialmente na Igreja, embora ela, sob a inspiração do Espírito Santo, a tenha desenvolvido de acordo com suas necessidades.

Durante a preparação e consagração do Santo Crisma, os Apóstolos deram sua ajuda, e quando Jesus os ungiu e impôs as mãos sobre eles, isso foi feito com cerimônia.

Se Pedro e João eram ambos consagrados Bispos, ou apenas Pedro como Bispo e João como sacerdote, e que dignidade os outros quatro receberam, a Irmã Emmerich esqueceu de dizer. Mas a maneira diferente em que o Senhor dispôs o lenço estreito sobre Pedro e os outros pareceu indicar diferentes graus de consagração.

Quando essas cerimônias sagradas foram concluídas, o cálice, perto do qual estava o crisma consagrado, foi recuperado, e o Santíssimo Sacramento foi levado por Pedro e João para a parte de trás da sala. Esta parte do salão foi separada do resto

por uma cortina que se abria no meio, e agora se tornara o Santo dos Santos. O Santíssimo Sacramento foi depositado atrás e um pouco acima do forno pascal. José de Arimatéia e Nicodemos sempre cuidaram do Santuário e do Cenáculo na ausência dos Apóstolos.

Jesus novamente proferiu uma longa catequese e orou várias vezes com profunda recordação. Muitas vezes parecia conversar com Seu Pai Celestial, e transbordar de amor e entusiasmo. Os apóstolos também estavam cheios de alegria e zelo. Eles fizeram perguntas sobre coisas diferentes, todas as quais Jesus respondeu. De tudo isso, acho que muitas coisas estão registradas nas Sagradas Escrituras. Durante este discurso, Jesus dirigiu algumas palavras em particular a Pedro e João, que estavam sentados ao Seu lado, em referência a algumas de Suas catequese anteriores. Deveriam comunicá-las aos outros apóstolos, e estes, por sua vez, aos discípulos e às santas mulheres, segundo a capacidade de cada um para tal conhecimento. Ele falou por algum tempo só com João. De tudo isso, só me lembro que Jesus lhe disse que sua vida seria mais longa do que a dos outros, e que Ele disse algo sobre sete igrejas, algo sobre coroas e anjos e símbolos semelhantes significativos pelos quais, tanto quanto eu sei, Ele designou certas épocas. Os outros apóstolos sentiram-se ligeiramente ciumentos com esta comunicação especial a João.

Jesus aludiu várias vezes ao Seu traidor, dizendo: "Agora ele está fazendo isto, agora ele está fazendo aquilo", e enquanto Ele falava, eu vi Judas fazendo exatamente o que Ele disse. Quando Pedro protestou veementemente que certamente ficaria fiel a Ele, Jesus disse-lhe: "Simão, Simão! Eis que Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo. Mas eu tenho orado por ti para que a tua fé não falte; e tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos. Quando Jesus disse que onde Ele ia, eles não poderiam segui-Lo, Pedro novamente exclamou que o seguiria até a morte, Jesus respondeu: "Amém, amém, eu te digo, antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes!" Ao revelar aos Apóstolos os tempos difíceis que iriam encontrar, Jesus perguntou: "Quando vos enviei sem bolsa, nem mochila, nem sapatos, carecesteis de alguma coisa?" Responderam: "Não!" Disse-lhes, pois: Mas agora, quem tem bolsa, que a leve, e também bolso; e quem não tem, que venda a sua capa, e compre uma espada. Porque eu vos digo que isto que está escrito ainda tem de se cumprir em mim: E foi contado com os malfeitores. Porque as coisas em relação a mim têm um fim.

Os apóstolos entenderam estas palavras num sentido carnal, e Pedro mostrou-Lhe duas espadas, curtas e largas como facas.

Jesus disse: "Basta. Vamos embora! Depois recitaram o hino de ação de graças, puseram de lado a mesa e entraram na ante-sala.

Ali Jesus encontrou Sua mãe, Maria Cléofas, e Madalena, que imploraram a Ele implorando que não fosse ao Monte das Oliveiras, pois foi relatado que ali Ele seria preso. Jesus confortou-as com algumas palavras, e passou rapidamente por cima delas. Eram então cerca de nove horas. Desceram apressadamente pela estrada pela qual Pedro e João haviam subido naquela manhã para o Cenáculo, e dirigiram seus passos ao Monte das Oliveiras.

Eu sempre vi a Ceia Pascal e a instituição do Santíssimo Sacramento acontecerem como acabei de relatar. Mas sempre fui tão profundamente afetada por ela que só me lembrava de uma parte da cerimônia; agora, porém, a vi mais distintamente. Tal visão exalta além do poder das palavras, pois nela se contemplam os recessos dos corações, se vê o amor, a constância do Senhor, e ao mesmo tempo se sabe tudo o que há de acontecer a Ele. Em tais circunstâncias, é absolutamente impossível observar de perto as ações externas. Uma é dissolvida em admiração, gratidão e

amor. Não se pode compreender os erros dos outros, enquanto a ingratidão da humanidade e o pensamento dos próprios pecados pesam pesadamente. O comer do Cordeiro pascal foi realizado por Jesus com pressa e em perfeita conformidade com a Lei. Os fariseus intercalaram a cerimônia com algumas observâncias próprias.

Jesus no Monte das Oliveiras

Quando Jesus, depois de instituir o Santíssimo Sacramento do altar, saiu do Cenáculo com os onze apóstolos, sua alma estava perturbada, e sua tristeza estava aumentando. Ele levou os onze, por um caminho isolado, ao vale de Josafá. Quando estavam à porta, vi a lua, que ainda não estava cheia, erguer-se sobre a montanha. O Senhor, andando com eles no vale, disse-lhes que voltaria a este lugar para julgar a terra. Naquele dia, os homens tremerão e gritarão: "Montes, cobri-nos!" Seus discípulos não o entenderam, e pensaram (o que lhes aconteceu com frequência nesta mesma noite) que a fraqueza e o cansaço o faziam delirar. Disse-lhes também: "Esta noite todos vocês se escandalizarão a meu respeito, porque está escrito: 'Farei ferir o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersadas.' Mas, depois de eu ser ressuscitado, irei adiante de vós para a Galiléia".

Os apóstolos ainda conservavam algo do entusiasmo e da tranquilidade que lhes haviam transmitido a santa Comunhão e os discursos solenes e afetuosos de Jesus. Então, eles o cercaram e expressaram seu amor de várias maneiras, protestando que jamais o abandonariam; mas Jesus continuou a falar-lhes no mesmo sentido, e disse a Pedro: "Mesmo que todos se escandalizem a teu respeito, eu nunca me escandalizaria". O Senhor predisse a Pedro que, antes que o galo cantasse, ele o negaria três vezes, e Pedro insistiu novamente, dizendo: "Mesmo que tenha de morrer contigo, nunca te negarei". Assim falaram também os outros. Andavam e paravam alternadamente, e a tristeza de Jesus aumentava cada vez mais.

Eles queriam consolar-o de uma forma puramente humana, assegurando-lhe que o que ele previa não aconteceria. Cansaram-se desta vazia tentativa, começaram a duvidar, e veio sobre eles a tentação.

Atravessaram o córrego Cedron, não pela ponte para onde Jesus mais tarde foi levado preso, mas por outra, pois haviam dado uma volta. O Getsêmani, para onde iam, é a metade de uma leiga do Cenáculo: do Cenáculo até a porta do vale de Josafá, é um quarto de leiga, e outra tanto de lá até o Getsêmani. Este lugar, onde Jesus nos últimos dias havia passado algumas noites com seus discípulos, era composto por várias casas vazias e abertas, e por um grande jardim cercado por uma cerca, onde havia apenas plantas ornamentais e árvores frutíferas. Os apóstolos e algumas outras pessoas tinham uma chave deste jardim, que era um lugar de recreação e oração. Havia lá cabanas de folhagem, onde permaneceram oito dias alguns apóstolos, aos quais se juntaram mais tarde outros discípulos; O Jardim das Oliveiras estava separado do de Getsêmani por uma estrada; franca ao passeio, cercado apenas por uma cortina baixa, e era menor do que o de Getsêmani. Havia nele grutas, aterros e muitas oliveiras, e facilmente se encontravam lugares destinados à oração e à meditação. Jesus foi orar ao mais afastado de todos.

Eram cerca de nove horas quando Jesus e seus discípulos chegaram a Getsêmani.

A terra ainda estava escura; mas a lua já espalhava sua luz no céu.

Jesus estava triste e anunciava a proximidade do perigo. Os discípulos ficaram atônitos, e Jesus disse a oito dos que o acampavam que ficassem no jardim de Getsêmani enquanto ele ia orar. Levou com ele Pedro, João e Tiago, e entrou no Jardim das Oliveiras. Estava extremamente triste, pois o tempo da provação se

aproximava. João perguntou como Ele, que sempre os consolou, podia estar tão abatido. "A minha alma está triste até a morte", respondeu Jesus; e viu por todos os lados a angústia e a tentação aproximarem-se como nuvens carregadas de figuras terríveis. Então ele disse aos três apóstolos: "Fiquem aqui e vigiem e orem comigo, para que não caiam em tentação". Jesus desceu um pouco para a esquerda, e escondeu-se debaixo de uma rocha em uma caverna de seis pés de profundidade, acima do qual estavam os apóstolos em uma espécie de buraco. O terreno declinava lentamente nesta gruta, e as plantas que se agarravam à rocha formavam uma espécie de cortina à entrada, de modo que não podia ser visto.

Quando Jesus se separou dos discípulos, vi à sua volta um círculo de figuras horríveis que se estreitavam cada vez mais. Sua tristeza e angústia aumentaram; ele entrou tremendo na caverna para orar, como um homem que procura abrigo da tempestade; mas as visões ameaçadoras o seguiam, e cada vez eram mais fortes. Esta estreita caverna parecia apresentar o horrível espetáculo de todos os pecados cometidos desde a queda do primeiro homem até ao fim do mundo, e seus castigos. Neste mesmo lugar, no Monte das Oliveiras, Adão e Eva, expulsos do Paraíso, sobre uma terra ingrata, haviam vindo: nesta mesma caverna, gemeram e choraram. Pareceu-me que Jesus, ao entregar-se à Justiça divina em satisfação dos nossos pecados, fazia voltar a sua Divindade ao seio da Santíssima Trindade; assim, concentrado na sua pura, amorosa e inocente humanidade, e armado apenas com o seu amor inefável, sacrificava-a às angústias e aos sofrimentos.

Deitado no chão, com o rosto inclinado e afogado num mar de tristeza, todos os pecados do mundo apareceram-lhe sob infinitas formas em toda a sua fealdade interior; tomou-os todos sobre si, e ofereceu-se em sua oração à justiça de seu Pai celestial para pagar esta dívida terrível. Mas Satanás, que se agitava no meio de todos esses horrores com um sorriso infernal, enfurecia-se contra Jesus; e fazendo passar diante de seus olhos imagens cada vez mais horríveis, gritava à humanidade de Jesus: "Como! Vais tomar este também, vais sofrer o seu castigo? Queres ser compensado por tudo isto?"

Mas veio do céu um relâmpago como um caminho luminoso: era um exército de anjos que desciam até Jesus, e eu vi-o encorajar e consolar. O resto da gruta estava repleta de visões horríveis dos nossos crimes: Jesus tomou-os todos sobre Si; mas o seu coração, cheio do mais perfeito amor de Deus e dos homens, estava cruelmente angustiado sob o peso de tanta abominação. Quando essa multidão de crimes passou sobre sua alma como um oceano, Satanás lhe suscitou, como no deserto, inúmeras tentações: ousou apresentar uma série de acusações contra o Salvador, dizendo-lhe: "Como! Queres tomar tudo isto sobre ti mesmo, tu que não és puro?" E então, com uma impudência infernal, fez-lhe acusações imaginárias. Ele atribuía-lhe as faltas dos seus discípulos, os escândalos que haviam dado, a perturbação causada no mundo por renunciarem aos antigos costumes. Satanás tornou-se o fariseu mais habilidoso e mais severo: repreendeu-o por ter sido a causa do martírio dos Inocentes, bem como dos sofrimentos de seus pais no Egito; por não ter salvo João Batista da morte; por ter desunido famílias e protegido homens infames; por não ter curado muitos doentes; por ter causado prejuízo aos habitantes de Gergesa, permitindo que os possuídos entrassem em seus cubos, e os demônios lançassem seus porcos no mar; por ter abandonado sua família e esbanjado os bens de seu próximo: em uma palavra, Satanás apresentou diante da alma de Jesus, para perturbá-lo, tudo o que ele teria censurado no momento da morte a um homem comum que perpetraria todas essas ações sem um motivo superior; pois lhe havia sido escondido que Jesus era o Filho de Deus, e tentou fazê-lo apenas como se fosse o Filho mais justo dos homens. O nosso divino Salvador deixou predominar tanto

nele a sua santa humanidade, que quis sofrer as tentações que assaltam o homem. justo na morte: o mérito das suas boas obras. Para beber todo o cálice de agonia, permitiu que o espírito mau testasse a sua humanidade como poderia tentar um homem que quisesse atribuir às suas boas obras um valor próprio, além do que elas podem ter pelos méritos de Jesus. Não houve uma dessas ações que não serviu de acusação, e entre outras coisas, ele o acusou de ter recebido de Lázaro e de ter desperdiçado o preço da propriedade de Maria Madalena em Magdalum.

Entre os pecados do mundo que pesavam sobre o Salvador, vi também os meus; e do círculo de tentações que o cercava vi-os sair como um rio para mim, onde todas as minhas culpas me foram apresentadas. Enquanto isso, tinha os olhos sempre fixos no meu Esposo celestial, gemia e orava com Ele, e com Ele me voltava para os anjos consoladores. O Senhor torcia-se como um verme sob o peso da dor e das angústias.

Enquanto Satanás o sobrecarregava com tais acusações, eu mal conseguia conter minha cólera; mas quando ele falou sobre a venda da propriedade de Madalena, não pude conter-me, e disse-lhe: Como você se atreve a censurar como pecado a venda dessa propriedade? Eu mesmo vi o Senhor usar esta quantia que Lázaro lhe deu em obras de misericórdia, em resgatar em Tirza vinte e sete pobres presos por dívidas".

Jesus estava de joelhos, orando serenamente; mas depois sua alma ficou horrorizada com a aparência dos inumeráveis crimes dos homens e de sua ingratidão para com Deus: sentiu dor tão veemente, que exclamou: "Pai meu, se possível, afasta de mim este cálice!" Depois ele recolheu-se e disse: "Não a minha vontade, mas a tua, seja feita". A sua vontade era a do seu Pai; mas abandonado pelo seu amor pelas fraquezas da humanidade, tremia diante da aparência da morte.

Vi a caverna cheia de formas horríveis; vi todos os pecados, toda a maldade, todos os vícios, todos os tormentos, todas as ingratidões que o oprimiam: o espanto da morte, o terror que ele sentia como homem diante da aparência dos sofrimentos expiatórios, assaltavam-no sob a figura de espíritos horríveis. Os seus joelhos tremiam, as suas mãos se juntaram, o seu suor inundou-o, e tremeu de terror. Por fim, levantou-se: os seus joelhos tremiam, mal podiam sustentá-lo; a sua fisionomia estava alterada, e estava irreconhecível, com os lábios pálidos e o cabelo levantado. Eram cerca de dez horas quando ele se levantou, e tremendo, caindo a cada passo, banhado de um suor frio, foi até onde estavam os três apóstolos, subiu à esquerda da gruta, ao lugar onde eles tinham dormido, rendidos de cansaço, de tristeza e de inquietação. Jesus veio a eles como um homem cercado de angústias que o medo obriga a recorrer a seus amigos, e semelhante ao bom pastor que, avisado de um perigo iminente, vem visitar seu rebanho ameaçado, pois não ignorava que eles também estavam em angústia e na tentação. As visões terríveis assediavam-no implacavelmente neste curto caminho. Encontrou-os a dormir, juntou as mãos e, cheio de tristeza e inquietação, ajoelhou-se ao lado deles, e disse: "Simão, estás dormindo". Quando acordaram, levantou-se, e em seu abandono disse: "Não podiam vigiar uma hora comigo?" Quando o viram decomposto, pálido, tremendo, encharcado de suor; quando ouviram a sua voz alterada e quase apagada, não souberam o que pensar; e se não lhes tivesse aparecido à volta uma luz radiante, não o teriam reconhecido. João disse-lhe: "Mestre, o que tens? Devo chamar os outros discípulos? Devemos fugir?" Jesus respondeu: "Se eu vivesse, ensinasse e curasse ainda trinta e três anos, não bastariam para completar o que tenho de fazer daqui a amanhã. Não chames os outros oito, deixa-os lá, porque não poderão ver-me nesta miséria sem escandalizarem-se: cairiam na tentação, esqueceriam muito, e duvidariam de mim, porque verão o Filho do homem

transfigurado, e também na sua escuridão e desamparo. Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito, porém, está disposto, mas a carne é fraca".

Queria assim incitar-lhes à perseverança, e anunciar-lhes a luta de sua natureza humana contra a morte, e a causa de sua fraqueza. Ele ainda falava com eles em sua tristeza, e ficou cerca de um quarto de hora com eles. Ele voltou para a caverna, cada vez mais angustiado, e eles estenderam as mãos para ele, chorando, abraçando-se uns aos outros, e perguntando: "O que tem? O que lhe aconteceu? Está em completo abandono?"

Começaram a orar com a cabeça coberta, cheios de ansiedade e tristeza.

Tudo o que acabei de dizer ocupou o espaço de uma hora e meia, desde que Jesus entrou no Jardim das Oliveiras. Pois diz a Escritura: "Não pudestes vigiar comigo uma hora?" Mas isto não deve ser entendido literalmente e de acordo com o nosso modo de contar. Os três apóstolos que estavam com Jesus haviam orado primeiro; depois tinham adormecido, porque haviam caído em tentação por falta de fé. Os outros oito, que ficaram na entrada, não dormiam: a tristeza que encerravam os últimos discursos de Jesus os havia deixado muito inquietos; vagueavam pelo Monte das Oliveiras para procurar algum refúgio em caso de perigo.

Em Jerusalém havia pouco barulho, os judeus estavam em suas casas ocupados nos preparativos para a festa. Eu vi aqui e ali amigos e discípulos de Jesus, andando e conversando uns com os outros, parecendo inquietos e como se esperassem algum acontecimento. A mãe do nosso Senhor, Marta, Marta, Maria filha de Cleofás, Maria e Salomé saíram do Cenáculo e foram a casa de Maria, a mãe de Marcos. Maria ficou perturbada com o que se ouvia sobre Jesus e queria saber o que acontecia. Lázaro, Nicodemos, José de Arimatéia, e alguns parentes de Hebrom vieram para consolar Jesus. Pois, tendo conhecimento das tristes previsões de Jesus no Cenáculo, tinham ido se informar à casa dos fariseus conhecidos deles, e não tinham ouvido que se preparava qualquer tentativa contra Jesus; diziam que o perigo não devia ser tão grande; que não assaltariam ao Senhor estando tão próxima a festa: eles não sabiam nada da traição de Judas. Maria contou-lhes a agitação deste nos últimos dias; como tinha saído do Cenáculo: certamente tinha ido denunciar Jesus. Ela tinha dito muitas vezes que ele era um filho da perdição. As santas mulheres voltaram para a casa de Maria, mãe de Marcos.

Quando Jesus voltou para a gruta e com ele todas as suas dores, ele prostrou-se com o rosto no chão, e os braços estendidos, e nesta atitude implorou ao seu Pai celestial; mas houve uma nova luta em sua alma, que durou três quartos de hora.

Anjos vieram a ele para lhe mostrar em uma série de visões todas as dores que ele sofreria para expiar o pecado. Mostraram-lhe a beleza do homem antes da sua queda, e como esta o tinha desfigurado e alterado. Ele viu a origem de todos os pecados no pecado original; o significado e a essência da concupiscência, seus terríveis efeitos sobre as forças da alma humana, e também a essência e o significado de todas as penas correspondentes à concupiscência. Mostraram-lhe, na satisfação que devia dar à justiça divina, um sofrimento de corpo e alma, compreendendo todas as penas devido à concupiscência de toda a humanidade: a dívida da humanidade devia ser satisfeita pela natureza humana, isenta de pecado, do Filho de Deus. Os anjos apresentavam-lhe tudo isto de várias formas, e eu percebia o que diziam, embora não ouvisse a sua voz. Nenhuma linguagem pode expressar a dor e o espanto que assustaram a alma de Jesus à vista destas terríveis expiações; o horror desta visão foi tal, que um suor de sangue saiu de todo o seu corpo.

Enquanto a humanidade de Jesus Cristo estava submersa nesta imensidão de sofrimento, notei nos anjos um movimento de compaixão; houve um ponto de silêncio; pareceu-me que desejavam ardentemente consola-lo, e que por isso

oravam diante do trono de Deus. Houve como uma luta instantânea entre a misericórdia e a justiça de Deus e o amor que se sacrificava. Uma imagem de Deus foi-me apresentada, não como tantas vezes sobre um trono, mas em forma luminosa; vi a natureza divina do Filho na pessoa do Pai, e como retirada em seu seio; a pessoa do Espírito Santo procedente do Pai e do Filho; estava como entre eles, e ainda assim não formavam mais do que um só Deus; mas isso é inexprimível. Tive mais um sentimento interior do que uma visão com formas diferentes: pareceu-me que a vontade divina do Filho se retirava do Pai para deixar cair sobre sua humanidade todos os sofrimentos que a vontade humana de Jesus pedia a seu Pai para afastá-lo. Vi isto no momento da compaixão dos anjos, quando desejaram consolar Jesus, e, de fato, recebeu naquele instante algum alívio. Então tudo desapareceu, e os anjos abandonaram o Senhor, cuja alma ia sofrer novas acometidas.

Quando o Salvador, no Monte das Oliveiras, quis pôr à prova e dominar esta violenta repugnância da natureza humana contra a dor e a morte, que fazem parte de todo sofrimento, foi permitido ao tentador fazer com Ele o que faz com o homem que quer sacrificar-se por uma causa santa. Na primeira agonia, Satanás apresentou ao Senhor a enormidade da dívida que queria satisfazer, e teve a audácia de procurar culpas nas próprias obras do Salvador. Na segunda agonia, Jesus viu em toda a sua extensão e proximidade o sofrimento expiatório necessário para satisfazer a Justiça divina: isto foi apresentado a ele pelos anjos, pois não pertence a Satanás fazer ver que a expiação é possível: o pai da mentira e do desespero não pode mostrar as obras da misericórdia divina. Jesus, que tinha resistido vitoriosamente a todos esses combates por seu completo abandono à vontade de seu Pai celestial, tinha de ser ainda mais aprisionado num novo círculo de visões horríveis que lhe eram apresentadas. A dúvida e a inquietação que antecedem o sacrifício no homem que se oferece como vítima assaltaram a alma do Senhor, que fez esta terrível pergunta: "Qual será o fruto deste sacrifício?" E o quadro mais terrível veio oprimir seu coração amante.

Quando Deus criou o primeiro Adão, enviou-lhe um sonho, abriu-lhe a costela, tirou uma das suas costelas, fez de Eva sua esposa, a mãe de todos os vivos; apresentou-a a Adão, que disse: "Esta é a carne da minha carne e o osso dos meus ossos. Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua esposa, e os dois serão uma só carne". Este foi o casamento do qual está escrito: "Este sacramento é grande em Jesus Cristo e em sua Igreja". Jesus Cristo, o novo Adão, quis também deixar vir sobre Ele o sono, o da morte na cruz; quis também deixar abrir seu lado, a fim de que a nova Eva, sua esposa virgem, a Igreja, mãe de todos os vivos, fosse formada; quis dar-lhe o sangue de sua redenção, a água da purificação e seu espírito, as três coisas que dão testemunho sobre a terra; quis dar-lhe os santos sacramentos, para que fosse uma esposa pura, santa e sem mácula; quis ser sua cabeça: nós deveríamos ser seus membros submetidos à cabeça, o osso de seus ossos, a carne de sua carne. Ao assumir a natureza humana para sofrer a morte por nós, deixou também o seu pai e a sua mãe, e uniu-se à sua esposa, a Igreja; tornou-se uma só carne com ela, alimentando-a com o Santíssimo Sacramento do altar, onde se une continuamente a nós.

Queria estar na terra com a Igreja até que fôssemos todos reunidos com ela por meio dele, e disse: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela". A fim de exercer este amor imensurável pelos pecadores, o Senhor tornou-se homem e irmão destes mesmos pecadores, para tomar sobre si o castigo devido a todos os seus crimes. Tinha visto com grande tristeza a imensidão desta dívida e a dos sofrimentos que deveriam satisfazer por ela; e, no entanto, havia se abandonado de

bom grado, como vítima expiatória, à vontade de seu Pai: mas agora via as lutas, as feridas e as dores de sua esposa celestial; via, finalmente, a enorme ingratidão dos homens.

Apareceram aos olhos de Jesus todos os sofrimentos futuros de seus apóstolos, seus discípulos e seus amigos; ele viu a Igreja primitiva tão pequena e, à medida que crescia, viu as heresias e os sistemas assaltá-la em irrupção rude, e renovar a primeira queda do homem pelo orgulho e pela desobediência. Viu a frialdade, a corrupção e a malícia de um número infinito de cristãos; a mentira e a astúcia de todos os doutores orgulhosos; os sacrilégios de todos os sacerdotes viciosos; as funestas consequências de todos esses atos; a abominação e a desolação no reino de Deus, no santuário desta ingrata humanidade, que Ele quis resgatar com o seu sangue ao preço de sofrimentos indizíveis.

Ele viu os escândalos de todos os séculos até o nosso tempo e até o fim do mundo, todas as formas de erro, de fanatismo furioso e de malícia; todos os apóstatas, os hereges, os reformadores com a aparência de santos. Os corruptores e os corrompidos o ultrajavam e o atormentavam como se em seus olhos não tivesse sido bem crucificado, não tendo sofrido como eles o entendiam ou imaginavam, e todos rasgavam a roupa incomum da Igreja; muitos o maltratavam, o insultavam, o negavam: muitos, ao ouvirem seu nome, erguem os ombros e balançam a cabeça em sinal de desprezo; evitam a mão que ele estende a eles, e voltam ao abismo onde estavam submersos. Ele viu inúmeros outros que não ousavam deixá-lo abertamente, mas que se afastavam com desgosto das pragas de sua Igreja, como o levita se afastou do pobre morto pelos ladrões. Afastaram-se da esposa ferida, como filhos covardes e sem fé abandonam a mãe quando chega a noite, quando vêm os malfeitores, a quem a negligência ou a malícia abriu a porta. Ele viu todos esses homens, tão logo separados da verdadeira vinha e deitados entre os racimos selvagens, tão logo como um rebanho perdido, abandonado aos lobos, conduzido por mercenários a maus pastos, recusando-se a entrar no rebanho do bom Pastor, que dá a vida por suas ovelhas. Erraram sem pátria no deserto, no meio de areias agitadas pelo vento. Não queriam ver a sua cidade edificada sobre o monte para que não pudesse esconder-se a casa da sua Esposa, a sua Igreja, erigida sobre a rocha, ao lado da qual havia prometido estar até ao fim dos séculos. Construíam sobre a areia barracas que faziam e desfaziam continuamente, mas nas quais não havia altar nem sacrifício, tinham veleiros nos telhados, e suas doutrinas eram mudadas como o vento. Por isso eram contraditórias umas com as outras. Eles não conseguiam se entender, e nunca mantiveram uma posição fixa: frequentemente destruíam suas cabanas e lançavam os escombros contra a pedra angular da Igreja, que estava imóvel. Muitos deles, vivendo nas trevas, não vinham à luz colocada no candelabro na casa da Esposa; mas andavam com os olhos fechados nos jardins da Igreja, não vivendo mais do que dos perfumes que dela exalavam; estendiam os braços para ídolos nebulosos, e seguiam as estrelas errantes que os conduziam a poços sem água. À beira do precipício, não quiseram ouvir a Noiva que os chamava, e, devorados pela fome, riram com piedade insultante dos servos e dos mensageiros que os convidavam para o banquete nupcial. Não queriam entrar no jardim, pois temiam os espinhos do feno; satisfeitos consigo mesmos, não tinham trigo para a fome, nem vinho para a sede; e ofuscados por sua própria luz, apelidaram invisível à Igreja do Verbo humanizado. Jesus viu-os a todos; chorou por eles; quis sofrer por todos os que não o vêem e que não querem levar a sua cruz com Ele para a cidade construída sobre a pedra, à qual foi dado no Santíssimo Sacramento, e contra a qual as portas do inferno nunca prevalecerão.

Nestas imagens dolorosas que passavam à frente da alma de Jesus, vi Satanás

arrancar-lhe com violência, para as afogá-las, uma multidão de homens resgatados com o seu sangue e ungidos com o seu Sacramento. O Salvador viu com amargo pesar toda a ingratidão, toda a corrupção dos cristãos de todos os tempos. Todas essas aparições, em que a voz do tentador repetia incessantemente: "Você quer sofrer por estes ingratos?", vinham sobre Jesus com tanta impetuosidade, que uma angústia indescritível oprimiu sua humanidade, Jesus Cristo, o Filho do Homem, lutou e juntou as mãos; caiu como sobrecarregado em seus joelhos, e sua vontade humana travou um combate tão terrível contra a repugnância de sofrer tanto por uma raça tão ingrata, que o suor de sangue caía de seu corpo em gotas sobre o chão. No meio de seu abandono, olhou em volta como se fosse encontrar socorro, e parecia tomar o céu, a terra e as estrelas do firmamento por testemunhas de seus sofrimentos.

Jesus levantou a voz e deu gritos dolorosos. Quando os três apóstolos ouviram isso, eles acordaram e queriam ir ter com ele. Mas Pedro parou os outros dois, dizendo: "Fiquem quietos, eu vou ter com ele". Vi-o correr e entrar na caverna, exclamando: "Mestre, o que tens?" E ficou a tremer à vista de Jesus, ensanguentado e aterrorizado. Jesus não lhe respondeu, e não lhe deu atenção.

Pedro voltou-se para os outros e disse-lhes que o Senhor não lhe respondia, e que só chorava e suspirava. A sua tristeza aumentou, cobriram a cabeça, e choraram e oraram.

Voltei-me para o meu Esposo celestial em sua dolorosa agonia. As imagens horríveis da ingratidão dos homens do futuro, cuja dívida ele assumiu, eram cada vez mais terríveis. Muitas vezes o ouvi gritar: "Pai meu, será possível que eu sofra por causa desses ingratos? Oh, meu Deus! Se este cálice não pode ser afastado de Mim, que seja feita a Tua vontade e não a minha!

No meio de todas essas aparições, eu via Satanás se mover sob várias formas horríveis, representando diferentes espécies de pecados. Logo aparecia como um homem negro, logo sob a figura de um tigre, logo sob a de uma raposa, de um lobo, de um dragão, de uma serpente. Não era exatamente a própria forma desses animais, mas apenas o principal caráter de sua natureza, misturado com outras formas horríveis. Não tinha nada parecido com uma criatura completa; eram apenas símbolos de abominação, de discórdia, de contradição, de pecado; em suma, formas de demônio. Estas figuras diabólicas empurravam, arrastavam, laceravam, aos olhos de Jesus, uma multidão de homens, por cuja redenção ele entrava no doloroso caminho da cruz. No começo eu via raramente a serpente, depois vi-a com uma coroa na cabeça: o seu tamanho era monstruoso, a sua força parecia imensurável, e levava contra Jesus legiões incontáveis de todos os tempos, de todas as raças. Armadas com todo tipo de instrumentos de destruição, às vezes combateram umas contra as outras, e depois voltaram-se contra o Salvador com fúria. Era um espetáculo horrível, porque o enchiam de insultos, de maldições, de ferimentos, de golpes. As suas armas, as suas espadas, as suas varas, iam e vinham sem cessar, caindo sobre o grão celestial, que desceu à terra para morrer, para alimentar todos os homens eternamente com o Pão da Vida.

No meio dessas legiões furiosas, algumas das quais me pareciam compostas de cegos, Jesus estava ferido como se tivesse realmente experimentado seus golpes; vacilando no extremo, tão logo se levantava como se caísse; e a serpente, no meio daquela multidão que gritava incessantemente contra Jesus, batia aqui e ali com seu rabo, desfolhando todos os que caía.

Foi-me então revelado que estes inimigos do Salvador eram os que maltratavam Jesus Cristo cuja presença é real no Santíssimo Sacramento.

Reconheci entre eles todas as espécies de profanadores da Sagrada Eucaristia. Eu vi

com horror todos esses ultrajes, desde a irreverência, a negligência, a omissão, até o desprezo, o abuso e o sacrilégio; desde a adesão aos ídolos do mundo, às trevas e à falsa ciência, até ao erro, à incredulidade, ao fanatismo e à perseguição. Vi entre os homens cegos, aleijados, surdos, mudos e até crianças. Cegos que não queriam ver a verdade; paralíticos que não queriam andar com ela; surdos que não queriam ouvir seus avisos e ameaças; mudos que não queriam lutar por ela com a espada da palavra; crianças perdidas por causa de pais ou mestres mundanos e esquecidos de Deus, mantidos por desejos terrestres, cheios de uma vã sabedoria e afastados das coisas divinas. Entre estes últimos, cuja visão me afligiu mais porque Jesus amava as crianças, vi muitos deles de coro, irreverentes, que não honram a Jesus Cristo nas santas cerimônias em que participam. Vi com espanto muitos sacerdotes, alguns reputados como cheios de piedade e fé, maltratar também Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento. Vi muitos que acreditavam e ensinavam a presença do Deus vivo no Santíssimo Sacramento; mas não o tomavam com calor e eficácia suficientes, pois esqueciam e negligenciavam o Palácio, o Trono, lugar do Deus vivo, isto é, a Igreja: o altar, o tabernáculo, o cálice, a custódia, os ornamentos; enfim, tudo o que serve ao uso e decoro da Igreja de Deus. Tudo estava abandonado, tudo se perdia na póeira e na imundície, e o culto divino era, se não profanado por dentro, pelo menos desonrado por fora.

Tudo isso não era fruto de uma verdadeira pobreza, mas de indiferença, preguiça, preocupação com interesses terrenos vazios, e às vezes de egoísmo e morte interior; pois vi negligências iguais em igrejas ricas, ou pelo menos acomodadas. Vi muitos outros em que um luxo mundano tinha substituído os magníficos ornamentos de uma época mais piedosa.

Muitas vezes os pobres eram mais bem atendidos nas suas barracas do que o Senhor do céu e da terra na sua igreja. Ah! Quão triste era para Jesus a falta de hospitalidade dos homens, depois de ter sido dado a eles como alimento! Certamente não é preciso ser rico para receber aquele que recompensa cem vezes um copo de água dado em seu nome ao sedento; mas Ele, que tem tanta sede de nós, não tem o direito de reclamar quando o copo é impuro e a água corrompida? Em consequência destes descuidos, vi os fracos escandalizados, o Sacramento profanado, a Igreja abandonada, os sacerdotes desprezados, a impureza e a negligência estendendo-se até às almas dos fiéis: deixavam impura o tabernáculo do seu coração quando Jesus descia para ele, como deixavam o tabernáculo colocado sobre o altar.

Mesmo que falasse durante um ano inteiro, não poderia contar todas as ofensas feitas a Jesus no Santíssimo Sacramento, que soube desta maneira. Vi os autores deles atacarem o Senhor, ferindo-o com armas diversas, segundo a variedade das suas ofensas. Vi cristãos irreverentes de todos os séculos, sacerdotes frívolos ou sacrílegos, uma multidão de comunhões mornas ou indignas, guerreiros furiosos profanando os vasos sagrados, servos do diabo usando a Sagrada Eucaristia nos mistérios de um culto infernal. Vi entre eles um grande número de doutores, escravos da heresia pelos seus pecados, atacando a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento da sua Igreja, e arrancando do seu coração por meio de suas seduções uma multidão de homens pelos quais derramara o seu sangue. Que espectáculo tão doloroso! Eu via a Igreja como o corpo de Jesus, e uma multidão de homens que se separavam dela, e que rasgavam e arrancavam pedaços inteiros da sua carne viva. Jesus olhou para eles com ternura, e gemia ao vê-los se perderem. Aquele que nos havia sido dado como alimento no Santíssimo Sacramento, a fim de reunir em um único corpo, o da Igreja sua esposa, os homens separados e divididos ao infinito, estava sendo despedaçado nesse mesmo corpo, pois sua principal obra de amor, a

Eucaristia, na qual todos os homens deveriam ser consumidos na unidade, tornava-se, pela malícia dos falsos doutores, uma pedra de choque e de separação. Vi assim povos inteiros arrancados do seu seio, e privados de participação no tesouro da graça legado à Igreja. Finalmente, vi todos os que estavam separados dela mergulhados na incredulidade, na superstição, na heresia, na falsa filosofia mundana: cheios de fúria, reuniram-se em grandes bandos para atacar a Igreja, excitados pela serpente que se agitava no meio deles; era o mesmo que se Jesus tivesse se sentido despedaçado.

Eu estava tão cheia de horror e espanto, que uma aparição do meu Esposo celestial colocou misericordiosamente a mão sobre o meu coração, dizendo-me estas palavras: "Ninguém viu isso ainda, e seu coração se quebraria de dor se eu não o sustentasse".

Vi gotas de sangue cair sobre o rosto pálido do Salvador; seu cabelo estava preso e erguido sobre sua cabeça, e sua barba ensanguentada e desordenada, como se quisessem arrancá-la. Depois da visão que acabei de falar, fugiu para fora da caverna, e voltou para os discípulos. Mas o seu modo de andar era como o de um homem coberto de feridas, e que, carregado com uma massa imensa, tropeçava a cada passo. Quando veio aos apóstolos, eles não estavam deitados a dormir como da primeira vez: tinham a cabeça coberta, dobrados sobre os joelhos, na mesma posição que as pessoas daquele país ficam quando estão de luto ou querem orar. Ficaram transpostos, vencidos pela tristeza e pelo cansaço. Jesus, tremendo e gemendo, aproximou-se deles, e eles acordaram. Mas quando, à luz da lua, o viram de pé, com o rosto pálido e ensanguentado, o cabelo desordenado e os olhos cansados, não o reconheceram de repente, pois estava muito desfigurado. Ao vê-lo juntar as mãos, levantaram-se, agarraram-no nos braços, seguraram-no com amor, e Ele disse-lhes com tristeza que o matariam no dia seguinte, que o prenderiam dentro de uma hora, que o levariam a um tribunal, que seria maltratado, açoitado e entregue à morte mais cruel. Pediu-lhes que consolassem a sua mãe e também a Madalena. Eles não sabiam o que dizer, pois estavam surpreendidos com a sua aparência e com a sua palavra, até que pensaram que ele estava louco. Quando quis voltar para a gruta, não tinha forças para andar. João e Tiago conduziram-no, e voltaram quando ele entrou nela. Eram 11h15, mais ou menos.

Durante esta agonia de Jesus, vi a Virgem Santíssima cheia de tristeza e amargura na casa de Maria, mãe de Marcos. Estava com Maria Madalena e Maria no jardim da casa, encolhida sobre uma pedra e apoiada de joelhos. Muitas vezes perdeu o conhecimento, pois viu interiormente muitas coisas da agonia de Jesus. Ele tinha enviado um mensageiro para saber dele, e não podendo esperar seu retorno, ela foi inquieta com Madalena e Salome até o vale de Josafá. Ela estava coberta com um véu, e freqüentemente estendia os braços para o Monte das Oliveiras, pois via em espírito Jesus banhado de um suor de sangue, e parecia que com as mãos estendidas queria limpar o rosto de seu Filho. Vi estes impulsos da sua alma irem até Jesus, que se lembrou da sua Mãe, e olhou para ela como para pedir socorro. Vi esta comunicação entre os dois, sob a forma de raios que iam um do outro. O Senhor lembrou-se também de Madalena, e teve piedade da sua dor, e por isso recomendou aos discípulos que a consolassem, pois sabia que o seu amor era maior do que o de sua Mãe, e viu que ela sofria muito por Ele e que nunca mais o ofenderiam.

Naquele momento os oito apóstolos chegaram à cabana de folhagem de Getsêmani, conversaram entre si e acabaram por adormecer. Estavam perplexos, desanimados e atormentados pela tentação. Cada um tinha procurado um lugar onde pudesse se

refugiar, e se perguntavam com inquietação: "O que faremos quando ele for morto?" Deixamos tudo para segui-lo: somos pobres e rejeitados de todo o mundo; nós nos demos inteiramente a Ele, e agora ele está tão abatido, que não podemos encontrar nele nenhum consolo".

Os outros discípulos haviam vagado de um lado para o outro, e tendo sabido algo das terríveis profecias de Jesus, haviam-se retirado mais para Betfagé.

Vi Jesus ainda orando na gruta, lutando contra a repugnância da sua natureza humana, e abandonando-se à vontade do seu Pai. Ali o abismo se abriu diante dele, e os primeiros graus do limbo foram apresentados a ele. Vi Adão e Eva, os Patriarcas, os Profetas, os justos, os parentes de sua Mãe e João Batista, esperando sua chegada ao mundo inferior, com um desejo tão violento, que esta visão fortificou e animou seu coração cheio de amor. A sua morte devia abrir o céu a estes cativos.

Quando Jesus olhou com profunda emoção para estes santos do mundo antigo, os anjos apresentaram-lhe todas as legiões dos futuros bem-aventurados que, juntando seus combates aos méritos de sua Paixão, deveriam unir-se por meio dele ao Pai celestial. Era uma visão bela e consoladora. Viu a salvação e a santificação brotando como um rio inesgotável da fonte da redenção, aberta após a sua morte.

Os apóstolos, os discípulos, as virgens e as mulheres, todos os mártires, os confessores e os eremitas, os papas e os bispos, uma multidão de religiosos, em suma, todo o exército dos beatos apresentou-se à sua vista. Cada um vestia uma coroa sobre a cabeça, e as flores da coroa diferiam em forma, cor, odor e virtude, de acordo com a diferença de sofrimentos, de lutas, de vitórias com que haviam adquirido a glória eterna.

Toda a sua vida e todos os seus atos, todos os seus méritos e toda a sua força, como toda a glória do seu triunfo, vinham unicamente da sua união com os méritos de Jesus Cristo.

A ação e a influência recíproca que todos esses santos exerciam uns sobre os outros; o modo como participavam da única fonte, do Santíssimo Sacramento, e da Paixão do Senhor, ofereciam um espetáculo terno e maravilhoso. Nada neles parecia casual: suas obras, seu martírio, suas vitórias, sua aparência e suas vestes, tudo, embora muito diverso, se misturava em uma harmonia e unidade infinitas; e essa unidade na diversidade era produzida por raios de um só sol, pela Paixão do Senhor, do Verbo feito homem, em quem estava a vida, luz dos homens, que brilha nas trevas e que as trevas não compreenderam.

Era a comunhão dos santos futuros que passava diante do espírito do Salvador, que estava entre os desejos dos Patriarcas e o exército triunfante dos bem-aventurados futuros; estas duas multidões, completando-se uma à outra, rodeavam o Coração amoroso do Redentor como uma coroa. Este espetáculo terno deu à alma de Jesus um pouco de alívio e força. Amava tanto os seus irmãos e as suas criaturas, que teria aceitado de bom grado todos os sofrimentos que sofreria para a redenção de uma só alma. Como estas visões se referiam ao futuro, estavam a certa altura.

Mas essas imagens consoladoras desapareceram, e os anjos apresentaram-lhe a sua paixão, que se aproximava. Vi todas as cenas se apresentarem perante Ele, desde o beijo de Judas até às últimas palavras sobre a Cruz; vi ali tudo o que vejo nas minhas meditações da Paixão. A traição de Judas, a fuga dos discípulos, os insultos diante de Anás e Caifás, a apostasia de Pedro, o tribunal de Pilatos, as denúncias de Herodes, os açoites, a coroa de espinhos, a condenação à morte, o caminho da Cruz, o sudário de Verônica, a crucificação, os ultrajes dos fariseus, as dores de Maria, de Madalena e de João, a abertura do lado; em suma, tudo foi apresentado a ele com as menores circunstâncias. Aceitou tudo voluntariamente, e a tudo se submeteu por

amor aos homens. Viu e sentiu também a dor atual de sua Mãe, a quem a união interior com seus sofrimentos fez cair sem sentimentos nos braços de suas amigas. No fim das visões sobre a Paixão, Jesus caiu em seu rosto como um moribundo: os anjos desapareceram; o suor de sangue correu com mais abundância e atravessou suas roupas. A mais profunda escuridão reinava na gruta. Eu vi um anjo descer para Jesus, era maior, muito mais parecido com um homem do que os que eu tinha visto antes. Ele estava vestido como um sacerdote, e trazia em suas mãos um pequeno cálice semelhante ao da Ceia; na boca desse cálice, havia algo oval da grossura de um feijão, que espalhava uma luz avermelhada. O anjo, sem descer até o chão, estendeu a mão direita para Jesus, que se endireitou; colocou em sua boca este alimento misterioso, e deu-lhe a beber no pequeno cálice luminoso. Depois desapareceu.

Tendo Jesus aceitado livremente o cálice de seus sofrimentos e recebido nova força, permaneceu ainda alguns minutos na gruta em meditação tranquila, dando graças a seu Pai celestial. Ele ainda estava angustiado, mas naturalmente confortado ao ponto de poder ir ao lugar onde estavam os discípulos, sem cair e sem sucumbir sob o peso da sua dor. Ele estava pálido, como sempre, mas o seu passo era firme. Tinha esfregado o rosto com um sudário e composto os cabelos que caíam sobre as suas costas encharcadas de sangue.

Quando Jesus veio aos seus discípulos, eles estavam deitados, como na primeira vez; tinham a cabeça coberta, e dormiam. O Senhor disse-lhes que não era hora de dormir, que deviam acordar e rezar. Eis que a hora chegou. O Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos e vamos. O traidor está perto. Era melhor para ele não ter nascido. Os apóstolos levantaram-se assustados, olhando ao redor com inquietação. Quando se acalmaram um pouco, Pedro disse animadamente: "Mestre, vou chamar os outros para te defendermos". Mas Jesus mostrou-lhe, a certa distância do vale, do lado oposto do córrego Cedron, uma tropa de homens armados que se aproximavam com lanternas, e disse-lhe que um deles o havia denunciado.

Ela ainda falou-lhes com serenidade; ele recomendou-lhes para consolar sua mãe, e disse-lhes: "Vamos ao encontro deles: eu vou entregar-me sem resistência nas mãos de meus inimigos". Então saiu do Jardim das Oliveiras com seus três discípulos, e foi ao encontro dos soldados na estrada que ficava entre ele e Getsêmani.

Quando a Virgem Santíssima voltou a si nos braços de Madalena e de Salomé, alguns discípulos que tinham visto os soldados chegarem, vieram a Ela e levaram-na para a casa de Maria, mãe de Marcos. Os soldados tomaram um caminho mais curto do que o que Jesus tinha seguido vindo do Cenáculo.

A gruta em que Jesus acabou de orar não era a mesma em que costumava orar no Monte das Oliveiras. Ele ia ordinariamente para outro mais longe, onde um dia, depois de ter amaldiçoado a figueira estéril, tinha orado em grande aflição, estendendo os braços e recostado sobre uma pedra. As impressões de seu corpo e de suas mãos ficaram gravadas na pedra, e foram veneradas mais tarde; mas já não se sabia em que ocasião esse prodígio se verificara. Eu vi muitas vezes semelhantes sinais sobre a pedra, seja de profetas do Antigo Testamento, seja de Jesus ou Maria, ou de alguns apóstolos. Eu também vi os de Santa Catarina de Alexandria sobre o Monte Sinai; eles não eram muito profundos; pareciam-se com aqueles que deixam a mão sobre uma pasta espessa.

Judas e seu bando. O Madeiro da Cruz

No começo de sua traiçoeira carreira, Judas realmente nunca tinha esperado o resultado que se seguiu. Ele queria obter a recompensa do traidor e agradar os fariseus fingindo entregar Jesus em suas mãos, mas ele nunca tinha contado com as coisas indo tão longe, ele nunca sonhou com Jesus sendo levado a julgamento e crucificado. Ele só pensava no dinheiro, e por muito tempo havia estado em comunicação com alguns fariseus e saduceus astutos que, por lisonja, o incitavam à traição. Ele estava cansado da vida cansativa, errante e perseguida dos Apóstolos. Havia vários meses, ele tinha começado este declínio roubando as esmolas confiadas ao seu cuidado; e sua avareza, excitada pela unção pródiga de Jesus por Madalena, o levou aos extremos. Ele sempre contou com Jesus para estabelecer um reino temporal no qual ele esperava algum posto brilhante e lucrativo. Mas, como isso não ocorreu, ele voltou seus pensamentos para acumular uma fortuna. Ele viu que as dificuldades e a perseguição estavam aumentando; e assim pensou que, antes que as coisas chegassem ao pior, ele se congratularia com alguns dos poderosos e ilustres entre os inimigos de Jesus. Ele viu que Jesus não se tornou rei, ao passo que os sumos sacerdotes e os homens pröeminentes do Templo eram pessoas muito atræntes aos seus olhos. E assim ele se deixou arrastar para uma comunicação mais estreita com os seus agentes, que o lisonjearam de todas as maneiras e lhe disseram com a maior confiança que, sob quaisquer circunstâncias, logo seria posto fim à carreira de Jesus. Durante os últimos dias, eles o seguiram até Betânia, e assim ele continuou a afundar cada vez mais na depravação. Quase corria as pernas para induzir os Sumo Sacerdotes a chegar a alguma conclusão. Mas não concordaram e o trataram com grande desprezo. Disseram-lhe que o tempo que agora intervinha antes da festa era muito curto. Se alguma ação fosse tomada agora, criaria problemas e perturbações na festa. Somente o Sinédrio prestou alguma atenção às suas propostas. Após sua recepção sacrílega do Sacramento, Satanás tomou posse inteira dele e ele partiu imediatamente para completar seu horrível crime. Ele primeiro procurou aqueles agentes que até agora o haviam constantemente lisonjeado e recebido com aparente amizade. Alguns outros juntaram-se ao partido, entre eles Caifás e Anás, mas estes últimos o trataram com muita rudeza e desprezo. Eram indecisos e desconfiados das consequências, nem pareciam depositar qualquer confiança em Judas.

Vi o reino do Inferno dividido contra si mesmo. Satanás desejava o crime dos judeus pela morte do Mais Inocente; ele ansiava pela morte de Jesus, o Convertedor dos pecadores, o santo Mestre, o Salvador, o Justo, a quem odiava. Mas, ao mesmo tempo, sentiu um sentimento de medo ao pensar na morte inocente de Jesus, que não faria nenhum esforço para se esconder, que não se salvaria a si mesmo; invejou-lhe o poder de sofrer inocentemente. E assim vi o adversário, de um lado, estimular o ódio e a fúria dos inimigos de Jesus reunidos em torno do traidor; e, do outro, insinuar a alguns deles que Judas era um escravo, um patife, que a sentença não poderia ser pronunciada antes do festival, nem poderia ser reunido o número necessário de testemunhas contra Jesus.

Expressaram pontos de vista opostos sobre os meios de prender Jesus, e alguns deles questionaram Judas, dizendo: "Seremos nós capazes de prendê-Lo? Porventura, não há, junto a Ele, um exército armado? O traidor da base respondeu: "Não! Ele está sozinho com onze discípulos. Ele mesmo está muito abatido e os onze estão muito desanimados. Disse-lhes também que agora era a hora de prenderem a Jesus, agora ou nunca, pois mais tarde talvez não tivesse o poder de entregá-Lo em suas mãos, e talvez nunca mais voltasse a eles. Por vários dias passados, ele disse,

e especialmente naquele dia presente, os outros discípulos e o próprio Jesus apontaram para ele com suas palavras; eles pareciam adivinhar o que ele era, e se ele voltasse a eles, certamente o matariam. Acrescentou que, se não prendessem Jesus agora, Ele escaparia e, voltando com um grande exército de seguidores, faria com que fosse proclamado rei. Por meio de tais ameaças, Judas finalmente conseguiu. Cederam às suas propostas de prender Jesus segundo as suas instruções, e ele recebeu as trinta moedas de prata, o preço de sua traição. Estas trinta moedas eram de prata em placas, em forma de língua. Em uma das extremidades eram perfuradas com um buraco, através do qual eram amarradas juntas com anéis em uma espécie de corrente. Cada peça tinha alguma impressão. Judas não podia deixar de sentir a desconfiança marcada e desprezosa com que os fariseus o tratavam. O orgulho e a ostentação, portanto, o induziram a apresentá-lhes como oferta para o Templo o dinheiro que acabara de receber. Ao fazer isso, ele pensou aparecer perante eles como um homem honesto e desinteressado. Mas eles o rejeitaram como o preço do sangue, que não podia ser oferecido no Templo. Judas sentiu o desdém agudo, e ficou cheio de raiva sufocada. Ele não esperava tal tratamento. As conseqüências de sua traição já o assediavam mesmo antes de seu plano maligno ter sido realizado; mas ele estava agora muito enredado com seus empregadores, ele estava em suas mãos e não podia se libertar. Eles o observavam atentamente e não o deixavam sair de seus olhos até que lhes dissesse todo o plano a seguir para prenderem a Jesus. Depois disso, três dos fariseus foram com o traidor até uma sala em que estavam os soldados do Templo. Nenhum deles era de origem puramente judaica; eram de outras e de nacionalidades mistas. Quando tudo foi acordado e o número requerido de soldados se reuniu, Judas, acompanhado por um servo dos fariseus, correu primeiro ao Cenáculo, a fim de ver se Jesus ainda estava lá; pois, se assim fosse, eles facilmente poderiam tê-lo apanhado, colocando guardas à porta. Judas havia concordado em enviar esta informação aos fariseus por meio de um mensageiro.

Pouco tempo antes, depois que Judas recebeu o preço de sua traição, um fariseu desceu e enviou sete escravos para obter a lenha e preparar imediatamente a Cruz de Cristo, caso Ele fosse julgado, pois no dia seguinte, por causa da Festa da Páscoa, não haveria tempo para fazê-la. Trouxeram a madeira de uma distância de cerca de três quartos de hora, onde estava perto de uma parede longa e alta com uma quantidade de outras madeiras pertencentes ao Templo, e arrastaram-na para uma praça atrás do tribunal de Caifás. O tronco da Cruz pertencia a uma árvore que cresceu no Vale de Josafá, perto do riacho Cedron. Tendo caído sobre o riacho, há muito tempo serviu de ponte. Quando Neemias escondeu o fogo sagrado e os vasos sagrados na Piscina de Betsaida, com outros pedaços de madeira, foi usado como cobertura; mais tarde, foi novamente removido e jogado ao lado de outra pilha de madeira. Em parte com a visão de ridicularizar a realeza de Jesus, em parte por aparente acaso, mas na realidade porque tal era o projeto de Deus, a Cruz foi formada de uma maneira muito peculiar. Juntamente com a inscrição, consistia de cinco peças diferentes. Vi muitos fatos, muitos significados diferentes em conexão com a Cruz, mas, com exceção do que relatei, esqueci-me de tudo.

Judas voltou e relatou que Jesus não estava mais no Cenáculo. Ele deve, portanto, estar no Seu acostumado lugar de oração, no Monte das Oliveiras. Judas pediu que apenas um pequeno número de soldados fosse enviado com ele, a fim de que os discípulos, que estavam em toda a parte em vigília, não percebessem algo incomum e provocassem uma rebelião. Trêzentos homens deveriam estar posicionados nos portões e nas ruas de Ofel, uma parte da cidade ao sul do Templo, e ao longo do vale de Miló até a casa de Anás em Sião. Deveriam estar prontos para enviar

reforços, se necessário, pois, como Judas lembrou aos fariseus, Jesus contou toda a turba de Ofel entre Seus seguidores. O infame traidor disse-lhes também como eles deveriam ter cuidado para que Ele não escapasse deles, e lembrou o fato de que muitas vezes, por algum meio misterioso, Ele de repente se tornava invisível e se escondia nos montes de Seus companheiros. Ele recomendou-lhes, além disso, amarrá-Lo com uma corrente e usar certos meios mágicos para impedir que Ele quebrasse Seus laços. Os judeus rejeitaram sua admoestação com escárnio, dizendo: "Não seremos ditados por ti. Quando o apanharmos, vamos agarrá-lo."

Judas combinou com os soldados que entraria no jardim antes deles, beijaria e cumprimentaria Jesus como amigo e discípulo que vinha a Ele por causa de algum negócio; então, eles deveriam avançar e prendê-Lo. Queria agir como se a chegada deles coincidissem acidentalmente com a sua, pois pensava que, depois da traição, fugiria como os outros discípulos e não se ouvisse mais falar dele. Ele também pensou que talvez surgisse um tumulto no qual os apóstolos se defendessem e Jesus desaparecesse, como muitas vezes havia feito antes. Esses pensamentos o ocupavam especialmente agora que ele estava profundamente irritado com a maneira desprezível e desconfiada dos inimigos de Jesus em relação a ele, mas não porque sua má ação lhe causasse remorso ou o pensamento de Jesus o tocasse, pois ele se havia entregue inteiramente a Satanás.

Ele também não queria que aqueles que viessem depois dele trouxessem correntes e cordas; Aparentemente, concederam-lhe o que ele queria, mas trataram-no como um traidor, em quem ninguém confia e que é rejeitado quando o usam. Os soldados tinham ordem de vigiar Judas e de não o abandonar até que prendessem Jesus, porque ele tinha recebido a sua recompensa, e temiam que ele escapasse com o dinheiro, e que não o prendessem, ou que outra pessoa fosse ser presa em seu lugar. A tropa escolhida para acompanhar Judas era composta por vinte soldados da guarda do templo e dos comandados de Anás e Caifás.

A roupa deles era quase como a dos soldados romanos. Usavam capacetes, e de seus cascos penduravam cintas de couro em torno de seus quadris, assim como os romanos. A principal diferença entre eles, porém, era a barba, pois os soldados romanos em Jerusalém usavam apenas bigodes, tendo o queixo e o lábio superior raspados. Todos os vinte tinham espadas, e apenas alguns estavam armados com lanças também. Alguns carregavam lanternas montadas em longos postes, enquanto outros carregavam tochas de varas manchadas de alcatrão, mas quando se aproximaram, apenas uma das lanternas estava acesa. Os fariseus tinham a intenção de enviar um grupo maior com Judas, mas ele se opôs a que uma multidão tão grande atraísse a atenção, visto que o Monte das Oliveiras dava uma visão de todo o vale. A maior parte deles, portanto, permaneceu em Ofel. Sentinelas estavam estacionadas aqui e ali nas estradas secundárias, bem como na cidade, a fim de evitar um tumulto ou qualquer tentativa de resgate. Judas avançou com os vinte soldados, seguidos a certa distância por quatro executores comuns do mais baixo grau, que carregavam cordas e correntes. Alguns passos atrás destes vieram aqueles seis agentes com os quais Judas tinha por um curto tempo passado em comunicação. Destes, um era o sacerdote, amigo confidencial de Anás; outro era devotado a Caifás; o terceiro e o quarto eram fariseus; e os dois restantes eram agentes dos saduceus e, ao mesmo tempo, herodianos. Todos eram espiões, companheiros furtivos, servos visuais de Anás e Caifás, e secretamente os mais maliciosos inimigos do Salvador. Os vinte soldados acompanharam Judas de maneira amigável até chegarem ao lugar onde a estrada se dividiu entre o Jardim do Getsêmani e o Jardim das Oliveiras. Ali eles se recusaram a permitir que ele avançasse sozinho. Eles adotaram um tom bem diferente, e agiram em relação a ele insolente e descaradamente.

A prisão do Senhor

Quando Jesus e os três apóstolos saíram pela estrada entre Getsêmani e o Jardim das Oliveiras, apareceu à entrada, cerca de vinte passos à frente, Judas e o grupo de soldados, entre os quais havia surgido uma briga. Judas queria separar-se dos soldados e avançar sozinho até Jesus, como se fosse um amigo que voltava depois de uma ausência. Deveriam segui-lo, e agir de tal maneira que parecesse que sua vinda lhe era totalmente desconhecida. Mas eles não concordariam com a sua proposta. Eles o agarraram, exclamando: "Não é assim, amigo! Não nos escaparás, até que tenhamos o galileu! E quando viram os oito apóstolos que, ao som do barulho, saíram do Jardim do Getsêmani, chamaram quatro dos arqueiros em seu auxílio. Mas Judas de modo algum concordou com isso, e surgiu uma animada disputa entre ele e os soldados. Quando Jesus e os três apóstolos, à luz das tochas, distinguiram o bando armado e brigão, Pedro desejava repeli-los à força. Ele exclamou: "Senhor, os Oito de Getsêmani estão por perto. Vamos atacar os arqueiros! Mas Jesus disse-lhe para ficar calado, e deu alguns passos com eles de volta na estrada até um terreno verde. Judas, vendo seus planos completamente frustrados, ficou cheio de raiva e rancor. Neste exato momento, quatro dos discípulos saíram do Jardim do Getsêmani e perguntaram o que estava acontecendo. Judas começou a trocar palavras com eles, e quis ter-se exonerado por uma mentira, mas os guardas não o permitiram prosseguir. Esses quatro últimos foram Tiago, o Menor, Filipe, Tomé e Natanæl. Este último, que era filho do idoso Simeão, junto com vários outros, foram enviados pelos amigos de Jesus aos oito Apóstolos no Jardim do Getsêmani para descobrir o que estava acontecendo. Foram movidos tanto pela ansiedade como pela curiosidade. Com exceção destes quatro, todos os discípulos estavam se arrastando à distância, furtivamente em alerta para descobrir o que podiam.

Jesus deu alguns passos em direção ao grupo e disse em voz alta e distinta: "A quem procurais?" Os líderes responderam: "Jesus de Nazaré", ao que Jesus respondeu: "Eu sou ele". Mas mal ele tinha pronunciado as palavras, quando, de repente, como se fossem atacados por convulsões, eles se reuniram e caíram no chão, uns sobre os outros. Judas, que ainda estava de pé com eles, ficou cada vez mais envergonhado. Ele parecia desejar aproximar-se de Jesus; conseqüentemente, o Senhor estendeu a mão, dizendo: "Amigo, de onde vieste?" Judas, confuso e perplexo, gaguejou algo a respeito de uma missão que havia executado. Jesus, em resposta, proferiu algumas palavras como as seguintes: "Oh, quão melhor teria sido para ti se nunca tivesses nascido!" Não me lembro bem das palavras. Enquanto isso, os soldados se levantaram e aproximaram-se do Senhor e de Seus Apóstolos, esperando o sinal do traidor, o beijo.

Pedro e os outros discípulos reuniram-se em torno de Judas, chamando-o de ladrão e traidor. Ele tentou libertar-se por meio de toda sorte de desculpas, mas, justamente naquele momento, chegaram os soldados oferecendo proteção, dando assim testemunho abertamente contra ele.

Jesus novamente perguntou: "A quem procurais?" Voltando-se para ele, responderam novamente: "Jesus de Nazaré". Jesus respondeu novamente: "Eu sou ele". Já vos disse que sou Ele. Se é a mim que procuram, deixem estes irem. Quando ele lhes disse: "Eu sou ele", os soldados caíram novamente no chão. Eles se contorceram como se fossem atingidos por epilepsia, e Judas estava novamente cercado pelos outros apóstolos, pois estavam exasperados até certo ponto contra ele. Jesus agora chamou os soldados: "Levantai-vos" e eles se levantaram, cheios de terror. Judas ainda estava lutando com os Apóstolos, que estavam pressionando

contra os guardas. Este último voltou-se para eles e libertou o traidor, exortando-o novamente a dar-lhes o sinal acordado. Tinham recebido ordens para não prenderem ninguém, a não ser aquele a quem Judas beijaria. Judas, então, aproximou-se de Jesus, abraçou-o e beijou-o com as palavras: "Ave, Mestre!" Jesus disse: "Judas, trais o Filho do Homem com um beijo?" Os soldados instantaneamente formaram um círculo em torno de Jesus, e os arqueiros, aproximando-se, puseram as mãos sobre Ele. Judas quis fugir imediatamente, mas os apóstolos não o deixaram. Eles correram contra os soldados, clamando: "Senhor, será que devemos atacar com a espada?" Pedro, mais impetuoso do que os outros, agarrou a espada e golpeou Malco, servo do sumo sacerdote, que tentava afastá-los, cortando-lhe uma parte da orelha. Malco caiu no chão, aumentando assim a confusão.

No momento do movimento impetuoso de Pedro, os atores na cena estavam situados da seguinte forma: Jesus estava nas mãos dos guardas, que estavam prestes a prendê-Lo, e formando um círculo em torno Dele a uma certa distância estavam os soldados, um dos quais, Malco, havia sido abatido por Pedro. Os outros soldados estavam ocupados, alguns em repelir os discípulos que se aproximavam demais, e outros em perseguir os que haviam fugido. Quatro dos discípulos estavam vagando, mostrando-se timidamente apenas aqui e ali à distância. Os soldados ainda estavam muito alarmados por sua queda tardia, e muito temerosos de enfraquecer o círculo em torno de Jesus, para fazer qualquer perseguição muito ativa, Judas, que imediatamente depois de seu beijo traidor queria escapar, foi encontrado em seu caminho por alguns dos discípulos, que o sobrecarregaram com repreensões. Seis funcionários oficiais apressaram-se a salvá-lo, enquanto os quatro guardas estavam ocupados em torno de Jesus com correntes e cordas, estando prestes a prendê-Lo.

Tal era o estado das coisas quando Pedro golpeou Malco, e Jesus imediatamente lhe disse: "Pedro, põe a tua espada na bainha, porque quem com a espada mata com a espada morrerá: tu acreditas que não posso pedir ao meu Pai que me envie mais de doze legiões de anjos? Não deveria eu esvaziar o cálice que meu Pai me deu para beber? Como se cumpriria a Escritura se essas coisas não acontecessem?"

E acrescentou: "Deixe-me curar este homem". Ele se aproximou de Malco, pegou sua orelha, orou e a curou. Os soldados estavam ao seu redor com os oficiais e os seis fariseus; Eles o insultaram, dizendo à multidão: "Ele é um mensageiro do diabo; a orelha parecia ter sido cortada por suas feitiçarias, e por seus próprios feitiços ele a curou."

Então Jesus disse-lhes: "Vocês vieram com lanças e varas para me prender como se eu fosse um bandido. Todos os dias estava entre vós no templo, ensinando, e não ousastes apertar-me as mãos; mas esta é a vossa hora e a hora das trevas. E ordenaram que o prendessem com mais força, e o escarneceram, dizendo: "Não nos derrotarás com a tua magia! E os arqueiros disseram: "Vamos privar-te da tua habilidade". Jesus deu uma resposta que não me lembro, e os discípulos fugiram para todos os lados. Os quatro executores e os seis fariseus não caíram no chão, nem, em consequência disso, se levantaram novamente. A razão disto foi-me revelada. Estavam na mesma posição que Judas, isto é, inteiramente no poder de Satanás. Judas não caiu diante das palavras de Jesus, embora estivesse de pé entre os soldados. Todos os que caíram e se levantaram novamente foram posteriormente convertidos e se tornaram cristãos. Sua queda e ressurreição simbolizavam sua conversão. Não haviam posto as mãos sobre Jesus; apenas estavam em volta Dele. Malco, depois de sua cura, já estava convertido a tal ponto que ele apenas manteve as aparências em relação ao serviço que devia ao Sumo Sacerdote; e durante as horas seguintes, as da Paixão de Jesus, ele correu para trás

e para a frente para Maria e os outros amigos, dando-lhes notícias de tudo o que estava acontecendo.

Os executores amarraram Jesus com a maior grosseria e brutalidade bárbara, enquanto os fariseus pronunciavam palavras insolentes e escarnecedoras. Os carrascos eram pagãos da mais baixa classe. Seu pescoço, pernas e braços estavam nus; seus lombos eram cingidos com uma espécie de bandagem, e eles usavam um gibão curto sem mangas, preso nos lados com tiras. Eram baixos, robustos, muito ativos, com a pele castanho-vermelha, como os escravos egípcios.

Amarraram as mãos de Jesus ao peito dele de uma maneira cruel. Com cordas novas e afiadas, eles impiedosamente amarraram o pulso da mão direita ao antebraço esquerdo logo abaixo do cotovelo e o da mão esquerda ao antebraço direito. Enfiaram-lhe à cintura um cinto largo, armado com pontas afiadas, e amarraram-lhe as mãos novamente com cordas de salgueiro ou vime, que estavam presas ao cinto. Ao redor de Seu pescoço, colocaram um colar em que havia pontas e outros instrumentos para enrolar, e dele dependiam duas tiras, que, como uma estola, eram cruzadas sobre o peito e amarradas ao cinto tão firmemente que o pescoço não estava livre para se mover. Nas quatro pontas deste cinto estavam presas quatro cordas longas, por meio das quais os carrascos podiam arrastar Nosso Senhor para aqui e para ali, de acordo com sua vontade perversa. Todas as correntes eram perfeitamente novas. Pareciam estar especialmente preparados, quando se formou o plano de prender Jesus, para o propósito para o qual agora estavam sendo colocados.

E agora, depois de mais algumas tochas terem sido acesas, a trágica procissão foi posta em movimento. Primeiro foram dez dos guardas, depois os executores que arrastavam Jesus pelas cordas; depois vieram os fariseus escarnecedores, e os outros dez soldados fecharam a procissão. Os discípulos ainda andavam errantes, chorando e lamentando-se, como se estivessem desprovidos dos sentidos. João, porém, seguia de perto atrás do último dos guardas. Os fariseus, vendo-o, mandaram prendê-lo. A esse comando, alguns dos guardas se viraram e correram atrás dele. Mas ele fugiu deles, e quando eles agarraram o lenço que ele usava ao pescoço, ele o soltou rapidamente e assim conseguiu escapar. Tinha posto de lado o manto, não retendo nada além de uma roupa íntima curta, sem mangas, para que pudesse fugir mais facilmente. Ao redor do pescoço, da cabeça e dos braços, porém, ele estava envolto naquele lenço longo e estreito que os judeus estavam acostumados a usar.

Os executores arrastaram e abusaram de Jesus da maneira mais cruel. Exerceram sobre Ele toda sorte de malícia, e isso principalmente por uma baixa deferência e desejo de agradar aos seis oficiais, que estavam cheios de fúria e veneno contra Ele. Levaram-no pelos caminhos mais difíceis, por buracos, pedras e lama, mantendo as cordas alongadas enquanto eles mesmos procuravam caminhos bons. Desta forma, Jesus tinha de ir aonde as cordas O permitissem. Seus torturadores levavam em suas mãos cordas amarradas com as quais o espancavam, como um açougueiro faria com o animal que ele levava para o matadouro. Tudo isso foi acompanhado de zombaria e insultos tão baixos e indecentes que a repetição seria repugnante.

Jesus estava descalço. Além da roupa interior habitual, ele usava uma camisa ou blusa de lã sem costura, e sobre ela uma túnica. A roupa íntima dos discípulos, como a dos judeus em geral, consistia num escapulario que caía por diante e por trás sobre o peito e os ombros. Era feito de duas peças presas juntas no ombro por tiras, mas abertas nos lados. A parte inferior do corpo era coberta por um cinto do qual penduravam quatro lenços que, depois de serem enrolados em torno dos lombos, formavam uma espécie de calça. Não devo esquecer de dizer que, na apreensão do

Senhor, não vi nenhuma ordem escrita. Seus inimigos trabalhavam como se Ele fosse um fora-da-lei, uma pessoa além da lei.

A procissão avançou a um ritmo apressado. Quando deixava a estrada entre o Jardim das Oliveiras e o jardim de lazeres de Getsêmani, virava por uma curta distância para a direita, no lado ocidental de Getsêmani, até chegar a uma ponte que ali atravessava o riacho Cedron. Quando Jesus estava vindo com os apóstolos ao Monte das Oliveiras, Ele não atravessou aquela ponte. Ele tomou um caminho indireto através do vale de Josafá, e atravessou o riacho por uma ponte mais ao sul. Aquele sobre o qual Ele agora era conduzido em correntes era muito longo, visto que abrangia não só o Cedron, que fluía ali perto do monte, mas também uma parte das alturas irregulares do vale, formando assim uma estrada pavimentada para o transporte. Mesmo antes da procissão chegar à ponte, vi Jesus cair à terra duas vezes, devido à maneira impiedosa com que foi arrastado e ao sacudir das cordas dos carrascos. E quando chegaram ao meio da ponte, procuraram enganá-lo, e aumentaram ainda mais a sua astúcia. Os carrascos empurraram o pobre Jesus, acorrentado, a quem seguraram com cordas, da ponte para o riacho Cedron, com a altura de um homem abaixo, acompanhando sua brutalidade com palavras abusivas, como por exemplo: "Agora Ele pode beber o Seu saciado!" Se não fosse pela ajuda divina, Jesus teria morrido por causa da queda. Ele caiu primeiro em Seus joelhos e, em seguida, em Seu rosto, de modo que Ele teria sido gravemente ferido no leito pedregoso do riacho, que era ali muito rasa, se Ele não tivesse salvo-se um pouco, estendendo suas mãos anteriormente firmemente amarrado. Tinham sido soltas da cintura, não sei se por ajuda divina ou se pelos carrascos antes de o derrubarem. As marcas de Seus joelhos, pés, cotovelos e dedos foram, pela vontade de Deus, impressas nos lugares que tocaram, que mais tarde se tornaram objetos de veneração. Tais coisas já não são acreditadas, mas impressões semelhantes em pedra, feitas pelos pés, mãos e joelhos dos Patriarcas e Profetas, feitas por Jesus, a Virgem Santíssima e alguns dos santos, muitas vezes me foram mostradas em visões históricas. As pedras eram mais macias e mais crentes do que os corações dos homens; elas deram testemunho, naquele momento terrível, da Verdade Divina que lhes havia feito tal impressão.

Eu não tinha visto Jesus tomar qualquer coisa para beber na sede veemente que o consumiu depois de sua terrível agonia no Jardim das Oliveiras. Mas, quando empurrado para o Cedron, vi-O beber com dificuldade e, ao mesmo tempo, ouvi-O murmurar que, assim, se cumpria um versículo profético dos Salmos, que fazia referência a beber do riacho pelo caminho. (Salmo 109:7)

Entretanto, os carrascos não afrouxaram o seu apego às longas cordas que amarravam Jesus; e, visto que lhes teria sido difícil puxá-Lo de novo para cima, e uma parede na margem oposta tornou impossível que O permitissem atravessar, arrastaram-O por meio das cordas de volta através do Cedron. Então eles mesmos desceram e o arrastaram para cima da costa. E agora, em meio a zombarias e maldições, pontapés e golpes, aqueles miseráveis arrastavam o pobre Jesus com as cordas, pela segunda vez, pela longa ponte. Sua longa roupa de lã, pesada com água, agarrou-se tão firmemente aos Seus membros que Ele mal podia andar; e quando Ele chegou ao extremo oposto da ponte, Ele afundou mais uma vez para a terra. Eles puxaram-no de novo para cima, espancaram-no com cordas e, com palavras vergonhosas e irônicas, enfiaram a sua roupa molhada no cinto. Disseram, por exemplo, algo sobre Ele ter-Se cingido para comer o cordeiro pascal, e outras zombarias semelhantes.

Ainda não era meia-noite quando vi os quatro executores arrastando Jesus por uma estrada acidentada e estreita, pela qual passava apenas uma trilha irregular.

Arrastaram-no por pedras afiadas e fragmentos de rochas, por espinhos e cardo, inumanamente apressando-se com maldições e golpes. Os seis brutais fariseus estavam sempre nas proximidades Dele, onde quer que a estrada o permitisse. Cada um carregava em sua mão um tipo diferente de vara de tortura, com a qual o atormentavam, espetando-o, perfurando-o ou espancando-o com elas.

Enquanto os executores arrastavam Jesus, com os pés nus e sangrando, sobre pedras afiadas, espinhos e cardos, os discursos satíricos e escarnecedores dos seis fariseus atravessavam Seu amoroso Coração. Foi nesses momentos que fizeram uso de zombarias como: "Seu precursor, o Batista, não preparou um bom caminho para Ele aqui!" ou: "Por que Ele não ressuscitou João dos mortos para preparar o caminho para Ele?" Tais eram as zombarias proferidas por essas criaturas ignominiosas e recebidas com gritos grosseiros de riso. Eles foram acompanhados por sua vez pelos executores, que foram incitados a carregar assim o pobre Jesus com novos maus-tratos.

Depois que os soldados haviam conduzido o Senhor adiante por algum tempo, notaram várias pessoas espreitando aqui e ali à distância. Eram discípulos que, ao receberem a notícia da prisão de Jesus, haviam vindo de Betfagé e de outros esconderijos, para espionar e ver como estava indo com o seu Mestre. Ao vê-los, os inimigos de Jesus ficaram ansiosos, para que não fizessem um ataque súbito e O resgassem; por isso, fizeram um sinal, chamando Ofel, um pequeno lugar nos arredores de Jerusalém, para enviar reforços, como havia sido acordado.

A procissão ainda estava distante alguns minutos da entrada que, para o sul do Templo, levou através de Ophel para o Monte Sião, sobre o qual Anás e Caifás moravam, quando vi uma banda de cinquenta soldados saindo do portão, a fim de reforçar seus companheiros. Eles avançaram em três grupos: o primeiro era de dez homens fortes; o último, de quinze, pois os contei; e o grupo do meio, de vinte e cinco. Eles carregavam várias tochas. Eram insolentes, arruaceiros e em voz alta anunciavam a sua chegada, parabenizando os que chegavam regozijando-se com o seu triunfo. Já junto à escolta de Jesus, vi Malco e alguns outros aproveitarem-se da desordem causada pela turba para fugirem para o Monte das Oliveiras.

Quando esta nova tropa saiu de Ofel, vi os discípulos, que tinham aparecido a alguma distância, dispersarem-se. A Virgem Santíssima e nove das santas mulheres, levadas pela sua inquietação, dirigiram-se ao vale de Josafá. Lázaro, Juan, Marcos, filho de Verônica e filho de Simeão, estavam com eles. Este último estava no Getsêmani com Natanæl e os oito apóstolos, e fugiu diante dos soldados. Gritos podiam ser ouvidos e as luzes de ambas as tropas se unindo podiam ser vistas. A Virgem perdeu os sentidos. Suas amigas saíram com Ela para levá-la para a casa de Maria, mãe de Marcos.

Os cinquenta soldados eram um destacamento de uma força de trezentos homens que ocupavam as portas e ruas de Ofel, pois o pérfido Judas havia dito aos príncipes dos sacerdotes que os habitantes de Ofel, trabalhadores pobres em sua maioria, eram partidários de Jesus, e que se poderia temer que tentassem libertá-lo. O traidor sabia que Jesus tinha consolado, ensinado, ajudado e curado um grande número daqueles pobres trabalhadores. O Senhor havia parado em Ofel na sua viagem de Betânia a Hebrom, após a decapitação de João Batista, curando muitos pedreiros feridos na queda da torre de Siloé. A maior parte daquelas pessoas pobres, depois de Pentecostes, aderiram à primeira comunidade cristã. Quando os cristãos se separaram dos judeus e estabeleceram casas para a comunidade, dali subiram cabanas e tendas até ao Monte das Oliveiras, no meio do vale. Santo Estêvão também morou lá. Ofel cobria uma altura cercada por muros, localizada ao sul do templo. Este subúrbio não me pareceu maior que Dulmen.

Os bons habitantes de Ofel foram despertados pelos gritos da guarnição quando seus companheiros entraram. Eles saíram apressadamente de suas casas e pressionaram as ruas e os portões mantidos pelos soldados, perguntando a causa do tumulto. Mas, ali, encontraram-se com uma recepção rude. A turba militar, composta por uma mistura de escravos baixos e insolentes, os mandou de volta às suas moradias, de forma rude e zombadora. Mas, como aqui e ali ouviam tais observações como estas: "Jesus, o malfeitor, o vosso falso profeta, está prestes a ser levado como prisioneiro. Os Sumo Sacerdotes pôrão fim aos Seus procedimentos. Ele terá de pagar a pena da Cruz, porque o lugar inteiro foi acordado do sono pelos gritos e lamentos do povo. As pobres criaturas, homens e mulheres, corriam chorando ou, com os braços estendidos, deitavam-se de joelhos, clamando ao Céu e louvando as boas ações de Jesus. Os soldados, empurrando-os e dando-lhes golpes de todos os lados, mandaram-nos de volta para suas casas, ao mesmo tempo em que insultaram a Jesus, e disseram: "Aqui está uma evidência clara de que Ele é um agitador do povo!" Eles eram, no entanto, um pouco cautelosos em agir com a população, por medo de despertá-los por uma maior violência para abrir a insurreição; conseqüentemente, eles visavam apenas limpar as ruas pelas quais a procissão deveria passar por Ofel.

Enquanto isso, o maltratado Jesus e a Sua escolta bárbara aproximavam-se cada vez mais dos portões do Ofel. Nosso Senhor tinha caído repetidamente na terra, e agora parecia que Ele não conseguia avançar mais. Aproveitando-se disso, um soldado compassivo disse: 'Vocês mesmos veem que o pobre Homem não pode ir mais longe. Se queremos levá-lo vivo para os sumos sacerdotes, devemos soltar as cordas que ligam as suas mãos, para que ele possa apoiar-se quando cair. Enquanto a procissão parava para que os executores soltassem as amarras, outro soldado de bom coração trouxe-lhe um copo de água de um poço vizinho. Ele o recolheu num vaso feito de casca de árvore em forma de cone, como os que os soldados e os viajantes carregavam naquele país como vasos de beber. Quando Jesus disse a este homem algumas palavras de reconhecimento, proferindo ao mesmo tempo algumas expressões proféticas sobre "beber de fontes vivas" e "rios de águas vivas", os fariseus zombaram e O insultaram, acusando-O de jactância vã e blasfêmia. Deveria, disseram eles, parar com as suas palavras vazias. Nunca mais deve dar de beber a um animal, muito menos a um ser humano. Foi-me mostrado que os dois soldados compassivos, através de cuja intervenção Seus laços tinham sido soltos e Ele tinha recebido uma bebida, foram de repente iluminados pela graça. Após a morte de Jesus, eles se converteram e mais tarde se juntaram à Comunidade na qualidade de discípulos. Eu conhecia os seus nomes, também os que mais tarde levaram como discípulos, e toda a sua história, mas seria impossível lembrar-me de tudo isso. É demais.

A procissão começou novamente a avançar, Jesus sendo maltratado como antes, e atravessou uma altura até os portões de Ofel. Ali foi recebido pelos gritos e lamentos desoladores dos habitantes, que estavam ligados a Jesus por uma dívida de gratidão. Os soldados só com grande dificuldade conseguiam reter as multidões de homens e mulheres que pressionavam de todos os lados. Eles correram para a frente torcendo as mãos, caindo de joelhos e, com os braços estendidos, clamando em alta voz: "Liberta-nos este homem! Quem nos vai ajudar? Quem nos vai curar? Quem nos consolará? Libertem-nos este homem! Foi uma visão dolorosa ver Jesus pálido, desfigurado, coberto de feridas, seus cabelos desarrumados, suas vestes úmidas e manchadas, arrastado com cordas, empurrado com paus e golpes, como um pobre animal levado a um sacrifício, preso entre oficiais de justiça ignóbeis e seminus, e por soldados rudes e imundos, no meio da multidão aflita dos habitantes

de Ofel, que estenderam as mãos a Ele para curar sua paralisia, suplicando aos carrascos com a voz que Ele lhes deu, seguindo com os olhos cheios de lágrimas Aquele a quem deviam a mesma luz.

Ao chegarem ao vale, muitas pessoas da classe baixa da cidade, excitadas pelos soldados e pelos inimigos do Senhor, juntaram-se à escolta, amaldiçoando e injuriando Jesus; e eles os ajudaram a repelir e insultar os bons habitantes de Ofel. Ofel estava situado em uma altura; No lugar mais alto tinha uma praça, onde vi muita madeira. A escolta desceu mais tarde e passou por uma porta que se abria na parede. Deixaram à direita um grande edifício, os restos das obras de Salomão, e à esquerda, se não me engano, o tanque de Betesda; Depois seguiram para oeste, seguindo por uma rua chamada Millo. Depois voltaram um pouco para o sul, subindo em direção a Sião, e chegaram à casa de Anás. Durante toda a viagem não pararam de maltratar o Senhor; A turba que vinha da cidade, aumentando constantemente, foi uma oportunidade para os algozes de Jesus renovarem os insultos.

Do Monte das Oliveiras até a casa de Anás, Jesus caiu sete vezes.

Os habitantes de Ofel ficaram cheios de medo e angústia, quando um novo incidente veio despertar a sua compaixão. Quando a Mãe de Jesus foi levada pelas mesmas mulheres à casa de Maria, mãe de Marcos, que ficava aos pés do monte de Sião, no meio de Ofel, conhecida como ela, elas apresentaram novos sinais de dor e compaixão, e Eles se reuniram tão fortemente em torno de Maria que ela quase foi levada pela multidão. Maria ficou em silêncio de dor; Ao chegar à casa de Maria, mãe de Marcos, não falou até que João chegou e lhe contou tudo o que tinha visto desde que saiu do Cenáculo. Depois levaram a Virgem Santíssima à casa de Marta, na zona oeste da cidade. Pedro e João, que tinham seguido Jesus de longe, correram para a casa de alguns servos dos principais sacerdotes que João conhecia, para que pudessem entrar nas salas do tribunal para onde o seu Mestre foi levado.

Esses homens, amigos de João, eram uma espécie de mensageiros da chancelaria, que tinham que correr pela cidade para acordar os mais velhos e outras pessoas convocadas para o julgamento. Queriam prestar um serviço aos dois apóstolos; mas não tiveram outro meio senão vestir Pedro e João com um manto igual ao deles e ajudá-los a cumprir a convocação, para que pudessem entrar imediatamente disfarçados na corte de Caifás, onde soldados e falsas testemunhas estavam juntos, e de onde expulsaram o resto do povo. Os apóstolos se encarregaram de avisar Nicodemos, José de Arimatéia e outras pessoas bem-intencionadas, visto que eram membros do Concílio, e assim trouxeram alguns amigos de seu Mestre, com quem os fariseus não contariam regularmente. Enquanto isso, Judas vagava como um tolo, ao pé da colina onde Jerusalém termina no lado sul, entre os escombros e a sujeira amontoados naquele lugar.

Medidas tomadas pelos inimigos de Jesus

Logo que Jesus foi levado sob custódia, Anás e Caifás foram informados do fato e começaram a organizar ativamente seus planos. Os pátios foram iluminados e todas as entradas foram guardadas. Mensageiros foram enviados a todas as partes da cidade para convocar os membros do Conselho, os escribas e todos os que tinham alguma coisa a ver com o julgamento. Muitos deles, porém, logo que o pacto com Judas foi concluído, já se haviam reunido na casa de Caifás e estavam ali à espera do resultado. Os anciãos das três classes de cidadãos também foram chamados; e, visto que os fariseus, os saduceus e os herodianos, de todas as partes do país, haviam-se reunido há alguns dias em Jerusalém para a festa, deliberaram entre si e perante o Sinédrio Supremo como prender Jesus. Os Sumo Sacerdotes agora

selecionavam das listas que possuíam os que sabiam ser Seus inimigos mais amargos. Estes foram convocados com a ordem de reunir, cada um em seu próprio círculo, todas as evidências e provas contra Jesus que pudessem, e trazê-las ao tribunal de julgamento. Neste exato momento, todos os fariseus e saduceus e outras pessoas iníquas de Nazaré, Cafarnaum, Tirza, Gabrara, Jetebata, Silo e outros lugares, que Jesus tantas vezes, por expor a verdade, havia envergonhado diante do povo, estavam reunidos em Jerusalém. Estavam cheios de raiva e de vingança. Cada um caçou algum canalha entre os convidados pascais de seu próprio país, e subornou-o com dinheiro para gritar contra e caluniar Jesus. Esses convidados foram reunidos em grupos, de acordo com seus respectivos distritos. Mas, com exceção de algumas evidentes mentiras e amargas invectivas, nada podia ser apresentado senão aquelas acusações sobre as quais, em suas próprias sinagogas, Jesus tantas vezes os havia silenciado.

Todo o enxame de inimigos do Salvador foi para a corte de Caifás liderados pelos fariseus e pelos escribas de Jerusalém, aos quais se juntaram muitos dos vendedores expulsos do templo por Jesus, muitos médicos orgulhosos cujas bocas ele havia fechado na presença do povo do Senhor, e alguns que não puderam perdôá-lo por tê-los convencido do erro e tê-los coberto de confusão quando, aos doze anos, deu seu primeiro ensinamento no templo. Entre esses infinitos inimigos estavam pecadores impenitentes que Ele ainda não queria curar; pecadores que se desviaram e ficaram doentes novamente; jovens vaidosos que ele não havia admitido como discípulos; requerentes de herança, furiosos porque ele distribuiu aos pobres os bens com que contavam, ou porque curou as pessoas de quem queriam herdar; libertinos cujos companheiros ele converteu; adúlteros cujos cúmplices ele restaurou à virtude: muitos bajuladores de todos estes, muitos outros instrumentos de Satanás cheios de raiva interior contra toda a santidade e, conseqüentemente, contra o Santo dos Santos. Esta escória do povo judeu foi acionada e excitada por alguns dos principais inimigos de Jesus, e correu por toda parte até o palácio de Caifás para acusar falsamente o verdadeiro Cordeiro imaculado que leva os pecados do mundo de todos os tipos de crimes, e manchá-lo com suas obras, que, de fato, ele assumiu e expiou.

Enquanto esta turba impura se agitava, muitas pessoas piedosas e amigas de Jesus, tristes e aflitas, porque não conheciam o mistério que iria se cumprir, vagavam por aqui e por ali, e ouviam e gemiam. Se falassem, eram rejeitados; Se eles estivessem em silêncio, eles olhavam para eles de soslaio. Outras pessoas bem-intencionadas, mas fracas e indecisas, ficaram escandalizadas, caíram em tentação e vacilaram nas suas convicções. O número daqueles que perseveraram foi pequeno.

Então aconteceu o que aconteceu hoje: você quer ser um bom cristão quando não desagrada aos homens; Mas há quem tenha vergonha da cruz quando o mundo a vê com maus olhos. Contudo, houve muitos cujos corações foram tocados pela paciência do Salvador em meio a tantas crueldades e que se retiraram silenciosos e desfalecidos.

Jerusalém naquele tempo

A grande e populosa cidade e as tendas dos estrangeiros que tinham vindo para a Páscoa estavam imersas em descanso e sono, quando a notícia da prisão de Jesus despertou todos os seus inimigos e amigos, e em todas as partes da cidade, o povo convocados pelos mensageiros dos príncipes dos sacerdotes foram vistos em movimento. Caminhavam ao luar ou à luz de tochas pelas ruas, naquela época desertas, pois a maioria das casas tinha janelas e portas que davam para um pátio

interior. Todos eles subiam para Sião. Ouviam-se aqui e ali batidas nas portas, para acordar quem dormia; barulho e tumulto surgiam em muitos lugares; Eles abriam aos que batiama, questionavam e concordavam com a convocação. Os curiosos e os criados iam ver o que estava acontecendo, para contar aos que ficavam; Podia-se ouvir portas fechando e trancando, porque algumas pessoas estavam preocupadas e temiam uma revolta; Eram improvisadas mil conversas diferentes, como estas: "Lázaro e suas irmãs vão ver a quem se entregaram. - Joana, esposa de Chusa, Susana e Salomé, vão se arrepender tarde demais da sua imprudência. - Serafia, esposa de Sirac, terá que se humilhar diante do marido, que tantas vezes a repreendeu por sua afetuosa adesão ao Galileu. - Todos os apoiadores daquele agitador pareciam zombar de quem não pensava como eles, e agora mais de quatro não sabem onde se esconder. - Já não há quem estenda mantos e palmas aos pés da sua cavalaria. - Esses hipócritas, que querem sempre ser melhores que os outros, vão receber o que merecem, pois estão todos envolvidos nos negócios do Galileu. - A coisa é maior do que se acreditava. - Gostaria de saber como sairão Nicodemos e José de Arimatéia; Há muito tempo que eles estão desconfiados; "Eles concordam com Lázaro, mas são muito espertos: tudo ficará claro agora".

Assim você ouvia algumas pessoas iradas falando contra algumas famílias que confiaram em Jesus Cristo, e especialmente contra as santas mulheres. Noutros locais as notícias eram recebidas de forma mais cômoda; Alguns ficaram apavorados, outros gemiam secretamente, ou procuravam um amigo cujos sentimentos estivessem de acordo com os seus, para desabafar com eles. Eram poucos os que ousavam expressar o interesse que tinham em Jesus Cristo.

Nem toda a cidade tinha acordado ainda; Era apenas nos lugares onde os mensageiros levaram a convocação do Grão Pontífice e onde os fariseus iam procurar as suas testemunhas. Parecia que fagulhas de ódio e de fúria podiam ser vistas voando em diferentes partes de Jerusalém, circulando pelas ruas, encontrando outras que se juntavam a elas, e crescendo incessantemente, subiam até Sião, e terminavam na corte de Caifás como um rio de fogo. Os soldados romanos não participaram deste acontecimento. Mas os seus postos estavam reforçados e os seus companheiros estavam reunidos, observando cuidadosamente o que acontecia. Quase sempre ficavam em observação durante as férias da Páscoa, devido ao grande fluxo de estrangeiros.

Os judeus flanqueavam os arredores de suas guaritas, porque os fariseus se sentiam incomodados em ter que responder à pergunta: quem vive? Os príncipes dos sacerdotes não deixaram de comunicar a Pilatos a ocupação de Ofel e de uma parte de Sião. Mas havia desconfiança mútua entre eles. Pilatos não dormiu; recebia informações e dava ordens. Sua esposa estava deitada; Seu sono era profundo, mas agitado.

Ela suspirava e chorava como se tivesse sonhos dolorosos.

Em nenhum lugar da cidade era revelada maior compaixão do que em Ofel em relação aos sofrimentos de Jesus, tanto na casa dos pobres servos do templo como entre os pobres diaristas que ali viviam. Acordaram subitamente no meio de uma noite tranquila, para contemplar o seu Mestre, o seu benfeitor, aquele que os curou e consolou, cheio de insultos e maus tratos! Então viram passar a triste Mãe de Jesus e, ao vê-la, a sua aflição redobrou. Foi uma visão que partia o coração ver María e suas amigas andando pelas ruas àquela hora cheias de dor e angústia.

Tinham que se esconder quando se aproximava uma soldadesca rude e insolente, porque os enchiam de insultos como mulheres de vida ruim; Frequentemente ouviam conversas cheias de alegria cruel que atormentavam seus corações, e raramente uma palavra de conforto sobre Jesus. Por fim, ao chegarem em casa,

caíram exaustas, chorando e de mãos dadas; Elas se abraçavam e se abraçavam, viam-nas ajoelhadas, com a cabeça coberta por um véu. Se alguém batesse à porta, eles ouviam com preocupação. Chamavam devagar e timidamente, não era inimigo que chama assim; eles abriam tremendo; Ele era amigo ou servo de um amigo de seu Mestre; Elas o cercavam, o cobriam com perguntas e suas respostas causavam novas dores. Não conseguiam se acalmar, saíam novamente para a rua e voltavam com dupla tristeza.

A maioria dos apóstolos e discípulos caminhava com medo pelos vales que cercavam Jerusalém e se escondiam nas cavernas do Monte das Oliveiras. Eles tremiam quando se encontravam; Eles perguntavam novidades um ao outro em voz baixa, e ao menor ruído interrompiam suas tímidas comunicações. Eles se moviam constantemente de um lugar para outro e se aproximavam da cidade. Muitos subiam ao Monte das Oliveiras; Eles olhavam com preocupação para os eixos que cruzavam Sião; Ouviam o barulho ao longe, perdiam-se em mil conjecturas diferentes e desciam ao vale na esperança de ouvir alguma notícia positiva.

O barulho ficava cada vez mais alto na corte de Caifás. Aquela parte da cidade estava inundada de luz com machados e lanternas. Em torno de Jerusalém ouvia-se o grito discordante dos muitos animais que os estrangeiros trouxeram para serem sacrificados. O balido dos incontáveis cordeiros que seriam sacrificados no templo no dia seguinte inspirava um sentimento de compaixão. Só se deixavam sacrificar sem sequer abrir a boca; como a ovelha que é conduzida ao matadouro, como o cordeiro que fica mudo diante do tosquiador: este é o Cordeiro de Deus, puro e sem mancha; É Jesus Cristo.

Acima dessas cenas na terra, estendia-se um céu cuja aparência era notavelmente escura e baixa. A lua navegava com um aspecto ameaçador, seu disco coberto de manchas. Ela parecia, por assim dizer, doente e apavorada, como se estremecesse com a perspectiva de ficar cheia, pois era então que Jesus seria morto.

Fora da cidade, ao sul, no íngreme, selvagem e sombrio Vale de Hinom, vagando sem companhia por lugares amaldiçoados e pantanosos cheios de excremento e lixo, açoitado por sua consciência culpada, fugindo de sua própria sombra, caçado por Satanás, estava Judas Iscariotes, o traidor — enquanto milhares de espíritos malignos corriam por todos os lados, incitando os homens à maldade e enredando-os no pecado. O inferno foi solto, e em todos os lugares estavam seus internos tentando a humanidade para o mal. O fardo do Cordeiro ficou mais pesado, e a fúria de Satanás, aumentando duas vezes, tornou-se cega e insana em seus efeitos. O Cordeiro tomou todo o fardo sobre Si, mas Satanás desejava o pecado. E embora o Justo não peque, embora este em vão tentado não caia, ainda assim, que Seus inimigos pereçam em seus próprios pecados.

Os anjos estavam entre a dor e a alegria: gostariam de rezar diante do Trono de Deus e poder ajudar Jesus; mas eles não podiam deixar de adorar em sua admiração o milagre da justiça e da misericórdia divina, que esteve no céu desde a eternidade e que começava a se cumprir no tempo; porque os anjos também acreditam em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da Virgem Santíssima Maria; que ele sofrerá esta noite sob Pôncio Pilatos; que amanhã ele será crucificado, morrerá e será sepultado; que subirá ao céu, onde está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso; de lá ele deve vir para julgar os vivos e os mortos; Eles também acreditam no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna.

Jesus perante Anás

À meia-noite, Jesus foi introduzido no palácio de Anás, e levado para uma sala muito grande. Frente à entrada encontrava-se a cadeira Anás, rodeada por vinte e oito conselheiros; o edifício elevava-se do chão por alguns degraus. Jesus, que estava rodeado por vários dos que o prenderam, foi empurrado pelos algozes até os primeiros degraus. O resto da sala estava cheia de soldados, de gente, de criados de Anás, de falsas testemunhas, que depois foram para a casa de Caifás. Anás aguardava impacientemente a chegada do Salvador. Ví-o cheio de ódio e de astúcia, animado de uma alegria cruel.

Jesus, ainda cercado por um corpo de soldados que O haviam preso, foi arrastado para a frente por vários passos pelos executores que seguravam as cordas. O salão estava lotado de soldados, da plebe, dos judeus caluniadores, dos servos de Anás, e de algumas das testemunhas que Anás havia reunido, e que mais tarde apareceram na casa de Caifás.

Anás mal podia esperar pela chegada do pobre Salvador. Ele estava radiante com alegria maliciosa; astúcia e zombaria estavam em seu olhar. Ele era naquele tempo o presidente de certo tribunal, e se sentava ali com sua comissão autorizada a examinar as falsas doutrinas e a entregar os acusados ao Sumo Sacerdote.

Jesus estava diante de Anás pálido, exausto, em silêncio, com a cabeça inclinada, as suas vestes molhadas e salpicadas de lama, as suas mãos amarradas, a sua cintura amarrada por cordas cujas pontas os arqueiros seguravam. Anás, aquele velho vilão magro, de barba esfarrapada, estava cheio de ironia e orgulho judaico. Ele se colocou em uma aparência meio rindo, como se não soubesse nada do que tinha acontecido, e como se ele estivesse muito surpreso ao encontrar Jesus na pessoa do prisioneiro trazido diante dele.

Aqui está o que ele disse a Jesus, ou pelo menos o significado de suas palavras: "Como, Jesus de Nazaré? Bem, onde estão os teus discípulos e os teus numerosos apoiadores? Onde está o teu reino? Parece-me que as coisas não responderam ao que tu acreditaste: já se viu que bastam dos insultos a Deus e aos sacerdotes, das violações do sábado. Quem são seus discípulos? Onde você está calado, agora, agitador, sedutor? Você não comeu o cordeiro pascal de uma maneira incomum, em uma hora e lugar em que não deveria? fez isso? Você queria introduzir uma nova lei? Quem lhe deu o direito de ensinar? Qual é a sua doutrina?

Ao dizer isto, Jesus levantou a cabeça, cansado, olhou para Anás e respondeu: Falei abertamente a todo o mundo, onde os judeus estavam reunidos. Em não falei nada segredo. Por que me perguntas? Pergunta aos que ouviram o que eu lhes falei. "Eis aqui! Eles sabem o que eu disse.

O semblante de Anás, durante esta resposta de Jesus, revelou raiva e desprezo. Um servo vil que estava perto de Jesus notou isso, e o vilão golpeou o Senhor com sua mão aberta e corrompida. O golpe caiu completamente na boca e na bochecha do Senhor, enquanto o canalha pronunciava as palavras: "Então, responde assim ao Sumo Sacerdote?" Jesus, tremendo sob a violência do golpe e sacudido ao mesmo tempo pelos carrascos, um puxando para este lado, outro para aquele, caiu de lado nos degraus, o sangue fluindo de Seu rosto. O salão ressoava com zombarias e risadas, zombarias, murmurações e palavras ofensivas. Com novos maus-tratos, arrastaram Jesus para cima. Ele disse calmamente: "Se falei mal, testemunha o mal; mas, se bem, por que me bates?"

Anás, ainda mais enfurecido com o comportamento calmo de Jesus, convocou as testemunhas (porque o próprio Jesus assim o quis) para se apresentarem e declarar tudo o que haviam ouvido Ele dizer. Daí, a turba começou uma tempestade de gritos

e insultos. "Ele disse", gritaram, "que Ele é um rei, que Deus é Seu Pai, que os fariseus são adúlteros". Ele incita as pessoas, cura no dia de sábado e pelo poder do diabo. Os habitantes de Ophel enlouqueceram por Ele, chamando-O de seu Salvador, seu Profeta. Ele permite-se ser chamado de Filho de Deus. Ele fala de si mesmo como sendo enviado por Deus. Ele clama ai de Jerusalém, e alude em Suas instruções à destruição da cidade. Ele não observa os jejuns. Ele anda com uma multidão de seguidores. Ele come com impuros, com pagãos, com publicanos e com pecadores, e passeia com adúlteras e mulheres de mau caráter. Agora, fora do portão de Ophel, Ele disse a um homem que lhe deu de beber que Ele lhe daria a água da vida eterna e que ele nunca mais teria sede. Ele seduz as pessoas com palavras de duplo significado. Ele desperdiça o dinheiro e a propriedade dos outros. Ele conta às pessoas todo o tipo de mentiras sobre o seu reino e coisas assim."

Essas acusações foram apresentadas contra o Senhor, sem considerar a ordem ou a propriedade. As testemunhas se aproximaram Dele e apresentaram suas acusações, gesticulando de modo zombeteiro em Seu rosto, ao passo que os executores O sacudiram primeiro de um lado e depois do outro, dizendo: "Fala! Responda! Anás e seus conselheiros, rindo de modo escarnecedor, O insultaram durante as pausas feitas pelas testemunhas; por exemplo, exclamavam: Agora, lá! Ouvimos a bela doutrina! Que me respondes? Isso também seria ensino público. O país inteiro está cheio dela! Não podes produzir nada aqui? Por que não dás alguma ordem, ó Rei? Ó Filho de Deus, mostra agora a tua missão!

Essas expressões da parte dos juizes foram seguidas por puxões, empurrões e zombarias dos executores e dos espectadores, que todos teriam sido felizes em imitar o insolente que bateu em Jesus no rosto.

Jesus vacilou de um lado para o outro. Com uma ironia gelada, Anás novamente se dirigiu a Ele: "Quem és Tu? Que tipo de rei és tu? Que espécie de mensageiro és tu? Acho que Tu és apenas o filho de um carpinteiro obscuro. Ou és tu, Elias, que foste levado ao Céu numa carruagem de fogo? Dizem que ele ainda está vivo. Tu também podes tornar-te invisível, pois muitas vezes desapareceste. Ou talvez Tu és Malaquias? Sempre te vangloriaste deste Profeta, e adoraste aplicar as suas palavras a Ti. Relata-se também dele que não tinha pai, que era um anjo e que ainda não estava morto. Que excelente oportunidade para um impostor se revelar por ele! Diz-me, que tipo de rei és tu? Tu és maior do que Salomão! Isso também é um dos teus discursos. Vamos, vamos! Eu não vou mais te negar o título do teu reino!

Anás agora pediu materiais de escrita. Pegando uma tira de pergaminho com cerca de três quartos de comprimento e três dedos de largura, ele a colocou sobre uma mesa à sua frente, e com uma caneta escreveu uma lista de palavras em letras grandes, cada um dos quais continha alguma acusação contra o Senhor. Depois enrolou o pergaminho e o colocou numa pequena cabaça oca, que fechava com uma rolha. Em seguida, prendeu-o a uma cana e, enviando o falso cetro a Jesus, dirigiu-se a Ele com desprezo com as seguintes palavras: "Aqui, toma o cetro do Teu reino! Nele estão contidos todos os teus títulos, os teus direitos e as tuas honras. Leva-os daqui para o Sumo Sacerdote, para que ele possa reconhecer a Tua missão e o Teu Reino, e tratar-Te de acordo. Então, voltando-se para os soldados, ele disse: "Amarre-lhe as mãos e leve este rei ao sumo sacerdote". Algum tempo antes, haviam soltado as mãos de Jesus. Eles agora as amarraram de novo de forma transversal ao peito d'Ele, depois de terem fixado nelas as acusações de Anás contra Ele, e assim, em meio a gritos de riso, gritos de zombaria e todo tipo de maus-tratos, Jesus foi arrastado do tribunal de Anás para o de Caifás.

Jesus foi levado de Anás a Caifás

Quando Jesus foi levado a Anás, Ele passou pela casa de Caifás. Ele agora foi conduzido de volta por uma estrada que corria na diagonal entre os dois. Estavam apenas a 300 passos de distância. A estrada, que corria entre altas muralhas e fileiras de pequenas casas pertencentes à sala de julgamento de Caifás, era iluminada por tochas e lanternas, e cheia de judeus clamorosos e barulhentos. Foi com dificuldade que os soldados conseguiram conter a multidão. Aqueles que haviam ultrajado a Jesus perante Anás continuaram suas piadas, brincadeiras e maus-tratos perante a multidão, insultando-O e maltratando-O durante todo o caminho. Vi homens armados de todos os tipos, pertencentes ao tribunal, expulsar pequenos grupos de pessoas que lamentavam e que tinham compaixão de Jesus, ao passo que a alguns que se haviam distinguido por injuriá-Lo e acusá-Lo, deram dinheiro, e os admitiram, com seus companheiros, no pátio de Caifás.

Para chegar à sala de julgamento de Caifás, era preciso passar por um portão para um pátio exterior espaçoso, depois por um segundo portão para outro que, com suas muralhas, rodeava toda a casa. (Isto chamaremos de pátio interior.) Uma espécie de vestibulo aberto cercado em três lados por uma colunata coberta formava a frente da casa, que era mais do que o dobro do comprimento e da largura e diante da qual havia uma praça plana e aberta. Este vestibulo, ou pátio, era chamado o átrio, para o qual as entradas conduziam dos três lados, sendo a principal da parte traseira, isto é, da própria casa. Entrando deste lado, um prosseguiu para a esquerda sob o céu aberto para um poço forrado com alvenaria, onde o fogo foi mantido queimando; em seguida, virando para a direita, ele viria sobre um espaço coberto atrás de uma fileira de colunas mais altas do que qualquer ainda descrito. Isto formava o quarto lado do átrio e era cerca de metade do seu tamanho. Ali, em uma plataforma semicircular até a qual conduziam vários degraus, estavam os assentos dos membros do Conselho. O do Sumo Sacerdote era elevada e no centro. O prisioneiro, cercado pelos guardas, era julgado no meio do semicírculo. De ambos os lados e atrás dele, até o átrio, havia lugares para as testemunhas e os acusadores. Três portas na parte de trás dos assentos dos juízes conduziam a um grande salão circular, em torno do qual estavam dispostos assentos na parede. Esta sala era usada para consultas secretas. Ao sair dos assentos dos juízes e entrar neste salão, encontrava-se portas à direita e à esquerda. Elas abriam sobre voos de vários passos, levando para o pátio interior que ali seguindo a forma da casa, corria para fora em uma forma circular. Ao sair do salão pela porta à direita e virar para a esquerda no pátio, alguém se encontrava na entrada de um quarto escuro e subterrâneo que continha as celas da prisão. Eles ficavam sob os corredores traseiros que, como o tribunal aberto, eram mais altos que o átrio e, conseqüentemente, ofereciam espaço para abóbadas subterrâneas. Havia muitas prisões nesta parte redonda da corte. Em uma delas, depois de Pentecostes, vi João e Pedro sentados a noite inteira. Isto foi quando foram presos depois que Pedro curou o homem coxo na Porta Bela do templo.

Dentro e ao redor do prédio havia inúmeras lâmpadas e tochas. Tudo estava tão claro como o dia. No centro do átrio, além disso, brilhava o grande poço de fogo. Era como um forno afundado na terra, mas aberto por cima. O combustível era, creio eu, turfa, e era lançada de cima. Subindo dos lados até acima da altura de um homem havia tubos em forma de chifres para transportar a fumaça. No centro, porém, podia-se ver o fogo. Soldados, criados, a multidão, a maioria das quais eram testemunhas subornadas, estavam reunidos ao redor do fogo. Havia entre eles algumas mulheres, meninas de duvidosa fama, que vendiam aos soldados uma

bebida avermelhada pelo copo e, recebendo uma quantia insignificante, faziam bolos para eles. Essa cena de desordem e alegria me fez lembrar o tempo do carnaval.

A maioria dos que haviam sido convocados já estava reunida em torno do Sumo Sacerdote Caifás, na plataforma semicircular, ao passo que aqui e ali entravam outros. Os acusadores e as falsas testemunhas quase enchiam o átrio; outros tentavam forçar a entrada, e apenas com dificuldade eram impedidos.

Pouco antes da chegada da procissão com Jesus, Pedro e João, ainda enrolados nos mantos dos mensageiros, entraram no pátio exterior da casa. Através da influência de um dos servos que conhecia, João teve a sorte de atravessar o portão do pátio interior, que, porém, por causa da grande multidão, foi imediatamente fechado atrás dele. Quando Pedro, que havia sido um pouco retido pela multidão, chegou ao portão fechado, a serva encarregada não o deixou entrar. João interpôs-se, mas Pedro não teria entrado se Nicodemos e José de Arimatéia, que então procuraram ser admitidos, não tivessem dito uma boa palavra a seu favor. Uma vez lá dentro, tiraram os mantos, que devolveram aos servos, e então tomaram seus lugares à direita, entre a multidão, no átrio, onde podiam ver os assentos dos juízes. Caifás já estava sentado em seu tribunal elevado, no centro da plataforma semicircular elevada, e ao seu redor estavam sentados cerca de setenta membros do Sinédrio. Funcionários públicos, os Escribas e os anciãos estavam sentados ou de pé de ambos os lados, e em torno deles se reuniam muitas das testemunhas e da multidão. Os guardas estavam posicionados abaixo da plataforma, sob a colunata de entrada, e através do átrio até a porta pela qual a procissão era esperada. Esta porta não era a que se encontrava em frente ao tribunal, mas a da esquerda do átrio.

Caifás era um homem de grande gravidade, seu semblante florido e feroz. Ele usava um manto vermelho longo e sem brilho ornamentado com flores e borlas douradas. Era preso nos ombros, no peito e na frente com fichas brilhantes de várias formas. Em sua cabeça havia um boné, cuja parte superior se assemelhava a uma baixa mitra episcopal. As peças dianteiras e traseiras eram dobradas de modo a se juntarem no topo, deixando assim aberturas nas laterais, das quais penduravam fitas. De ambos os lados da cabeça, os lençóis caíam sobre os ombros. Caifás e seus conselheiros já estavam reunidos há muito tempo; muitos deles ainda haviam permanecido desde a partida de Judas e sua gangue. A fúria e a impaciência de Caifás haviam atingido tal ponto que, magnificamente vestido como estava, desceu do seu elevado tribunal e entrou no pátio exterior perguntando com raiva se Jesus viria em breve. Por fim, viu-se a procissão aproximar-se, e Caifás voltou ao seu lugar.

Jesus perante Caifás

Em meio a gritos frenéticos de zombaria, com empurrões, arrastões e lançamentos de lama, Jesus foi levado para o átrio, onde, em vez da fúria desenfreada da multidão, se ouviu o murmúrio e o sussurro insensíveis de fúria controlada. Virando-se para a direita ao entrar, a procissão virou-se para o tribunal. Quando Jesus passou por Pedro e João, Ele olhou para eles com amor, embora sem virar a cabeça, por temor de traí-los. Mal havia Ele passado pela entrada de colunas e aparecido diante do Conselho, quando Caifás gritou para Ele: "Vens depressa, ó blasfemo de Deus, que perturbas esta nossa noite sagrada!" O tubo contendo as acusações de Anás contra Jesus foi agora retirado do cetro falso. Quando a inscrição que continha foi lida, Caifás derramou uma torrente de repreensões e epítetos abusivos contra Jesus, ao passo que os soldados e os miseráveis que estavam por perto O

arrastavam e puxavam. Tinham em suas mãos pequenas varas de ferro, algumas delas cobertas de agulhões afiados, outras com botões em forma de pêra, com as quais o empurravam de um lado para o outro, clamando: "Responde! Abre a tua boca! Não podes falar! Tudo isso ocorreu enquanto Caifás, ainda mais furioso do que Anás, vociferou pergunta após pergunta a Jesus, que, calmo e sofrendo, manteve os olhos baixos, nem mesmo olhando para ele. Os miseráveis, tentando fazê-lo falar, bateram-lhe no pescoço e nos lados, golpearam-no com os punhos e picaram-no com seus socos. E mais do que isso, um rapaz cruel, com o polegar, pressionou o lábio inferior de Jesus em Seus dentes, dizendo: "Aqui, agora, morde!"

E agora veio o interrogatório das testemunhas. Não consistia em nada além dos gritos desordenados, dos gritos enfurecidos da população subornada, ou da deposição de alguns dos inimigos de Jesus, pertencentes aos exasperados fariseus e saduceus. Um certo número deles havia sido escolhido como representantes de seu partido nesta festa. Foram apresentados todos os pontos que Jesus já havia respondido cem vezes antes: por exemplo, diziam que Ele operava curas e expulsava demônios por meio do próprio diabo; que Ele violava o sábio, não observava os jejuns prescritos; que Seus discípulos comiam com mãos não lavadas; que Ele incitava as pessoas, chamava os fariseus de uma ninhada de víboras e de uma geração adúltera; predizia a destruição de Jerusalém; e se associava com pagãos, publicanos, pecadores e mulheres de má reputação; que Ele andava por aí com uma grande multidão de seguidores, apresentando-Se como rei, profeta, sim, até mesmo como o Filho de Deus; e que Ele falava constantemente sobre Seu Reino. Afirmaram, além disso, que ele atacava a liberdade de divórcio, que ele havia clamado ai de Jerusalém, que ele se chamava o Pão da Vida e apresentou a doutrina inaudita de que quem não comesse a sua carne e bebesse o seu sangue não teria a vida eterna.

Desta forma, todas as Suas palavras, Seus ensinamentos e Suas parábolas foram deturpadas e pervertidas, misturadas com palavras de abuso e ultraje, e atribuídas a Ele como crimes. As testemunhas, porém, contradiziam-se e confundiam-se umas com as outras. Um disse: "Ele se faz rei"; outro gritou: "Não! Ele só se permite ser assim, pois quando eles queriam proclamá-lo rei, ele fugiu. Então, um deles gritou: "Ele diz que é o Filho de Deus", ao que outro replicou: "Não, não é assim. Ele chama-se de Filho só porque Ele cumpre a vontade do Pai. Alguns declararam que os que ele curou voltavam a adoecer, de modo que seu poder de cura não era senão o efeito da magia. Muitas acusações foram feitas contra Ele, principalmente por causa da acusação de feitiçaria, e surgiram numerosas testemunhas. A cura do homem na Piscina de Betsaida foi apresentada sob uma luz distorcida e representada falsamente. Os fariseus de Seforis, com os quais Jesus certa vez discutiu sobre o assunto do divórcio, acusaram-no agora de ensinar falsa doutrina, e aquele jovem de Nazaré, a quem Ele havia recusado receber como discípulo, era tão vil que se apresentou e testemunhou contra Ele. Acusaram-no também de ter absolvido no templo a mulher apanhada em adultério, de ter cobrado impostos aos fariseus, e de muitas outras coisas.

Apesar de todos os seus esforços, não conseguiram provar nenhuma das suas acusações. A multidão de testemunhas parecia ter vindo mais com o propósito de zombar de Jesus em Sua face do que de dar testemunho. Disputaram acaloradamente entre si, enquanto Caifás e alguns dos conselheiros não cessavam de zombar e de fazer expressões de zombaria. Eles gritaram: "Que rei és tu? Mostra o teu poder! Chama os legiões de anjos de que faleste no Jardim das Oliveiras. Onde escondeste o dinheiro que recebeste das viúvas e dos simples? Desperdiçaste propriedades inteiras, e o que tens para mostrar? Responda! Fale! Agora que debes

falar perante os juízes, tu és mudo; mas onde teria sido melhor ficar calado, isto é, perante a multidão e a turba feminina, tu tens palavras suficientes, etc.

Todos esses discursos foram acompanhados de novos maus-tratos dos servos, que tentaram com algemas e golpes forçar Jesus a responder. Somente com a ajuda de Deus, ele foi capaz de viver mais tempo, para carregar os pecados do mundo. Algumas das testemunhas vis declararam que o Senhor era um filho ilegítimo, o que acusava outros contraditos com as palavras: "Isso é falso! Sua Mãe era uma Virgem piedosa pertencente ao Templo, e nós estávamos presentes em seu casamento com um homem muito temente a Deus. E então seguiu-se uma discussão acalorada entre estas últimas testemunhas.

Acusaram então Jesus e Seus discípulos de não oferecerem sacrifícios no Templo. É verdade que eu nunca vi Jesus ou os Apóstolos, depois que começaram a segui-Lo, trazendo qualquer sacrifício ao Templo, exceto o cordeiro pascal, embora José e Ana freqüentemente, durante sua vida, oferecessem sacrifício por Jesus. Mas essas acusações não tinham importância, pois os essênios nunca ofereciam sacrifício, e ninguém pensou em sujeitá-los à punição pela omissão. A acusação de feitiçaria era freqüentemente repetida, e mais de uma vez Caifás declarou que a confusão das testemunhas em suas declarações era devido à feitiçaria.

Alguns agora diziam que Jesus, contrariamente à lei, havia comido o cordeiro pascal no dia anterior, e que no ano anterior Ele havia sancionado outras irregularidades na mesma festa. Este testemunho deu origem a novas expressões de fúria e de zombaria da vil multidão. Mas as testemunhas ficaram tão perplexas e contraditadas umas às outras, que, mortificados e exasperados, Caifás e os conselheiros reunidos descobriram que nenhuma das acusações contra Jesus podia ser comprovada. Nicodemos e José de Arimatéia foram então chamados para explicar como foi que haviam permitido que Jesus comesse a Páscoa numa sala de jantar pertencente ao último nomeado. Tendo tomado seus lugares perante Caifás, provaram por documentos escritos que os galileus, segundo o costume antigo, tinham permissão de comer a Páscoa um dia antes do que os outros judeus. Acrescentaram que tudo o mais relacionado com a cerimônia tinha sido cuidadosamente observado, pois pessoas pertencentes ao Templo estavam presentes nela. Esta última afirmação confundiu grandemente as testemunhas, e os inimigos de Jesus ficaram especialmente exasperados quando Nicodemos mandou buscar os escritos e apontou as passagens que continham este direito dos galileus. Além de várias outras razões para este privilégio, que eu esqueci, havia esta: as imensas multidões congregadas ao mesmo tempo e para o mesmo propósito no Templo tornava impossível para todos a obter através das cerimônias em uma determinada hora; e novamente, se todos fossem voltar para casa ao mesmo tempo, as estradas seriam tão lotadas a ponto de torná-los intransitáveis. Ora, embora os galileus nem sempre fizessem uso de seu privilégio, Nicodemos provou incontestavelmente sua existência por meio de documentos escritos. A fúria dos fariseus contra Nicodemos tornou-se ainda maior quando este último concluiu suas observações dizendo que os membros do Conselho devem sentir-se grandemente ofendidos por serem chamados a presidir um julgamento instituído por preconceito tão evidente, levado a cabo com pressa tão violenta na noite anterior à mais solene de suas festas; e que as grosseiras contradições de todas as testemunhas em sua presença e perante a multidão reunida eram para eles um insulto positivo. Os fariseus olharam com ira para Nicodemos e, com descarada insolência, continuaram apressadamente a interrogar as testemunhas desprezíveis. Depois de muita evidência vergonhosa, perversa e mentirosa, duas testemunhas finalmente se apresentaram e disseram: "Jesus declarou que destruiria o templo feito por mãos, e em três dias edificaria

outro, não feito por mãos humanas". Mas estes dois também discutiram sobre suas palavras. Alguém disse: "Jesus ia construir um novo Templo; portanto, foi que Ele celebrou uma nova Páscoa em outro edifício, pois Ele ia destruir o antigo Templo". O outro replicou: "O edifício em que Ele comeu a Páscoa foi construído por mãos humanas, conseqüentemente Ele não quis dizer isso".

Caifás estava agora completamente exasperado, pois o mau tratamento dispensado a Jesus, as declarações contraditórias das testemunhas e a incompreensível paciência silenciosa do Acusado estavam começando a causar uma impressão muito profunda em muitos dos presentes, e algumas das testemunhas eram escarnecidas. O silêncio de Jesus despertou a consciência de muitos, e cerca de dez dos soldados ficaram tão tocados por isso que, sob o pretexto de indispostos, saíram do tribunal. Ao passarem por Pedro e João, disseram-lhes: "O silêncio de Jesus, o galileu, em meio a um tratamento tão vergonhoso é doloroso. É uma maravilha que a terra não engula os Seus perseguidores vivos. Mas diga-nos, para onde devemos ir? Os dois Apóstolos, no entanto, talvez porque não confiavam nos soldados ou temiam ser reconhecidos por eles ou pelos espectadores como discípulos de Jesus, responderam tristemente e em termos gerais: "Se a verdade te chama, siga-a; o resto vai cuidar de si mesmo". Então estes homens deixaram o pátio exterior da casa de Caifás, e apressaram-se a sair da cidade. Encontraram-se com algumas pessoas que as dirigiram a cavernas do outro lado do monte Sião, ao sul de Jerusalém. Ali encontraram escondidos vários dos apóstolos, que, a princípio, se afastaram deles com medo. Mas seus temores foram dissipados ao receberem notícias de Jesus e ao ouvirem que os próprios soldados estavam em perigo. Eles logo depois se separaram e se dispersaram para lugares diferentes.

Caifás, enfurecido com a disputa das duas últimas testemunhas, levantou-se de seu lugar, desceu alguns degraus até Jesus e disse: "Não respondes nada a este testemunho contra Ti?" Ele ficou irritado por Jesus não olhar para ele. Então os arqueiros puxaram a cabeça de Nosso Senhor pelos cabelos, e com os punhos Lhe deram golpes sob o queixo. Porém, o seu olhar permaneceu humilde. Caifás, com raiva, levantou as mãos e disse em um tom cheio de raiva: ?? Eu te conjuro pelo Deus vivo que Tu nos digas se Tu és o Cristo, o Messias, o Filho do Deus Altíssimo.

Um silêncio solene caiu sobre a multidão clamorosa. Jesus, fortalecido por Deus, disse com uma voz inexprimivelmente majestosa, uma voz que infundiu temor em todos os corações, a voz da Palavra Eterna: "Eu sou! Tu é que o dizes! E digo-vos, em breve verão o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus, e vindo nas nuvens do Céu!

Enquanto Jesus pronunciava estas palavras, vi-o brilhar com uma luz. Os céus estavam abertos sobre Ele e, de uma maneira inexprimível, vi Deus, o Pai Todo-Poderoso. Eu vi os anjos e as orações dos justos chorando, por assim dizer, e implorando por Jesus. Vi, além disso, a Divindade como se estivesse falando do Pai e de Jesus ao mesmo tempo: "Se fosse possível para Mim sofrer, Eu o faria, mas porque sou misericordioso, Eu tomei carne na Pessoa de Meu Filho, a fim de que o Filho do Homem possa sofrer. Eu só estou... mas olha! Ele está carregando os pecados destes homens, os pecados do mundo inteiro!

Eu vi bocejar abaixo de Caifás todo o abismo do Inferno, uma esfera de fogo repleta de formas horríveis. Vi Caifás em pé acima dela, separado dela apenas por uma fina crosta. Vi-o imbuído de uma raiva diabólica. Toda a casa parecia agora ser um só com o abismo aberto do inferno abaixo. Quando o Senhor declarou solenemente que Ele era o Cristo, o Filho de Deus, foi como se o Inferno se tornasse aterrorizado diante d'Ele, como se lançasse toda a força de sua fúria contra Ele por meio daqueles reunidos no tribunal de Caifás. Enquanto todas essas coisas me eram

mostradas em formas e imagens, vi o desespero e a fúria do Inferno em inúmeras formas horríveis surgindo em muitos lugares da terra. Lembro-me de ter visto entre eles multidões de imagens pequenas e escuras, semelhantes a cães, com patas curtas e garras grandes e longas, mas não me lembro agora de que espécie de maldade eram simbolizadas nelas. Lembro-me apenas dos números. Vi sombras de aspecto assustador semelhantes às que se moviam entre a maioria dos presentes, ou que se sentavam sobre a cabeça ou os ombros de muitos. A assembléia estava cheia deles, e eles incitavam o povo à ira e à maldade. Vi também neste momento, das sepulturas do outro lado de Sião, figuras horríveis subindo apressadamente. Acho que eram espíritos malignos. Na vizinhança do Templo, também vi muitas aparições a subir da terra. Alguns deles pareciam ser cativos, pois se moviam lentamente acorrentados. Não sei agora se estes últimos eram demônios, ou almas banidas para certos lugares da terra e que talvez agora estivessem indo para o Purgatório, que o Senhor estava prestes a abrir-lhes por Sua condenação à morte. Nunca se pode exprimir plenamente tais coisas por medo de escandalizar os ignorantes, mas quando se vê essas coisas, senti-las, e elas fazem os cabelos ficarem em pé. Este momento estava cheio de horror. Penso que João também deve ter visto algo disso, pois ouvi-o depois falar sobre isso. Os poucos que não foram inteiramente abandonados ao mal sentiram com profundo desânimo o horror deste momento, mas os ímpios experimentaram apenas uma explosão selvagem de raiva. Caifás, como se inspirado pelo Inferno, agarrou a orla do seu magnífico manto, cortou-o com uma faca e, com um ruído assobiante, rasgou-o enquanto exclamava em voz alta: "Ele blasfemou! Que necessidade temos de mais testemunhas? Eis que agora ouvistes a blasfêmia, o que julgais? Ao ouvirem estas palavras, toda a assembleia se levantou e gritou com voz horrível: "Ele é culpado de morte! Ele é culpado de morte!

Durante esses gritos, aquela fúria sinistra do Inferno era mais terrível na casa de Caifás. Os inimigos de Jesus pareciam estar possuídos por Satanás, assim como também os seus partidários e servos adutores. Era como se os poderes das trevas proclamassem seu triunfo sobre a luz. Tal sensação de horror caiu sobre todos os presentes em quem ainda havia alguma conexão pouco com o bem, que muitos deles puxou seus mantos mais perto em torno deles e soltou. As testemunhas pertencentes às classes superiores, visto que sua presença não era mais necessária, também deixaram a sala do julgamento, com a consciência atormentada pelo remorso. A turba, no entanto, reuniu-se em torno do fogo no pátio onde, tendo recebido o preço da sua perfídia, comeram e beberam em excesso.

O Sumo Sacerdote, dirigindo-se aos executores, disse: "Eu vos entrego este Rei. Dêem ao blasfemo as honras que lhe são devidas! Depois dessas palavras, ele se retirou com seu conselho para o salão redondo atrás do tribunal, em que ninguém podia ver a partir do vestibulo.

João, em sua profunda afeição, pensava apenas na Virgem. Ele temia que as terríveis notícias pudessem ser comunicadas a ela de repente por algum inimigo; então lançando a Jesus, o Santo dos Santos, um olhar que dizia: "Mestre, Tu sabes bem por que eu estou indo", ele se apressou do tribunal para procurar a Virgem Santíssima como enviado a ela pelo próprio Jesus. Pedro, bastante consumido pela ansiedade e dor e, por conta de sua exaustão corporal, sentindo agudamente a frieza sensível da manhã vindoura, escondeu seu profundo problema, bem como ele podia, e timidamente se aproximou do fogo no átrio, em torno do qual todos os tipos de pobres de baixa vida estavam aquecendo-se. Não sabia o que estava fazendo, mas não podia deixar o seu Mestre.

Jesus é zombado e insultado

Assim que Caifás, tendo entregue Jesus aos soldados, saiu da sala de julgamento com seu Conselho, a própria escória dos miseráveis presentes caiu como um enxame de vespas enfurecidas sobre Nosso Senhor, que até então havia sido preso por dois dos quatro carrascos que guiavam as cordas com que Ele estava preso. Dois deles tinham-se retirado antes da sentença, a fim de fazer a sua fuga com os outros. Até mesmo durante o julgamento, os executores e outros desgraçados tinham cruelmente arrancado punhados inteiros de cabelos da cabeça e da barba de Jesus. Algumas pessoas boas secretamente pegaram as tranças de cabelo do chão e escaparam com eles, mas depois de um pouco de tempo desapareceram de sua posse. Durante o julgamento também os malfeitores haviam cuspidos em Jesus, batido nele repetidamente com os punhos, picado-o com bastões cujas pontas arredondadas estavam armadas com pontas afiadas, e até mesmo haviam enfiado agulhas em Seu corpo. Mas agora eles exerceram sua maldade sobre Ele de uma maneira totalmente frenética e irracional. Colocaram sobre ele, um após o outro, várias coroas de palha e casca de árvore, entrelaçadas em várias formas ridículas, que, com palavras perversas de zombaria, depois lhe deram na cabeça. Às vezes gritavam: "Eis o Filho de Davi coroado com a coroa de Seu Pai!" Ou novamente: "Eis que aqui há mais do que Salomão!" Ou: "Este é o rei que está preparando um banquete de casamento para o seu filho!" E assim se tornaram a zombar de todas as verdades eternas que, para a salvação do gênero humano, Ele tinha ensinado em verdade e em parábolas.

Bateram-lhe com os punhos e com as varas, lançaram-no de lado a lado e cuspiram nele. Por fim, eles teceram uma coroa de palha de trigo grosseira, como a que cresce naquele país, e colocaram sobre ele um chapéu alto, quase semelhante às altas mitras dos dias atuais; e, depois de o despirem de sua túnica de malha, colocaram sobre a mitra a coroa de palha. Ali, agora, estava o pobre Jesus vestido apenas com a Sua venda íntima e o escapulário que caía em Seu peito e costas; mas este último eles logo o arrancaram, e Ele nunca o recuperou. Eles jogaram em volta dele um manto velho e esfarrapado, muito curto na frente para cobrir os joelhos, e colocaram em volta do pescoço dele uma longa corrente de ferro que, como uma estola, pendurava dos ombros através do peito e até os joelhos. As extremidades da corrente eram providas de dois anéis grandes e pesados, com pontas afiadas que, ao caminhar, batiam em Seus joelhos e os feriram gravemente. Eles voltaram a enfiar Suas mãos em Seu peito, colocaram nelas uma cana, e cobriram Seu rosto desfigurado com a saliva de suas bocas impuras. Seus cabelos rasgados e barba, Seu peito, e toda a parte superior do manto de escárnio estavam carregados de sujeira em todos os graus de repugnância. Eles cobriram-lhe os olhos com um pano, bateram-lhe com os punhos e os paus, e gritaram: "Grande profeta! Profecia, quem te feriu? Mas Jesus não lhe respondeu. Ele orou interiormente, suspirou e suportou seus golpes. Assim maltratado, com os olhos vendados e coberto de sujeira, arrastaram-no pela corrente para a sala do conselho, na parte de trás. Chutavam-no e o empurravam para a frente com seus paus, enquanto proferiam gritos de escárnio tais como: "Para a frente, ó Rei de Palha!" Ele deve mostrar-se ao Conselho com a insígnia real que lhe concedemos! Quando entraram na sala do conselho, onde muitos dos membros ainda estavam sentados com Caifás na plataforma elevada e semicircular, começou uma nova cena de indignação; e com um significado absolutamente vil e violação puramente sacrílega, os costumes e cerimônias sagrados foram imitados. Como, por exemplo, quando cobriram a Jesus de lama e cuspe, os vils malfeitores exclamaram: "Aqui está agora a Tua unção real,

a Tua unção profética!" Foi assim que eles zombaram da unção de Madalena e do Batismo. O que foi? gritaram zombetando: "Você vai comparecer perante o Sinédrio com este traje imundo?" Tu purificavas os outros, mas não te purificavas a ti mesmo. Mas agora vamos purificar-te. Depois trouxeram uma bacia cheia de água suja e lamacenta, na qual havia um pano grosseiro; e, em meio a empurrões, brincadeiras e zombarias misturadas com arcos de ferro e saudações, com o estiramento da língua em direção a ele ou com a apresentação de suas costas para ele, passaram o pano molhado sobre o rosto e os ombros dele como se o purificassem, embora, na realidade, o fizessem mais imundo do que antes. Finalmente, derramaram todo o conteúdo da bacia sobre o rosto dele com as palavras zombeteiras: "Aqui, agora, há bálsamo precioso para Ti! Lá agora, Tu tem água de nardo a um custo de trezentos peniques! Agora, Tu tens o Teu batismo da Piscina de Betsaida!

Este último ultraje mostrou, embora sem que eles o pretendessem, a semelhança entre Jesus e o cordeiro pascal, pois neste dia os cordeiros abatidos para sacrifício eram primeiro lavados no lago perto do portão das ovelhas e depois no Lago de Betsaida, ao sul do Templo. Eles eram então solenemente aspergidos com água antes de serem abatidos no Templo para a Páscoa. Os inimigos de Jesus estavam se referindo ao paralítico que havia ficado doente por trinta e oito anos, e que fora curado por Ele na piscina de Betsaida, pois depois vi aquele mesmo homem ser lavado ou batizado nas suas águas. Eu digo "lavado ou batizado", porque neste momento a ação com suas circunstâncias não se repete claramente em minha mente.

Agora arrastaram Jesus ao redor com pontapés e golpes no círculo formado pelos membros do Conselho, os quais todos o cumprimentaram com zombaria e blasfêmia. Vi a assembleia inteira cheia de imagens diabólicas e furiosas. Era uma cena de horrível escuridão e confusão. Mas ao redor do maltratado Jesus, desde o momento em que Ele disse que era o Filho de Deus, vi frequentemente uma glória, um esplendor. Muitos dos presentes pareciam ter uma percepção interior do mesmo, alguns mais, outros menos; eles experimentaram, pelo menos, um sentimento de pavor ao ver que, apesar do desprezo e da ignomínia com que Ele era carregado, a majestade indescritível de Seu porte permaneceu inalterada. A auréola ao Seu redor parecia incitar os Seus inimigos a um grau maior de fúria. Mas, para mim, essa glória parecia tão notável que sou da opinião de que eles cobriram o rosto de Jesus por essa razão, porque desde as palavras: "Eu sou Ele", o Sumo Sacerdote não podia mais suportar Seu olhar.

A negação de Pedro

Quando Jesus pronunciou solenemente as palavras: "Eu sou Ele", e Caifás rasgou as suas vestes, clamando: "Ele é culpado da morte", quando o salão ressoou com os gritos zombeteiros e furiosos da multidão, quando os céus se abriram sobre Jesus, quando o inferno deu vazão livre à sua fúria, quando os túmulos entregaram os seus espíritos cativos, quando tudo foi horror e consternação, então Pedro e João, que haviam sofrido muito por ter de testemunhar em silêncio e passivamente o terrível abuso a que Jesus foi submetido, não puderam mais permanecer. João saiu com muitos da multidão e algumas das testemunhas que estavam saindo do salão, e apressou-se para a mãe de Jesus, que estava hospedada na casa de Marta, não muito longe do portão da esquina, onde Lázaro possuía uma bela casa em Jerusalém. Mas Pedro não podia ir, ele amava Jesus demais. Ele mal conseguia conter-se. Ele chorou amargamente, embora tentasse esconder as lágrimas o

melhor que pudesse. Ele não podia permanecer mais tempo na sala de julgamento, pois sua profunda emoção o teria traído, nem podia sair sem atrair atenção. Então, ele se retirou para o átrio e tomou um lugar no canto perto da fogueira, em torno do qual soldados e pessoas de todos os tipos estavam de pé em grupos. Saíam de vez em quando para zombar de Jesus e depois voltavam para fazer seus comentários baixos e vulgares sobre o que haviam feito. Pedro permaneceu em silêncio; mas já o interesse que manifestava nos procedimentos, unido à expressão de profunda tristeza representada em seu semblante, chamou a atenção dos inimigos de Jesus. Neste exato momento, a porteira aproximou-se do fogo; e enquanto todos conversavam e brincavam com Jesus e com Seus discípulos, ela, como uma mulher ousada, descaradamente colocou sua palavra e, fixando seus olhos em Pedro, disse: "Tu também és um dos discípulos dos galileus!" Pedro, assustado e alarmado, e temendo o tratamento rude da multidão, respondeu: "Mulher, eu não o conheço! Não sei o que queres dizer. Não te compreendo! Com estas palavras, desejando libertar-se de mais observação, ele se levantou e deixou o átrio. Naquele momento, um galo, algures fora da cidade, cantou. Não me lembro de tê-lo ouvido, mas senti que estava cantando fora da cidade. Ao sair, outra criada o viu e disse aos que estavam ali: "Este também estava com Jesus, o nazareno". Perguntaram-lhe imediatamente: "Não és tu também um dos discípulos deste homem?" Pedro, muito perturbado e perplexo, respondeu com juramento: "Na verdade, eu não sou!" Eu nem sequer conheço o homem! E apressou-se através do pátio interior para o pátio exterior, para avisar alguns de seus conhecidos o que ele viu olhando para cima da parede. Estava chorando e tão cheio de tristeza e ansiedade por causa de Jesus, que mal pensou em sua negação. No outro pátio havia muita gente, entre eles alguns amigos de Jesus, que, não podendo aproximar-se mais do local da ação, tinham subido à parede para poder ouvir melhor. Pedro, tendo permissão para sair, encontrou entre eles vários discípulos que a ansiedade os forcara a sair de suas cavernas no monte Hinom. Eles foram direto até Pedro e, com muitas lágrimas, perguntaram-lhe sobre Jesus. Mas ele estava tão assustado e tão temeroso de se trair a si mesmo, que aconselhou-os, em poucas palavras, a irem embora, pois havia perigo eles onde estavam. Então, ele se afastou e vagou deprimido, enquanto eles, agindo segundo sua ordem, apressaram-se a sair da cidade. Reconheci entre eles uns dezesseis dos primeiros discípulos: Bartolomeu, Natanæel, Saturnino, Judas Barsabas, Simeão (mais tarde, Bispo de Jerusalém), Zaqueu e Manaém, o jovem dotado do dom de profecia, mas nascido cego, a quem Jesus havia restaurado a visão.

Pedro não podia descansar em lugar algum. Seu amor por Jesus o levou de volta ao pátio interior que cercava a casa. Deixaram-no entrar novamente, por causa de Nicodemos e de José de Arimatéia, que na primeira instância haviam obtido sua admissão. Ele não, no entanto, retornou ao tribunal da sala de julgamento, mas virando foi ao longo para a direita até que ele chegou à entrada da sala circular de volta do tribunal. Naquele salão, Jesus estava sendo arrastado e maltratado pela malvada multidão. Pedro aproximou-se trêmulo, e embora se sentisse objeto de observação, sua ansiedade por Jesus o levou a entrar pela porta, que estava cercada pela multidão que assistia aos ultrajes que Jesus sofria. Naquele momento, eles o arrastavam, coroado de palha, ao redor do círculo. Jesus lançou um olhar cheio de advertência sincera a Pedro, um olhar que penetrou-lhe a alma. Mas quando, ainda lutando com o medo, ele ouviu de alguns dos espectadores as palavras: "Quem é esse homem?" Ele voltou a entrar no tribunal. Ali, triste e distraído com compaixão por Jesus e ansioso pela sua própria segurança, vagueava com passos vagabundos. Por fim, vendo que ele estava atraindo a atenção sobre si

mesmo, ele voltou para o átrio e assentou-se ao pé da fogueira. Ele se sentara ali por um tempo considerável, quando alguns que o tinham visto lá fora e notado sua maneira preocupada e excitada voltaram a entrar e novamente dirigiram sua atenção a ele, ao mesmo tempo em que se referiam em termos desprezíveis a Jesus e Seus assuntos. Um deles disse: Em verdade, és um dos seus seguidores! Tu és um galileu. O teu discurso trai-te. Pedro começou a esquivar-se da observação e a sair do salão, quando um irmão de Malcos se aproximou dele e disse: "O quê! Não te vi com Ele no Jardim das Oliveiras? Não feriste a orelha do meu irmão?"

Pedro ficou como que fora de si com terror. Enquanto tentava libertar-se, ele começou a sua maneira impetuosa para amaldiçoar e jurar que ele não conhecia o homem, e terminou correndo para fora do átrio para o tribunal que cercava a casa. O galo cantou novamente. Naquele exato momento, Jesus estava sendo levado do salão circular e atravessando este pátio até uma prisão abaixo dele. Ele se virou para Pedro e lançou um olhar misturado de compaixão e tristeza. Forçosamente e com um poder aterrorizante, a palavra de Jesus caiu no seu coração: "Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás!" Esgotado pela tristeza e ansiedade, Pedro esquecera-se inteiramente de seu protesto presunçoso no Monte das Oliveiras, preferindo morrer com seu Mestre do que negá-Lo, assim como também do aviso que havia então recebido de Jesus. Mas naquele olhar, a enormidade da sua culpa levantou-se diante dele e quase quebrou o seu coração. Ele havia pecado. Ele havia pecado contra seu Salvador maltratado e injustamente condenado, que estava silenciosamente suportando os mais horríveis ultrajes, que tão verdadeiramente o havia advertido a estar em guarda. Cheio de remorso e tristeza, ele cobriu a cabeça com o manto e correu para o outro pátio, chorando amargamente. Já não tinha medo de ser abordado. Para todos que ele encontrou ele teria de bom grado proclamou quem ele era, e quão grande era o crime que repousava sobre ele. Quem se atreveria a dizer que, em tal perigo, aflição, ansiedade e perplexidade, em tal luta entre amor e medo, desgastado pela fadiga, consumido pela vigília, perseguido pelo pavor, meio louco de dor mental causada pelas tristezas esmagadoras daquela noite tão lamentável, com um temperamento ao mesmo tempo tão infantil e tão ardente, ele teria sido mais forte do que Pedro? O Senhor deixou Pedro à sua própria força, por isso ele se tornou tão fraco, assim como sempre fazem aqueles que perdem de vista as palavras: "Orai e vigiai, para que não entreis em tentação".

Maria na Sala de Julgamento de Caifás

A Virgem Santíssima, unida em constante compaixão interior com Jesus, conheceu e experimentou em sua alma tudo o que lhe aconteceu. Ela sofreu tudo com Ele em contemplação espiritual, e como Ele ela estava absorvida em oração contínua por Seus executores. Mas, ao mesmo tempo, seu coração-mãe clamava ininterruptamente a Deus para que Ele não permitisse que esses crimes fossem cometidos, para que Ele pudesse afastar esses sofrimentos de seu Filho Abençoado, e ela desejava irresistivelmente estar perto de seu pobre e ultrajado Jesus. Quando então João, depois do grito terrível: "Ele é culpado de morte!" deixou a corte de Caifás e foi até ela em Lázaro em Jerusalém, não muito longe do portão da esquina; e quando, por seu relato dos terríveis sofrimentos de seu Filho, ele confirmou o que ela já sabia bem da contemplação interior, ela ardentemente desejou ser conduzida junto com Madalena (que estava quase louca de tristeza), e algumas outras das santas mulheres, para onde ela pudesse estar perto de seu Jesus sofrente. João, que havia deixado a presença de Seu Divino Mestre apenas para consolar a ela que

estava ao lado de Jesus com ele, acompanhou a Virgem Santíssima quando conduzida pelas santas mulheres da casa. Madalena, contorcendo as mãos, vacilava com as outras ao longo das ruas iluminadas pela lua, que estavam cheias de pessoas voltando para suas casas. As santas mulheres estavam veladas. Mas seu pequeno grupo, firmemente apegado um ao outro, seus soluços ocasionais e expressões de tristeza, que não podiam ser contidos, chamavam a atenção dos transeuntes, muitos dos quais eram inimigos de Jesus; e as palavras amargas e abusivas que ouviam proferidas contra o Senhor aumentavam sua dor. A Mãe mais aflita sofreu em constante contemplação interior os tormentos de Jesus, que, no entanto, como todas as outras coisas, ela manteve silenciosamente em seu coração; pois, como Ele, ela sofreu com Ele em silêncio. As santas mulheres apoiaram-na nos seus braços. Ao passarem por baixo de um portão arqueado do centro da cidade, por onde o seu caminho os conduzia, foram recebidos por algumas pessoas bem-dispostas que voltavam da sala de julgamento de Caifás e lamentavam as cenas que tinham presenciado. Aproximaram-se das santas mulheres e, reconhecendo a Mãe de Jesus, pararam um momento para saudá-la com sincera compaixão: "Ó Mãe mais infeliz! Mãe aflita! Oh, mãe angustiada do Santo de Israel! Maria agradeceu-lhes sinceramente, e as santas mulheres com passos apressados continuaram seu triste caminho.

Ao se aproximarem de Caifás, o caminho conduzia ao lado oposto da entrada, onde havia apenas uma muralha em volta, ao passo que, do lado da própria entrada, passava por dois pátios. Ali uma tristeza nova e amarga estava à espera da Mãe de Jesus e de suas companheiras. Elas tiveram que passar por um lugar alto e nivelado sobre o qual, sob um toldo de luz, a Cruz de Cristo estava sendo construída à luz de tochas. Os inimigos de Jesus já haviam, assim que Judas saiu para traí-Lo, ordenado que a Cruz fosse preparada para Ele assim que Ele fosse preso, pois então Pilatos não teria motivo para demorar. Eles pensaram entregar o Senhor muito cedo a ele para a sentença de morte; não esperavam que demorasse tanto. Os romanos já haviam preparado as cruzes para os dois ladrões. Os trabalhadores, cheios de desgosto por serem obrigados a trabalhar durante a noite, proferiram horríveis maldições e epítetos abusivos que, com cada golpe do martelo, perfuraram o coração da Mãe mais aflita. Ainda orou por aqueles desgraçados cegos que, amaldiçoando e jurando, estavam montando o instrumento para sua própria redenção, e o cruel martírio de seu Filho.

Quando então chegaram ao pátio exterior da casa, Maria, no meio das santas mulheres e acompanhada por João, retirou-se para um canto sob o portão que conduz ao pátio interior. A sua alma, cheia de sofrimentos inexprimíveis, estava com Jesus. Ela suspirou para que a porta fosse aberta, e esperava, através da intervenção de João, para ser admitida. Ela sentiu que apenas esta porta a separava de seu Filho, que, ao segundo canto do galo, devia ser conduzido para fora da casa e para a prisão abaixo. Por fim, a porta se abriu e Pedro, chorando amargamente, com a cabeça coberta e as mãos estendidas, correu ao encontro da multidão que saía. O brilho das tochas, somado à luz da lua, permitiu-lhe reconhecer imediatamente João e a Virgem. Parecia-lhe que a consciência, que o olhar do Filho tinha despertado e aterrorizado, estava diante dele na pessoa da Mãe. Oh, como a alma do pobre Pedro tremeu quando Maria o abordou com: "Ó Simão, e o meu Filho, e o Jesus?" Incapaz de falar ou de suportar o olhar dos olhos de Maria, Pedro se afastou, contorcendo as mãos. Mas Maria não desistia. Ela se aproximou dele e disse com voz cheia de emoção: "Ó Simão, filho de Cefas, não me respondes?" Então, com a mais profunda aflição, Pedro exclamou: "Ó Mãe, não fale comigo! O teu Filho está sofrendo cruelmente. Não fales comigo! Eles condenaram-no à morte, e eu o neguei

vergonhosamente três vezes! E, quando João se aproximou para falar com ele, Pedro, como alguém enlouquecido de tristeza, apressou-se a sair do tribunal e fugiu da cidade. Não parou até chegar à caverna no Monte das Oliveiras, cujas pedras tinham impressas as marcas das mãos de Jesus enquanto Ele orava. Nessa mesma caverna, nosso primeiro pai, Adão, fez penitência, pois foi ali que ele chegou pela primeira vez à terra carregada de maldições.

A Virgem Santíssima, em compaixão por Jesus naquela nova dor, a de ser negado pelo discípulo que tinha sido o primeiro a reconhecê-Lo como o Filho do Deus Vivo, com estas palavras de Pedro e caiu sobre o pavimento de pedra em que ela estava de pé junto ao pilar do portão. As marcas de sua mão ou pé permaneceram impressos sobre a pedra, que ainda existia, embora eu não me lembro agora onde eu a vi. A maior parte da multidão havia se dispersado depois que Jesus foi preso, e a porta do tribunal ainda estava aberta. Levantando-se de onde ela tinha caído e desejando estar mais perto de seu amado Filho, João conduziu a Virgem e as santas mulheres à frente da prisão do Senhor. Maria estava de fato com Jesus em espírito e sabia tudo o que estava acontecendo com Ele, e Ele também estava com ela. Mas esta Mãe tão fiel desejava ouvir com os seus ouvidos corporais os suspiros do seu Filho. Ela podia, na sua posição atual, ouvir tanto os suspiros de Jesus como os insultos que eram dirigidos a Ele. O pequeno grupo não podia ficar ali por muito tempo sem ser observado. Madalena estava muito agitada para vencer a veemência de seu luto, e embora a Virgem Santíssima por uma graça especial parecesse maravilhosamente digna e venerável em sua manifestação externa de seu grande sofrimento, ainda assim, mesmo enquanto percorria essa curta distância, ela era obrigada a ouvir palavras de insolência amargas, como: "Não é esta a Mãe do Galileu?" Seu filho será certamente crucificado, embora não antes da festa, a menos que ele seja o maior dos criminosos. A Virgem Santíssima virou-se e, guiada pelo Espírito que a iluminava interiormente, foi até a lareira no átrio, onde apenas alguns da multidão ainda estavam de pé. Suas companheiras seguiram-na em tristeza sem palavras. Neste lugar de horror, onde Jesus havia declarado que era o Filho de Deus e onde a prole de Satanás havia gritado: "Ele é culpado de morte", a angústia da mais aflita Mãe era tão grande que ela parecia mais uma pessoa moribunda do que viva. João e as santas mulheres levaram-na para longe do local. Os espectadores ficaram em silêncio, como se estivessem atordoados. O efeito produzido pela presença de Maria foi o que poderia ser causado por um espírito puro passando pelo inferno.

O pequeno grupo prosseguiu ao longo de um caminho que seguia para trás da casa, e passaram pelo lugar triste sobre o qual a Cruz estava sendo preparada. Tal como foi difícil pronunciar a sentença de Jesus, também foi difícil preparar a Sua Cruz. Os trabalhadores eram obrigados a frequentemente trazer madeira fresca, porque esta ou aquela peça provava ser desigual ou quebrava sob suas mãos. Foi desta maneira que se empregaram as várias espécies de madeira que Deus quis que fossem usadas. Tive muitas visões sobre este assunto, e vi os anjos impedirem os obreiros em sua obra, até que recomencessem e a terminassem como Deus queria que fosse feita. Mas, como não me lembro claramente das várias circunstâncias, passarei por cima delas.

Jesus é preso

A cela da prisão em que Jesus foi colocado ficava sob o tribunal de Caifás. Era uma pequena abóbada circular. Uma parte dela, vi que existe mesmo atualmente. Apenas dois dos quatro executores permaneceram com Jesus. Depois de um breve

intervalo, trocaram de lugar com outros dois, e estes também logo ficaram aliviados. Não haviam devolvido ao Senhor as Suas próprias vestes. Ele estava vestido apenas com o manto imundo da zombaria, e Suas mãos ainda estavam amarradas.

Quando o Senhor entrou na prisão, Ele orou a Seu Pai Celestial para aceitar todo o desprezo e maus-tratos que Ele havia suportado até aquele momento e tudo o que Ele ainda tinha que sofrer em expiação pelos pecados de Seus executores e por todos aqueles que, em eras futuras, poderiam estar em perigo de pecar por impaciência e raiva.

Mesmo naquela prisão, os executores não permitiram que Jesus descansasse. Amarraram-no a um pilar baixo que ficava no centro da prisão, embora não o permitissem apoiar-se nele. Ele foi obrigado a cambalear de um lado para o outro sobre Seus pés cansados, que estavam feridos e inchados de freqüentes quedas e dos golpes da corrente que pendurava de Seus joelhos. Eles não cessaram de zombar e ofender a Ele, e quando os dois executores encarregados ficaram cansados, outros dois os substituíram, e novas cenas de vilania foram praticadas.

Não é possível para mim repetir todos os atos de maldade cometidos contra o mais puro e o mais santo. Estou muito doente. Estou quase a morrer de compaixão. Ah, quão envergonhados devemos estar de que, por efeminação e pedanteza, não suportemos falar ou ouvir os pormenores de tudo o que o inocente Redentor pacientemente sofreu por nós. O horror nos apodera em tais ocasiões, semelhante ao de um assassino forçado a pôr as mãos sobre as feridas de sua vítima. Jesus suportou tudo sem abrir os lábios; e foi o homem, o homem pecador, que assim se enfureceu contra Seu irmão, Seu Redentor e Seu Deus. Eu também sou uma pobre criatura pecadora, e foi por minha causa que todo este sofrimento caiu sobre Ele. No Dia do Juízo, todas as coisas serão reveladas. Então veremos como, no maltrato do Filho de Deus, quando como o Filho do Homem Ele apareceu no tempo, nós tivemos uma parte pelos pecados que cometemos com tanta freqüência, e que são de fato uma espécie de continuação e participação nos ultrajes oferecidos a Jesus por aqueles malfeitores diabólicos. - Não! Se refletirmos corretamente sobre isso, devemos mais fervorosamente do que nunca repetir as palavras encontradas em tantos de nossos livros de oração: "Senhor, deixe-me morrer antes a jamais ultrajar-Te novamente pelo pecado!"

Estando em Sua prisão, Jesus orou ininterruptamente por Seus torturadores. Quando finalmente se cansaram de seu esporte cruel e ficaram um pouco quietos, vi Jesus apoiado contra o pilar e cercado de luz. Era o amanhecer, o dia do Seu infinito sofrimento e expiação. O dia da nossa Redenção olhou vagamente através de uma abertura na parede da prisão e brilhou sobre o nosso santo e mal usado Cordeiro Pascal, que tomou sobre Si todos os pecados do mundo. Jesus levantou Suas mãos algemadas para saudar a luz amanhecendo e pronunciou clara e audivelmente uma oração muito comovente a Seu Pai Celestial. Nela, Ele agradeceu por enviar este dia após o qual os Patriarcas haviam suspirado, após o qual Ele também, desde Sua vinda à terra, tinha ansiado tão ardentemente que irrompeu no clamor: "Tenho um batismo com o qual devo ser batizado, e como estou angustiado até que seja realizado!" Quão comoventemente o Senhor agradeceu por este dia, que era para realizar o objetivo de Sua vida, nossa salvação; que era abrir o Céu, subjugar o Inferno, abrir a fonte de bênçãos para a humanidade, e cumprir a vontade de Seu Pai! Repeti essa oração depois de Jesus, mas agora não me lembro dela. Eu estava tão doente de compaixão, e eu tinha que chorar sobre Suas dores. Enquanto Ele continuava a agradecer por todos os terríveis sofrimentos que Ele suportou por mim, eu não desistia de implorar: "Ah, dá-me, dá-me as tuas dores!" São minhas por direito, são todas pelos meus crimes! A luz brilhou, e Jesus saudou o dia com uma

oração de agradecimento tão comovente que, completamente dominado pelo amor e pela compaixão, repeti Suas palavras depois Dele como uma criança. Foi uma cena indescritivelmente triste, sagrada e solene, uma cena cheia de amor ver Jesus, depois da terrível agitação da noite, radiante de luz por aquele baixo pilar no centro de Sua estreita cela de prisão, e saudando com gratidão o primeiro raio do amanhecer naquele grande dia de Seu sacrifício propiciatório. Ah! Esse raio de luz veio a Jesus como um juiz poderia visitar um criminoso na prisão para se reconciliar com ele antes da execução da sentença. Jesus agradeceu-lhe com tanto amor. Os carrascos, esgotados, pareciam adormecer. De repente, olharam para cima, maravilhados, mas não perturbaram a Jesus. Pareciam assustados e espantados. Jesus pode ter passado algo mais de uma hora nesta prisão.

Judas na Sala do Julgamento

Enquanto Jesus estava na prisão, Judas, que até então - como alguém em desespero e conduzido pelo demônio - vagueava pelo Vale de Hinom, no íngreme lado sul de Jerusalém, onde não havia nada além de lixo, ossos e carcaça, aproximou-se do recinto da sala de julgamento de Caifás. Ele furtou com o feixe de moedas de prata, o preço de sua traição, ainda pendurado no cinto ao seu lado. As peças estavam ligadas por uma pequena corrente. Tudo estava em silêncio. Judas, que não o reconhecia, perguntou ao guarda o que ia acontecer ao galileu. Eles responderam: "Ele foi condenado à morte e será crucificado". Ouviu algumas pessoas dizendo umas às outras quão terrivelmente Jesus tinha sido tratado e quão paciente Ele era, ao passo que outras diziam que ao amanhecer Ele deveria aparecer novamente perante o Supremo Conselho para receber condenação solene. Enquanto o traidor, a fim de escapar de reconhecimento, reuniu esta notícia aqui e ali, o dia amanheceu e as coisas começaram a ficarem agitadas tanto dentro como ao redor do salão. Judas, para evitar ser visto, esgueirou-se atrás da casa. Como Caim, fugiu da vista dos homens. O desespero estava tomando posse de sua alma. Mas o que ele encontrou ali? Este era o lugar onde a Cruz tinha sido montada. As várias peças estavam em ordem, uma ao lado da outra, e os trabalhadores, envoltos em seus mantos, estavam dormindo. O céu brilhou com uma luz branca sobre o Monte das Oliveiras, como se tremeu à vista do instrumento de nossa Redenção. Judas olhou para ele horrorizado, e fugiu. Ele tinha visto o final para o qual ele tinha vendido o Senhor! Ele fugiu do local e se escondeu, determinado a aguardar o resultado do julgamento da manhã.

O julgamento da manhã

Assim que se tornou claro, Caifás, Anás, os anciãos e os escribas reuniram-se no grande salão para realizar um julgamento perfeitamente legal. O julgamento à noite não era legal. O da noite anterior tinha sido realizada apenas porque o tempo pressionava por conta da festa, e que alguns dos atestados preparatórios podiam ser tomadas. A maioria dos membros havia passado o resto da noite em aposentos laterais na casa de Caifás, ou em leitos preparados para eles acima do tribunal; mas muitos, tais como Nicodemos e José de Arimatéia, foram embora e voltaram ao amanhecer. Era uma grande assembléia, e os negócios eram conduzidos de maneira muito apressada. Quando agora fizeram um conselho contra Jesus, a fim de condená-Lo à morte, Nicodemos, José de Arimatéia e alguns outros se opuseram aos Seus inimigos. Eles exigiram que o caso fosse adiado até depois da festa, a fim de não dar origem a um tumulto entre o povo.

Argumentaram também que nenhuma sentença justa poderia ser proferida sobre as acusações ainda apresentadas, visto que todas as testemunhas se contradizeram. Os sumo sacerdotes e seu grande grupo ficaram exasperados com esta oposição, e disseram aos seus opositores em termos claros que compreendiam claramente por que este julgamento era tão repugnante para eles, visto que, talvez, eles mesmos não eram completamente inocentes por terem tomado parte nas doutrinas do galileu. Os sumo sacerdotes chegaram mesmo ao ponto de excluir do Conselho todos os que de alguma forma estavam bem-dispostos para com Jesus. Estes membros protestaram contra tomar qualquer parte nos seus procedimentos, deixaram a sala de julgamento e dirigiram-se ao Templo. Daquele momento em diante nunca mais se sentaram no Conselho, Caifás ordenou que Jesus fosse levado perante os juízes, e que estes se preparassem para levá-lo a Pilatos imediatamente após o julgamento. Os oficiais de justiça foram tumultuados para a prisão, desamarraram as mãos de Jesus, arrancaram o velho manto com que o cobriam, obrigaram-no a vestir a túnica, toda coberta com a sujeira que lhe tinham colocado, amarraram as cordas em volta da cintura e eles os arrastaram para fora da masmorra. Tudo isso foi feito às pressas e com brutalidade feroz. Jesus foi conduzido entre os soldados.

Já juntos em frente da casa, e quando ele apareceu aos seus olhos, semelhante a uma vítima levada ao sacrifício, horivelmente desfigurado por tantos abusos, vestido apenas com a sua túnica manchada, o desgosto inspirou-lhes novas crueldades; pois não havia nenhum traço de compaixão no peito de bronze daqueles judeus.

Caifás, irado com Jesus, que apareceu diante dele em tão deplorável estado, disse-lhe: “Se tu és o ungido de Deus; Se você é o Messias, conte-nos.”

Jesus ergueu a cabeça e disse com santa paciência e grave solenidade: “Se eu vos disser, não acreditareis em mim; e se eu vos questionar, não me respondereis, nem me deixareis ir livre; mas de agora em diante o Filho do Homem sentar-se-á à direita do poder de Deus”. Eles se entreolharam e disseram a Jesus: “Você é então o Filho de Deus?” Jesus, com a voz da verdade eterna, respondeu: “Você diz; eu o sou”. Quando ouviram isso, todos gritaram: “Por que queremos mais provas? Ouvimos a blasfêmia da sua própria boca”.

Ao mesmo tempo, eles prodigalizaram Jesus com palavras de desprezo. “Aquele desgraçado, diziam, aquele vagabundo, aquele mendigo da plebe mais baixa quer ser o Messias deles e sentar-se à direita de Deus!” Mandaram amarrá-lo novamente e colocar uma corrente em seu pescoço, como faziam com os condenados à morte, para levá-lo a Pilatos. Já lhe haviam enviado um mensageiro para informá-lo de que estavam prontos para julgar um criminoso; porque era urgente por causa da festa. Falavam entre si indignados sobre a necessidade de ir ao governador romano para ratificar a sentença; porque em assuntos que não diziam respeito às suas leis religiosas e às do templo, não podiam executar a sentença de morte sem a sua participação. O objetivo era fazê-lo parecer um inimigo do imperador e, nesse conceito, a decisão cabia principalmente à jurisdição de Pilatos. Os soldados já estavam alinhados em frente à casa; Havia também muitos inimigos de Jesus e muitas multidões. Os príncipes dos sacerdotes e uma parte do Conselho foram adiante; atrás do Salvador, cercado por soldados; O povo encerrou a marcha. Nesta ordem desceram de Sião para a parte baixa da cidade e foram ao palácio de Pilatos. Alguns dos sacerdotes que participaram do Concílio foram ao templo para assistir às cerimônias do dia.

O desespero de Judas

Judas, o traidor, espreitando não muito longe, ouviu o barulho da procissão que avançava, com palavras como estas, proferidas por aqueles que ficavam para trás, apressando-se a segui-la: "Levam-no a Pilatos. O Sinédrio condenou o Galileu à morte, Ele tem de morrer na Cruz. Ele não pode viver muito mais, pois já O trataram de forma terrível.

Ele tem uma paciência excessiva, não responde nada, como alguém que está fora de si. Não fala senão para dizer que é o Messias e que um dia se sentará à direita de Deus. Isso é tudo o que ele diz, portanto ele deve ser crucificado. Se Ele não tivesse dito isso, não poderiam ter levantado nada contra Ele, mas agora Ele deve ser pregado na cruz. O miserável que O traiu era um dos Seus próprios discípulos e tinha comido com Ele o cordeiro da Páscoa pouco tempo antes. Eu não gostaria de ter uma parte nesse ato. Seja qual for o galileu, nunca vi entregar um amigo à morte por dinheiro. Na verdade, o desgraçado que o vendeu merece ser enforcado! Então a angústia, o desespero e o remorso começaram a lutar na alma de Judas, mas já era tarde demais. Satanás instigou-o a fugir. O saco de moedas de prata pendurado de seu cinto sob seu manto era para ele como um estímulo infernal. Ele agarrou-a firmemente em sua mão, para evitar que ele despencasse e o atrapalhasse a cada passo. Ele correu a toda a velocidade, não atrás da procissão, não para se lançar no caminho de Jesus para implorar misericórdia e perdão, não para morrer com Jesus. Não, não para confessar com contrição perante Deus o seu terrível crime, mas para se libertar da sua culpa e do preço da sua traição perante os homens. Como alguém desprovido de seus sentidos, ele correu para o Templo, onde vários do Conselho, como superintendentes dos sacerdotes cujo dever era servir, também alguns dos anciãos, tinham ido diretamente após a condenação de Jesus. Eles olharam admirados um para o outro, e, em seguida, fixaram o olhar com um sorriso orgulhoso e desdenhoso em Judas, que estava diante deles, seu rosto distorcido por tristeza desesperada. Ele rasgou a bolsa de moedas de prata de seu cinto e segurou-a com a mão direita em direção a eles, enquanto, em voz agonizante, gritava: Tomai de volta o vosso dinheiro! Por isso, me levaram a trair o Justo. Retire o seu dinheiro! Libertem Jesus! Lembro-me do meu contrato. Pequei gravemente ao trair sangue inocente! Os sacerdotes derramaram sobre ele toda a medida do seu desprezo. Levantando as mãos, recuaram diante da prata oferecida, como se quisessem preservar-se da contaminação, e disseram: Que temos nós com teu pecado? Achas que vendeste sangue inocente? Cuidado com isso! É problema seu! Sabemos o que compramos de ti, e achamos que ele merece a morte, tens o teu dinheiro. Não queremos nada disso! Com estas e outras palavras semelhantes ditas rapidamente e à maneira de homens que têm negócios em mãos e que desejam afastar-se de um visitante importuno, eles se afastaram de Judas. O tratamento deles inspirou-lhe tal raiva e desespero que ele ficou como um louco. Seu cabelo ficou em pé, e com ambas as mãos ele rasgou a corrente que juntava as moedas de prata, espalhou-as no Templo e fugiu da cidade.

Vi-o novamente correndo como um maníaco no Vale de Himmon com Satanás sob uma forma horrível ao seu lado. O diabo, para levá-lo ao desespero, sussurrava ao seu ouvido todas as maldições que os Profetas haviam invocado sobre este vale, onde os judeus haviam sacrificado seus próprios filhos aos ídolos. Parecia-lhe que todas essas maldições eram dirigidas contra ele mesmo; como, por exemplo, "Eles sairão e verão os cadáveres daqueles que pecaram contra mim, cujo verme não morre e cujo fogo nunca se extingue". Então, soou novamente em seus ouvidos: "Caim, onde está Abel, teu irmão?" O que fizeste? O seu sangue clama a mim.

Maldito és tu na terra, um vagabundo e um fugitivo! E quando, chegando ao riacho Cedron, olhou para o Monte das Oliveiras, ele estremeceu e virou os olhos, enquanto em seus ouvidos ressoavam as palavras: "Amigo, de onde vieste?" Judas, trais o Filho do Homem com um beijo?

Oh, então o horror encheu a sua alma! Sua mente começou a divagar, e o demônio novamente sussurrou em seu ouvido: "Foi aqui que Davi atravessou o Cedron quando fugiu de Absalão. Absalão morreu pendurado numa árvore. Davi também cantou a teu respeito quando disse: "E retribuíram-me o mal pelo bem. Que ele tenha um juiz duro! Que Satanás esteja à sua direita, e que todo tribunal de justiça o condene! Que os seus dias sejam poucos, e que outro ocupe o seu lugar! Que o Senhor se lembre da iniquidade de seu pai, e que o pecado de sua mãe não seja apagado; porque perseguiu sem piedade os pobres, e matou os de coração quebrantado. Ele amou a maldição, e a maldição virá sobre ele. E se vestiu de maldição como de seu manto, e entrou como água nos seus intestinos, e como óleo nos seus ossos. Que seja para ele como uma roupa que o cobre, e como um cinto que o envolva para sempre. Em meio a esses terríveis tormentos de consciência, Judas chegou a um lugar desolado cheio de lixo, lixo e água pantanosa ao sudeste de Jerusalém, ao pé do Monte dos Escândalos, onde ninguém podia vê-lo. Da cidade surgiram repetidos sons de tumulto barulhento, e Satanás sussurrou novamente: Agora Ele está sendo levado à morte! Tu vendeste-o! Não sabes que a lei diz: Quem vender uma alma entre os seus irmãos, e receber o preço dela, morrerá de morte? Acaba com isso, seu desgraçado! Acaba com isso! Vencido pelo desespero, Judas pegou seu cinto e enforcou-se numa árvore. A árvore era uma que consistia de vários troncos, e surgia de um oco no chão. Enquanto estava pendurado, o seu corpo partiu-se, e as suas entranhas derramaram-se em terra.

Jesus é levado a Pilatos

A multidão desumana que conduziu Jesus de Caifás a Pilatos passou pela parte mais populosa da cidade, que agora estava repleta de convidados da Páscoa e de incontáveis estranhos de todas as partes do país. A procissão prosseguiu em direção ao norte, do Monte Sião, descendo por uma rua bem construída que atravessava o vale, depois por uma parte da cidade chamada Acre, ao longo do lado oeste do Templo, até o palácio e o tribunal de Pilatos, que ficava no canto noroeste do Templo, em frente ao grande fórum, ou mercado.

Caifás e Anás, com um grande número de membros do conselho supremo vestidos com trajes de estado, avançaram na procissão. Por trás deles eram carregados rolos de escrita. Foram seguidos por numerosos escribas e outros judeus, entre eles todas as testemunhas falsas e os fariseus exasperados que haviam sido particularmente ativos na acusação anterior do Senhor. Então, depois de uma curta distância intermediária, cercado por uma multidão de soldados e aqueles seis funcionários que estavam presentes na captura, veio nosso querido Senhor Jesus amarrado como antes com cordas que eram conduzidas pelos carrascos. A multidão veio correndo de todos os lados e juntou-se à procissão com gritos e imprecações. Multidões de pessoas se atropelavam ao longo do caminho.

Jesus estava coberto apenas com a sua roupa interior, toda cheia de manchas e sujeira; Sua longa corrente, enrolada no pescoço, machucava seus joelhos quando ele andava; Suas mãos estavam amarradas como no dia anterior, e os oficiais de justiça o levaram embora com cordas que amarraram em sua cintura. Estava desfigurado pelo cansaço e pelos ultrajes da noite, pálido, com o rosto ensanguentado, e mesmo por isso não houve trégua nas ignomínias e nos ultrajes

bárbaros. Eles reuniram muita gente, parodiando a entrada no Domingo de Ramos. Eles o chamaram de Rei, por zombaria; Em seu caminho atiraram pedras, paus e trapos esfarrapados, como se zombassem de sua entrada triunfal de mil maneiras. Não muito longe do palácio de Caifás, a Mãe de Jesus esperava, encostada na esquina de uma casa, com João e Madalena. Sua alma estava sempre com Jesus; Porém, quando conseguiu aproximar-se dele corporalmente, o amor não a deixava descansar e arrastava-a nos passos de Jesus. Depois da visita noturna à corte de Caifás, ela passou algum tempo no Cenáculo, imersa em uma dor silenciosa. Depois que Jesus foi tirado da prisão para ser novamente apresentado aos juízes, levantou-se, vestiu o véu e o manto e, saindo primeiro, disse a Madalena e a João: "sigamos meu Filho até a casa de Pilatos: quero ir para vê-lo." com meus próprios olhos." Eles foram até um lugar onde ele deveria de passar e esperaram. A Mãe de Jesus sabia muito bem quanto sofria o seu Filho; mas a sua visão interior não podia vê-lo tão desfigurado e espancado como de fato estava pela crueldade dos homens, porque a sua dor parecia adoçada por um raio de santidade, de paciência e de amor; mas, infelizmente! A tremenda realidade foi apresentada aos seus olhos. Primeiro vieram os orgulhosos inimigos de Jesus, os sacerdotes, vestidos com os seus trajes festivos, com os seus planos deicidas e as suas almas cheias de malícia e mentiras.

Espetáculo terrível! Os sacerdotes de Deus se tornaram sacerdotes de Satanás. Imediatamente vieram as falsas testemunhas, os acusadores infiéis, o povo com os seus clamores e gritos; Finalmente, Jesus, o Filho do homem, o Filho de Maria, o Filho de Deus, amarrado, esbofeteado, empurrado, ferido, arrastado, coberto por uma imensa e interminável onda de insultos e maldições. Ah! Se ele não fosse o mais lamentável, o mais abandonado, aquele que rezava sozinho e amava nesta tempestade de inferno desencadeado, sua Mãe nunca o teria conhecido em tal estado. Ao se aproximar, exclamou, soluçando: "Ah! Este é meu Filho?

Ah! Ele é meu Filho. Ó Jesus, meu Jesus!" Ao passar na frente deles, Jesus olhou para ela com ternura, e ela caiu atordoada; João e Madalena a levaram embora. Mas assim que ela acordou, ela pediu que João a levasse ao palácio de Pilatos.

Jesus devia experimentar no trânsito como os amigos nos abandonam na desgraça; pois os habitantes de Ofel estavam juntos à beira da estrada, e quando o viram nesse estado de abatimento, sua fé declinou, não podendo assim representar o Rei, o Profeta, o Messias, o Filho de Deus. Os fariseus zombaram deles por causa de seu amor a Jesus, dizendo: "Vocês têm o seu rei; saúdem-no. Não lhe dizes nada agora que vai à sua coroação, antes de subir ao trono? Os seus milagres acabaram; o Sumo Sacerdote pôs fim aos seus feitiços ?? ; e outros discursos deste jæz. Aquelas pobres pessoas, que haviam recebido tantas graças e tantos benefícios de Jesus, desmaiaram diante do terrível espetáculo que lhes davam as pessoas mais reverentes do país, os príncipes, os sacerdotes e o Sinédrio. Os melhores retiraram-se com dúvidas; os piores juntaram-se à população quando puderam, pois os fariseus tinham posto guardas para manter a ordem.

O palácio de Pilatos e seus arredores

No sopé do canto noroeste da montanha do templo ficava o palácio do governador romano Pilatos. Era bastante elevado, visto que era ascendido por vários degraus de mármore, e dava para uma ampla praça, rodeada de galerias ocupadas por mercadores; Uma guarita e quatro entradas a Pöente, Nascente, Norte e Sul, interrompiam a praça, que se chamava Fórum. Esta praça era mais alta que as ruas que dela saíam; O palácio de Pilatos era separado dela por um amplo pátio.

Este pátio tinha como porta a nascente um claustro que dava para uma rua que

dava acesso à Porta das Oliveiras e ao Horto das Oliveiras; A oeste tinha outro claustro, por onde se seguia até Sião pelo bairro de Ancra. Da escadaria de Pilatos avistava-se o Fórum acima do pátio, na entrada onde existiam colunas de pedra e bancos voltados para o palácio. Os sacerdotes judeus não foram além destes bancos para não se contaminarem ao entrar no tribunal de Pilatos. Perto da porta ocidental do pátio fora construída uma guarita, que se unia ao norte com a praça, ao sul com o Pretório de Pilatos, formando uma espécie de vestibulo entre a Praça e o Pretório. A parte do palácio onde Pilatos realizava os julgamentos era chamada de Pretório. A guarita era cercada por colunas; No centro havia um espaço ao ar livre e abaixo dele havia masmorras onde jaziam os dois famosos ladrões. Havia muitos soldados romanos. Não muito longe daquela guarita, perto das galerias que a rodeavam, erguia-se acima da própria praça a coluna na qual Jesus estava amarrado; Existiam várias outras na área da praça; As que estavam mais próximas eram utilizadas para impor castigos corporais e as que estavam mais distantes eram utilizadas para amarrar animais colocados à venda. Em frente à guarita, na praça, avistava-se um alçado com alguns bancos de pedra; Era como um tribunal.

Daquele lugar, chamado Gabbata, Pilatos pronunciava suas decisões solenes. A escadaria de mármore que conduzia ao palácio conduzia a um telhado aberto, de onde Pilatos falava aos acusadores sentados nos bancos de pedra à entrada da praça. Eles podiam conversar falando alto e distintamente.

Atrás do palácio de Pilatos existiam outros telhados mais altos, com jardins, e uma casa de lazer. Esses jardins ligavam o palácio do governador ao quarto de sua esposa, cujo nome era Claudia Procla. Atrás dessas salas havia um fosso que as separava da montanha do templo. Próximo à parte oriental do palácio de Pilatos ficava a corte do velho Herodes, onde os Santos Inocentes foram decapitados num pátio interno. Houveram algumas mudanças nas distribuições; A entrada era definida de forma diferente. Desse lado da cidade haviam quatro ruas: três levavam ao palácio de Pilatos e à praça, e a quarta passa ao norte da praça e leva ao portão por onde se vai para Betsur.

Perto desta porta ficava a bela casa que Lázaro possuía em Jerusalém, onde Marta também tinham um quarto. A rua mais próxima do templo daquelas quatro era a que vinha da Porta das Ovelhas, perto da qual encontraria, entrando pela direita, o tanque das Ovelhas. Esta piscina era apoiada na parede e alguns quartos a rodeavam. Os cordeiros eram primeiro lavados ali antes de serem conduzidos ao templo; Lavavam-se pela segunda vez solenemente no tanque de Betesda, ao meio-dia do templo. Na segunda rua encontrava-se uma casa que pertenceu a Santa Ana, mãe de Maria, onde ela e a sua família viviam e onde preparavam as vítimas quando vinham a Jerusalém para as férias. Nesta mesma casa, se não me engano, foi celebrado o casamento de José e Maria.

A praça, como já disse, era mais alta que as ruas, e nestas existiam condutas de água que iam até ao Poço das Ovelhas. Outra praça semelhante existia no Monte Sião, em frente ao antigo castelo de Davi. O Cenáculo ficava próximo ao sudoeste, e ao norte as cortes de Anás e Caifás. O castelo de Davi era uma fortaleza abandonada, com pátios, quartos e estábulos vazios, que eram alugados a caravanas para abrigo. Este edifício estava deserto havia muito tempo; Eu o vi naquele estado antes do nascimento de Jesus Cristo. Os três Reis Magos, com a sua numerosa cavalaria, permaneceram neste castelo ao entrar na cidade.

Quando vi em tempos antigos palácios e templos destinados a usos tão vis, lembro-me sempre do que acontecia também nos nossos, em que tantas magníficas obras de piedade e de fé de outra época, tantas igrejas e tantos conventos jazem destruídos e arruinados, usados para fins mundanos, se não criminosos. A pequena

igreja do meu convento, que para mim era o paraíso na terra e onde o Salvador Sacramentado teve o prazer de habitar conosco, miseráveis pecadores, agora estão sem teto e sem janelas. Retiraram todas as urnas sepulcrais que ali estavam.

Nosso pobre claustro, onde fiquei mais feliz com minha cadeira quebrada na cela do que com o Rei em seu trono, já que via a parte da igreja onde estava o Santíssimo Sacramento, onde ele irá parar daqui a algum tempo? O lugar onde os consagrados a Deus rezaram durante muitos anos pelo mundo inteiro e pelas pobres almas abandonadas será em breve desconhecido. Mas Deus saberá que isso não cabe no esquecimento, porque o passado e o futuro estão presentes em sua mente; E assim como em espírito vejo tudo o que foi antes, tanto o bem em lugares agora esquecidos, como o mal cometido em lugares que hoje são profanados, estarão sempre vivos no dia do acerto de contas, quando tudo será rigorosamente pago.

Diante de Deus não há distinção de lugares ou pessoas; Cuida até da vinha de Nabote. Ouvi dizer que o nosso convento foi fundado por duas freiras pobres, com um jarro de azeite e um saco de feijão. Todos os juro, produto desse capital, aparecerão no dia do julgamento. Costuma-se dizer que a alma sofre punição por duas moedas adquiridas injustamente e não devolvidas: Que Deus conceda o repouso eterno a quem nunca usurpou os bens dos pobres e da Igreja.

Jesus perante Pilatos

Segundo nosso cálculo do tempo, eram cerca de seis horas da manhã, quando a procissão dos sumos sacerdotes e fariseus, com o Salvador terrivelmente maltratado, chegou ao palácio de Pilatos. Entre a praça grande e a entrada do pretório havia assentos de ambos os lados da estrada, onde Anás, Caifás e os membros do Conselho que os acompanhavam se colocavam. Jesus, porém, ainda amarrado com cordas, foi arrastado pelos executores até o pé dos degraus que conduziam ao tribunal de Pilatos. No momento em que eles chegaram, Pilatos estava reclinado numa espécie de cadeira de descanso no terraço que se projetava. Uma pequena mesa de três pernas estava de pé por ele, sobre o qual se colocavam as insígnias de seu escritório e algumas outras coisas, que eu não me lembro agora. Os oficiais e soldados o cercaram, e eles também usavam insígnias indicativas do domínio romano. Os sumos sacerdotes e os judeus mantinham-se afastados do tribunal, porque, segundo a sua Lei, aproximar-se dele os teria contaminado. Eles não iriam ultrapassar uma certa linha de limite.

Quando Pilatos viu a multidão apressar-se com grande tumulto e clamor, e o maltratado Jesus ser levado ao pé de seus degraus, levantou-se e dirigiu-se a eles com um ar escarnecedor. Sua maneira era algo parecido com o de um marechal francês arrogante tratando com os deputados de uma pequena cidade pobre. Por que vieste tão cedo? Por que trataram o pobre homem tão mal? Começaste cedo a esfolá-lo, a matá-Lo. Mas gritaram para os executores: "Leva-o para a sala de julgamento!" Então, voltando-se para Pilatos, disseram: 'Ouça a acusação que fazemos contra este malfeitor. Não podemos, por medo de contaminação, entrar na sala de julgamento.

Mal tinha este clamor se extinguido, quando um homem alto, poderoso e de aparência venerável da multidão, pressionando atrás no fórum, clamou: "Verdade, de fato, não ousais entrar naquele salão de julgamento, pois foi consagrado com sangue inocente! Só Ele ousa entrar! Só Ele entre todos os judeus é puro como os Inocentes! Depois de proferir estas palavras com grande emoção, ele desapareceu na multidão. Seu nome era Zadoch, era um homem rico e primo do marido de Seraphia, que depois foi chamada Veronica. Dois de seus filhinhos, por ordem de

Herodes, foram mortos entre as crianças inocentes no pátio da sala de julgamento. Desde então, ele havia se retirado inteiramente do mundo e, como um essênio, vivia com sua esposa em continência. Ele já tinha visto Jesus em Lázaro e ouvido o Seu ensinamento. Neste momento, em que ele viu o inocente Jesus arrastado de uma maneira tão lamentável pelos degraus, a dolorosa lembrança dos seus bebês assassinados rasgou o seu coração, e ele proferiu esse grito como um testemunho da inocência do Senhor. Os inimigos de Jesus, porém, eram demasiado urgentes em suas exigências e demasiado exasperados com a maneira como Pilatos os tratava e com sua própria posição humilhante diante dele, para prestar atenção especial ao clamor.

Jesus foi arrastado pelos executores até o alto degrau de mármore e colocado na parte de trás do terraço, de onde Pilatos podia falar com Seus acusadores abaixo. Quando Pilatos viu diante de si a Jesus, de quem ouvira tantos relatos, tão chocantemente maltratado e desfigurado, e ainda com aquela dignidade de porte que nenhum maltrato podia mudar, seu desprezo detestável pelos sacerdotes e conselho judeus aumentou. Estes últimos haviam mandado dizer a ele, na madrugada, que iriam entregar a ele Jesus de Nazaré, que era culpado de morte, para que ele o condenasse. Pilatos, porém, deixou-lhes ver que não o condenaria sem alguma acusação bem comprovada. De modo imperioso e desdenhoso, por conseguinte, dirigiu-se aos sumos sacerdotes: "Que acusação trazeis contra este homem?" Responderam indignados: "Se não soubéssemos que ele é um malfeitor, não o teríamos entregado a ti". Pilatos respondeu: "Levai-o e julgai-o de acordo com a vossa lei". "Você sabe", responderam eles, "que não é lícito para nós condenar a morte a ninguém".

Os inimigos de Jesus estavam cheios de ira e fúria. Parecia que todo o seu desejo era acabar com Ele antes da festa legal, para que então matassem o cordeiro pascal. Para este fim, desejaram proceder com a mais violenta pressa. Não sabiam que Ele era o verdadeiro Cordeiro pascal, Aquele a quem eles mesmos haviam arrastado perante o tribunal de um juiz idólatra, cujo limiar não ousavam passar por temerem contaminar-se e assim não poderem comer o cordeiro pascal típico.

Quando o Governador os convocou para apresentarem suas acusações, eles passaram a fazê-lo. Acusaram-no de três acusações principais, para cada uma das quais trouxeram dez testemunhas. Foram formulados de tal maneira que Jesus pudesse ser feito parecer um ofensor contra o César, e Pilatos forçado a condená-Lo. Foi apenas em casos relacionados às leis da religião e do Templo que eles tinham o direito de tomar as coisas em suas próprias mãos. A primeira acusação que alegaram era: "Jesus é um sedutor do povo, um perturbador da paz, um agitador", e então trouxeram algumas testemunhas para fundamentar a acusação. Em seguida, disseram: 'Ele anda por aí realizando grandes reuniões, quebrando o sábado, e curando no sábado.' Ali, Pilatos os interrompeu com desprezo: "É fácil ver que nenhum de vocês estava doente, caso contrário, não se scandalizaria por curar no sábado". Eles continuaram: "Ele seduz o povo com ensinamentos horríveis, pois Ele diz que, para ter vida eterna, eles devem comer Sua carne e Seu sangue". Pilatos ficou irritado com o ódio furioso com que proferiram esta acusação. Ele olhou para seus oficiais e, com um sorriso, disse aos judeus: "Parece quase que vocês mesmos estão seguindo Seu ensinamento e estão visando a vida eterna, visto que vocês também parecem tão desejosos de comer Sua Carne e Seu Sangue".

A segunda acusação deles era: Jesus incita o povo a não pagar tributo ao imperador. Ali Pilatos os interrompeu com irritação. Como alguém cujo ofício era saber sobre tais coisas, ele replicou com ênfase: "Isso é uma grande mentira! Eu sei melhor do que isso! Então os judeus gritaram a terceira acusação: "Deixe-se assim! Este

Homem de origem baixa, obscura e duvidosa, coloca-se à frente de um grande grupo e grita ai de Jerusalém. Espalha também entre o povo parábolas de duplo significado sobre um rei que prepara uma festa de casamento para seu filho. O povo reuniu-se em multidão em volta dele, num monte, e uma vez queriam fazê-lo rei, mas foi mais cedo do que ele queria, e assim ele se escondeu. Durante os últimos dias, ele se apresentou mais ousadamente. Ele fez uma entrada tumultuada em Jerusalém, fazendo com que honras reais fossem mostradas a Ele, enquanto o povo, por Suas ordens, clamava: "Hosanna ao Filho de Davi! Bendito seja o reino que vem, do nosso pai Davi! Além disso, Ele ensina que Ele é o Cristo, o Ungido do Senhor, o Messias, o Rei prometido dos judeus, e permite que Ele seja chamado assim. Esta terceira acusação, assim como as duas anteriores, foi apoiada por dez testemunhas. À palavra de que Jesus se fez chamar de Cristo, o Rei dos judeus, Pilatos ficou um pouco pensativo. Ele foi do terraço aberto para o apartamento adjacente, lançando como ele passou um olhar escrupuloso sobre Jesus, e ordenou ao guarda para trazer o Senhor para a câmara de julgamento.

Pilatos era um pagão inconstante, de mente fraca e supersticioso. Tinha todos os tipos de pressentimentos sombrios a respeito dos filhos de seus deuses que haviam vivido na terra, e não ignorava o fato de que os profetas judeus haviam há muito predito Alguém que seria o Ungido de Deus, um Redentor, um Libertador, um Rei, e que muitos dos judeus esperavam Sua vinda. Ele sabia também que reis do Oriente haviam ido a Herodes, o Velho, perguntando por um Rei recém-nascido, para que pudessem honrá-Lo; e que depois disso muitas crianças foram mortas por ordem de Herodes. Ele conhecia de fato as tradições relacionadas com um Messias, um Rei dos judeus; mas, sendo um idolatrante zeloso, não tinha fé nelas, não podia imaginar que tipo de rei se referia. Muito provavelmente, ele pensou como os judeus liberais e os herodianos de seus dias, que só sonhavam com um governante poderoso e vitorioso. Portanto, a acusação de que Jesus, que estava diante dele tão pobre, tão miserável, tão desfigurado, deveria entregar-se por causa daquele Ungido do Senhor, por causa daquele Rei, pareceu-lhe verdadeiramente ridícula. Mas, visto que os inimigos de Jesus haviam apresentado a acusação como prejudicial aos direitos do Imperador, Pilatos fez com que o Salvador fosse levado à sua presença para ser interrogado.

Pilatos olhou para Jesus com espanto, enquanto o interrogava: "Tu és o rei dos judeus?" Jesus respondeu: "Estás dizendo isso por ti mesmo, ou outros te disseram isso a meu respeito?" Pilatos, um pouco ofendido por Jesus considerá-lo tão insensato que, por sua própria vontade, perguntou a uma criatura tão pobre e miserável se era rei, respondeu evasivamente algo como isto: Sou eu um judeu, para saber de coisas tão sem sentido? O teu povo e os seus sacerdotes entregaram-te a mim para ser condenado como alguém que merece a morte. Diz-me, o que fizeste? Jesus respondeu solenemente: 'Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, certamente meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não está aqui em baixo. Pilatos, ouvindo essas palavras fervorosas de Jesus com uma espécie de tremor, disse-Lhe pensativamente: Você é, então, realmente um rei? E Jesus respondeu: "Como tu dizes! Sim, sou o Rei. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz. Pilatos lançou um olhar sobre Ele e, levantando-se, disse: "A verdade! O que é verdade? Foram então trocadas outras palavras, cujo significado não me lembro agora.

Pilatos saiu novamente para o terraço. Ele não podia compreender a Jesus, mas sabia isto muito sobre Ele, que Ele não era um rei que provaria perversidade para com o imperador, e que Ele não reivindicava nenhum reino deste mundo. Quanto a

um reino pertencente a outro mundo, o Imperador não se preocupou muito com isso. Pilatos, portanto, desceu do terraço e chamou os sumos sacerdotes abaixo: 'Não encontro nenhum tipo de culpa neste homem!'

Daí, os inimigos de Jesus foram tomados por nova fúria. Eles lançaram-se numa torrente de acusações contra Ele, enquanto Jesus permanecia em silêncio orando pelas pobres criaturas. Pilatos, voltando-se para ele, perguntou: "Não respondes nada a todas estas acusações?" Mas Jesus não lhe respondeu uma palavra. Pilatos olhou para Ele com espanto, ao dizer: "Vejo claramente que eles estão agindo falsamente contra Ti". (Ele usou uma expressão para a palavra mentira que não me lembro). Mas os acusadores, cuja ira aumentava, gritaram: Que! Não encontras nele nenhuma culpa? Não é crime incitar o povo? Ele espalhou o seu ensinamento por toda a região, a partir da Galiléia até aqui.

Quando Pilatos ouviu a palavra Galileia, refletiu por um momento e depois clamou: "É este homem da Galiléia um sujeito de Herodes?" Os acusadores responderam: "Sim. Seus pais já viveram em Nazaré, e agora Sua própria morada está perto de Cafarnaum. Pilatos então disse: "Visto que ele é um galileu e está sob o domínio de Herodes, levai-o a Herodes. Ele está aqui para a festa, e pode julgá-lo imediatamente. Fez então com que Jesus fosse retirado da sala de julgamento e conduzido novamente aos Seus inimigos, ao mesmo tempo em que enviou um oficial para informar a Herodes que um de seus súditos, um galileu, Jesus de Nazaré, estava sendo trazido a ele para ser julgado. Pilatos se alegrou de poder, desta maneira, escapar de condenar Jesus, pois o assunto inteiro o deixou desconfortável. Ao mesmo tempo, ele tinha um motivo político em mostrar este ato de cortesia a Herodes, entre quem e ele havia uma alienação, pois sabia que Herodes estava muito desejoso de ver Jesus.

Os inimigos de Jesus estavam no mais alto grau de exasperação por serem assim despedidos perante a população, por serem assim obrigados a levar Jesus para outro tribunal; conseqüentemente, descarregaram sua ira contra Ele. Com renovada fúria, cercaram-no, amarraram-no de novo e, junto com os soldados clamorosos, conduziram-no em fúria apressada com algemas e golpes através do aglomerado fórum e pela rua que conduzia ao palácio de Herodes, não muito longe. Alguns soldados romanos os acompanharam.

Cláudia Prócla, a legítima esposa de Pilatos, enviara, enquanto Pilatos estava tratando com os judeus, um servo para dizer a seu marido que ela estava muito ansiosa de falar com ele. Quando Jesus estava sendo levado a Herodes, ela ficou escondida numa varanda elevada, e com profunda ansiedade e perturbação de espírito observou-O sendo levado pelo fórum.

Origem da devoção do Santo Caminho da Cruz

A Virgem Santíssima, de pé com Madalena e João em um canto do salão do fórum, tinha com dor indescritível contemplado a totalidade da cena terrível apenas descrita, tinha ouvido os gritos clamorosos e gritos. E agora, quando Jesus foi levado a Herodes, ela implorou para ser conduzida por João e Madalena de volta por todo o caminho de sofrimento percorrido por seu Filho Divino desde a Sua prisão na noite anterior. Passaram por todo o caminho até a sala de julgamento de Caifás, até o palácio de Anás, e de lá passaram por Ofel até Getsêmani, no Monte das Oliveiras. Em muitos lugares onde Jesus sofreu ultrajes e ferimentos, eles pararam em profunda tristeza e compaixão, e onde quer que Ele caísse no chão a Mãe Santíssima caiu de joelhos e beijou a terra. Madalena torceu as mãos, enquanto João em lágrimas ajudou a mãe aflita a levantar-se, e levou-a mais longe. Esta foi a

origem daquela devoção da Igreja, o Santo Caminho da Cruz, a origem daquela meditação compassiva sobre a amarga Paixão de nosso Divino Redentor, mesmo antes de ser totalmente realizada por Ele. Mesmo então, quando Jesus estava atravessando aquele caminho mais doloroso de sofrimento, Sua Mãe pura e imaculada, em seu amor eterno e santo, procurou compartilhar as dores internas e externas de seu Filho e seu Deus, venerou e chorou sobre Seus passos enquanto Ele ia morrer por nós, e ofereceu tudo ao Pai Celestial para a salvação do mundo.

Assim, a cada passo do Bem-aventurado Redentor, ela reuniu os méritos infinitos que Ele adquiriu para nós, e os depositou em seu mais santo e compassivo coração, aquele tesouro único e venerável de todos os dons da salvação, dos quais e através dos quais, de acordo com o grau eterno do Deus trino, todo fruto e efeito do mistério da Redenção aperfeiçoado na plenitude do tempo deveria ser concedido ao homem caído. Do sangue mais puro deste mais santo coração foi formado pelo Espírito Santo aquele Corpo que hoje, de mil feridas, derramou Seu precioso Sangue como o preço da nossa Redenção. Durante nove meses, Jesus viveu sob aquele coração cheio de graça. Como uma virgem inviolada, Maria deu-lhe à luz, cuidou dele, e alimentou-o com o seu peito, a fim de entregá-lo hoje para nós à morte mais cruel na árvore da Cruz. Assim como o Pai Eterno não poupou o Seu Filho Unigênito, mas entregou-O por nós, assim a Mãe Santíssima, a Mãe de Deus, não poupou o fruto bendito do seu ventre, mas consentiu que Ele, como o verdadeiro Cordeiro pascal, fosse sacrificado por nós na Cruz. E assim Maria é, em seu Filho e ao lado Dele, a causa concorrente de nossa salvação, nossa Redentora, nossa Mediadora e poderosa Advogada com Deus, a Mãe da graça e da misericórdia.

Todos os justos dos tempos antigos, desde nossos primeiros pais penitentes até a última alma que entrou no seio de Abraão, lamentaram, oraram e ofereceram sacrifício neste dia no santo coração da Mãe Divina, a Rainha dos Patriarcas e Profetas. Assim também, até o fim dos tempos, pertencerá apenas a um amor infantil por Maria praticar a devoção do Caminho da Cruz, uma devoção originada por ela e por ela legada à Igreja. Por esta devoção tão rica em bênçãos, tão agradável a Deus, a alma avançará na fé e no amor ao Santíssimo Redentor. É um fato extremamente significativo, embora infelizmente muito pouco apreciado, que onde quer que o amor de Maria se esfrie e a devoção aos mistérios do Rosário se extingue, lá também morre a devoção ao Santo Caminho da Cruz - sim, até mesmo a fé no valor infinito do Precioso Sangue é perdida.)

Na sua dor, Madalena parecia uma pessoa louca. Imensurável como o seu amor foi o seu arrependimento. Quando, em seu amor, ela desejava derramar sua alma aos pés de Jesus, como uma vez o precioso bálsamo sobre Sua cabeça, cheia de horror ela descreveu entre ela e o Redentor o abismo de seus crimes; então a dor do arrependimento em toda a sua amargura foi renovada em seu coração. Quando, em sua gratidão, ela desejava enviar como uma nuvem de incenso seu agradecimento pelo perdão recebido, ela O viu, cheio de dores e tormentos, levado à morte. Com indescritível tristeza, ela compreendeu que Jesus estava passando por tudo isso por causa de seus pecados, que Ele havia tomado sobre Si mesmo a fim de expiar por eles com Seu próprio Sangue. Este pensamento mergulhou-a cada vez mais num abismo de tristeza arrependida. Sua alma estava, por assim dizer, dissolvida em gratidão e amor, em tristeza e amargura, em tristeza e lamentação, pois ela viu e sentiu a ingratidão, o crime capital de sua nação, em entregar seu Salvador à ignominiosa morte da cruz. Tudo isso foi expresso em toda a sua aparência, em suas palavras e gestos.

João sofreu e amou não menos do que Madalena, mas a inocência tranquila de seu coração puro deu um maior grau de paz à sua alma.

Pilatos e sua esposa

Enquanto Jesus era levado a Herodes e enquanto ele suportava zombarias no seu tribunal, vi Pilatos ir ter com sua esposa, Cláudia Procla. Encontraram-se numa casa de verão num jardim em terraços atrás do palácio de Pilatos. A Claudia estava a tremer e agitada. Era uma mulher alta e bonita, embora um pouco pálida. Ela usava um véu que caía graciosamente nas costas, mas sem esconder seu cabelo, que era enrolado em volta de sua cabeça e adornado com ornamentos. Ela usava brincos e colar, e seu longo manto triturado era preso ao peito por um fecho. Ela conversou por muito tempo com Pilatos e conjurou-o por tudo o que era sagrado para ele de não ferir a Jesus, o Profeta, o Santo dos Santos, e então relatou algumas coisas dos sonhos, ou visões, que tinha tido de Jesus na noite anterior.

Lembro-me que ela viu a Anunciação a Maria, o Nascimento de Cristo, a Adoração dos Pastores e dos Reis, as Profecias de Simeão e Ana, a Fuga para o Egito, o Massacre dos Santos Inocentes, a Tentação no Deserto, e outras cenas da vida santa de Jesus. Ela O via sempre rodeado de luz, enquanto a malícia e a maldade de Seus inimigos apareciam sob os quadros mais terríveis. Ela viu a santidade e a angústia de Sua Mãe e Seus próprios sofrimentos infinitos sob símbolos de amor imutável e paciência. Ela suportou angústia e tristeza indescritíveis, pois essas visões, além de serem algo muito incomum para ela, eram irresistivelmente impressionantes e convincentes. Algumas delas, como por exemplo, o Massacre dos Inocentes e a Profecia de Simeão no Templo, ela viu acontecer até mesmo na vizinhança de sua própria casa.

Quando, na manhã seguinte, alarmada pelo alvoroço da turba tumultuada, olhou para o fórum, reconheceu no Senhor Aquele que lhe fora mostrado na visão da noite anterior. Ela viu-O agora objeto de toda espécie de abusos e maus-tratos, enquanto era conduzido pelos Seus inimigos através do fórum até Herodes. Em terrível angústia, ela mandou imediatamente chamar Pilatos, a quem, assustada e ansiosa, relatou as visões que tinha visto em seus sonhos, tanto quanto pôde fazer com que se entendesse. Ela suplicou e implorou, e agarrou-se a Pilatos da maneira mais comovente.

Pilatos ficou grandemente surpreso, e um pouco perturbado com o que ela relatava. Ele comparou-o com tudo o que tinha ouvido sobre Jesus, com a fúria dos judeus, com o silêncio de Jesus, e com as Suas dignas e maravilhosas respostas a todas as perguntas que lhe fizeram. Ele vacilou inquietadamente em sua própria mente, mas logo cedeu às representações de sua esposa e disse: "Já declarei que não encontro culpa em Jesus. Não o condenarei, pois conheço a perversidade dos judeus. Ele falou longamente sobre a atitude de Jesus para com ele mesmo, acalmou os temores de sua esposa, e chegou mesmo a dar-lhe uma promessa de garantia de que não o condenaria. Não me lembro de que tipo de jóia, seja um anel ou um selo, Pilatos deu como sinal de sua promessa. Com este entendimento eles se separaram.

Eu vi Pilatos como um homem estúpido, cobiçoso, orgulhoso, vacilante, com um grande fundo de maldade em seu caráter. Ele não era impedido de realizar seus próprios fins por nenhum alto temor de Deus, podia entregar-se às ações mais baixas e, ao mesmo tempo, praticava a mais baixa e covarde espécie de idolatria supersticiosa e adivinhação, quando se encontrava em alguma dificuldade. Assim, agora, ele se apressou para seus deuses, diante dos quais em um apartamento aposentado de sua casa queimava incenso e exigiu deles todos os tipos de sinais. Ele depois observava as galinhas sagradas comendo, e Satanás lhe sussurrava às vezes uma coisa, às vezes outra. Em certa ocasião, ele pensou que Jesus devia ser libertado como inocente; de novo, temia que seus próprios deuses se vingassem

dele, se salvasse a vida de um homem que exercia uma influência tão singular sobre ele, que ele o acreditava ser uma espécie de semideus, pois Jesus poderia causar muito dano às suas divindades. "Talvez", pensou ele, "ele é realmente uma espécie de deus judeu. Há tantas profecias que apontam para um Rei dos Judeus que conquistará todas as coisas. Os reis dos adoradores das estrelas do Oriente já estiveram aqui à procura de tal rei neste país. Talvez ele possa elevar-se acima dos meus deuses e do meu Imperador, e por isso terei muito a responder, se ele não morrer. Talvez a sua morte seja um triunfo para os meus deuses. Então veio à sua frente a lembrança dos sonhos maravilhosos de sua esposa, que nunca tinha visto Jesus, e esta lembrança pesou muito a favor da libertação de Jesus na balança vacilante que Pilatos tinha. Agora parecia que ele estava determinado a libertá-Lo. Queria ser justo, mas não alcançou seu alvo pela mesma razão que não esperara uma resposta de Jesus à sua própria pergunta: "O que é a verdade?"

Jesus perante Herodes

No mercado e nas ruas por onde Jesus foi conduzido a Herodes, reuniu-se uma multidão cada vez maior, composta pelos habitantes das cidades vizinhas e de toda a região, que vinham para a festa. Os fariseus, os mais hostis de todo o país, haviam tomado seus lugares com seu próprio povo, a fim de incitar a turba inconstante contra Jesus. Diante da casa de guarda romana, perto do palácio de Pilatos, os soldados romanos estavam em grande número, e muitos outros pontos importantes da cidade estavam ocupados por eles.

O palácio de Herodes ficava na nova cidade, ao norte do fórum, não muito longe do de Pilatos. Uma escolta de soldados romanos do país entre a Suíça e a Itália juntou-se à procissão. Os inimigos de Jesus ficaram grandemente indignados com este andar para trás e para a frente, e não cessaram de insultá-lo e de encorajar os executores a arrastá-lo e empurrá-lo. O mensageiro de Pilatos havia anunciado a procissão que se aproximava, e conseqüentemente Herodes estava à espera dela. Ele estava sentado num grande salão, num trono acolchoado, cercado por cortesãos e soldados. Os sumos sacerdotes entraram pelo corredor e se dispuseram de um lado para o outro, enquanto Jesus permaneceu na entrada. Herodes ficou muito lisonjeado de que Pilatos lhe tivesse concedido abertamente, perante os sumos sacerdotes, o direito de julgar um galileu; por isso, ele deu um ar muito arrogante e fez uma grande exibição de negócios. Ele também ficou muito satisfeito ao ver Jesus diante dele em tão penosa situação, visto que Ele sempre tinha desprezado aparecer na sua presença. João tinha falado de Jesus em termos tão solenes, e tinha ouvido tanto a Seu respeito de seus espiões e contadores de histórias, que Herodes estava extremamente curioso a respeito d'Ele. Estava de um humor extraordinariamente bom ao pensar em poder instituir, perante seus cortesãos e os Sumo Sacerdotes, um grande inquérito judicial a respeito de Jesus, no qual pudesse ostentar seu conhecimento perante ambas as partes. Também fora informado de que Pilatos não encontrou culpa em Jesus, e isso, para sua mente encolhida, era uma sugestão de que ele devia tratar os acusadores com alguma reserva, procedimento que só aumentou a fúria deles. Logo que entraram na presença dele, começaram a gritar suas queixas. Herodes, porém, olhou inquisitivamente para Jesus, e quando O viu tão miserável, tão maltratado, Suas roupas manchadas de sujeira, Seus cabelos rasgados e desarranjados, Seu rosto coberto de sangue e sujeira, um sentimento de repugnante compaixão se apoderou do afeminado e voluptuoso rei. Ele pronunciou o nome de Deus (era algo como "Jeová"), virou o rosto com um ar de repulsa e disse aos sacerdotes: Levai-O daqui! Limpe-o! Como

pudeste trazer diante dos meus olhos uma criatura tão impura, tão maltratada! Com estas palavras, os servos levaram Jesus para o vestibulo, trouxeram uma bacia de água e um pano velho, com o qual removeram um pouco da sujeira, maltratando-o durante todo esse tempo. A sua forma rude de agir abriu as feridas em Seu rosto desfigurado. Entretanto, Herodes censurou os sacerdotes por sua brutalidade. Ele parecia querer imitar o modo de agir de Pilatos para com eles, pois disse: "É muito evidente que Ele caiu nas mãos dos carniceiros. Vocês estão começando seu trabalho hoje antes do tempo. Os sumos sacerdotes só responderam alegando veementemente suas queixas e acusações. Quando Jesus foi novamente conduzido, Herodes, que queria agradar a ele, ordenou que lhe levassem um copo de vinho para que ele recuperasse um pouco de força. Mas Jesus balançou a cabeça e não quis beber.

Herodes era muito afável com Jesus; até mesmo O lisonjeava e repetia tudo o que sabia d'Ele. Primeiro ele lhe fez várias perguntas, querendo ver um sinal dele. Mas Jesus não respondeu uma sílaba, e manteve silenciosamente seus olhos abaixados. Herodes ficou muito irritado e envergonhado diante dos presentes. Desejando, no entanto, esconder seu constrangimento, ele derramou uma torrente de perguntas e palavras vazias, "Sinto muito", disse ele, "ver-te tão gravemente acusado. Ouvi muitas coisas sobre Ti. Sabes que me ofendeste em Tirza, quando, sem a minha permissão, libertaste os prisioneiros que eu havia preso ali? Mas talvez as tuas intenções fossem boas. Foste entregue a mim pelo governador romano para que eu possa julgar-te. O que dizes a todas estas acusações? Estás calado? Muitas vezes me falaram da Tua grande sabedoria em falar e ensinar. Gostaria de te ouvir refutar os teus acusadores. O que dizes? É verdade que és o Rei dos Judeus? És o Filho de Deus? Quem és tu? Ouvi dizer que fizeste grandes milagres. Prova-me isso dando-me algum sinal. Pertence-me a mim libertar-te. É verdade que deste vista a um homem nascido cego? Você ressuscitou Lázaro dos mortos? Alimentaste milhares de pessoas com uns poucos pães? Por que não respondes? Conjuro-te para que faças um dos teus milagres! Será para o teu próprio benefício. Mas Jesus ficou em silêncio. Herodes, com crescente volubilidade, continuou: "Quem és tu? Que se passa contigo? Quem te deu o poder? Por que não podes exercê-lo? És tu Aquele de cujo nascimento se contam coisas tão extraordinárias? Certa vez, alguns reis do Oriente vieram ao meu pai, para perguntar sobre um recém-nascido Rei dos Judeus, a quem queriam prestar homenagem. Dizem que esta criança não é outra senão Tu. É verdade? Escapaste à morte que naquela época caiu sobre tantas crianças? Como é que isso aconteceu? Por que ficaste tão tempo na aposentadoria? Ou será que te contam as histórias para te tornarem rei? Responda-me! Que tipo de rei és tu? Verdadeiramente, não vejo nada de real em Ti! Eles têm, como eu ouvi, celebrado para Ti ultimamente uma procissão triunfante, para o Templo. O que é que isso quer dizer? Fale! Como é que uma popularidade tão grande acaba assim? A todas estas perguntas Herodes não recebeu resposta de Jesus. Foi-me revelado que Jesus não falaria com Ele, porque, por sua ligação adúltera com Herodias e o assassinato do Batista, Herodes estava sob excomunhão.

Anás e Caifás aproveitaram o desagrado de Herodes com o silêncio de Jesus para renovar suas acusações. Entre outras coisas, apresentaram o seguinte: Jesus chamou Herodes de raposa, e por muito tempo Ele havia trabalhado para derrubar toda a sua família; Ele queria estabelecer uma nova religião, e Ele já havia comido a Páscoa ontem. Esta última acusação havia sido apresentada a Caifás na época da traição de Judas, mas alguns amigos de Jesus haviam trazido escritos para mostrar que isso era permitido sob certas circunstâncias.

Herodes, embora muito irritado com o silêncio de Jesus, não se permitiu perder de vista seus objetivos políticos. Ele não desejava condenar Jesus, em parte por causa de seu próprio temor secreto a Ele e do remorso que sentia pelo assassinato de João, e em parte porque os sumos sacerdotes eram odiosos para ele, porque nunca paliariam seu adultério e por causa disso o haviam excluído dos sacrifícios. Mas a principal razão de Herodes não condenar Jesus era que ele não condenaria Aquele que Pilatos declarara inocente. Ele também tinha pontos de vista políticos ao agir assim; queria mostrar a Pilatos um ato de cortesia na presença dos sumos sacerdotes.

Ele terminou esmagando Jesus com palavras de desprezo, e disse a seus servos e guarda-costas (dos quais havia cerca de duzentos em seu palácio): "Levai este tolo, e mostrai a honra devida a um rei tão ridículo. Ele é mais tolo do que malfeitor!"

O Salvador foi agora levado para um grande tribunal e tratado com indignação e zombaria indizíveis. O pátio estava cercado pelas alas do palácio, e Herodes, de pé no telhado plano, contemplou por um tempo considerável o mau tratamento oferecido a Jesus. Anás e Caifás estavam atrás dele, tentando por todos os meios em seu poder induzi-lo a pronunciar sentença contra Jesus. Herodes, porém, não cedeu. Ele respondeu em um tom alto o suficiente para ser ouvido pelos soldados romanos: "Seria para mim o maior pecado, se eu O condenasse". Ele se referia provavelmente ao maior pecado contra a decisão de Pilatos, que tinha sido tão bondoso em enviar Jesus a ele.

Quando os sumos sacerdotes e os inimigos de Jesus viram que Herodes de modo algum cumpriria seus desejos, enviaram alguns deles com dinheiro a Acre, uma parte da cidade onde muitos fariseus estavam atualmente. Os mensageiros foram instruídos a convocá-los para que estivessem presentes imediatamente, com todo o seu povo, nas proximidades do palácio de Pilatos. Uma grande quantia de dinheiro foi colocada nas mãos desses fariseus para ser distribuída entre o povo como suborno, para que, com furor e clamor veemente, pudessem exigir a morte de Jesus. Outros mensageiros foram enviados para espalhar entre o povo ameaças de vingança de Deus se não insistissem na morte do blasfemo. Disseram também que, se Jesus não fosse morto, passaria para os romanos, que era isso que Ele queria dizer com o Reino do qual tanto havia falado. Então, de fato, os judeus seriam totalmente arruinados.

Em outros lados, espalharam a notícia de que Herodes havia condenado Jesus, mas que o povo devia expressar sua vontade sobre o assunto; que Seus seguidores deviam ser temidos, pois, se Jesus fosse libertado de alguma forma, a festa ficaria completamente perturbada, e então os romanos e Seus seguidores se uniriam em tomar vingança. Assim, espalharam-se rumores confusos e alarmantes para despertar e exasperar a população. Ao mesmo tempo, os inimigos de Jesus fizeram com que dinheiro fosse distribuído entre os soldados de Herodes, para que eles pudessem maltratar Jesus grosseiramente, sim, até mesmo apressar Sua morte, pois preferiram vê-Lo morrer dessa maneira do que viver para ser libertado pela sentença de Pilatos.

De parte desta turba arrogante e ímpia, o nosso Senhor teve de suportar a mais humilhante zombaria, o mais barbaro maltrato. Quando o levaram para fora, para o tribunal, um soldado trouxe do alojamento à porta um grande saco branco, embalado em algodão. Cortaram um buraco no fundo do saco e, em meio aos gritos de risada zombeteira de todos os presentes, o jogaram sobre a cabeça de Jesus. Ela pendurava em largas dobras sobre os Seus pés. Outro soldado colocou um pano vermelho como um colarinho ao redor do pescoço dele. E agora eles se curvavam diante d'Ele, empurravam-no aqui e ali, O insultavam, cuspiam sobre Ele, Lhe davam

socos no rosto porque Ele se recusara a responder ao rei deles, e Lhe prestavam milhares de homenagens de zombaria. Eles jogaram sujeira sobre Ele, arrastaram-no como se Ele estivesse dançando, forçaram-no no largo manto de escárnio para cair no chão, e o arrastaram através de uma sarjeta que percorria o pátio por todo o comprimento dos edifícios, de modo que Sua cabeça sagrada batia contra os pilares e pedras nos cantos. Então eles o puxaram para seus pés e começaram a gritar novamente, começaram novas ofensas. Entre os duzentos soldados e servos da corte de Herodes havia pessoas de regiões muito separadas, e cada malfeitor perverso naquela multidão queria, por algum ato especial e infame em relação a Jesus, honrar a si mesmo e a sua província. Eles continuaram sua brutalidade com violenta pressa e gritos de zombaria. Aqueles que haviam recebido dinheiro dos fariseus aproveitaram-se da confusão para golpear a cabeça sagrada de Jesus com seus paus. Ele olhou para eles com compaixão, suspirou e gemeu de dor. Mas eles, choramingando, zombaram dele, e a cada nova irritação, rebentaram em gritos de escárnio. Não havia ninguém para ter compaixão de Jesus. Vi o sangue escorrer da Sua cabeça da maneira mais lamentável, e três vezes o vi afundar na terra sob os golpes dos seus tacos. Ao mesmo tempo, vi anjos chorando sobre Ele, ungindo Sua cabeça. Disseram-me que esses golpes teriam sido fatais, se não fosse pela assistência divina. Os filisteus que, na pista de corrida de Gaza, caçaram Sansão cego até a morte, não eram tão violentos e cruéis como esses miseráveis.

Mas temos pouco tempo. Os sumos sacerdotes logo deveriam aparecer no Templo e, como haviam recebido a garantia de que todas as suas instruções seriam atendidas, fizeram mais um esforço para obter a condenação de Jesus de Herodes. Mas ele era surdo às suas orações. Ele ainda voltou seus pensamentos somente para Pilatos, a quem agora enviou de volta Jesus em Sua veste de zombaria.

Jesus é levado de Herodes a Pilatos

Com nova irritação, os sumos sacerdotes e os inimigos de Jesus voltaram com Ele de Herodes a Pilatos. Ficaram mortificados por serem forçados a retornar, sem Sua condenação, a um tribunal no qual Ele já fora declarado inocente. Tomaram, portanto, outro e mais longo caminho, a fim de exhibi-Lo em Sua ignomínia para outra parte da cidade, também para que pudessem ter mais tempo para insultá-Lo, e dar aos seus emissários mais tempo para incitar a população contra Ele.

O caminho que eles agora tomaram foi muito áspera e desigual. Os executores por quem Jesus era conduzido não O deixaram um momento de paz, e a longa veste impedia Seus passos. Ele se arrastava na lama e às vezes o atirava para baixo, ocasiões em que era, com golpes na cabeça e pontapés, arrastado novamente pelas cordas. Nessa viagem, foi sujeito a zombarias e ultrajes indescritíveis tanto dos seus condutores como da população, mas rezou para que não morresse antes de ter consumado a sua paixão por nós.

Eram oito e um quarto da manhã quando a procissão com o maltratado Jesus novamente atravessou o fórum (embora de outro lado, provavelmente o leste) para o palácio de Pilatos. A multidão era numerosa. O povo estava em pé em grupos, aqueles dos mesmos lugares e regiões juntos. Os fariseus andavam correndo entre eles, agitando-os. Lembrando-se da insurreição dos zelotes da Galiléia na última Páscoa, Pilatos reuniu mais de mil homens que distribuiu no pretório e em seus arredores, e nas várias entradas do fórum, e em seu próprio palácio.

A Virgem Santíssima, sua irmã mais velha Maria Heli com sua filha Maria Cleófas, Madalena, e várias outras santas mulheres - em todos cerca de vinte - estavam, enquanto os seguintes eventos estavam ocorrendo, de pé em um salão de onde

eles podiam ouvir tudo, e onde eles poderiam entrar e sair. João estava com elas no início.

Jesus, com Suas vestes de escárnio, foi conduzido pela multidão zombadora. Os mais audaciosos eram em toda a parte empurrados para a frente pelos fariseus, e superavam os outros em zombarias e insultos. Um dos oficiais do tribunal de Herodes, que havia chegado ao lugar antes da procissão, informou a Pilatos o quanto ele apreciava sua atenção, mas que encontrou o galileu, tão famoso por Sua sabedoria, nada melhor do que um tolo silencioso, que o tratou como tal e o mandou de volta a ele. Pilatos ficou muito contente de que Herodes não tivesse agido em oposição a ele e condenado Jesus. Ele enviou suas saudações a ele em troca, e assim hoje eles se tornaram amigos que, desde a queda do aqueduto, eram inimigos.

Jesus foi conduzido novamente pela rua, diante da casa de Pilatos, e subiu os degraus até a plataforma elevada. Os carrascos o arrastaram da maneira mais brutal, Ele tropeçou na longa túnica, e ele caiu tantas vezes nos degraus de mármore branco que ficaram manchados com o sangue da Sua cabeça sagrada. Seus inimigos, que haviam retomado seus assentos ao lado do fórum, e a turba rude, irromperam em zombarias e risadas a cada caída Dele, enquanto os carrascos O expulsaram com chutes.

Pilatos estava reclinado numa cadeira, algo parecido com um pequeno sofá, com uma pequena mesa ao seu lado. Como na ocasião anterior, ele foi acompanhado por oficiais e homens com rolos de pergaminho escrito. Saindo para o terraço de onde ele estava acostumado a dirigir-se à multidão, ele falou assim aos acusadores de Jesus: "Vocês me apresentaram este homem como alguém que desvia o povo, e eis que eu, tendo-o interrogado diante de vós, não encontrei nele nenhuma razão das coisas de que o acusais. Não, nem Herodes. Porque vos enviei a ele e eis que nada digno de morte foi feito contra ele. Portanto, vou castigá-lo e soltá-lo. A estas palavras, surgiram fortes murmurações e gritos de desaprovação entre os fariseus, que começaram ainda mais energicamente a incitar o povo e a distribuir dinheiro entre eles. Pilatos tratou-os com o maior desprezo. Entre outras observações cortantes, ele deixou cair as seguintes palavras sarcásticas: "Vocês não verão sangue inocente o suficiente fluir no abate de hoje sem este homem!"

Era costumeiro as pessoas irem a Pilatos pouco antes da Páscoa e, segundo o costume antigo, exigirem a libertação de algum prisioneiro. Era agora esta hora. Os fariseus, enquanto estavam no palácio de Herodes, haviam enviado emissários a Acre, uma parte da cidade a oeste do Templo, para subornar a multidão reunida para exigir, não a libertação de Jesus, mas Sua crucificação. Pilatos esperava que as pessoas pedissem que Jesus fosse libertado, e pensou que, ao propor junto com Ele um miserável malfeitor, que já fora condenado à morte, não lhes deixava escolha. Esse notório malfeitor chamava-se Barrabás, e era odiado por toda a nação. Ele havia cometido assassinato em uma insurreição; e além disso, eu vi todos os tipos de coisas horríveis ligadas a ele. Ele se entregou à feitiçaria e, na sua prática, até mesmo abriu o útero de mulheres grávidas.

E agora surgiu uma agitação entre as pessoas no fórum. Uma multidão avançou com o orador à frente. Elevaram a voz para serem ouvidos no terraço de Pilatos, clamando: "Pilatos, concede-nos o que é costumeiro nesta festa!" Pois Pilatos esperava esse pedido, de modo que lhes falou imediatamente. É seu costume que eu lhe entregue um prisioneiro no seu dia de festa. Quem é que vocês querem que eu solte para vocês, o Barrabás ou Jesus, o Rei dos Judeus? Jesus, o Ungido do Senhor?

Pilatos ficou bastante perplexo a respeito de Jesus. Ele O chamou de "Rei dos judeus", em parte pelo caráter de um romano arrogante que desprezava os judeus por terem um rei tão miserável, entre o qual e um assassino residia a escolha; e em parte por uma espécie de convicção de que Ele poderia realmente ser aquele maravilhoso Rei prometido aos judeus, o Ungido do Senhor, o Messias. O pressentimento dele sobre a verdade também era meio fingido. Ele mencionou esses títulos do Senhor porque achava que a inveja era o principal motivo que incitava os sumos sacerdotes contra Jesus, a quem ele mesmo considerava inocente.

Um momento de hesitação e deliberação por parte da população se seguiu à pergunta de Pilatos, e então apenas algumas vozes gritaram em voz alta: "Barrabás!" Naquele instante, Pilatos foi chamado por um dos servos de sua esposa, que lhe mostrou o penhor que ele havia dado a ela naquela manhã, e disse: Claudia Procla ordena que você se lembre de sua promessa. Os fariseus e os sumos sacerdotes ficaram muito entusiasmados. Correram para a multidão, ameaçando e ordenando. Não tiveram, porém, grande dificuldade em fazer com que a turba cumprisse seus desejos.

Maria, Madalena, João e as santas mulheres, trêmulas e chorando, estavam de pé num canto do salão. Embora a Mãe de Jesus soubesse que não havia ajuda para a humanidade, exceto pela Sua morte, contudo, como Mãe do santíssimo Filho, estava cheia de ansiedade, cheia de anseio pela preservação de Sua vida. Jesus se tornara homem voluntariamente para sofrer a crucificação; todavia, quando foi levado à morte, embora inocente, sofreu todas as dores e tormentos de Seu terrível maltrato, assim como qualquer ser humano teria sofrido. E da mesma forma Maria sofreu toda a aflição e angústia de uma mãe comum cujo filho mais inocente deve ter de suportar tais coisas a partir da multidão ingrata. Ela tremeu, ela estremeceu de medo, e ainda assim ela esperava. João frequentemente ia a uma pequena distância na esperança de poder trazer boas novas. Maria orou para que um crime tão grande não fosse cometido. Ela orou como Jesus no Monte das Oliveiras: "Se for possível, que este cálice passe de mim!" E assim a amorosa Mãe continuou a ter esperança, pois, ao passo que as palavras e os esforços dos fariseus para agitar o povo passavam de boca em boca, o rumor também lhe chegou de que Pilatos estava tentando libertar Jesus. Não muito longe dela estava um grupo de pessoas de Cafarnaum, e entre elas muitos que Jesus havia curado e ensinado. Eles fingiam não reconhecer João e as mulheres veladas de pé tão tristemente separado, e lançou em direção a eles olhares furtivos. Maria, como todos os outros, pensou que certamente não escolheriam a Barrabás em vez de seu Benfeitor e Salvador, mas nisso ela ficou desapontada.

Pilatos tinha voltado para a esposa, como sinal de que sua promessa ainda era válida, o penhor que lhe havia dado naquela manhã cedo. Ele novamente saiu para o terraço e sentou-se na cadeira pela pequena mesa. Os Sumo Sacerdotes também estavam sentados. Pilatos clamou novamente: "Qual dos dois devo soltar para vocês?" Daí, levantou-se de todo o fórum e de todos os lados um grito unânime: "A morte a este homem! Dá-nos o Barrabás! Pilatos novamente clamou: "Mas o que farei com Jesus, o Cristo, o Rei dos judeus?" Com violência tumultuada, todos gritavam: "Crucifica-o! Crucifica-o! Pilatos perguntou pela terceira vez: "Por que, que mal fez ele?" Não encontro nele a menor causa de morte. Vou açoitá-lo e depois deixá-lo ir. Mas o grito: "Crucifica-o!" Crucifica-o! surgiu da multidão como um rugido do Inferno, enquanto os sumos sacerdotes e fariseus, frenéticos de raiva, gritavam violentamente. Então, o pobre e indeciso Pilatos soltou o miserável Barrabás e condenou Jesus a ser açoitado!

O açoitamento de Jesus

Pilatos, o juiz vil e pusilânime, repetira várias vezes as palavras covardes: "Não encontro nele culpa alguma; portanto, castigá-lo-ei e o soltarei". Ao que os judeus não gritaram outra resposta senão: "Crucifica-o!" Crucifica-o! Mas Pilatos, ainda esperando cumprir sua primeira resolução de não condenar Jesus à morte, ordenou que Ele fosse açoitado à maneira dos romanos. Daí, os executores, batendo e empurrando Jesus com seus bastões curtos, levaram-no através da multidão enfurecida no fórum até a coluna de chicoteamento, que ficava em frente a um dos salões que rodeava a grande praça ao norte do palácio de Pilatos e não muito longe da casa de guarda.

E agora avançaram para encontrar Jesus os servos dos executores com seus chicotes, varas e cordas, que lançaram perto da coluna. Havia seis deles, homens morenos, todos um pouco mais baixos do que Jesus, com cabelos grosseiros e afiados, aos quais a natureza havia negado uma barba que não fosse um crescimento fino e curto como palha. Seus lombos estavam cingidos e o resto de suas roupas consistia de uma jaqueta de couro, ou algum outro material miserável, aberta nos lados, e cobrindo a parte superior do corpo como um escapulário. Tinham os braços nus e os pés cobertos por sandálias esfarrapadas. Eram vils malfeitores das fronteiras do Egito que, como escravos e culpados, eram empregados em edifícios e canais. Os mais perversos, os mais abjetos entre eles eram sempre escolhidos para a punição de criminosos no pretório.

Esses homens bárbaros haviam freqüentemente açoitado até a morte pobres infratores nesta mesma coluna. Havia algo bestial, até diabólico, na sua aparência, e eles estavam meio embriagados. Embora o Senhor não estivesse oferecendo nenhuma resistência, ainda assim o golpearam com seus punhos e cordas e, com fúria frenética, o arrastaram até o pilar, que ficava sozinho e não servia de suporte a nenhuma parte do edifício. Não era muito alta, pois um homem alto, com os braços estendidos, podia alcançar o topo, que estava provido de um anel de ferro. Em direção ao meio dela, de um lado, havia outros anéis, ou ganchos. É impossível expressar a barbárie com que aqueles cães furiosos ultrajaram Jesus naquela curta caminhada até a coluna. Arrancaram-lhe o manto de escárnio de Herodes, e quase lançaram o pobre Salvador ao chão.

Jesus tremeu e estremeceu diante da coluna. Com Suas próprias mãos, inchadas e ensanguentadas pelas cordas apertadas, e em tremida pressa, Ele colocou de lado Suas vestes, enquanto os carrascos O espancavam e O maltratavam. Ele orou e implorou tão comoventemente e, por um instante, virou a cabeça para a Sua mais aflita Mãe, que estava de pé com as santas mulheres em um canto de uma das varandas ao redor da praça, não muito longe do lugar de flagelação. Voltando-se para o pilar, como se quisesse cobrir-se por ele, Jesus disse: "Tira os teus olhos de Mim!" Não sei se Ele disse estas palavras verbalmente ou mentalmente, mas eu vi como Maria as tomou, pois no mesmo momento, eu a vi se afastar e afundar nos braços das santas mulheres que a rodeavam, bem veladas.

E agora Jesus agarrou a coluna nos Seus braços. Os carrascos, com horríveis imprecações e barbaridades, amarraram Suas mãos sagradas, foram erguidas, por meio de uma estaca de madeira, atrás do anel de ferro no topo. Ao fazê-lo, esticaram tanto todo o Seu corpo, que Seus pés, firmemente amarrados na base, mal tocavam o chão. Ali estava o Santo dos Santos, despojado de suas roupas, carregado de angústia e ignomínia indescritíveis, estendido sobre o pilar de criminosos, enquanto dois dos cães sanguinários, com raiva sanguinária, começaram a rasgar com seus chicotes a sacra espinha da cabeça aos pés. As primeiras varas,

ou chicotes, que usaram pareciam feitas de madeira branca flexível, ou poderiam ter sido cachos de tendões de boi, ou tiras de couro duro e branco.

Nosso Senhor e Salvador, o Filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, tremeu e se contorceu como um pobre verme sob os golpes das varas dos criminosos. Ele clamou com voz abafada, e um lamento claro e de som doce, como uma oração amorosa sob tortura excruciante, formou um acompanhamento tocante aos assopros dos seus atormentadores. De vez em quando, os gritos da população e dos fariseus se misturavam com aqueles tons piedosos, santos, abençoados e lamentativos, como terríveis trovões de uma furiosa nuvem de tempestade. Muitas vozes gritavam juntas: "Acabe com ele! Crucifica-o! Pois Pilatos ainda estava negociando com o povo. O alvoroço era tão grande que, quando ele queria proferir algumas palavras, o silêncio teve que ser imposto pelo toque de uma trombeta. Nesses momentos, podia-se ouvir os golpes das varas, os gemidos de Jesus, as blasfêmias dos executores e os belidos dos cordeiros pascais, que eram lavados na piscina perto do portão das ovelhas, a leste. Após esta primeira purificação, para que não se sujassem novamente, suas mandíbulas eram muçadas e eram levadas por seus donos ao longo da estrada limpa para o Templo. Em seguida, eram conduzidos ao lado ocidental, onde eram submetidos a outra lavagem cerimonial. O flauto desamparado dos cordeiros tinha algo indescritivelmente comovente. Eram os únicos sons em uníssono com os suspiros do Salvador.

A turba judaica manteve-se a alguma distância, cerca de uma rua de largura, do lugar do chicoteamento. Os soldados romanos estavam de pé aqui e ali, mas principalmente ao redor da casa de guarda. Todos os tipos de expectadores estavam vagando perto do próprio pilar, alguns em silêncio, outros com expressões de desprezo. Eu vi muitos deles de repente despertarem para a simpatia, e em tais momentos parecia como se um raio de luz súbita disparava de Jesus para eles.

Vi jovens mal vestidos, infames, num dos lados do quartel de guarda, preparando varas frescas, e outros saindo para procurar ramos de espinhos. Alguns executores dos Sumo Sacerdotes foram até os açoitadores e lhes deram dinheiro, e foi-lhes trazido um grande jarro de suco espesso e vermelho, do qual eles bebiam até ficarem perfeitamente furiosos de embriaguez. Eles tinham estado no trabalho cerca de um quarto de hora quando eles pararam de greve, e se juntaram a dois dos outros em beber. O corpo de Jesus era lívido, castanho, azul e vermelho, e inteiramente coberto de cortes inchados. O seu sangue sagrado corria pelo chão. Ele tremeu e estremeceu. O escárnio e a zombaria o assaltaram de todos os lados.

A noite anterior tinha sido fria. Toda a manhã até agora o céu estava nublado, e uma chuva de granizo tinha por alguns momentos caído sobre a multidão presente. Por volta do meio-dia, porém, o céu clareou e o sol brilhou.

O segundo par de açoitadores atacou agora Jesus com nova fúria. Eles faziam uso de diferentes varas, ásperas, como se estivessem cheias de espinhos, e aqui e ali providas de nós e estilhaços. Sob seus golpes furiosos, as feridas inchadas do corpo sagrado de Jesus foram rasgadas; Seu sangue borbulhava ao redor, de modo que os braços de Seus torturadores eram salpicados com ele. Jesus gemia e orava e tremia na Sua agonia.

Neste exato momento, um grupo numeroso de estranhos a camelos passava pelo fórum. Eles olhavam com medo e horror, enquanto alguns dos espectadores explicavam o que estava acontecendo. Eram viajantes, alguns dos quais haviam sido batizados, e outros haviam estado presentes no Sermão da Montanha de Jesus. Os gritos e o tumulto da população tornaram-se ainda maiores nas proximidades do palácio de Pilatos.

Os dois últimos açoitadores açoitaram Jesus com chicotes compostos de pequenas correntes, ou correias, presas a uma alça de ferro, com pontas ou ganchos de ferro nas extremidades. Arrancaram pedaços inteiros de pele e carne das suas costelas. Quem pode descrever a terrível barbárie daquele espetáculo!

Mas aqueles monstros ainda não tinham saciado a sua crueldade. Eles soltaram as cordas que amarravam Jesus e viraram-lhe as costas para o pilar e, como ele estava tão exausto que não podia mais ficar de pé, amarraram-no a ele com cordas finas passadas sob os braços, em todo o peito e abaixo dos joelhos. As mãos dele foram presas ao anel no meio do lado oposto. Só sangue e feridas, só carne barbaramente mutilada podiam ser vistas no mais sagrado, mais venerável Corpo do Filho de Deus. Como cães sanguinários furiosos, os açoitadores se enfureciam com seus golpes. Um deles segurava uma vara esguio na mão esquerda, e com ela bateu no rosto de Jesus. Não havia mais um ponto sã no Corpo do Senhor. Ele olhou, com os olhos a banharem-se em sangue, para os Seus torturadores, e pediu misericórdia, mas eles só aumentaram a ira. Ele gemeu em tons de desmaio: "Ai de mim! Ai!"

O terrível açoitamento tinha durado três quartos de hora quando um homem obscuro, um estranho e parente daquele Ctesifão cego a quem Jesus havia restaurado a visão, correu indignado para a parte de trás da coluna, com uma faca em forma de foice na mão, e gritou: Aguentem! Não espanquem o homem inocente até à morte! Os executores bêbados, assustados por um momento, pararam, ao passo que o estranho, com um golpe, cortou rapidamente as cordas que amarravam a Jesus. Foram todos unidos e fixados a um grande prego de ferro na parte de trás da coluna. O homem então fugiu de volta e desapareceu na multidão. Jesus afundou, coberto de sangue e feridas, ao pé do pilar e ficou inconsciente no Seu próprio sangue. Os executores O deixaram ali deitado e foram beber e chamaram seus companheiros vilões, que teciam a coroa de espinhos.

Jesus tremeu em agonia enquanto, com feridas sangrantes, jazia aos pés do pilar. Vi então umas jovens corajosas passando. Eles pararam em silêncio diante d'Ele, segurando-se umas às outras pela mão, e olharam para Ele com repulsa feminina, o que renovou a dor de todas as Suas feridas. Ele levantou Sua cabeça sangrando, e voltou Seu rosto triste em compaixão para com elas. Passaram, enquanto os carrascos e os soldados riam e gritavam algumas expressões escandalosas atrás delas.

Várias vezes, durante o açoitamento, vi anjos chorando ao redor de Jesus e, durante todo aquele castigo amargo e ignominioso que caiu sobre Ele como uma chuva de granizo, ouvi-O oferecer Sua oração a Seu Pai pelos pecados da humanidade. Mas agora, enquanto Ele estava no Seu próprio sangue, no pé do pilar, vi um anjo fortalecendo-O. Parecia como se o anjo lhe tivesse dado um bocado luminoso.

Os executores aproximaram-se novamente e, empurrando Jesus com os pés, pediram-Lhe que se levantasse, pois ainda não tinham acabado com o Rei. Bateram nele enquanto ele se arrastava atrás de sua faixa de linho, que os desgraçados infames chutavam com gritos de zombaria de um lado para o outro, de modo que Jesus, nesta sua extrema necessidade, teve que se arrastar dolorosamente pelo chão em seu próprio sangue como um verme pisoteado, a fim de alcançar seu cinto e cobrir com ele seus lombos lacerados. Depois, com golpes e pontapés, forçaram-no a seus pés vacilantes, mas não lhe deram tempo de vestir a sua túnica, que lhe lançaram ao redor com as mangas sobre os ombros. Levaram-no apressadamente para o quartel de guarda por um caminho redondo, pelo qual ele esfregou o sangue do rosto com a sua roupa. Foram capazes de avançar rapidamente do lugar de flagelação, porque os pórticos ao redor do edifício estavam abertos em direção ao fórum; podia-se ver através do caminho coberto sob o qual os ladrões e Barrabás

estavam presos. Ao passo que Jesus era conduzido pelos assentos dos sumos sacerdotes, estes gritavam: "Leva-o! Fora com ele! E, em repulsa por Ele, dirigiu-se para o pátio interno da casa dos guardas. Não havia soldados nela quando Jesus entrou, mas todos os tipos de escravos, carrascos e vagabundos, a própria escória da população.

Visto que a multidão estava tão animada, Pilatos enviara à fortaleza de Antonia um reforço de guardas romanos, e agora ordenava a estes que cercassem a casa de guarda. Permitiu-se-lhes falar, rir e zombar de Jesus, embora tivessem de manter suas fileiras. Pilatos queria assim conter as pessoas e mantê-las em temor. Havia mais de mil homens reunidos.

Maria durante o açoitamento de Jesus

Vi a Virgem, durante o açoitamento do nosso Redentor, num estado de êxtase ininterrupto. Ela viu e sofreu de maneira indescritível tudo o que seu Filho estava suportando. O seu castigo, o seu martírio, foi tão inconcebivelmente grande como o seu mais santo amor. Os gemidos baixos frequentemente irrompiam de seus lábios, e seus olhos se inflamavam de choro. Maria Heli, sua irmã mais velha e muito idosa, que tinha uma grande semelhança com Santa Ana, apoiava-a nos braços. Maria Cléofas, filha de Maria Héli, também estava presente, e ela também, em sua maior parte, se apoiava no braço de sua mãe. As outras santas mulheres estavam a tremer de tristeza e ansiedade. Elas estavam padecendo com baixos gritos de tristeza em torno da Virgem Santíssima, como se esperassem a sua própria sentença de morte. Maria usava uma túnica longa, quase azul-céu, e sobre ela um longo, branco, manto de lã, e um véu de branco cremoso. Madalena estava muito perturbada, de fato bastante consumida pela dor; seu cabelo pendurado solto sob seu véu.

Quando, depois da flagelação, Jesus caiu aos pés da coluna, vi que Cláudia Procla, esposa de Pilatos, enviou à Mãe de Deus um feixe de grandes panos de linho. Eu não sei agora se ela pensou que Jesus seria liberado, e então a Mãe do Senhor poderia ligar suas feridas com eles, ou se a pagã compassiva enviou os lençóis para o uso da posterior da Virgem Santíssima.

Maria viu seu Filho lacerado ser conduzido pelos carrascos. Com a Sua roupa, Ele limpou o sangue dos Seus olhos para poder ver a Sua Mãe. Ela ergueu as mãos em agonia em direção a Ele e contemplou Suas pegadas manchadas de sangue. Daí, quando a multidão se deslocou para o outro lado, vi a Virgem Santíssima e Madalena aproximarem-se do lugar do açoitamento. Rodeadas e escondidas pelas outras santas mulheres e algumas pessoas bem-dispostas que estavam por perto, ajoelharam-se e embeberam o Sangue sagrado de Jesus com os lençóis até que nenhum vestígio dele pudesse ser encontrado.

As santas mulheres eram cerca de vinte em número, mas eu não vi João com elas naquele momento. Obed, filho de Simeão, filho de Verônica, e Aram e Themeni, os dois sobrinhos de José de Arimatéia, embora tristes e cheios de tristeza, estavam ocupados no Templo.

Eram cerca de nove horas da manhã quando terminou a flagelação.

Interrupção das visões da Paixão pela aparição de São José sob a forma de uma criança

Durante todo o tempo das visões da Paixão que acabamos de narrar, ou seja, desde a noite de 18 de fevereiro de 1823 (terça-feira após o primeiro domingo de

Quaresma) até 8 de março (sábado anterior ao Domingo de Læta), a Venerável Irmã Emmerich estava em contínuo êxtase, compartilhando os sofrimentos espirituais e corporais do Senhor.

Estava absorta nessas contemplações, inconsciente das coisas externas, chorando e gemendo como uma criança torturada. Tremia, estremecia e contorcia-se no sofá, gemendo em voz baixa e fraca, com o rosto como o de um mártir moribundo.

Um suor sangrento brotava várias vezes sobre o peito e as costas. Em geral, seus choros de suor eram frequentes e tão profusos que saturavam a roupa de cama e até mesmo a própria cama.

Ao mesmo tempo, sofria uma sede tão grande que poderia ser comparada a uma pessoa num deserto árido que morre por falta de água. Muitas vezes, de manhã, tinha a boca tão seca e a língua tão contraída que só através de sinais e sons inarticulados podia pedir alívio.

Uma febre diária acompanhava ou seguia todos esses tormentos, além de suportar sem interrupção sua razão habitual de dores simpáticas e expiatórias. Só depois de períodos de descanso cansativos podia relatar suas várias visões da Paixão, e mesmo assim só podia contá-las em fragmentos.

Desta forma e em estado de extrema miséria, relatou no sábado 8 de março a flagelação de Jesus como a contemplação da noite anterior, embora parecesse estar diante dela mesmo durante o dia. No entanto, ao anoitecer houve uma interrupção nas suas contemplações da Paixão. Vamos apresentá-la aqui porque oferece uma visão da vida interior desta pessoa extraordinária. Além disso, dará um respiro aos leitores destas páginas, pois sabemos por experiência que a meditação da Paixão, assim como a sua recitação, pode esgotar os fracos, ainda que estejam plenamente conscientes de que tudo foi suportado por eles. A vida espiritual e corporal da Irmã Emmerich estava em estreita harmonia com a vida diária interior e exterior da Igreja de acordo com as épocas. Armonizavam ainda mais perfeitamente que a vida sensível e corpórea dos seres humanos com as horas do dia e as épocas do ano, que o sol com a lua, o clima com a temperatura. Fornecia, talvez com maior grau de certeza do que estes, uma evidência imutável mas humilde da existência e significado dos mistérios e festividades da vida interior e exterior da Igreja em suas várias épocas. Seguia tão exatamente o espírito eclesiástico que, assim que era a véspera (ou seja, a vigília) de uma festa iniciada na Igreja, todo o estado de alma e corpo de Sor Emmerich mudava interior e exteriormente; e no instante em que o sol espiritual daquela festa se punha, ela dirigia seus pensamentos para a próxima data, para expor todas as suas orações e trabalhos de sofrimento ao orvalho, à luz, ao calor da graça especial anexada a aquela nova festa e para colocar em ordem sua tarefa diária. Não exatamente no momento em que os sinos da noite católica tocam o anúncio da próxima festa e chamam os fiéis a se unirem naquela emocionante oração, "Angelus Domini", ocorria esta mudança na irmã Emmerich. Por ignorância ou negligência, estas campainhas talvez muitas vezes sejam adiantadas ou atrasadas. Mas quando um relógio, desconhecido para nós mortais, dava a hora para comemorar no tempo algum grande e eterno mistério, seu ser inteiro sofria uma mudança. Se a Igreja celebrava um mistério doloroso, a Irmã Emmerich sentia-se verdadeiramente e literalmente sobrecarregada pela participação compreensiva nele, languida em sofrimentos tanto da alma como do corpo; mas a esposa de Jesus Cristo, como se repentinamente refrescada pelo orvalho de uma nova graça, adquiria novo vigor de corpo e alma quando a Igreja começava a celebração de uma festa alegre. Ela continuava nesse estado até a noite seguinte (com seus sofrimentos ocultos por enquanto, por assim dizer) para poder, feliz e serenamente alegre, dar testemunho de sua verdade intrínseca e eterna.

Tudo isso, no entanto, não ocorria tanto por sua própria vontade como independentemente dela. Fazia-o com tão pouco planeamento como a abelha quando, a partir da flor, prepara a cera e o mel para a sua dor habilmente construída. A disposição desta pobre camponesa, desde pequena, de ser obediente a Jesus e a sua Igreja, foi muito agradável aos olhos de Deus, e Ele a recompensou provendo-lhe extraordinárias facilidades para a prática da obediência. Ela não podia resistir à atração de voltar-se para a Igreja, da mesma forma que a planta não poderia fugir a voltar-se para a luz, mesmo se estivesse fechada à influência direta de seus raios vivificantes. O seu rosto estava velado de tristeza ou radiante de alegria, segundo se a sua Mãe, a Igreja, estava triste ou feliz.

No sábado, 8 de março de 1823, ela contou, presa de sofrimento infinito, a flagelação de Jesus, que tinha sido a visão da noite anterior, e que parecia ocorrer quase todo o dia.

Mas no final desta houve uma interrupção na série seguida até aqui nas visões da Paixão. Aproveitamos-nos para mostrar melhor a vida interior de uma pessoa tão extraordinária, e para dar ao leitor deste livro um ponto de repouso. Já experimentámos nós mesmos o que causa aos fracos alguma fadiga a representação da Paixão do Salvador, apesar de ter sido para a nossa salvação.

A vida espiritual e corporal da freira estava em união contínua com a vida diária da Igreja no tempo. Era uma união mais íntima do que a que põe a nossa vida sob a dependência das épocas, das horas do dia, do sol e da lua, do clima e da temperatura, e pela qual dava um testemunho perpétuo da existência e do significado de todos os mistérios e de todas as solenidades celebradas pela igreja no tempo. Seguia-as tão pontualmente, que, nas matinas de cada dia, em todo o seu estado interior e exterior, espiritual e corporal, uma mudança se fazia.

Quando o sol espiritual de um dos dias da Igreja se punha, ela voltava-se instantaneamente para o sol do dia seguinte, como se todas as suas orações, todos os seus trabalhos, todos os seus sofrimentos, penetrassem da graça especial concedida a este novo dia, da mesma forma que uma planta banha-se no orvalho e regozija-se com a luz e a cor da aurora.

Verificava-se uma revolução em todo o seu corpo, não precisamente quando o sino tocava o Angelus, ao anoitecer, que pode ser tocado mais tarde ou mais cedo por causa da ignorância dos que estão encarregados disso, mas no momento real e preciso de uma nova reprodução da ordem eterna, numa hora em que os homens não são capazes de apreciá-la pelos sentidos.

Se a Igreja celebrava uma festa dolorosa, ela parecia abatida e languida; mas ao começar uma festa de júbilo, seu corpo e sua alma erguiam-se animados por um orvalho de nova graça, e até a noite ela estava tranquila, alegre, como se suas dores tivessem desaparecido. Tudo isso acontecia em Ana sem a participação de sua vontade. Mas, como desde a sua infância tinha tido o sincero desejo de ser obediente a Jesus e à sua Igreja, Deus tinha modificado a sua natureza de modo a que se voltasse espontaneamente para a Igreja como uma, planta para a luz, ainda que rodeada de uma noite artificial.

No sábado, 8 de Março de 1823, depois do pôr do sol, tendo acabado de contar, com muito trabalho, as cenas da flagelação, do Senhor, caiu de repente em silêncio, e o que escreve estas páginas acreditou que sua alma tinha passado para a contemplação da coroação de espinhos. Mas depois de alguns minutos de repouso, seu rosto, alterado e pálido como o de um agonizante, recuperou a doce serenidade, e pronunciou algumas palavras no tom afetuosamente com que se fala às crianças:

"Ah, que menino tão amável! Quem é? Espere, vou perguntar-lhe. Chama-se José. Ele vem correndo até mim através da multidão. Pobre criança! Ele sorri, não sabe

nada do que se passa. Está quase nu; receio que esteja com frio. O ar está tão fresco esta manhã! "Espera, vou-te dar um pouco de calor".

Depois dessas palavras, pronunciadas com tanta verdade, que ele poderia olhar em volta para ver se via a criança, ela pegou alguns panos que estavam ao seu lado, e fez todos os movimentos de uma pessoa compassiva que quer preservar uma criança do frio. Seu amigo não pôde perguntar a explicação do que tinha motivado estas palavras, porque seu estado mudou de repente. Uma pessoa que a cuidava pronunciou a palavra obediência; esta palavra era o nome de um dos votos pelos quais ela se consagrou a Deus, e instantaneamente recolheu suas idéias como uma criança dócil a quem sua mãe chamou acordando-o de um sono profundo. Ela pegou seu rosário e o crucifixo que sempre carregava com ela, compôs suas roupas, esfregou os olhos e sentou-se; ela foi levada de sua cama para uma cadeira, pois ela era incapaz de se segurar e de andar; era hora de fazer a cama. O seu amigo foi escrever o que tinha recolhido no dia.

No domingo, 9 de março, ela perguntou à pessoa que a cuidava: "O que a enfermeira queria dizer ontem à tarde quando falou de um menino chamado José?" E este homem respondeu: "Estava muito tempo ocupada com o pequeno José; ele é o filho de uma de minhas primas, que Ana ama muito. Temo que isto seja um presságio de doença para este menino, pois ela disse muitas vezes que estava quase nu e temia que tivesse uma constipação. Seu amigo se lembrou, de fato, de ter visto esse menino brincar muitas vezes na cama da doente, e ele acreditava apenas que Ana teria sonhado com ele na véspera. Mais tarde, quando voltou a vê-la para que continuasse a contar-lhe as cenas da Paixão, a encontrou mais serena e em melhor estado do que nos dias anteriores. Ana disse-lhe que não tinha visto mais nada depois da flagelação, quando lhe fez perguntas sobre o pequeno José, de que tinha falado tanto, não se lembrava de ter mencionado tal criança. Perguntou-lhe como ela estava tão serena e tão boa; ela respondeu que sempre lhe acontecia o mesmo no meio da Quaresma, que a Igreja cantava com Isaías na introdução da Missa: "Alegrai-vos, Jerusalém! Juntem-se os que a amam, regozijem-se os que estão tristes; entreiam-se na alegria, e estejam cheios de consolação". Que era um dia de alegria, e que, além disso, no Evangelho do dia, o Senhor alimentou cinco mil homens com cinco pães e dois peixes, e doze cestos ficaram com os restos. Era preciso alegrar-se. Ele acrescentou que também a havia alimentado pela manhã com a Sagrada Comunhão, e que naquele dia de Quaresma ela sempre se sentiu fortalecida espiritualmente e corporalmente. Seu amigo deu uma olhada no Lecionário, e viu que, além do domingo de Lætare, era celebrada naquela diocese a festa de São José, o que ignorava, pois em outras partes esta festa caía em 19 de março. Ela avisou-o, e perguntou-lhe se essa era a circunstância que o tinha feito falar de José, e Ana respondeu-lhe que sabia bem que era a festa do pai adotivo de Jesus; mas que não se tinha lembrado desse menino que tinha o seu nome. No meio desta conversa ele se lembrou de repente do objeto de sua visão da véspera.

Era, de fato, uma imagem alegre de São José, que por ocasião de sua festa, e do domingo de Lætare, havia sido introduzido no meio das visões da Paixão.

Percebemos que aquele que lhe falava lhe enviava mensageiros sob a forma de uma criança, e que isso acontecia nos casos em que a arte humana também poderia ter usado a figura de uma criança para interpretar o seu pensamento. Se, por exemplo, uma de suas visões da História Sagrada lhe apresentava uma profecia cumprida, ela via perto da pintura que tinha diante dos olhos um menino, que em sua postura, em sua vestimenta, no modo de ter na mão ou de levar na ponta de uma vara sua escrita profética, reproduzia o caráter de tal ou qual profeta. Se ela sofresse grandes dores, vinha até ela um menino doce e silencioso, vestido de verde,

sentava-se com um ar de resignação na beira da cama, deixava-se levar de um braço para o outro, ou se colocava no chão sem dizer nada. Olhava-a constantemente com carinho, e consolava-a: era a Paciência. Se em um momento de cansaço ou de sofrimento extraordinário, Ana se relacionava com algum Santo, seja pela celebração de sua festa, seja por meio de uma relíquia, via cenas da infância desse Santo, e outras vezes via seu martírio com as circunstâncias mais terríveis de seus maiores sofrimentos: o consolo, e até mesmo a instrução e os avisos vinham a ela por imagens de crianças. Acontecia também que em certas penas, em certas angústias a que não sabia resistir, ele dormia e era transportada para algum perigo que havia ocorrido em sua infância. Acreditava, como as suas palavras e gestos durante o sonho mostravam, que se tinha tornado uma pobre aldeã de cinco anos, que, ao atravessar um recinto, agarrava-se aos espinhos e chorava. Então, eram sempre reproduzidas cenas reais de sua infância, e às vezes eram referidas por palavras como: "Por que gritas? Eu não tirarei os espinhos até que você não espere meu socorro com paciência, peça-me com amor. Ela obedecera a esta ordem quando criança, e a seguiria em sua velhice, no meio de suas provações mais terríveis; e quando estava acordada, falava rindo do cerco em que ficou presa, daquele meio de paciência e de oração que lhe fora dado como uma chave para sair. Ana tinha recebido em sua infância, e tinha omitido muitas vezes, mas nunca tinha falhado quando tinha recorrido a ele. Contou os seguintes trechos das visões que, na véspera, haviam interrompido as cenas da Paixão, no início das matinas da festa de São José.

Aparição pessoal a Maria e a Madalena

O rosto da Virgem estava pálido e desfigurado; os seus olhos estavam coloridos de lágrimas. Não consigo expressar a sua simplicidade e a sua dignidade. Desde ontem não deixou de vaguear, no meio de sua angústia, pelo vale de Josafá e pelas ruas de Jerusalém, e, no entanto, não havia desordem nem decomposição em sua vestimenta, não havia uma única dobra que não respirasse santidade; tudo nela era simples, digno, cheio de pureza e inocência. Maria olhava majestosamente ao seu redor, e as dobras de seu véu, quando ela virava a cabeça, tinha uma visão singular. Os seus movimentos eram sem violência, e no meio da dor mais amarga, a sua aparência era simples e serena. O seu vestido estava molhado pela chuva da noite e pelas abundantes lágrimas que derramou. Ela era bela, de uma beleza indescritível e sobrenatural: esta beleza era pureza inefável, simplicidade, majestade e santidade. Madalena tinha um aspecto diferente. Ela era mais alta e mais forte; sua pessoa e seus movimentos eram mais pronunciados. Mas as paixões, o arrependimento, a sua dor vigorosa destruíram a sua beleza. Era assustador vê-la tão desfigurada pela violência do seu desespero; os seus cabelos longos pendiam soltos debaixo do seu véu despedaçado. Estava toda perturbada, só pensava na dor, e parecia quase louca. Havia muitas pessoas em Magdala e nos arredores que a viram levar uma vida, primeiro tão elegante, e depois tão escandalosa. Por ter vivido muito tempo escondida, hoje era apontada com o dedo e cheia de insultos, e até os homens da plebe de Magdala lhe jogavam na lama. Mas ela não percebia nada: estava tão absorvida na sua dor!

Jesus é coroado de espinhos e zombado

Enquanto Jesus estava sendo açoitado, Pilatos havia falado várias vezes à multidão, e novamente o grito aumentou: Ele será executado, mesmo que morramos por isso!

E, quando Jesus foi levado à coroação, gritaram novamente: "Acabe com ele!" - Para longe! Novos bandos de judeus chegavam constantemente, e à medida que chegavam, eram instigados pelos mensageiros dos sumos sacerdotes a levantar esse grito.

Agora seguiu-se um breve intervalo de descanso. Pilatos deu algumas ordens aos seus soldados. Enquanto isso, os sumos sacerdotes e o Conselho, sentados em bancos elevados de ambos os lados da rua em frente ao terraço de Pilatos, sombreados por árvores e toldos, ordenavam que seus servos lhes trouxessem comida e bebida. Vi Pilatos novamente perplexo e duvidando. Cedendo à sua superstição, retirou-se sozinho para queimar incenso perante seus deuses e se empenhar em todos os tipos de adivinhações.

Vi a Virgem e os seus companheiros, quando secaram o sangue de Jesus depois da flagelação, saindo do fórum. Vi-os com os lençóis ensanguentados numa pequena casa construída numa parede do bairro. Não me lembro agora de quem era, nem me lembro de ter visto João no açoitamento.

A coroação de espinhos foi feita no pátio interior do corpo de guarda onde haviam cinquenta miseráveis, criados, carcereiros, algozes, escravos e outras pessoas de igual caráter. A população estava em volta do edifício, mas logo se viu cercada por mil soldados romanos, alinhados, cujos risos e zombarias excitavam o ardor dos executores de Jesus, como os aplausos do público excitam os comediantes.

No meio do pátio havia um pedaço de uma coluna, sobre a qual havia um banco muito baixo, cheio de pedras afiadas. Eles tiraram de Jesus as roupas do corpo, cobertas de feridas, e vestiram-lhe uma velha túnica da cor de um soldado, que não chegava aos joelhos. Arrastaram-no para o banco que lhe tinham preparado e sentaram-no brutalmente. Então eles colocaram uma coroa de espinhos em volta da cabeça dele e amarraram-na fortemente atrás. Era feito de três varas de espinho bem entrelaçados, e a maior parte das pontas estava deliberadamente virada para dentro. Tendo-a amarrado, colocaram-lhe um cajado na mão; tudo isto fizeram com uma gravidade ridícula, como se realmente o coroassem rei. Tiraram-lhe a cana das mãos e lhe bateram com tanta violência na coroa de espinhos, que os olhos do Salvador ficaram inundados de sangue. E, ajoelhando-se diante dele, escarneciam-no, e, cuspiendo-lhe na cara, esbofeteavam-no, dizendo: Viva, rei dos judeus!

Depois atiraram-no para o banco e levantaram-no violentamente.

Não poderia repetir todos os ultrajes que estes homens imaginavam. Jesus sofria de uma sede horrível; suas feridas o tinham aquecido e ele estava com frio; sua carne estava rasgada até os ossos, sua língua estava contraída, e o sangue sagrado que corria de sua cabeça refrescava sua boca ardente e entreaberta. Jesus foi assim maltratado por meio de meia hora em meio às gargalhadas, gritos e aplausos dos soldados formados ao redor do Pretório.

"Ecce Homo"

E agora levaram novamente Jesus, com a coroa de espinhos na cabeça, o cetro falso nas mãos acorrentadas, o manto púrpura em volta dele, para o palácio de Pilatos. Ele estava irreconhecível por causa do sangue que enchia os Seus olhos e corria até a Sua boca e barba. Seu corpo, coberto de feridas e inchaços, parecia um pano mergulhado em sangue, e Sua marcha era inclinada e vacilante. O manto era tão curto que Ele teve de se inclinar para se cobrir com ele, pois, na coroação, haviam novamente rasgado todas as suas roupas. Quando Ele chegou ao degrau mais baixo da escada que conduzia a Pilatos, até mesmo aquele ser de coração duro foi tomado por um estremecimento de compaixão e repulsa. Ele se apoiou em um de seus

oficiais, e enquanto os sacerdotes e o povo continuavam a gritar e zombar, ele exclamou: Se o diabo fosse tão cruel quanto os judeus, não se poderia viver com ele no Inferno! Jesus estava cansado de ser arrastado pelas escadas, e, enquanto permanecia um pouco para trás, Pilatos subiu à frente da varanda. A trombeta soou para chamar a atenção, pois Pilatos ia falar. Dirigindo-se aos sumos sacerdotes e ao povo, ele disse: "Eis! Vou trazê-lo para fora, para que saibam que não encontro nele nenhuma culpa!"

Daí, os executores levaram Jesus para a frente da varanda, onde Pilatos estava de pé, para que pudesse ser visto por toda a gente no fórum. Que espetáculo terrível e desolador! Um silêncio terrível e sombrio se abateu sobre a multidão, enquanto Jesus, tratado de forma desumana, a figura sagrada e martirizada do Filho de Deus, coberto de sangue e feridas, vestindo a terrível coroa de espinhos, apareceu e, de Seus olhos banhados em sangue, lançou um olhar sobre a multidão que se aproximava! Pilatos estava perto, apontou-lhe o dedo e gritou aos judeus: "Eis o homem!"

Enquanto Jesus, com o manto escarlate de escárnio arremessado ao redor de Seu corpo lacerado, Sua cabeça perfurada afundando sob o peso da coroa de espinhos, Suas mãos acorrentadas segurando o cetro falso, estava assim diante do palácio de Pilatos, em infinita tristeza e benignidade, dor e amor, como um fantasma sangrento, exposto aos gritos furiosos de ambos os sacerdotes e o povo, um bando de estranhos, homens e mulheres, com suas vestes reduzidas, atravessou o fórum e desceu ao poço das ovelhas. Eles estavam indo para ajudar na lavagem dos cordeiros pascais, cujo bleatamento gentil ainda estava se misturando com os gritos sanguinários da multidão, como se desejasse testemunhar a Verdade Silenciosa. Agora era que o verdadeiro Cordeiro pascal de Deus, o revelado embora não reconhecido Mistério deste dia santo, cumpriu as profecias e estendeu-se em silêncio no banco de abate.

Os sumos sacerdotes e os juízes ficaram perfeitamente enfurecidos ao verem Jesus, o espelho temível de sua própria consciência, e clamaram: Fora com Ele! Crucifica-o! Pilatos exclamou: "Ainda não estais satisfeitos? Ele foi tratado tão mal que nunca mais vai querer ser rei. Mas eles e todo o povo, como se estivessem fora de si com fúria, gritaram violentamente: "Acabe com ele! Para a cruz com ele! Pilatos novamente ordenou que soassem a trombeta, e novamente ele gritou: "Tomai-o vós mesmos e crucificai-o, pois não encontro nele nenhuma culpa". Para isso, os sumos sacerdotes gritaram: "Nós temos uma lei, e segundo esta lei ele deve morrer, porque fez de si mesmo o Filho de Deus". Pilatos respondeu: Se vocês têm tal lei, de que um homem como este deve morrer, então, eu nunca quero ser judeu! As palavras, porém, "Ele se fez Filho de Deus", renovaram a ansiedade de Pilatos, suscitando novamente seus temores supersticiosos. Fez, portanto, com que Jesus fosse trazido à sua frente, para a sala de julgamento, onde falou com Ele a sós. Começou por perguntar: "De onde és?" Mas Jesus não lhe respondeu nada. Não me respondes? disse Pilatos. Não sabes que tenho poder para te crucificar e poder para te soltar? "Não terias nenhum poder", respondeu Jesus, "se não te fosse dado de cima; por isso, aquele que me entregou a ti tem o maior pecado".

Neste exato momento, Cláudia Procla, esposa de Pilatos, ansiosa por ver sua irresolução, mandou novamente a ele, ordenando ao mensageiro que lhe mostrasse mais uma vez o penhor que ele havia dado a ela de sua promessa. Mas ele respondeu com uma resposta vaga e supersticiosa, apelando aos seus deuses.

Indeciso e perplexo como antes, Pilatos saiu novamente e dirigiu-se ao povo, dizendo-lhes que não encontrava nenhuma culpa em Jesus. Entretanto, haviam sido excitados pelo relato espalhado pelos sumos sacerdotes e fariseus, a saber, que os

seguidores de Jesus haviam subornado a esposa de Pilatos; para que, Jesus fosse libertado, Ele se uniria aos romanos e então todos seriam mortos. Isto despertou tanto a multidão que clamaram mais veementemente do que nunca por Sua morte. Pilatos, desejoso de obter de alguma forma uma resposta às suas perguntas, voltou a Jesus na sala de julgamento. Quando ficou sozinho com Ele, ele olhou para ele quase com medo e pensou de uma forma confusa: "Se este homem é realmente um deus". E então, com um juramento, ele imediatamente começou a exortar Jesus a dizer se Ele era um deus e não um ser humano, se Ele era o rei prometido aos judeus. Até onde se estendia Seu Reino? A que grau pertencia Sua divindade? E terminou declarando que, se Jesus respondesse às suas perguntas, o libertaria. O que Jesus disse a Pilatos em resposta, só posso repetir em substância, não em palavras. O Senhor falou palavras de terrível importância. Ele deu a Pilatos a compreensão de que tipo de rei Ele era, sobre que tipo de reino Ele reinava, e qual era a verdade, pois Ele lhe disse a verdade. Ele colocou diante dele o estado abominável de sua própria consciência, predisse o destino reservado para ele - exílio na miséria e um fim horrível. Disse-lhe, além disso, que um dia viria para julgá-lo com um julgamento justo.

Assustado e irritado com as palavras de Jesus, Pilatos novamente saiu para a varanda e proclamou sua intenção de libertar Jesus. Então, levantou-se o grito: "Se libertares este homem, não és amigo de César, pois todo aquele que se faz rei fala contra César". Outros gritaram: "Vamos denunciá-lo a César como perturbador de nossa festa. Decide-te imediatamente, sob pena de punição, temos de estar no Templo às dez da noite. E o grito: "À cruz com Ele!" Fora com ele! ressoou furiosamente de todos os lados, até mesmo dos telhados planos das casas perto do fórum, sobre o qual alguns da multidão tinha subido.

Pilatos viu agora que não podia fazer nada com a multidão enfurecida. Havia algo realmente assustador na confusão e no tumulto. Toda a massa de pessoas reunidas diante do palácio estava em tal estado de raiva e excitação que se temia uma violenta insurreição. Então Pilatos pediu água. O servo que o trouxe derramou-a de um vaso sobre as mãos de Pilatos diante do povo, ao passo que Pilatos clamou da varanda: "Eu sou inocente do sangue deste justo homem. Cuidado com isso! Da multidão reunida, entre a qual havia pessoas de todas as partes da Palestina, levantou-se então o grito horrível e unânime: "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!"

Sempre que, em minhas meditações sobre a dolorosa Paixão, ouço este grito dos judeus: "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!" O efeito dessa auto-maldição solene torna-se sensível em visões maravilhosas e terríveis. Eu vejo sobre aquela multidão vociferante um céu sombrio coberto de nuvens vermelhas de sangue, flagelos de fogo e espadas. Parece que vejo as radiações daquela maldição penetrar até a medula dos seus ossos, sim, atingindo até os seus filhos no ventre da mãe. Vejo a nação inteira envolta em escuridão. Eu vejo que o grito horrível estourando de seus lábios como tantas chamas lúgubres, furiosos, que se elevam e se unem sobre a cabeça, e depois recuam sobre eles, penetrando profundamente em alguns, mas apenas flutuando em torno de outros. Estes últimos simbolizavam os que se converteram depois da morte de Jesus. O seu número não era insignificante, pois vi Jesus e Maria, durante todos os seus terríveis sofrimentos, orando continuamente pela salvação dos torturadores. Nem por um momento o Salvador e a Sua Mãe ficaram irritados com todo o horrível maltrato. Vejo toda a Paixão do Senhor sob símbolos da mais maliciosa, da mais bárbara tortura, da mais vil e insolente zombaria; sob símbolos de raiva e fúria, e das mais horríveis e sanguinárias disposições por parte de Seus inimigos e seus dependentes; sob

símbolos de ingratidão e negação por parte de muitos de Seus próprios seguidores; sob símbolos dos mais amargos sofrimentos da alma e do corpo. Mas vejo Jesus suportando tudo, até ao último suspiro, em oração constante, em amor constante pelos seus inimigos, e súplica constante pela sua conversão. Mas por essa mesma paciência e amor, vejo a raiva e a loucura dos Seus inimigos ainda mais inflamadas. Tornam-se furiosos, porque todo o mau tratamento que recebe não pode tirar de Seus lábios que não se queixam uma palavra que possa justificar sua malícia. Hoje, na Páscoa, quando matam o cordeiro pascal, não sabem que, ao mesmo tempo, estão matando o verdadeiro Cordeiro.

Quando, em tais contemplações, volto meus pensamentos para as disposições das pessoas e dos juízes, e depois direciono-os para as mais santas almas de Jesus e de Maria, tudo o que acontece dentro delas é mostrado a mim sob várias formas. É verdade que o povo não o viu, mas sentiu tudo o que essas formas tipificam. Eu vejo então uma multidão de imagens diabólicas, cada uma perfeitamente conforme ao vício que elas simboliza, e todos em atividade terrível entre as pessoas. Vejo-os a correr aqui e ali, a incitar e a confundir a multidão, a sussurrar-lhes nos ouvidos, a escorregar-lhes na boca. Vejo-os expulsar números da massa crescente, unindo-os em um bando, e incitando-os contra Jesus, diante de cujo amor e paciência eles se retiram tremendo e novamente desaparecem na multidão. Mas em todas as suas ações vejo algo desesperado, desconcertante, até mesmo autodestrutivo, um incentivo confuso e irracional, primeiro aqui, depois lá. Acima e em torno de Jesus, no entanto, e perto de Maria e cada um do pequeno número de pessoas santas presentes nesta cena terrível, eu vejo inumeráveis santos em movimento contínuo. Vejo-os de acordo com as suas várias missões sob múltiplas formas e vestimentas. Suas ações parecem às vezes tipificar o consolo oferecido, como oração ou unção, como alimentar, vestir e dar de beber aos necessitados, ou como outras obras de misericórdia.

Do mesmo modo, vejo muitas vezes palavras de consolo ou de advertência emanando em raios de luz de várias cores da boca de tais aparições, ou elas carregam em suas mãos mensagens na forma de rolos de escrita. Vejo também muitas vezes (isto é, se é necessário para mim conhecê-lo) os movimentos das almas e suas paixões interiores, seu sofrimento, seu amor, tudo o que a alma percebe. Vejo-as a penetrar, a brilhar através do peito e, de fato, através de todo o corpo dos seres humanos, por vezes à luz de cores diferentes, outra vez nas sombras. Aparecem sob múltiplas formas, sob cores e imagens que sofrem muitas mudanças, algumas súbitas, outras mais deliberadas, e então eu entendo tudo. Mas é impossível repeti-los, pois é interminável e, além disso, estou tão cheio de dor, sofrimento e ansiedade em consequência dos meus próprios pecados e dos do mundo inteiro, tão dilacerada pela amarga Paixão de Jesus, que eu não sei como eu sou capaz de juntar o pouco que eu relato. Muitas coisas, especialmente as aparições e fatos relacionados com a ação de anjos e demônios que foram contempladas por outras almas ao contemplarem em visão a Paixão de Cristo, tornam-se misturadas ao serem relatadas. São fragmentos de operações internas, invisíveis, espirituais e visionárias. Eles são retidos na memória de acordo com o próprio calibre da alma do vidente, às vezes de uma maneira, às vezes de outra, e são muitas vezes erroneamente unidos no processo de comunicação. Daí se seguem declarações contraditórias, visto que coisas diversas são inteiramente esquecidas, outras descuidadamente passadas por alto, ao passo que apenas algumas são registradas. Uma vez que toda espécie de maldade se gastou em atormentar Jesus, uma vez que todo amor sofreu Nele, uma vez que Ele, como o Cordeiro de Deus, tomou sobre Si os pecados do mundo - quem poderia saber, quem poderia relatar

esses detalhes intermináveis de crueldade de um lado, de santidade do outro? Se, portanto, as visões e meditações de muitas almas devotas não se harmonizam perfeitamente umas com as outras, é porque essas almas não foram favorecidas com graças semelhantes de visão, ou facilidade de compreensão e comunicação.

Jesus é condenado à morte na cruz

Pilatos, que não procurava a verdade, mas uma saída para a dificuldade, tornou-se agora mais indeciso do que nunca. Sua consciência o censurava: Jesus é inocente. A mulher dele disse: "Jesus é santo". Sua superstição sussurrou: "Ele é inimigo dos teus deuses". Sua covardia gritou: "Ele é mesmo um deus, e Ele mesmo se vingará". Então ele novamente interrogou Jesus ansiosa e solenemente, e então Jesus fez-lhe conhecer suas transgressões secretas, sua futura carreira e fim miserável, e o advertiu de que Ele viria um dia sentado nas nuvens para pronunciar sobre ele uma sentença justa. E agora veio um novo peso a ser lançado na falsa balança da sua justiça contra a libertação de Jesus. Ele se ofendeu por ter de ficar diante de Jesus, a quem não podia sondar, com sua consciência ignominiosa desvelada sob Seu olhar; e que o Homem a quem ele havia feito açoitar e a quem ele tinha poder de crucificar, predisse para ele um fim miserável; sim, que os lábios aos quais jamais havia sido imputada nenhuma mentira, que não haviam proferido nenhuma palavra de autojustificação, deveriam, mesmo neste momento de extrema angústia, convocá-lo naquele dia a um julgamento justo. Tudo isso despertou seu orgulho. Mas como nenhum sentimento dominava nesta criatura miserável e irresoluta, ele foi tomado de ansiedade ao lembrar-se do aviso do Senhor, e assim decidiu fazer um último esforço para libertá-Lo. No entanto, diante das ameaças dos judeus de denunciá-lo ao Imperador, outro medo covarde tomou posse de Pilatos. O temor a um soberano terrestre superou o temor ao Rei cujo Reino não era deste mundo. O covarde, irresoluto desgraçado pensou: "Se Ele morrer, morra com Ele também o que Ele sabe de mim e o que Ele previu para mim". Sob a ameaça do Imperador, Pilatos cedeu à vontade da multidão, embora contra a promessa que tinha feito a sua esposa, contra o direito e a justiça e contra a sua própria consciência. Por temor ao imperador, entregou aos judeus o sangue de Jesus; por sua própria consciência, ele não tinha mais do que a água, que ordenou ser derramada sobre suas mãos, enquanto gritava: "Sou inocente do sangue deste homem justo. Cuidado com isso! Não, Pilatos! Mas olha tu mesmo para ele! Tu sabes que Ele é justo, e ainda assim derramas o Seu sangue! És um juiz injusto e sem princípios! E esse mesmo sangue, que Pilatos procurou lavar de suas mãos e que não pôde lavar de sua alma, os judeus sanguinários invocaram como maldição sobre si mesmos e sobre seus filhos. O sangue de Jesus, que clama por perdão para nós, eles invocam como vingança sobre si mesmos: Eles clamam: "Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!"

Enquanto esse grito terrível ressoava por todos os lados, Pilatos ordenou que se fizessem preparativos para pronunciar a sentença. Foram-lhe trazidas as suas vestes de cerimônia. Colocaram-lhe na cabeça uma coroa, em que brilhava uma pedra preciosa, lançaram-lhe outro manto à volta e levaram um cajado diante dele. Um número de soldados o cercou, os oficiais do tribunal iam à sua frente carregando algo, e os escribas o seguiam com rolos de pergaminho e pequenas tábuas. Todo o grupo era precedido por um homem tocando uma trombeta. Assim, Pilatos deixou seu palácio e foi para o fórum, onde, em frente ao lugar de flagelação, havia um alto e lindamente construído tribunal. Só quando fosse pronunciada daquela cadeira, a sentença teria todo o seu peso. Chamava-se Gabbatha. Consistia numa varanda circular, e até ela havia vários degraus. Tinha um assento para Pilatos, e atrás dele

um banco para outros relacionados com o tribunal. A varanda estava cercada e os degraus ocupados por soldados. Muitos dos fariseus já haviam saído do palácio e ido ao Templo. Apenas Anás, Caifás e cerca de vinte e oito outros foram imediatamente ao tribunal, no fórum, enquanto Pilatos vestia suas vestes cerimoniais. Os dois ladrões foram levados lá quando Pilatos apresentou o Senhor ao povo com as palavras: "Ecce Homo". O assento de Pilatos estava coberto de vermelho, e sobre ele havia uma almofada azul com bordas amarelas.

E agora Jesus, com o manto escarlate, a coroa de espinhos sobre a cabeça, as mãos amarradas, foi conduzido pelos soldados e os carrascos através da multidão escarnecedora e colocado entre os dois assassinos em frente ao tribunal. Deste assento do estado, Pilatos mais uma vez disse em voz alta aos inimigos de Jesus: "Eis o vosso Rei!" Mas eles gritaram: "Longe, longe este Homem! Crucifica-o! Devo crucificar o vosso Rei?" disse Pilatos. Não temos outro rei senão César! responderam os Sumo Sacerdotes. Daquele momento em diante, Pilatos não disse mais uma palavra nem a Jesus nem a eles. Ele começou a sentença de condenação. Os dois ladrões já haviam sido condenados à cruz, mas a sua execução, a pedido dos sumos sacerdotes, tinha sido adiada para hoje. Eles decidiram ultrajar Jesus ainda mais, crucificando-O com dois assassinos infames. As cruzes dos ladrões já estavam perto deles, trazidas pelos assistentes dos carrascos. Nosso Senhor ainda não estava lá, provavelmente porque Sua sentença de morte ainda não tinha sido pronunciada.

A Virgem Santíssima, que se havia afastado um pouco quando Pilatos apresentou Jesus aos judeus e quando Ele foi saudado por eles com aquele grito sangüinário, agora, cercada por várias mulheres, novamente pressionou a multidão para estar presente na sentença de morte de seu Filho e seu Deus. Jesus, cercado pelos executores e recebido com fúria e risadas escarnecedoras por Seus inimigos, estava de pé ao pé dos degraus diante de Pilatos. A trombeta ordenou o silêncio, e com raiva covarde Pilatos pronunciou a sentença de morte.

A visão daquele vil miserável de língua dupla; o triunfo dos fariseus sedentos de sangue, mas agora satisfeitos, que tão cruelmente caçaram sua presa; os inúmeros sofrimentos do Santíssimo Salvador; a aflição e angústia inexprimíveis de Sua Mãe Santíssima e das santas mulheres; a escuta ansiosa dos judeus furiosos; o comportamento frio e orgulhoso dos soldados; e as aparições de todas essas formas horríveis e diabólicas entre a multidão, me dominaram. "Ah! Senti que devia estar ali em vez do meu Amado Noivo. Então, certamente, a sentença teria sido justa!

Pilatos falou primeiro algumas palavras nas quais, com títulos de alto som, chamou o Imperador Cláudio Tibério. Então ele apresentou a acusação contra Jesus; que, como um personagem sedicioso, um perturbador e violador das leis judaicas, que se permitira ser chamado de Filho de Deus e Rei dos judeus, Ele fora condenado à morte pelos sumos sacerdotes, e pela voz unânime do povo entregue para ser crucificado. Além disso, Pilatos, aquele juiz iníquo, que nestas últimas horas tão freqüentemente e publicamente afirmara a inocência de Jesus, proclamou agora que achava justa a sentença dos sumos sacerdotes, e terminou com as palavras: "Eu também condeno Jesus de Nazaré, Rei dos judeus, a ser pregado na cruz". Então ele ordenou que os executores trouxessem a cruz. Também tenho alguma lembrança indistinta de ele ter tomado um bastão comprido, cujo centro estava cheio de espuma, quebrando-o e jogando os pedaços aos pés de Jesus.

A Mãe mais aflita de Jesus, o Filho de Deus, ao ouvir as palavras de Pilatos, tornou-se como uma pessoa em estado de morte, pois agora era certa a morte cruel, terrível e ignominiosa de seu santo e amado Filho e Salvador. João e as santas mulheres levaram-na para longe da cena, para que a multidão cega não pode tornar-se ainda mais culpada por zombar da dor da Mãe de seu Salvador. Mas Maria

não podia descansar. Ela desejava visitar todos os lugares marcados pelos sofrimentos de Jesus. Seus companheiros tinham mais uma vez de acompanhá-la de lugar em lugar, pois o sacrifício místico que ela oferecia a Deus por sua mais santa compaixão a incitava a derramar o sacrifício de suas lágrimas onde quer que o Redentor nascido dela tivesse sofrido pelos pecados da humanidade, Seus irmãos. E assim a Mãe do Senhor, pela consagração de suas lágrimas, tomou posse de todos os lugares sagrados sobre a terra para a futura veneração da Igreja, a Mãe de todos nós, assim como Jacó ergueu a pedra memorial e a consagrou com óleo para que testemunhasse a promessa feita a ele.

Pilatos, em seguida, sentou-se no tribunal e escreveu a sentença, que foi copiada por vários oficiais que estavam atrás dele. Mensageiros foram enviados com os exemplares, pois alguns deles tinham de ser assinados por outros. Não sei se essa formalidade era necessária para a sentença, ou se incluiu outras comissões, mas alguns dos escritos foram certamente enviados para certos lugares distantes. A condenação escrita de Pilatos contra Jesus mostrou claramente sua fraude, pois seu significado era completamente diferente do que ele havia pronunciado oralmente. Vi que ele escrevia contra a sua vontade, em dolorosa perplexidade mental, e como se um anjo de ira estivesse guiando sua mão. A frase escrita era mais ou menos a seguinte:

Impulsionado pelos sumos sacerdotes e pelo Sinédrio, e temendo uma insurreição do povo que acusa Jesus de Nazaré de sedição, blasfêmia e infração das leis, e que exige que Ele seja condenado à morte, eu o entreguei (embora sem ser capaz de comprovar suas acusações) para ser crucificado junto com dois outros criminosos condenados cuja execução foi adiada pela influência dos sumos sacerdotes, porque eles queriam que Jesus sofresse com eles. Eu condenei Jesus porque não desejo ser acusado perante César como um juiz injusto dos judeus e como um instigador de insurreições; e eu o condenei como um criminoso que agiu contra as leis, e cuja morte foi violentamente exigida pelos judeus.

Pilatos mandou fazer muitas cópias desta sentença e enviá-las para diferentes lugares. Os sumos sacerdotes, porém, não estavam de modo algum satisfeitos com a sentença escrita, especialmente porque Pilatos escreveu que eles haviam pedido que a crucificação dos ladrões fosse adiada, a fim de que Jesus pudesse ser executado com eles. Disputaram com Pilatos sobre isso no tribunal. E quando ele escreveu com verniz em uma pequena tábua marrom escuro as três linhas da inscrição para a cruz, eles disputaram novamente com ele a respeito do título, e exigiram que não fosse "Rei dos judeus", mas "Ele se chamava o Rei dos judeus". Pilatos, porém, tornou-se bastante impaciente e insultante, e ele respondeu rudemente: "O que escrevi, escrevi!"

Queriam igualmente que a cruz de Jesus não se elevasse mais acima de Sua cabeça do que as dos dois ladrões. Mas, tinha de ser assim, pois, a princípio, era demasiado curto para permitir que o título escrito por Pilatos fosse colocado sobre a cabeça de Jesus. Eles, conseqüentemente, se opuseram a ser feito maior por um acréscimo, esperando assim evitar que o título tão ignominioso para si mesmos fosse colocado. Mas Pilatos não cedeu. Tinham de elevar a altura, fixando no tronco uma peça sobre a qual o título poderia ser colocado. E foi assim que a Cruz recebeu aquela forma tão cheia de significado, na qual sempre a vi.

Cláudia Procla enviou de volta a Pilatos a sua promessa e declarou-se livre dele. Eu a vi naquela mesma noite, secretamente, saindo de seu palácio e fugindo para as santas mulheres, pelas quais ela estava escondida na casa de Lázaro. Mais tarde, ela seguiu Paulo e tornou-se sua amiga especial. Em uma pedra esverdeada na parte traseira de Gabata, vi depois um homem esculpir duas linhas com um

instrumento afiado de ferro. Nelas estavam as palavras, *Judex injustus*, "Juiz injusto", e também o nome de Cláudia Procla. Vi esta pedra ainda em existência, embora desconhecida, na fundação de um edifício que ocupava o local em que Gabbatha uma vez esteve.

Após a proclamação da sentença, o Santíssimo Redentor voltou a ser presa dos selvagens executores. Eles trouxeram-Lhe as suas próprias roupas, que tinham sido tiradas de Jesus quando zombaram dele diante de Caifás. Tinha sido guardadas em segurança e, penso, algumas pessoas piedosas devem tê-las lavado, pois estavam limpas. Também era costume, creio eu, entre os romanos conduzir assim o condenado à execução. Agora Jesus foi novamente despojado pelos rufiões infames, que soltaram Suas mãos para que pudessem vesti-Lo novamente. Arrastaram o manto de lã vermelha de escárnio de Seu corpo lacerado, e ao fazê-lo rasgaram muitas de Suas feridas. Tremendo, ele mesmo colocou a roupa interior sobre os seus lombos, depois de que lançaram o escapulário de lã sobre o seu pescoço. Mas como não podiam colocar sobre a ampla coroa de espinhos a túnica marrom e sem costura que Sua Mãe Santíssima tinha tecido, arrancaram a coroa de Sua cabeça, fazendo com que o sangue brotasse de novo de todas as feridas com uma dor indescritível. Quando puseram a túnica tecida sobre o Seu corpo ferido, lançaram sobre ela a Sua túnica branca e solta, de lã, o Seu cinto largo e, por fim, o Seu manto. Então, amarraram-lhe a cintura de algodão na cintura, com as cordas longas. Tudo isto aconteceu com horrível barbárie, em meio a pontapés e golpes.

Os dois ladrões estavam de pé à direita e à esquerda de Jesus, com as mãos amarradas. Quando estavam perante o tribunal, tinham, como Jesus, uma corrente pendurada ao pescoço. Eles tinham uma cobertura em torno de seus lombos, e uma espécie de jaqueta escapulário sem mangas feita de algumas coisas antigas e aberta nos lados. Em sua cabeça havia um boné de palha torcida em torno do qual havia um rolo, ou almofada, quase com a forma dos chapéus usados por crianças. Os ladrões eram de pele castanha suja, e estavam cobertos com as feridas deixadas por seus açoites. Aquele que depois se converteu era agora calmo e recolhido em si mesmo, mas o outro era furioso e insolente. Ele se juntou aos carrascos em amaldiçoar e zombar de Jesus, que, suspirando por sua salvação, lançou sobre eles olhares de amor e suportou todos os Seus sofrimentos por eles. Os carrascos, entretanto, estavam ocupados reunindo suas ferramentas. Todas as coisas foram preparadas para esta, a mais triste, a mais cruel jornada, na qual o amoroso, o mais dolorosamente afligido Redentor devia carregar por nós o fardo ingrato de nossos pecados, e no fim da qual Ele devia derramar do cálice de Seu corpo, perfurado pelos rejeitados da raça humana, o torrente expiatório de Seu precioso sangue.

Finalmente Anás e Caifás, irritados e discutindo, terminaram com Pilatos. Levando consigo os dois longos e estreitos rolos, ou pergaminhos, que haviam recebido, cópias da sentença, eles se apressaram para o Templo. Eles precisavam de pressa para chegar a tempo.

Ali os Sumo Sacerdotes se separaram do verdadeiro Cordeiro pascal. Correram para o Templo de pedra, para abater e comer o tipo, permitindo que a sua Realização, o verdadeiro Cordeiro de Deus, fosse conduzido ao altar da Cruz por infames carrascos. Ali o caminho se dividiu... um caminho que conduzia ao véu, o outro ao sacrifício consumado. Entregaram o puro e expiatório Cordeiro pascal de Deus, a quem haviam exteriormente aspergido com sua atroz barbárie, a quem haviam se esforçado para profanar, a carrascos impuros e desumanos, enquanto eles próprios se apressaram ao Templo de pedra, para sacrificar os cordeiros que haviam sido lavados, purificados e abençoados. Eles haviam, com tímido cuidado, tomado providências para não contraírem impureza legal externa, ao mesmo tempo em que

manchavam sua alma com a iniquidade interior, que fervia de ira, inveja e desprezo. Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos! Com estas palavras, eles haviam cumprido a cerimônia, tendo colocado a mão do sacrificador sobre a cabeça da vítima. Ali, novamente, a estrada se dividiu em duas: uma para o Altar da Lei, a outra para o Altar da Graça. Mas Pilatos, aquele pagão orgulhoso e indeciso, que tremia na presença do verdadeiro Deus e que, no entanto, adorava os seus ídolos e cortejava o favor do mundo - Pilatos, escravo da morte, governando por um curto período de tempo e a caminho do ignominioso termo da morte eterna - vai com seus assistentes, e cercado por sua guarda, ao longo de um caminho que corre entre aquelas duas estradas de seu próprio palácio, precedido por seus trompetistas. A sentença injusta foi pronunciada por volta das dez horas da manhã, segundo o nosso horário.

Jesus carrega a sua cruz até o Gólgota

Quando Pilatos saiu do tribunal, parte dos soldados o seguiram e se enfileiraram diante do palácio. Um pequeno grupo permaneceu perto dos condenados. Vinte e oito fariseus armados, entre eles os seis inimigos furiosos de Jesus que haviam ajudado na Sua prisão no Monte das Oliveiras, vieram a cavalo ao fórum para acompanhar a procissão. Os executores levaram Jesus para o centro. Vários escravos, arrastando a madeira da cruz, entraram pelo portão do lado ocidental, e jogaram-na aos pés de Jesus. Os dois braços, que eram mais leves e providenciados com tenões, foram amarrados com cordas ao tronco, que era mais largo e mais pesado. As cunhas, o pequeno bloco de pé, e a placa acabada de terminar para a inscrição foram levados juntamente com outras coisas por meninos que estavam aprendendo o ofício dos carrascos.

Assim que a cruz foi jogada no chão diante dEle, Jesus caiu de joelhos, colocou Seus braços ao redor dela, e a beijou três vezes enquanto em voz baixa proferiu uma oração de agradecimento a Seu Pai Celestial pela Redenção da humanidade agora iniciada. Os sacerdotes pagãos estavam acostumados a abraçar um altar recém-edificado, e da mesma maneira o Senhor abraçou Sua cruz, o altar eterno do Sangrento Sacrifício de Expição. Mas os executores arrastaram Jesus até uma postura de joelhos; e com dificuldade e pouca ajuda (e da mais bárbara espécie) Ele foi forçado a carregar as pesadas vigas sobre o Seu ombro direito e segurá-las firmemente com Seu braço direito. Eu vi anjos invisíveis ajudando-O, caso contrário Ele não teria sido capaz de levantar a cruz do chão. Enquanto Ele se ajoelhava, Ele se curvou sob o peso. Enquanto Jesus orava, alguns dos outros executores colocaram nas costas dos dois ladrões os braços de suas cruzes (ainda não presos ao tronco), e amarraram suas mãos levantadas sobre eles por meio de uma vara em torno da qual enrolaram a corda. Essas travessas não eram bem retas, mas um pouco curvas. No momento da crucificação, eles eram presos à extremidade superior do tronco, que, juntamente com os outros instrumentos de execução, era carregado pelos escravos após o condenado. Os cavaleiros de Pilatos estavam agora prontos para partir, e soou a trombeta. Naquele exato momento, um dos fariseus montados se aproximou de Jesus, que ainda estava ajoelhado sob Sua carga, e exclamou: "Tudo acabou com bons discursos agora! Depressa, para nos livrarmos dele! Em frente! Para a frente! Levaram-no aos pés, e então caiu sobre os seus ombros todo o peso da cruz, daquela cruz que, de acordo com as suas próprias palavras sagradas da Verdade Eterna, devemos carregar depois dele. E agora começou a procissão triunfal do Rei dos Reis, tão ignominiosa na terra, tão gloriosa aos olhos do Céu. Dois cordões estavam amarrados à extremidade da cruz, e por eles dois dos executores

a seguravam, de modo que não pudesse ser arrastada para o chão. Ao redor de Jesus, embora a alguma distância, caminhavam os quatro executores, segurando as cordas amarradas ao cinto de corrente que ligava Sua cintura. O seu manto estava amarrado debaixo dos braços. Jesus, com a madeira da cruz amarrada ao ombro, lembrou-me de uma maneira impressionante de Isaac carregando a madeira para o seu próprio sacrifício na montanha. O trompetista de Pilatos deu o sinal para começar, pois o próprio Pilatos, com um destacamento de soldados, pretendia entrar na cidade, a fim de evitar a possibilidade de uma insurreição. Ele estava armado e a cavalo, cercado por seus oficiais e uma tropa de cavalaria. Seguiram-no cerca de trezentos soldados de infantaria, todos da fronteira entre a Suíça e a Itália.

A procissão da Crucificação era liderada por um trompetista, que tocava sua trombeta em cada esquina e proclamava a execução. Alguns passos atrás dele veio uma multidão de meninos e outros tipos rudes, carregando bebida, cordas, pregos, cunha, e cestas de ferramentas de todos os tipos, enquanto homens robustos servidores carregavam varas, escadas, e os troncos pertencentes às cruzes dos ladrões. As escadas consistiam em simples postes, através dos quais eram colocados longos pregos de madeira. Então, alguns dos fariseus montados seguiram-no, seguindo-o um jovem que carregava no peito a inscrição que Pilatos tinha escrito para a cruz. A coroa de espinhos, que era impossível deixar durante o transporte da cruz, foi tirada da cabeça de Cristo e colocada na ponta de um poste, que este rapaz agora carregava sobre o ombro. Este rapaz não era muito mau.

E depois veio o nosso Senhor e Redentor, ajoelhado sob o peso da cruz, ferido, dilacerado com chicotadas, exausto e vacilante. Desde a Última Ceia da noite anterior, sem comer, beber e dormir, sob contínuos maus-tratos que poderiam ter terminado em morte, consumidos pela perda de sangue, feridas, febre, sede e indescritível dor interior e horror, Jesus andou com passos vacilantes, com as costas inclinadas para baixo, com os pés nus e sangrando. Com Sua mão direita, Ele agarrou a pesada carga em Seu ombro direito, e com a esquerda, Ele tentou, cansado, levantar a roupa que constantemente impedia Seus passos incertos. Os quatro carrascos mantiveram à certa distância os cordões presos à cintura de seu grilhão. Os dois que estavam à sua frente arrastavam-no, enquanto os dois que estavam atrás o empurravam. Desta forma, Ele não tinha certeza de um passo, e as cordas de puxar constantemente impediam-Lhe de levantar a sua túnica. Suas mãos estavam machucadas e inchadas pelos cordões que as tinham firmemente amarrado, Seu rosto estava coberto de sangue e inchaços, Seu cabelo e barba estavam manchados e enrolados em sangue, o fardo que Ele carregava e as correntes pressionavam a roupa de lã grosseira nas feridas de Seu corpo e a lã se agarrava àquelas que haviam sido reabertas por terem sido arrancadas de Suas roupas. As zombarias e as palavras maliciosas ressoaram de todos os lados. Ele parecia indescritivelmente miserável e atormentado, embora amorosamente resignado. Seus lábios se moviam em oração, Seu olhar era suplicante, perdoador e sofrido. Os dois executores atrás Dele, que sustentavam a ponta da cruz por meio de cordas presas a ela, aumentavam o trabalho de Jesus, pois sacudiram as cordas ou as deixaram soltas, assim movendo Seu fardo de um lado para o outro. A procissão era flanqueada por soldados com lanças.

Então vieram os dois ladrões, cada um conduzido por dois carrascos com cordas amarradas aos cintos. Tinham as cruzadas curvas pertencentes ao tronco de suas cruzes presas nas costas, com os braços estendidos amarrados às extremidades delas. Eles usavam apenas uma túnica curta em volta dos lombos; a parte superior do corpo era coberta por uma jaqueta solta, sem mangas, aberta nos lados, e em sua cabeça havia um boné de palha torcida. Eles estavam parcialmente

embriagados com a bebida que lhes havia sido dada. O bom ladrão, porém, era muito calmo; mas o mau era insolente e furioso, e amaldiçoou continuamente. Os carrascos eram de pele escura, baixos, homens de cabelos grossos, com cabelo curto e preto, crocante e esfarrapado. Tinham a barba esparsa, com alguns tufo espalhados pelo queixo. A forma do rosto deles não era judaica. Eram trabalhadores de canais, e pertenciam a uma raça de escravos egípcios. Usavam apenas uma túnica curta, como um avental, e no peito tinham uma cobertura de couro sem mangas. Eram, em todo o sentido da palavra, bestiais. Atrás dos ladrões cavalgava metade dos fariseus que encerravam a procissão. Às vezes eles cavalgavam juntos, e novamente individualmente ao longo de toda a linha da procissão, incitando-os e mantendo a ordem. Entre a multidão que liderava o caminho, carregando os instrumentos de execução, havia alguns rapazes judeus de baixa nascença que, por sua própria vontade, haviam se introduzido na multidão.

A uma considerável distância, Pilatos foi seguido, e seu grupo era precedido por um trompetista a cavalo. Pilatos, vestido com trajes militares, montou entre seus oficiais, seguido de uma tropa de cavaleiros e de trezentos soldados a pé. O seu comboio atravessou o fórum, e depois parou numa rua larga.

A procissão formada para Jesus percorreu uma rua muito estreita, para não obstruir o caminho das pessoas que iam ao Templo, bem como para não constituir obstáculo para Pilatos e sua escolta.

A maioria das pessoas se dispersara imediatamente após a sentença ser pronunciada, quer para voltar para suas próprias casas, quer para ir ao Templo. Eles já haviam perdido grande parte da manhã, e por isso tiveram de apressar seus preparativos para o abate do cordeiro pascal. A multidão de vagabundos era, no entanto, muito grande. Era uma companhia mista composta de estrangeiros, escravos, trabalhadores, meninos, mulheres e todo tipo de pessoas rudes. Eles correram de cabeça pelas ruas e becos, a fim de aqui e ali para pegar um vislumbre da procissão de luto. Os soldados romanos na retaguarda impediam-os de aumentar o seu número, e, conseqüentemente, eram obrigados a descer pela próxima rua secundária e a afastar novamente da procissão. A maioria deles, porém, dirigiu-se diretamente a Gólgota. O beco estreito pelo qual Jesus foi conduzido pela primeira vez tinha apenas dois passos de largura, e estava cheio de sujeira jogada dos portões das casas de ambos os lados. Ele sofreu muito ali. Os executores foram levados a um contato mais próximo com Ele, e dos portões e janelas os servos e escravos ali empregados atiravam atrás d'Ele lama e lixo de cozinha. Os malvados canalhas derramavam sobre Ele água negra, suja e malcheirosa; sim, até mesmo crianças, correndo de suas casas, eram incitadas pela multidão a recolher pedras em seus aventais e, correndo pela multidão, jogá-las aos Seus pés com palavras de zombaria e blasfêmia. Assim fizeram os filhos àquele que havia declarado os filhos amados, benditos e felizes.

Primeira queda de Jesus debaixo da cruz

Perto do fim dessa rua estreita, ou beco, o caminho voltou a virar para a esquerda, tornando-se mais largo e um pouco íngreme. Sob ela havia um aqueduto subterrâneo que se estendia do monte Sião. Acho que passava ao longo do fórum, onde corria uma sarjeta coberta até à piscina das ovelhas perto do portão das ovelhas. Eu podia ouvir o borbulhar e ondulação da água nos canos. Ali, onde a rua começava a subir, havia um lugar oco muitas vezes preenchido, depois de uma chuva, com lama e água. Nele, como em muitos lugares dessas nas ruas de Jerusalém, havia uma grande pedra para facilitar a travessia, o Pobre Jesus, ao

chegar a este ponto com Seu pesado fardo, não podia ir mais longe. Os executores o puxaram pelas cordas e empurraram-no impiedosamente. Então, o portador da Divina Cruz caiu de todo o comprimento no chão pela pedra que se projetava, com o Seu fardo ao Seu lado. Os que o conduziam, com maldições, puxaram-no e deram-lhe pontapés. Isto fez com que a procissão parasse, e surgiu um tumulto em torno de Jesus. Em vão, estendeu a mão para que alguém o ajudasse. Não! Vai acabar em breve! Ele exclamou, e continuou a orar. Os fariseus gritaram: "Levanta-te! Levantem-no! Caso contrário, ele morrerá nas nossas mãos. Aqui e ali, à beira do caminho, podia-se ver mulheres chorando e crianças choramingando de medo. Com a ajuda de uma força sobrenatural, Jesus levantou a cabeça, e os terríveis, diabólicos desgraçados, em vez de aliviar os seus sofrimentos, colocaram-lhe de novo a coroa de espinhos. Quando, finalmente, com todo tipo de maus tratos, o arrastaram de novo, colocaram a cruz mais uma vez sobre o seu ombro. E agora, com a maior dificuldade, Ele teve que pendurar a Sua pobre cabeça, atormentada por espinhos, de um lado, a fim de ser capaz de carregar a Sua pesada carga em Seu ombro, pois a coroa era larga. Assim, Jesus vacilou, com maior tortura, pela estrada íngreme e gradualmente mais larga.

Segunda Queda de Jesus debaixo da cruz

Jesus, carregando sua cruz, encontra sua Santíssima e aflita Mãe.

A dorosa Mãe de Jesus tinha saído da praça depois de pronunciada a sentença irada, acompanhada de João e de algumas mulheres. Ela visitou muitos lugares santificados pelos sofrimentos de Jesus: mas quando o som da trombeta, o barulho do povo e a escolta de Pilatos anunciaram a ida para o Calvário, ela não pôde resistir ao desejo de ver ainda seu divino Filho, e pediu a João que a levasse a um dos lugares por onde Jesus deveria passar; eles foram para um palácio cuja porta dava para a rua em que a escolta entrou após a primeira queda de Jesus; era, se não me engano, o quarto do sumo pontífice Caifás, pois seu tribunal estava apenas em Sião.

João obteve permissão de um servo ou porteiro compassivo para ficar na porta com Maria e os que a acompanhavam. A Mãe de Deus estava pálida e com os olhos cheios de lágrimas, e coberta inteiramente com um manto castanho azulado. Ouviam-se o barulho que se aproximava, o som da trombeta e a voz do pregador anunciando a sentença nos cantos. O criado abriu a porta; o barulho era cada vez maior e mais assustador. Maria orou, e disse a João: "Devo ver este espetáculo? Devo fugir? "Como é que eu vou aguentar?" Finalmente, eles saíram para a porta. Maria parou e olhou, a escolta estava a oitenta passos; não havia pessoas à frente, mas aos lados e atrás. Quando os que levavam os instrumentos do tormento se aproximaram com ar insolente e triunfante, a Mãe de Jesus começou a tremer e a gemer, juntando as mãos, e um daqueles homens perguntou: "Quem é essa mulher que chora?", e outro respondeu: "É a Mãe do Galileu". Quando os miseráveis ouviram essas palavras, encheram de insultos a esta Mãe dolorosa, apontaram-lhe com o dedo, e um deles pegou nas mãos os pregos com que Jesus devia ser pregado na cruz, e apresentou-os à Virgem zombando. Maria olhou para Jesus, e agarrou-se à porta para não cair, pálida como um cadáver, com os lábios lívidos. Os fariseus passavam a cavalo; depois o menino que trazia a inscrição; atrás dele o seu Santíssimo Filho Jesus, tremendo, dobrado sob o pesado fardo da cruz, inclinando sobre o ombro a cabeça coroada de espinhos. Ela lançou sobre sua mãe um olhar de compaixão, e, tendo tropeçado, caiu pela segunda vez em seus joelhos e em suas

mãos, Maria, em meio à violência da dor, não viu nem soldados nem executores; não viu mais do que seu amado Filho; ela correu da porta da casa em meio aos soldados que maltratavam Jesus, ajoelhou-se ao seu lado, e abraçou-o. Eu ouvi estas palavras: "Meu filho", "Minha mãe!" Mas não sei se foram realmente pronunciadas, ou apenas pensadas.

Houve um momento de desordem: João e as santas mulheres queriam levantar Maria. Os soldados a insultavam; um deles disse: "Mulher, o que você vem fazer aqui? Se o tivesses educado melhor, não estaria nas nossas mãos".

Alguns soldados tiveram compaixão. Contudo, empurraram a Virgem para trás, mas nenhum algoz a tocou. João e as santas mulheres a cercaram, e caíram como mortas em seus joelhos, sobre a pedra angular da porta, onde suas mãos foram impressas. Esta pedra, que era muito dura, foi transportada para a primeira igreja católica, perto da piscina de Betesda, no episcopado de Tiago Menor. Os dois discípulos que estavam com a mãe de Jesus levaram-na para dentro de casa e fecharam a porta.

Enquanto isso, os oficiais levantaram Jesus, colocaram-lhe de outra forma a cruz sobre os ombros. Os braços da cruz estavam soltos; um deles tinha escorregado e enredado nas cordas; era este que Jesus abraçou; de modo que por trás todo o peso da madeira arrastava mais para o chão. Eu vi aqui e ali, no meio da multidão que seguiu a escolta proferindo maldições e injúrias, algumas mulheres cobertas com seus véus e derramando lágrimas.

Terceira queda de Jesus debaixo da cruz

Simão de Cirene

Depois de percorrer um pouco a rua larga, a procissão passou por um portão em uma antiga muralha interna da cidade. Diante deste portão havia um amplo espaço aberto no qual três ruas se encontravam. Havia ali uma grande pedra de escada, sobre a qual Jesus tropeçou e caiu, a cruz ao lado Dele. Deitou-se no chão, apoiado na pedra, incapaz de se levantar. Neste mesmo instante, uma multidão de pessoas bem vestidas veio ao caminho do Templo. Eles gritaram em compaixão: "Ai de nós! A pobre criatura está morrendo! Surgiu confusão entre a multidão, pois não conseguiram fazer Jesus levantar. Os fariseus que lideravam a procissão gritaram aos soldados: "Não o levaremos vivo ao Calvário. Tens de encontrar alguém para o ajudar a carregar a cruz. Apareceu então, descendo diretamente pelo meio da rua, Simão, de Cirene, um pagão, seguido pelos seus três filhos. Ele carregava um feixe de galhos sob o braço, pois era jardineiro, e tinha trabalhado nos jardins em direção à muralha oriental da cidade. Todos os anos, por volta da época da festa, ele costumava subir a Jerusalém com sua esposa e filhos, para cortar as cercas. Muitos outros trabalhadores costumavam vir para o mesmo propósito. A multidão era tão grande que ele não podia escapar, e assim que os soldados viram pela sua roupa que ele era um pobre trabalhador pagão, eles o agarraram e o arrastaram para a frente para ajudar a carregar a cruz da Galileia. Ele resistiu e mostrou grande relutância, mas eles forçaram-no. Seus filhinhos gritavam e choravam, e algumas mulheres que conheciam o homem tomaram conta deles. Simão estava cheio de nojo e repugnância pela tarefa que lhe foi imposta. Pobre Jesus parecia tão horrível miserável, tão terrivelmente desfigurado, e suas roupas estavam cobertas de lama, mas ele estava chorando, e ele lançou sobre Simão um olhar que despertou sua compaixão. Tinha de o ajudar a levantar-se. Daí, os carrascos amarraram um braço da cruz para a extremidade do tronco, fizeram um laço com as cordas e passaram-

no sobre o ombro de Simão. Andou bem atrás de Jesus, aliviando assim grandemente o Seu fardo. Reorganizaram a coroa de espinhos, e finalmente a dolorosa procissão retomou sua marcha.

Simão era um homem vigoroso de quarenta anos. Não tinha a cabeça coberta. Ele usava uma jaqueta curta e ajustada; seus lombos eram amarrados com lapelas, suas pernas com tiras de couro e suas sandálias tinham bicos afiados nos dedos dos pés. Seus meninos vestiam túnicas de listras coloridas. Dois deles estavam quase crescidos. Chamavam-se Rufus e Alexandre, e mais tarde se juntaram aos discípulos. O terceiro era mais novo, e eu o vi ainda criança com Estevão. Simão não tinha carregado a cruz muito tempo atrás de Jesus quando sentiu seu coração profundamente tocado.

Verônica e seu véu

A escolta entrou numa rua longa, que se torcia um pouco para a esquerda, e que era cortada por outras vias transversais. Muitas pessoas bem vestidas dirigiram-se ao templo; mas alguns retiraram-se à vista de Jesus, por medo dos fariseus de se contaminarem: outros mostraram alguma compaixão. A cerca de 200 passos de onde Simão ajudou Jesus a carregar a cruz, uma mulher de grande estatura e imponente aparência, com uma menina na mão, saiu de uma bela casa à esquerda e ficou em frente.

Era Serafia, mulher de Sirac, membro do Conselho do Templo, que chamda de Verônica, de Vera Icon (retrato real), por causa do que fez naquele dia.

Serafia tinha preparado em sua casa um excelente vinho aromatizado, com a piedosa intenção de o dar a beber ao Senhor em seu caminho de agonia. Ela saiu para a rua, coberta com seu véu; tinha uma tela sobre os ombros; uma menina de nove anos, que tinha adotado, estava ao seu lado, e escondeu, ao aproximar-se a escolta, o copo cheio de vinho. Aqueles que iam à frente queriam rejeitá-la; mas ela abriu caminho no meio da multidão, dos soldados e dos oficiais: chegou até Jesus, ajoelhou-se, e entregou-lhe o lenço estendido, dizendo: "Deixe-me lavar o rosto do meu Senhor". O Senhor tomou o lenço, aplicou-o sobre o seu rosto ensanguentado, e devolveu-o, dando-lhe graças. Serafia, depois de o ter beijado, colocou-o debaixo do manto, e levantou-se. A menina timidamente levantou a taça de vinho para Jesus; mas os soldados não permitiram que bebesse. A ousadia e a prontidão desta ação haviam excitado um movimento na multidão, pelo que a escolta parou por cerca de dois minutos, e Verônica tinha sido capaz de apresentar o sudário. Os fariseus e os algureiros, irritados com esta parada, e, sobretudo, com esta homenagem pública prestada ao Salvador, espancaram e maltrataram Jesus, enquanto Verônica entrava em sua casa. Mal tinha entrado em seu quarto, estendeu o pano sobre a mesa que tinha diante de si, e caiu inconsciente. A menina ajoelhou-se ao seu lado, chorando. Um amigo que vinha vê-la encontrara-a assim ao lado de um pano estendido, no qual o rosto ensanguentado de Jesus estava maravilhosamente impresso. Ele ficou surpreso com o espetáculo, fez-a voltar a si, mostrou-lhe o lenço, perante o qual ela ajoelhou-se, chorando e disse: "Agora vou deixar tudo, porque o Senhor me deu uma lembrança". Este sudário era de lã fina, três vezes mais longo do que largo, e era habitualmente usado em torno do pescoço: era costume ir com um sudário semelhante para socorrer os aflitos ou os doentes, e limpar-lhes o rosto em sinal de dor ou de compaixão.

Verônica guardava sempre o sudário à cabeceira da cama. Após a sua morte foi para a Virgem, e depois para a Igreja por intermédio dos apóstolos.

Serafia era prima de João Batista, pois seu pai e Zacarias eram irmãos.

Quando Maria, aos quatro anos de idade, foi levada a Jerusalém para fazer parte das virgens do templo, Joaquim e Ana hospedaram-se na casa de Zacarias. Nela estava Seráfia, que era pelo menos cinco anos mais velha que a Virgem, e assistiu ao seu casamento com São José. Era também parente do velho Simeão, que profetizou então a apresentação de Jesus no templo, e estava unida a seus filhos desde a infância. Eles, como seu pai, tinham um desejo vivo pela vinda do Messias, e também Seráfia. Quando Jesus, de doze anos de idade, ficou em Jerusalém para ensinar no templo, Seráfia, que ainda era solteira, enviava sua comida para uma pequena pousada a uma quadra de Jerusalém, onde permanecia quando não estava no templo, e onde Maria pouco depois da Natividade, vindo de Belém para apresentar Jesus no templo, havia ficado um dia e duas noites na casa de dois idosos. Eram essênios, conheciam a Sagrada Família. Esta hospedaria era uma fundação para os pobres: Jesus e seus discípulos frequentavam esta hospedaria. Serafia casou-se tarde; seu marido, Sirac, era descendente da casta Susana: era membro do Conselho do Templo. No início, era muito oposto a Jesus, e sua esposa teve que sofrer muito com ele por causa de seu amor ao Salvador. José de Arimatéia e Nicodemos reduziram-no a melhores sentimentos, e permitiram que Seráfia seguisse Jesus. No julgamento na casa de Caifás, ele declarou-se a favor de Jesus com José e Nicodemos e, como eles, separou-se do Sinédrio. Serafia era uma mulher de mais de cinquenta anos: na entrada triunfal do Domingo de Ramos, vi-a tirar o véu e jogá-lo no caminho pelo qual o Salvador passava. Este mesmo véu foi o que apresentou Jesus nesta marcha ainda mais triunfante para limpar o seu rosto adorável, e que fez dar àquela que o possuía, o novo nome de Verónica.

Quarta e quinta quedas de Jesus debaixo da cruz

As Filhas de Jerusalém chorando. Jesus!

A procissão ainda tinha uma boa distância a percorrer antes de chegar ao portão, e a rua naquela direção estava um pouco declinando. O portão era forte e alto. Para chegar a ele, era preciso primeiro atravessar um arco abobadado, depois atravessar uma ponte e depois outro arco. O portão abriu-se na direção sudoeste. A muralha da cidade, neste ponto de saída, percorria uma curta distância, talvez por alguns minutos, em direção ao sul, depois virava-se um pouco em direção ao oeste e, finalmente, tomava uma direção ao sul, mais uma vez, ao redor do monte Sião. À direita do portão, o muro se estendia para o norte até o portão da esquina, e depois virava para o leste ao lado longo do norte de Jerusalém.

À medida que a procissão se aproximava do portão, os carrascos avançavam com mais violência. Perto do portão havia uma grande poça de água lamaçada na estrada irregular, cortada por veículos. Os executores bárbaros empurraram Jesus para a frente; a multidão pressionou, Simão de Cirene tentou dar um passo para o lado por conveniência, movendo assim a cruz de seu lugar, e o pobre Jesus pela quarta vez caiu tão pesadamente sob Seu fardo na piscina lamacenta que Simão mal podia suportar a cruz. Jesus então, com uma voz interrompida por suspiros, embora ainda alta e clara, exclamou: "Ai! Ai de Jerusalém! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintos sob as asas, mas tu me expulsaste tão cruelmente das tuas portas! O Senhor ficou perturbado e triste. Os fariseus viraram-se para ele e disseram zombando: "O perturbador da paz ainda não teve o suficiente. Ele ainda mantém discursos incompreensíveis, etc. Bateram-lhe, empurraram-no, ergueram-no aos pés, arrastaram-no para fora do buraco. Simão de

Cirene, entretanto, ficou muito exasperado com a barbárie dos carrascos, e ele exclamou: "Se você não cessar sua maldade, eu jogarei esta cruz abaixo, mesmo que você me mate também!"

Logo do lado de fora do portão, ramificava-se da estrada principal para o norte, até o Monte Calvário, uma estrada áspera e estreita, de vários minutos de comprimento. A certa distância mais longe, a própria estrada se dividia em três direções: à esquerda para o sudoeste, através do Vale de Giom, em direção a Belém; para o oeste, em direção a Emaús e Jope; e à direita, para o noroeste, contornando o Monte Calvário, em direção ao portão da esquina, que levava a Bethsur. Através deste portão pelo qual Jesus foi conduzido para fora, podia-se ver em direção ao sudoeste e à esquerda o portão de Belém. Esses dois portões de Jerusalém estavam um ao lado do outro.

No centro da estrada e em frente ao portão onde o caminho se ramificava para o Monte Calvário, ficava um poste apoiando uma placa sobre a qual, em letras brancas levantadas que pareciam feitas em pasta, estava escrita a sentença de morte de Nosso Salvador e dos dois ladrões. Não muito longe deste local, na esquina da estrada, podia-se ver um grande número de mulheres chorando e lamentando. Alguns eram donzelas jovens, outros mulheres pobres casadas, que saíram correndo de Jerusalém para encontrar a procissão; outros eram de Belém, de Hebrom e dos lugares vizinhos, que, subindo para a festa, haviam-se juntado às mulheres de Jerusalém.

Jesus sucumbiu novamente, desmaiando. Ele não caiu no chão, porque Simão, descansando a ponta da cruz sobre a terra, aproximou-se e apoiou Sua forma curvada. O Senhor apoiava-se nele. Esta foi a quinta queda de Jesus enquanto carregava a Sua cruz. Ao ver Seu rosto tão miserável, as mulheres levantaram um grito de tristeza e compaixão e, segundo o modo judaico de mostrar compaixão, estenderam para Ele lenços com os quais enxugaram o suor. Jesus, porém, virou-se para elas e disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorei por vós mesmas e por vossos filhos. Pois eis que vêm dias em que se dirá: 'Felizes as estéreis, os ventres que não deram à luz e os peitos que não amamentaram!' Então começarão a dizer às montanhas: 'Caí sobre nós!' e às colinas: 'Cobrir-nos!' Porque, se fazem isto com a madeira verde, o que será feito com a seca? Jesus disse outras palavras bonitas às mulheres, mas eu esqueci-me delas. Entre elas, no entanto, lembro-me destas: "Suas lágrimas serão recompensadas, daqui em diante, vocês trilharão outro caminho", etc.

Houve uma pausa ali, a procissão parou por um tempo. A turba, carregando os instrumentos de tortura, avançou até o Monte Calvário, seguida por cem soldados romanos, separados do corpo de Pilatos. Ele mesmo, a certa distância, acompanhou a procissão até o portão, mas ali voltou para a cidade.

Jesus no Gólgota. A sexta e a sétima queda de Jesus

A procissão avançou novamente. Com golpes e violentas sacudidas nas cordas que O prendiam, Jesus foi conduzido pelo caminho áspero e irregular entre a muralha da cidade e o Monte Calvário, em direção ao norte. Em um ponto onde o caminho sinuoso em sua subida virava para o sul, pobre Jesus caiu novamente pela sexta vez. Mas seus torturadores o espancaram e o conduziram mais rudemente do que nunca até que ele chegou ao topo da rocha, o lugar da execução, quando com a cruz ele caiu pesadamente para a terra pela sétima vez.

Simão de Cirene, ele mesmo cansado e maltratado, estava completamente esgotado pela indignação e pela compaixão. Ele queria ajudar o pobre Jesus a levantar-se

novamente, mas os carrascos, com algemas e insultos, o empurraram pelo caminho. Ele logo depois se juntou aos discípulos. Todos os rapazes e trabalhadores que tinham subido com a procissão, mas cuja presença não era mais necessário, foram conduzidos para baixo também. Os fariseus montados tinham subido pelo caminho suave e fácil, sinuoso, no lado ocidental do Monte Calvário, de cujo topo se podia ver até mesmo o muro da cidade.

O local da execução, que ficava no topo da montanha, era circular, e de tamanho que poderia ser incluído no cemitério da nossa própria igreja paroquial. Era como um terreno de equitação toleravelmente grande, e era cercado por uma baixa parede de terra, através cortada por cinco caminhos. Cinco caminhos, ou entradas, deste tipo pareciam ser peculiares a este país na disposição de diferentes lugares; por exemplo, locais de banho, piscinas de batismo e a Piscina de Betsaida. Muitas das cidades também eram construídas com cinco portões. Este arranjo era encontrado em todos os projetos pertencentes aos tempos antigos, e também nos de data mais moderna, construídos no espírito de imitação piedosa. Tal como todas as outras coisas na Terra Santa, ela respirava um profundo significado profético, que neste dia recebeu a sua realização na abertura daqueles cinco caminhos para a salvação, as cinco Feridas Sagradas de Jesus.

Os fariseus chegaram a cavalo ao lado ocidental, além do círculo, onde a montanha tinha uma descida suave; aquela em direção à cidade, até onde os criminosos eram levados, era íngreme e acidentada. Cerca de cem soldados romanos dos confins da Suíça estavam estacionados, alguns na montanha, outros ao redor da parede circular do local da execução. Alguns, também, estavam de guarda ao redor dos dois ladrões. Como o espaço era necessário, eles não foram imediatamente trazidos para o topo da montanha, mas com os braços ainda ligados aos travessões foram deixados deitados em uma encosta onde a estrada se desviava para o sul, e a alguma distância abaixo do local de execução. Uma grande multidão, na sua maioria da classe vulgar, que não tinha medo de se contaminar, estrangeiros, servos, escravos, pagãos, e um grande número de mulheres, estavam em pé ao redor do círculo. Alguns estavam nas colinas vizinhas, e a estes se juntavam constantemente outros a caminho da cidade. Por volta do entardecer havia-se reunido no monte Gihon todo um acampamento de convidados pascais, muitos dos quais olhavam de longe a cena no monte Calvário, e às vezes se aproximavam para ter uma melhor visão.

Eram cerca de um quarto para as doze horas, quando Jesus, carregando a cruz, foi arrastado para o local da execução, jogado no chão, e Simão foi expulso. Os executores então puxaram Jesus pelos cordões, separaram as seções da cruz e juntaram-nas novamente na forma apropriada. "Ah! Quão triste e miserável, que imagem terrivelmente lastimável, pálida e manchada de sangue era a do pobre Jesus, quando Ele estava naquele lugar de martírio! Os carrascos atiraram-no novamente ao chão com palavras de zombaria como estas: "Temos de tomar a medida do Teu trono para Ti, ó Rei!" Mas Jesus colocou-se voluntariamente na cruz. Se fosse possível para Ele, em Seu estado de exaustão, fazê-lo mais rápido, eles não teriam necessidade de arrastá-Lo para baixo. Então, estenderam-no e marcaram o comprimento das mãos e dos pés dele. Os fariseus estavam de pé, escarnecendo e zombando. Os executores arrastaram então Jesus novamente e o levaram, amarrado, cerca de setenta passos para o norte, até uma caverna escavada na rocha. Parecia destinado a uma adega, ou cisterna. Eles levantaram a porta e o empurraram para baixo tão impiedosamente que, sem um milagre, Seus joelhos teriam sido esmagados no chão de pedra áspera. Ouvi os seus gritos de dor. Os executores fecharam a porta acima dele, e colocaram guardas diante dela. Acompanhei Jesus naqueles setenta degraus, e acho que vi anjos ajudando-O,

apoiando-O um pouco, para que Seus joelhos não fossem esmagados. A pedra debaixo deles tornou-se macia.

Maria e as Santas Mulheres vão para o Gólgota

Quando a Virgem, após o seu doloroso encontro com Jesus carregando a cruz, foi transportada sem saber, o amor e o desejo ardente de estar com o seu Filho, e de não o abandonar, deram-lhe uma força sobrenatural. Foi para a casa de Lázaro, perto da porta do canto onde estavam as outras santas mulheres, e saíram em dezessete para seguir o caminho da Paixão. Vi-as, cobertas com os seus véus, irem à praça, sem se preocuparem com os insultos da multidão; beijarem o chão onde Jesus tinha carregado a cruz, e seguirem o caminho que ele tinha tomado. Maria procurava os vestígios de seus passos, e mostrava aos seus companheiros os locais consagrados por alguma circunstância dolorosa. Assim a mais terna devoção da Igreja foi escrita pela primeira vez no coração maternal de Maria com a espada que o velho Simeão predisse: passou da sua boca sagrada aos seus companheiros, e destes até nós. Assim, a tradição da Igreja perpetua-se do coração da mãe para o coração dos filhos. Os judeus sempre veneraram os lugares consagrados por alguma ação santa. Levantam pedras, fazem peregrinações e vão adorar. Assim, o culto do caminho sagrado da cruz teve origem debaixo dos pés de Jesus, graças ao amor da mais terna das mães, e de acordo com os olhares de Deus sobre o seu povo.

Estas santas mulheres entraram na casa de Verônica, porque Pilatos voltava pela mesma rua com sua escolta. As santas mulheres olhavam, chorando, o rosto de Jesus estampado no sudário, e admiravam a graça que Ele tinha feito à sua fiel amiga. Tomaram a taça de vinho aromatizado que Jesus não tinha sido dado a beber, e dirigiram-se todas juntas à porta do Gólgota. O seu número tinha aumentado com muitas pessoas bem intencionadas, entre elas um certo número de homens. Eles subiram ao Calvário pelo lado oeste, onde a subida era mais confortável. A mãe de Jesus, sua sobrinha Maria, filha de Cléofas, Salomé e João aproximaram-se até a planície circular; Marta, Maria Helí, Verônica, Juana Cusa, Susana e Maria, mãe de Marcos, pararam a uma certa distância com Madalena, que estava como fora de si. Mais adiante estavam outras sete pessoas, e algumas pessoas compassivas que estabeleciam as comunicações de um grupo para outro. Os fariseus a cavalo estavam aqui e ali ao redor da planície, e nas cinco entradas havia soldados romanos. Que espetáculo para Maria ver este lugar de tormento, os pregos, os martelos, as cordas, a terrível cruz, os carrascos meio nus e quase bêbados, fazendo seus horrendos preparativos com mil imprecações! A ausência de Jesus prolongava o seu martírio: sabia que ainda estava vivo, desejava vê-lo, e tremia ao pensar nos tormentos a que o veria exposto.

Desde a manhã até às dez horas houve granizo intermitente; mas, às doze horas, uma névoa espessa escureceu o sol.

Jesus é despido para a crucificação e encharcado de vinagre

Quatro carrascos foram então à caverna da prisão, setenta degraus para o norte, e arrastaram Jesus para fora. Ele estava implorando a Deus por força e oferecendo-se mais uma vez pelos pecados de Seus inimigos. Arrastaram-no com empurrões, golpes e insultos durante estes últimos passos da Sua Paixão. O povo olhou e zombou; os soldados, frios e graves, ficaram orgulhosamente eretos guardando a ordem; os executores furiosamente o arrebatarem das mãos de seus guardas e o arrastaram violentamente para o círculo.

As santas mulheres deram a um homem algum dinheiro para levar aos executores junto com o vaso de vinho condimentado e imploraram-lhes que permitissem que Jesus o bebesse. Os infelizes tomaram o vinho, mas, em vez de o dar a Jesus, beberam eles mesmos. Havia duas jarras castanhas perto. Num delas havia vinagre e fermento, e na outra, uma espécie de fermento. Pode ter sido vinho misturado com a absinto e a mirra. Alguns destes últimos eram mantidos num copo castanho para os lábios do Salvador, que ainda estava preso em grilhões. Ele o provou, mas não quis beber. Havia dezoito executores no círculo: os seis açoitadores, os quatro que levaram Jesus, os dois que seguravam as cordas e os seis crucificadores. Alguns estavam ocupados com Jesus, outros com os ladrões, e trabalhavam e bebiam alternadamente. Eram baixos, com uma forte estrutura, de aparência imunda, cruéis e bestiais. Seus traços indicavam origem estrangeira; seus cabelos eram espessos, suas barbas esparsas. Eles serviam os romanos e os judeus por um salário.

A visão de tudo isso tornou-se ainda mais assustadora para mim, visto que eu via o que outros não viam, a saber, o maligno em sua forma própria. Vi, também, grandes demônios de aparência assustadora em ação entre aqueles homens bárbaros, entregando-lhes o que precisavam, fazendo sugestões, e ajudando-os de todas as maneiras. Além destes, vi inúmeras pequenas imagens de sapos, serpentes, dragões com garras, e insetos nocivos, que entraram na boca de alguns, lançaram-se no peito de outros, e sentaram-se nos ombros de outros. Aqueles sobre os quais eu via esses espíritos malignos eram os que se entregavam a maus pensamentos de ira, ou que proferiam palavras de zombaria e maldição. Mas acima do Senhor, frequentemente via durante a Crucificação grandes figuras de anjos chorando e, em um halo de glória, pequenos rostos angélicos. Vi anjos semelhantes de compaixão e consolo pairando sobre a Virgem Santíssima e todos os outros bem-dispostos a Jesus, fortalecendo-os e apoiando-os.

E agora os executores rasgaram o manto de Nosso Senhor que haviam jogado em volta de Seus ombros. Em seguida, tiraram o cinto de algodão junto com o Seu próprio, e arrastaram a túnica branca de lã sobre a Sua cabeça. Abaixo do peito tinha uma fenda amarrada com couro. Como eles queriam tirar a túnica marrom, sem costura que Sua Mãe Santíssima tinha costurado para Ele, e eles não podiam puxá-la sobre a cabeça dele, por causa da coroa de espinhos que ele carregava; arrancaram de novo a coroa de Sua cabeça, abrindo todas as feridas de novo, com palavras de imprecações e insultos, removeram a túnica tecida, puxando-a sobre Sua cabeça ferida e sangrante.

Ali estava o Filho do Homem, tremendo em todos os membros, coberto de sangue e chagas, de feridas, algumas cortadas, outras sangrando, coberto de cicatrizes e contusões. Ele ainda mantinha o escapulário de lã curto sobre o peito e as costas, e a túnica sobre os lombos. A lã do escapulário secou rapidamente nas Suas feridas e foi cimentada com sangue na nova e profunda ferida feita pela pesada cruz sobre o Seu ombro. Esta última ferida causou a Jesus um sofrimento indescritível. O escapulário foi agora desgarrado impiedosamente de Seu peito terrivelmente lacerado e inchado. O ombro e as costas foram rasgados até ao osso, a lã branca do escapulário aderiu às crostas das feridas e o sangue seco no peito. Finalmente, arrancaram-lhe o cinto e Jesus, o nosso mais doce Salvador, o nosso inexprimivelmente maltratado Salvador, inclinou-se como se tentasse esconder-se. Quando parecia que estava prestes a desmaiar em suas mãos, colocaram-no sobre uma pedra que havia sido rolada para perto, colocaram novamente a coroa de espinhos sobre a cabeça dele e ofereceram-lhe a beber daquele outro vaso de bÍlis e vinagre. Mas Jesus virou a cabeça em silêncio. E agora, quando os carrascos O agarraram pelos braços e O levantaram para O lançarem na cruz, um grito de

indignação, murmurações e lamentos altos surgiram de todos os Seus amigos. Sua Mãe Santíssima orou fervorosamente, e estava prestes a rasgar seu véu e lançá-lo a Ele para se cobrir. Deus ouviu a sua oração. Naquele mesmo instante, um homem, que havia corrido da porta da cidade e subido pela multidão que se aglomerava no caminho, correu sem fôlego, com as suas vestes curtas, para o círculo entre os executores, e entregou a Jesus uma tira de linho, que Ele aceitou com agradecimento e enrolou em torno de Si mesmo.

Havia algo autoritário na impetuosidade deste benfeitor do seu Redentor, obtido de Deus pela oração da Virgem Santíssima. Com um gesto imperioso de mão para os carrascos, ele disse apenas as palavras: "Deixe o pobre homem se cobrir com isto!" e, sem dizer mais nada a ninguém, afastou-se tão depressa como tinha vindo. Era Jonadabe, o sobrinho de S. José, da região de Belém. Era filho daquele irmão a quem, depois do nascimento de Cristo, José havia empenhado o jumento que não era mais necessário. Ele não era um dos corajosos seguidores de Jesus, e hoje ele estava mantendo-se à distância e espiando em todos os lugares. Já, ao ouvir falar do despir para o açoitamento, ele ficou cheio de tristeza; e quando o tempo para a crucificação se aproximava, ele foi apanhado no Templo por uma ansiedade extraordinária. Enquanto a Santíssima Mãe no Gólgota clamava a Deus, um impulso súbito e irresistível tomou posse de Jonadab, expulsou-o do Templo e o fez subir ao Monte Calvário. Ele indignado sentiu em sua alma a ignomínia de Can, que zombou de seu pai Noé embriagado com vinho, e com o outro Sem, ele se apressou a cobrir seu Redentor Abençoado. Os executores que crucificaram Jesus eram canitas, isto é, descendentes de Can. Jesus estava pisando o lagar sangrento do vinho novo da Redenção quando Jonadabe O cobriu, a ação de Jonadabe foi o cumprimento de um tipo prefigurativo, e foi recompensada.

Jesus é pregado na cruz

Jesus estava agora estendido na cruz pelos carrascos, Ele havia se deitado sobre ela; mas eles o empurraram para baixo, para os lugares ocultos, arrastaram rudemente Sua mão direita para o buraco para o prego no braço direito da cruz, e amarraram Seu pulso. Um ajoelhou-se em Seu peito sagrado e segurou a mão de fecho; outro colocou o prego longo e grosso, que havia sido afiado para tal, na palma de Sua mão sagrada, e deu golpes furiosos com o martelo de ferro. Um grito doce, claro e espasmódico de angústia brotou dos lábios do Senhor, e Seu sangue derramou-se sobre os braços dos carrascos. Os músculos e ligamentos da mão tinham sido rasgados e, pelo prego de três arestas, empurrados para o buraco estreito. Conte os golpes do martelo, mas a minha angústia fez-me esquecer o seu número. A Virgem Santíssima soluçou em voz baixa, mas Madalena estava perfeitamente louca.

A perfuração era um grande pedaço de ferro como um T latino, e não havia nenhuma madeira nele. O grande martelo também era, com cabo e tudo, feito de uma única peça de ferro, e quase do mesmo formato do martelo de madeira que vemos usado por um marceneiro ao bater em um cinzel.

Os pregos, à vista dos quais Jesus estremeceu, eram tão longos que, quando os carrascos os agarraram nos punhos, eles se projetavam cerca de uma polegada em cada extremidade. A cabeça plana, consistia de uma pequena placa com um botão, e cobriam a palma da mão. Eram de três arestas, espessos perto da cabeça como um polegar de tamanho moderado, depois afuniladas até a espessura de um dedo mindinho, e por fim eram afinados até um ponto. Quando martelados, a ponta Depois de terem pregado a mão direita do Salvador, os algozes viram que a mão

esquerda não alcançava o buraco que haviam feito:. Desamarraram o braço de Jesus da cruz, enrolaram cordas em volta dele e, com os pés firmemente apoiados na cruz, e puxaram-na com todas as forças, até que a mão chegasse ao buraco. Esta violenta deslocação dos seus braços atormentou-o horivelmente. Ajoelharam-se novamente sobre o seu corpo, amarraram-lhe o braço e cravaram-lhe o segundo prego na mão esquerda: os gemidos do Senhor podiam ser ouvidos no meio dos golpes de martelo. O sangue borbulhava e o doce e claro grito de agonia de Jesus soava acima dos golpes do pesado martelo. Ambos os braços tinham sido arrancados de suas bases, os ombros estavam distendidos e ocos, e nos cotovelos se podia ver os ossos desarticulados. O peito de Jesus ergueu-se, e as suas pernas foram puxadas para cima, dobradas para o seu corpo. Seus braços foram estendidos em uma linha tão reta que eles já não cobrem os cruzamentos obliquamente elevando. Podia-se ver através do espaço assim criado entre eles e Suas axilas.

A Virgem Santíssima suportou todas estas torturas com Jesus. Ela estava pálida como um cadáver, e gemidos baixos de agonia soaram de seus lábios. Os fariseus estavam zombando e brincando do lado da parede baixa junto à qual ela estava de pé, de modo que João a levou às outras santas mulheres a uma distância ainda maior do círculo. Madalena estava louca. Ela rasgou o rosto com as unhas, até que os olhos e as bochechas ficaram cobertos de sangue.

Cerca de um terço de sua altura a partir de baixo, havia fixado à cruz por um enorme espeto um bloco saliente no qual os pés de Jesus deveriam ser pregados, de modo que Ele ficasse mais em pé do que pendurado; caso contrário, Suas mãos teriam sido rasgadas, e Seus pés não poderiam ter sido pregados sem quebrar os ossos. Um buraco para o prego tinha sido aburrido no bloco, e um pequeno lugar oco foi feito para os calcanhares. Cavidades semelhantes haviam sido feitas por todo o tronco da cruz, a fim de prolongar Seus sofrimentos, pois sem elas as mãos teriam sido rasgadas e o corpo teria caído violentamente por seu próprio peso.

O corpo inteiro do nosso Bem-aventurado Redentor havia sido contraído pelo violento alongamento dos braços até os buracos para os pregos, e os Seus joelhos foram forçados a subir. Os carrascos agora caíram furiosamente sobre ele e, enrolando em cordas ao redor dele, amarraram-no à cruz; mas, por causa do erro feito nos buracos do travessão, os sagrados pés de Jesus não chegaram nem mesmo ao bloco. Quando os executores viram isso, deram vazão a maldições e insultos. Alguns pensaram que teriam de perfurar novos buracos no braço transversal, pois isso seria muito menos difícil do que mover o pedestal. Outros, com terrível zombaria, gritaram: "Ele não se estenderá, mas nós o ajudaremos!" Então amarraram cordas ao redor da perna direita e, com terrível violência e terrível tortura a Jesus, puxaram o pé para baixo, para o bloco, e amarraram firmemente a perna com cordas. O corpo de Jesus estava assim terrivelmente inchado. Seu peito abriu cedendo com um som de fraturas, e ele gemeu em voz alta: "Ó Deus! Meu Deus! Tinham-lhe atado os braços e o peito também, para que as mãos dele não fossem arrancadas dos pregos. O abdômen estava totalmente deslocado, e parecia que as costelas se desprendiam do osso peitoral.

O sofrimento era horrível

Com violência semelhante o pé esquerdo foi puxado e preso firmemente com cordas sobre a direita; e porque ele não descansava firmemente o suficiente sobre o direito para os pregos, o peito do pé foi apoiado por um perfurador fino, de cabeça plana, muito mais fino do que o usado para as mãos. Era como uma mecha ligada a um perfurador. Em seguida, agarrando o prego mais assustador de todos, que era muito

mais longo do que os outros, eles o conduziram com grande esforço através do degrau ferido do pé esquerdo e do pé direito descansando abaixo. Com um som de estalos de ossos, atravessou os pés de Jesus para o buraco preparado para ele no pedestal, e por ele novamente para o tronco da cruz. Eu vi, quando estava ao lado da cruz, um prego atravessando os dois pés.

Os pregos nos pés eram os mais horríveis de todos, por causa da distensão de todo o corpo. contei trinta e seis golpes do martelo no meio dos gemidos do pobre Redentor, que me soaram tão doces, tão puros, tão claros.

A Virgem Santíssima voltou ao local da execução. Ao som dos rasgões, fraturas e gemidos que acompanharam o pregar dos pés, em sua santíssima compaixão ela se tornou como uma moribunda, e as santas mulheres, apoiando-a em seus braços, a levaram novamente para fora do círculo, assim como os fariseus zombadores se aproximavam. Durante a elevação e fixação da cruz que se seguiu, surgiram aqui e ali, especialmente entre as mulheres, gritos de compaixão como: Oh, que a terra engula esses miseráveis! Que o fogo do Céu os consuma! Mas estas expressões de amor foram respondidas com desprezo e insulto pelos inimigos de Jesus.

Os gemidos de Jesus eram puramente gritos de dor. Misturados com eles estavam orações ininterruptas, passagens dos Salmos e das Profecias, cujas previsões Ele estava agora cumprindo. Durante todo o tempo de Sua amarga Paixão e até o momento da morte, Ele esteve envolvido neste tipo de oração, e no cumprimento ininterrupto das Profecias. Ouvi todas as passagens que Ele usou e repeti-as com Ele, e quando digo os Salmos, sempre me lembro dos versículos que Jesus usou. Mas agora estou tão esmagada pelas torturas do meu Noivo Celestial que não consigo recordá-las, vi anjos chorando sobre Jesus durante esta terrível tortura.

No início da Crucificação, o comandante da guarda romana ordenou que o título escrito por Pilatos fosse preso em sua placa na cabeça da cruz. Isto irritou os fariseus, pois os romanos riam alto das palavras: Rei dos judeus. Depois de consultar quais medidas deveriam tomar para obter um novo título, alguns dos fariseus voltaram à cidade, mais uma vez para implorar a Pilatos outra inscrição.

Enquanto o trabalho de Crucificação estava acontecendo, alguns dos carrascos ainda estavam cinzelando no buraco na pequena elevação em que a cruz deveria ser levantada, pois era muito pequena e a rocha muito dura. Alguns outros, tendo bebido o vinho temperado que haviam recebido das santas mulheres, mas que não haviam dado a Jesus, ficaram bastante embriagados, e sentiram tal ardor e ressentimento em seus intestinos que se tornaram como homens loucos. Chamaram Jesus de feiticeiro, repreenderam furiosamente a Sua paciência, e mais de uma vez desceram correndo do monte para engolir o leite de uma jumentinha. Perto do acampamento dos convidados da Páscoa, havia mulheres com jumentas, cujo leite vendiam.

A posição do sol no momento da crucificação de Jesus mostrava que eram cerca de doze e um quarto, e no momento em que a cruz foi levantada, a trombeta do Templo ressoou. O cordeiro pascal tinha sido abatido.

A elevação da cruz

Após a crucificação de Nosso Senhor, os carrascos passaram cordas através de um anel na parte de trás da cruz, e a puxavam pela parte superior até a elevação no centro do círculo. Em seguida, eles jogaram as cordas sobre a viga transversal, ou treliça, erguida do lado oposto. Vários dos carrascos, por meio dessas cordas, levantavam a cruz pondo-a ereta, enquanto outros a apoiavam com blocos ao redor do tronco e guiavam o pé para o buraco preparado para ela. Eles empurraram o

topo um pouco para a frente, até que veio em uma linha perpendicular, e todo o seu peso com um estrondo tremulante disparou para baixo no buraco. A cruz vibrou sob o choque. Jesus gemeu em voz alta. O peso do corpo estendido caiu mais para baixo, as feridas se abriam mais, o sangue correu mais abundantemente e os ossos deslocados bateram uns contra os outros. Os carrascos agora sacudiram a cruz novamente em seus esforços para estabilizá-la, e martelaram cinco cunhas no buraco em torno dela: uma na frente, um na direita, outro na esquerda, e duas na parte de trás, que era um pouco arredondada.

Um sentimento de terror e, ao mesmo tempo, uma semelhante a profunda emoção, foi sentida pelos amigos de Jesus ao contemplarem a cruz balançando no ar e, finalmente, mergulhando no lugar com violência, em meio aos gritos de zombaria dos executores, dos fariseus e da multidão distante, que Jesus agora podia ver. Mas junto com esses gritos de escárnio, surgiram outros sons naquele momento terrível - sons de amor e compaixão de Seus devotos seguidores. Em comoventes expressões de compaixão, as mais santas vozes na terra, a de Sua aflita Mãe, das santas mulheres, do discípulo amado e de todos os puros de coração, saudando o "Verbo Eterno feito carne" elevado na cruz. Mãos amorosas foram ansiosamente estendidas como se para ajudar o Santo dos Santos, o Noivo das almas, pregado vivo à cruz, tremendo no alto nas mãos dos pecadores furiosos. Mas quando a cruz erguida caiu com um ruído forte no buraco preparado para ele, um momento de profundo silêncio se seguiu. Parecia como se um novo sentimento, nunca antes experimentado, caísse sobre cada coração. O próprio inferno sentiu com terror o choque da queda da cruz e, com gritos de fúria e blasfêmia, levantou-se novamente contra o Senhor em seus instrumentos, os cruéis carrascos e fariseus. Entre as pobres almas e no Limbo, surgiu a alegria da ansiosa expectativa prestes a se realizar. Eles ouviram aquele barulho com esperança ansiosa. Soou-lhes como o golpe do Vencedor à porta da Redenção. Pela primeira vez, a Santa Cruz ergueu-se sobre a terra, como outra árvore da vida no Paraíso, e das Feridas de Jesus, aumentadas pelo choque, vieram quatro rios sagrados sobre a terra, para lavar a maldição que repousava sobre ela e fazê-la dar frutos de salvação para si mesmo, o novo Adão.

Enquanto nosso Salvador estava assim de pé na cruz, e os gritos de escárnio por alguns minutos foram reduzidos a um súbito silêncio, o florescimento de trombetas e trombones soou do Templo. Anunciou que a matança das vítimas, os cordeiros pascais, havia começado; e, ao mesmo tempo, com solene pressentimento, rompeu com os gritos de zombaria e os altos clamores de lamentação em torno do verdadeiro Cordeiro de Deus, morto. Muitos corações duros estremeceram e pensaram nas palavras do Batista: "Eis o Cordeiro de Deus, que leva sobre si os pecados do mundo".

O pequeno monte sobre a qual a cruz foi levantada tinha cerca de dois metros de altura. Quando o pé da cruz foi colocado perto do buraco, os pés de Jesus estavam à altura de um homem acima do chão; mas, quando foi mergulhado nele, Seus amigos podiam abraçar e beijar Seus pés. Um caminho inclinado conduzia até ele. O rosto de Jesus virou-se para o noroeste.

A crucificação dos ladrões

Enquanto Jesus estava sendo pregado na cruz, os ladrões ainda estavam deitados no lado oriental do monte, com as mãos amarradas ao poste da cruz, amarradas nos ombros, e os guardas os vigiavam. Ambos eram suspeitos do assassinato de uma mulher judia que, com seus filhos, viajava de Jerusalém a Joazebo. Foram presos

disfarçados de comerciantes ricos num castelo naquele bairro. Pilatos muitas vezes fazia deste castelo seu ponto de parada quando estava envolvido em assuntos militares. Os ladrões foram presos por muito tempo antes de serem levados a julgamento e condenados, mas esqueci-me dos pormenores. O que era comumente chamado de "o ladrão da esquerda" era mais velho do que o outro e um grande malfeitor. Ele era o mestre e sedutor do convertido. Geralmente são chamados Dismas e Gesmas. Esqueci-me dos seus nomes, por isso vou chamá-los de bon Dismas e mau Gesmas.

Ambos pertenciam àquele bando de ladrões das fronteiras egípcias de quem a Sagrada Família, na fuga para o Egito com o Menino Jesus, recebeu abrigo para a noite. Dismas era aquele menino leproso que, seguindo o conselho de Maria, foi lavado por sua mãe na água usada para banhar o Menino Jesus e instantaneamente foi curado por ela. A caridade e proteção que sua mãe, apesar de seus companheiros, então outorgou à Sagrada Família, foi recompensada por essa purificação externa e simbólica, que recebeu sua realização no momento da Crucificação, quando, através do Sangue de Jesus, seu filho foi internamente purificado do pecado. Dismas havia sido arruinado e não conhecia a Jesus; ainda assim, não era completamente mau, e a paciência do Senhor o havia tocado. Enquanto estava deitado no monte, ele falou constantemente de Jesus a seu companheiro, Gesmas. Ele disse: "Eles estão tratando terrivelmente com o galileu. O mal que Ele fez com as Suas novas leis deve ser muito maior do que o nosso. Mas Ele tem grande paciência, bem como grande poder, acima de todos os homens. A que Gesmas respondeu: "Vemos agora, que tipo de poder Ele tem? Se Ele fosse tão poderoso como dizem, poderia ajudar-nos e a si mesmo também. E assim eles trocaram palavras. Quando a cruz de Jesus foi levantada, os executores arrastaram os ladrões até ela com as palavras: "Agora é a sua vez". Eles os desamarraram da cruz e prosseguiram com muita pressa, pois o sol estava nublado e tudo indicava uma tempestade.

Os carrascos colocaram escadas contra os troncos verticais e fixavam os travessões curvos ao topo deles. Duas escadas foram então colocadas em cada uma das duas cruzes, e os executores as montaram. Enquanto isso, foi-lhes dado a beber a mistura de mirra e vinagre, tiraram-lhes as velhas camisas e, por meio de cordas passadas sob os braços e lançadas sobre as cruze, foram arrastados para os seus lugares. A sua subida era ainda mais dolorosa devido aos choques que recebiam e aos golpes contra as estacas de madeira que estavam presas através dos buracos no tronco da cruz. Na viga transversal e no tronco principal, cordas de casca torcida foram amarradas. Os braços dos ladrões foram dobrados e torcidos sobre os travessões; e em torno dos pulsos e cotovelos, nos joelhos e tornozelos, cordas foram enroladas e torcidas tão firmemente por meio daqueles longos pregos de madeira que o sangue irrompeu das veias e as articulações racharam. As pobres criaturas emitiam gritos terríveis de dor. O bom ladrão Dismas disse aos carrascos enquanto eles o traziam para a cruz: "Se você nos tivesse tratado como você tratou o pobre galileu, esse problema teria sido poupado".

Os algozes lançaram sortes sobre as vestes de Jesus

No lugar fora do círculo onde os ladrões se deitaram, os crucificadores juntaram as vestes de Jesus e as dividiram em várias partes, a fim de lançarem sortes sobre elas. O manto era estreito na parte superior e largo na parte inferior. Tinha diversas dobras, e o peito era forrado, formando bolsos. Os algozes rasgaram-no em longas tiras, que distribuíram entre si. Fizeram o mesmo com a longa peça branca, que era

fechada na abertura do peito com alças. Depois dividiram o longo lenço de linho, o cinto, o escapulário do peito e o linho que era usado nos lombos, todos encharcados com o sangue do Senhor. Mas como não conseguiam chegar a acordo quanto ao manto de tecido castanho, que lhes teria sido inútil se fosse rasgado, trouxeram um quadro com números e algumas pedras em forma de feijão marcadas com certos sinais. Eles jogaram as pedras no tabuleiro para decidir por sorteio de quem seria o manto. Justamente neste ponto do processo, um mensageiro, enviado por Nicodemos e José de Arimatéia, veio correndo em direção a eles para dizer que havia sido encontrado um comprador para as roupas de Jesus. Então eles as empacotaram, desceram correndo do monte e as venderam. Foi assim que estas relíquias sagradas passaram a estar na posse dos cristãos.

Jesus Crucificado. Os dois Ladrões

A terrível concussão causada pelo choque, quando a cruz foi deixada cair no buraco preparado para ela, fez o precioso sangue jorrar em profusão da cabeça de Jesus coroada de espinhos, e das feridas de Seus pés e mãos sagrados. Os carrascos agora montavam escadas e soltavam os cordões com que tinham amarrado o corpo sagrado ao tronco da cruz, a fim de evitar que ele se rasgasse nos pregos quando levantado. O sangue, cuja circulação tinha sido controlada pelos cordões firmemente amarrados e pela posição horizontal do corpo, agora com nova força, devido ao afrouxamento dos cordões e à posição vertical, retomaram seu curso. Os tormentos de Jesus foram, em conseqüência, redobrados. Por sete minutos, Ele ficou em silêncio como se estivesse morto, afundado num abismo de dor indescritível, e por alguns momentos, uma ininterrupta quietude reinou à volta da cruz. Sob o peso da coroa de espinhos, a cabeça sagrada tinha afundado sobre o peito, e de suas inúmeras feridas o sangue escorrendo tinha enchido os olhos, o cabelo, a barba, e a boca - aberta, ressequida, e languida. A face sagrada, por causa da imensa coroa, só podia ser erguida sem uma dor indescritível. O peito estava amplamente distendido e violentamente rasgado para cima; os ombros estavam ociosos e terrivelmente esticados; os cotovelos e pulsos, deslocados; e o sangue estava fluindo para baixo nos braços das feridas agora aumentadas das mãos. Abaixo do peito contraído havia um lugar oco profundo, e todo o abdômen foi afundado e desmoronando, como se encolhido longe do lugar. Tal como os braços, os lombos e as pernas estavam muito desarticulados. Os membros de Jesus estavam tão violentamente distendidos, os seus músculos e a pele rasgada tão lamentavelmente esticada, que os seus ossos podiam ser contados um a um. O sangue escorria pela cruz, debaixo do terrível prego que perfurou os Seus pés sagrados. Todo o corpo sagrado estava coberto de feridas, inchaços vermelhos e cicatrizes, com contusões e sangramentos, azuis, castanhos e amarelos, e com locais sangrentos dos quais a pele havia sido removida. Todas essas feridas tinham sido reabertas pela tensão violenta das cordas, e estavam novamente derramando sangue vermelho. Mais tarde, o sangue tornou-se esbranquiçado e aquoso, e o corpo sagrado mais pálido. Quando a crosta caía, as feridas pareciam carne drenada de sangue. Apesar de sua terrível desfiguração, o corpo sagrado de Nosso Senhor apresentou na cruz uma aparência ao mesmo tempo nobre e comovente. Sim, o Filho de Deus, o Eterno que se sacrificava no tempo, era belo, santo e puro no corpo despedaçado do Cordeiro Pascal moribundo carregado com os pecados de toda a raça humana.

A pele de Maria era uma bela oliveira brilhante tingida de vermelho; e tal, também, era a de seu Filho Divino. Por causa das viagens e da fadiga de Seus últimos anos, Suas bochechas abaixo dos olhos e a ponta de Seu nariz estavam um pouco

bronzeadas. Seu peito, alto e largo, não tinha pêlos, ao contrário do de João Batista, que era como uma pele completamente coberta de pêlos. Jesus tinha ombros largos e braços fortes e musculosos. Suas coxas também foram providas de fortes, bem marcados tendões, e Seus joelhos eram grandes e fortes, como os de um homem que tinha viajado muito a pé e ajoelhou-se por muito tempo em oração. Seus membros eram longos, os músculos das pernas fortemente desenvolvidos por viagens frequentes e escalada de montanhas. Seus pés eram muito bonitos e de forma perfeita, embora de andar descalço em estradas ásperas as solas estavam cobertas de grandes calos. Suas mãos também eram bonitas, seus dedos longos e afiados. Embora não fossem afeminadas, não eram como as de um homem acostumado a um trabalho árduo. Seu pescoço não era curto, embora firme e musculoso. Sua cabeça era lindamente proporcionada e não muito grande, Sua testa alta e franca, Seu rosto inteiro era puro e perfeitamente oval. Seu cabelo, não excessivamente espesso, e de um castanho dourado, era dividido no meio e caía em tranças suaves no pescoço. Sua barba, que era bastante curta, era pontiaguda e dividida em Seu queixo.

Mas agora Seu cabelo estava quase todo arrancado, e o que restava estava emaranhado com sangue, Seu corpo estava todo em ferida, Seu peito estava esmagado e havia uma cavidade visível abaixo dele. Seu corpo tinha sido esticado em pedaços, e as costelas apareciam aqui e ali através da pele rasgada. Acima dos ossos salientes da pélvis, o corpo sagrado estava tão esticado em comprimento que não cobria inteiramente a viga da cruz. A cruz era um pouco arredondada na parte de trás, mas plana na frente, e oca nos lugares necessários. O tronco era tão largo quanto espesso. Os vários pedaços dos quais a cruz foi formada eram de madeira de cores diferentes: alguns castanhos, alguns amarelos, o tronco mais escuro do que o resto, como madeira que havia ficado por muito tempo na água.

As cruzes dos ladrões eram mais ásperas. Eles estavam ao lado da pequena elevação, à direita e à esquerda da cruz de Jesus, e longe o suficiente dela para um homem montar a cavalo entre elas. Elas estavam um pouco voltadas uma para a outra, e não tão alto como a do Senhor. Os ladrões olharam para Jesus, um a orar, o outro a zombar, e Jesus disse alguma coisa de Sua cruz a Dismas. O aspecto dos ladrões na cruz era hediondo, especialmente o do que estava à esquerda, que era um réprobo feroz e bêbado. Eles estavam pendurados, distorcidos, despedaçados, inchados e amarrados com cordas. Seus rostos estavam lívidos, seus lábios castanhos de bebida e sangue confinado, seus olhos vermelhos, inchados, e começando a partir de suas órbitas. Gritaram de dor sob a pressão das cordas. O Gesmas amaldiçoou e insultou. Os pregos na cruz forçavam a cabeça para a frente. Eles se contorciam convulsivamente, e apesar da torção dura em torno da madeira das cordas que prendiam suas pernas, um deles movimentou seu pé para cima de modo que o joelho dobrado sobressaísse.

Jesus é escarnecido. Sua Primeira Palavra na Cruz

Após a crucificação dos ladrões e a distribuição das vestes do Senhor, os executores recolheram suas ferramentas, dirigiram algumas palavras zombéticas e insultantes a Jesus e foram embora. Os fariseus ainda presentes apressaram seus cavalos, rodearam o círculo à frente de Jesus, ofenderam-no com muitas palavras ofensivas e depois se retiraram. Os cem soldados romanos com seu comandante também desceram do monte e deixaram a vizinhança, pois outros cinquenta haviam subido para tomar o lugar deles. O capitão deste novo destacamento era Abenadar, um árabe de nascença, que mais tarde foi batizado em Ctesifonte. O oficial subalterno

era Cassius. Ele era uma espécie de pequeno agente de Pilatos, e em um período subsequente recebeu o nome de Longino. Doze fariseus, doze saduceus, doze escribas e alguns dos antigos também subiram ao monte. Entre os últimos mencionados estavam os judeus que haviam em vão pedido a Pilatos outra inscrição para o título da cruz. Ficaram furiosos, pois Pilatos não lhes permitia nem mesmo aparecer na sua presença. Eles rodearam o círculo e enxotaram a Virgem, chamando-a de mulher dissoluta. João levou-a para as mulheres que estavam atrás. Maadalena e Marta apoiaram-na nos seus braços.

Quando os fariseus e seus companheiros, ao fazerem as rondas do círculo, chegaram diante de Jesus, balançaram a cabeça com desprezo, dizendo: "Ai de ti, mentiroso! Como podes destruir o templo e reconstruí-lo em três dias? Ele sempre quis ajudar os outros, e ele não pode ajudar-se a si mesmo! És o Filho de Deus? Então, desce da cruz! É o Rei de Israel? Então, desça da cruz e creremos nele. Ele confiava em Deus. Deixe-O ajudá-Lo agora! Os soldados, da mesma maneira, zombaram e disseram: "Se tu és o Rei dos judeus, ajuda-te a ti mesmo agora!"

Ao ver o Redentor silenciosamente abandonando-Se ao pleno de Seus incomensuráveis sofrimentos, o ladrão à esquerda exclamou: "Seu demônio agora O abandonou"; e um soldado enfiou uma esponja cheia de vinagre em uma vara e a colocou diante do rosto de Jesus. Ele pareceu sugar um pouco. A zombaria continuou, e o soldado disse: "Se Tu és o Rei dos Judeus, ajuda-Te a Ti Mesmo!" Tudo isso aconteceu enquanto o primeiro destacamento de soldados estava sendo substituído pelo de Abenadar.

E agora Jesus, levantando um pouco a cabeça, exclamou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". E fez uma súplica em segredo. Gesmas gritou: "Se és o Cristo, ajuda-te a ti mesmo e a nós!" A zombaria continuou. Dismas, o ladrão à direita, ficou profundamente comovido ao ouvir Jesus orar pelos Seus inimigos. Quando Maria ouviu a voz de seu Filho, ela não podia mais ser contida, mas avançou a frente no círculo, seguida por João, Salomé, e Maria Cleófas. O capitão da guarda não a impediu.

Dismas, o ladrão à direita, recebeu, em virtude da oração de Jesus, uma iluminação interior. Quando a Virgem Santíssima veio apressada para a frente, ele de repente lembrou que Jesus e Sua Mãe o ajudaram quando criança. Ele levantou a voz e gritou com um tom claro e comandando: Como é possível você insultá-lo, quando ele está orando por você. Ele manteve silêncio e paciência, Ele reza por você, e você O ofende! Ele é um Profeta! Ele é o nosso Rei! Ele é o Filho de Deus! Por causa desta inesperada repreensão da boca do assassino pendurado ali em miséria, surgiu um tumulto entre os escarnecedores. Apanharam pedras para o apedrejarem na cruz. O centurião Abenadar, porém, repeliu o ataque deles, fez com que fossem dispersos e restaurou a ordem e a tranquilidade.

A Virgem Santíssima sentiu-se fortalecida pela oração de Jesus. Gesmas estava novamente clamando a Jesus: "Se Tu és o Cristo, ajuda a Ti mesmo e a nós!" Quando Dismas assim o dirigiu: "Nem tu tens medo de Deus, visto que estás sob a mesma condenação. E nós, de fato, com justiça, pois recebemos o que merecemos pelas nossas ações; mas este homem não fez nada de errado. Oh, pensa nos teus pecados, e muda os teus sentimentos! Totalmente iluminado e comovido, ele então confessou seu crime a Jesus, dizendo: "Senhor, se Tu me condenares, será justo. Mas tem piedade de mim! Jesus respondeu: "Tens de experimentar a Minha misericórdia". A estas palavras Dismas recebeu a graça de profunda contrição, a que ele se entregou no próximo quarto de hora.

Todos os incidentes anteriores ocorreram, simultaneamente ou um após o outro, entre as doze e meia-noite, como indicado pelo sol, e alguns momentos após a

exaltação da cruz. Uma grande mudança estava ocorrendo rapidamente nas almas da maioria dos espectadores, pois mesmo enquanto o ladrão penitente estava falando, sinais assustadores foram vistos na natureza, e todos os presentes estavam cheios de ansiedade.

O Sol Escureceu. A segunda e a terceira palavras de Jesus na cruz

Às dez horas, quando Pilatos pronunciou a sentença, caiu um pequeno granizo; Depois o céu clareou até meio-dia, quando uma névoa vermelha surgiu e obscureceu o sol. Na hora sexta, segundo o modo de contagem judaico, que corresponde ao meio-dia e meia, houve um eclipse milagroso do sol. Vi como aconteceu, mas não tenho isso em mente e não consigo encontrar palavras para expressar. Primeiro fui transportada como se fosse de fora da terra: vi as divisões do céu e o caminho das estrelas, que se cruzavam de maneira maravilhosa; Vi a lua de um lado da terra; Ela fugiu rapidamente, como um balão de fogo. Imediatamente me encontrei em Jerusalém e novamente vi a lua cheia e pálida sobre o Jardim das Oliveiras; Ela veio do Leste com grande velocidade e ficou diante do sol, obscurecido pela neblina. No lado oeste do sol vi um corpo escuro que parecia uma montanha e que a cobria completamente. O disco deste corpo era amarelo escuro e estava rodeado por um círculo de fogo, semelhante a um anel de ferro transformado em brasas. O céu escureceu e as estrelas apareceram, emitindo uma luz sangrenta. Um terror geral tomou conta dos homens e dos animais: aqueles que insultavam Jesus baixaram a voz. Muitas pessoas batiam no peito, dizendo: "Que o seu sangue caia sobre os seus algozes!" Muitos, próximos e distantes, ajoelharam-se pedindo perdão, e Jesus, no meio da sua dor, voltou os olhos para eles.

À medida que a escuridão aumentava e a cruz era abandonada por todos, exceto por Maria e os amigos mais queridos do Salvador, Dimas levantou a cabeça para Jesus, e com humilde esperança, disse-lhe: "Senhor, lembra-te de mim quando vieres ao teu reino!" Jesus respondeu: "Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso".

A Mãe de Jesus, Maria Madalena, Maria da Cleófas e João, estavam perto da cruz do Salvador, olhando para Ele, Maria pedia interiormente a Jesus que a deixasse morrer com Ele. O Salvador olhou para ela com ternura inefável, e voltando os olhos para João, disse a Maria: "Mulher, este é o teu filho". Depois disse a João: "Esta é a tua mãe". João beijou respeitosamente o pé da cruz do Redentor moribundo, e a Mãe de Jesus, que já era sua mãe. A Virgem Santíssima sentiu-se tão consumida de dor ao ouvir estas últimas disposições do seu Filho, que caiu inconsciente nos braços das santas mulheres, que a levaram a certa distância. Eu não sei se Jesus expressamente disse todas essas palavras; mas eu senti dentro de mim que ele fazia de Maria a mãe de João, e de João o filho de Maria. Em tais visões percebem-se bem as coisas que não estão escritas, e há muito poucas que podem ser expressas claramente com a linguagem humana, embora, ao vê-las, pareçam compreendidas por si mesmas. Assim, não parece estranho que Jesus, dirigindo-se à Virgem, não a chame de Minha Mãe, mas de Mulher, porque aparece como a mulher por excelência, que deve pisar a cabeça da serpente, especialmente neste momento, em que esta promessa é cumprida pela morte de seu Filho. Também se sente que, dando-a por Mãe a João, dá-a por Mãe a todos os que crêem no seu nome e se tornam filhos de Deus, que não nasceram de carne, nem de sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus. Compreende-se também que a mais pura, a mais humilde, a mais obediente das mulheres, que tendo dito ao anjo: "Eis a escrava do

Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra", tornou-se Mãe do Verbo feito homem; ouvindo seu Filho que deve ser a Mãe espiritual de outro filho, ela repetiu estas mesmas palavras em seu coração com uma humilde obediência, e adotou por seus filhos todos os filhos de Deus, todos os irmãos de Jesus Cristo. É mais fácil sentir tudo isso pela graça de Deus, expressar em palavras, e então me lembro do que meu Pai celestial me disse uma vez: "Tudo está nos filhos da Igreja que acreditam, que esperam e que amam.

Jesus abandonado. Sua Quarta Palavra na Cruz

Era cerca de uma e meia; Fui transportado para a cidade para ver o que estava acontecendo. Achei-a cheia de agitação e inquietação: as ruas estavam obscurecidas por uma espessa neblina; Os homens tateavam: muitos jaziam no chão com a cabeça descoberta, batendo no peito: outros subiam nos telhados, olhavam para o céu e lamentavam. Os animais uivavam e se escondiam; Os pássaros voavam baixo e caíam. Vi que Pilatos foi visitar Herodes: ambos estavam muito agitados e olhavam para o céu desde o mesmo telhado onde, pela manhã, Herodes tinha visto Jesus entregue aos ultrajes do povo. "Isso não é natural, disseram um ao outro; certamente foram longe demais contra Jesus." Então eu os vi indo para o palácio do outro lado da praça: eles caminhavam rapidamente e estavam cercados por soldados. Pilatos não desviou os olhos do lado de Gabbata, onde havia condenado Jesus. A praça estava sozinha: algumas pessoas correram para dentro de suas casas, outras choravam. Grupos podiam ser vistos se formando. Pilatos ordenou que os judeus mais velhos viessem ao seu palácio e perguntou-lhes o que significava aquela escuridão: ele disse-lhes que considerava isso um sinal terrível; que seu Deus estava zangado com eles, porque haviam perseguido até a morte o Galileu, que certamente era seu Profeta e seu Rei; que ele lavou as mãos; que ele era inocente daquela morte, etc., etc.; mas persistiram no seu endurecimento, atribuindo tudo o que acontecia a causas que nada tinham de sobrenatural, e não se converteram. Porém, muitas pessoas se converteram, e todos os soldados que no momento da prisão de Jesus no Jardim das Oliveiras caíram no chão e se levantaram.

A multidão reuniu-se diante da casa de Pilatos, e no mesmo lugar onde pela manhã gritaram: "Morra! Que seja crucificado", agora gritavam: "Morra o juiz ímpio! "

Pilatos teve que ficar entre os soldados; Aquele desgraçado sem alma culpou os judeus, dizendo: "Que ele não teve parte nisso; que Jesus era o profeta deles, e não o dele; que eles desejaram sua morte." ocupados com a imolação do cordeiro pascal, quando de repente caiu a noite a agitação e o terror fizeram-os gritar de dor. Os príncipes dos sacerdotes esforçaram-se por manter a ordem e a tranquilidade: acenderam todas as lâmpadas. e mais ausente vi Anás, aterrorizado, correndo de um canto a outro para se esconder. Quando saí da cidade, as grades das janelas tremiam e ainda assim não havia tempestade.

Acima do Gólgota, a escuridão produziu uma impressão terrível. A princípio os gritos, as imprecações, a atividade dos homens ocupados em erguer as cruzes, as lamentações dos dois ladrões, os insultos dos fariseus a cavalo, as idas e vindas dos soldados, a marcha tumultuada dos algozes, tiveram o seu efeito diminuído: então vieram as censuras do bom ladrão aos fariseus e sua raiva contra ele. Mas à medida que a escuridão aumentava, os espectadores tornaram-se mais pensativos e afastaram-se cada vez mais da cruz. Foi então que Jesus recomendou sua Mãe a João, e Maria foi levada desmaiada para certa distância. Houve um momento de silêncio solene: as pessoas tinham medo da escuridão: a maioria olhava para o céu.

A consciência foi despertada em alguns, que voltaram o olhar para a cruz, cheios de arrependimento, e bateram no peito: reunidos aqueles que tinham esses sentimentos. Os fariseus, cheios de terror secreto, queriam explicar tudo com razões naturais; mas eles falaram cada vez mais baixo e finalmente ficaram em silêncio. O disco solar era amarelo escuro, como as montanhas vistas à luz da lua: estava rodeado por um círculo vermelho; As estrelas foram vistas e emitiram uma luz sangrenta; Os pássaros caíram no Calvário e nas vinhas circunvizinhas; os animais uivavam e tremiam; Os camelos e os jumentos pertencentes aos fariseus apertavam-se uns contra os outros e colocavam a cabeça entre as pernas. A neblina cobria tudo.

A tranquilidade reinou ao redor da cruz, de onde todos haviam se afastado. O Salvador estava absorto no sentimento do seu profundo abandono; Voltando-se para o seu Pai celestial, ele pediu-lhe com amor pelos seus inimigos. Ele rezou como em toda a sua Paixão, repetindo passagens dos Salmos que se cumpriram Nele. Vi anjos ao seu redor. Quando as trevas aumentaram e a inquietação, agitando as consciências, se espalhou um profundo silêncio sobre o povo, vi Jesus sozinho e sem consolação. Sofreu tudo o que sofre um homem aflito, cheio de angústia, abandonado de toda proteção divina e humana, quando só a fé, a esperança e a caridade, privados de toda luz e de toda assistência sensata no deserto da tentação, vivem isolados no meio da tentação um sofrimento infinito. Essa dor não pode ser expressa. Foi então que Jesus nos deu forças para resistir aos maiores terrores do abandono, quando todos os afetos que nos ligam a este mundo e a esta vida são quebrados, e ao mesmo tempo o sentimento da outra vida é obscurecido e extinto: Nós não podemos sair vitoriosos desta prova senão unindo o nosso abandono aos méritos do seu abandono na cruz. Jesus ofereceu a sua miséria, a sua pobreza, os seus sofrimentos e a sua solidão por nós; É por isso que o homem, unido a Jesus no coração da Igreja, não deve desesperar-se na hora suprema, quando tudo escurece, quando toda a luz e toda a consolação desaparecem. Não precisamos mais descer sozinhos e sem proteção naquele deserto da noite interior. Jesus lançou o seu abandono interior e exterior naquele abismo de desamparo da cruz e, portanto, não deixou os cristãos sozinhos e abandonados até à morte, no obscurecimento de toda a consolação. Para os cristãos, já não existe solidão, abandono ou desespero à medida que se aproxima a hora da morte; Pois bem, Jesus, que é a luz, o caminho e a verdade, percorreu esse caminho escuro, enchendo-o de bênçãos, e plantou nele a sua cruz para banir os seus medos.

Jesus, desamparado, pobre e nu, ofereceu-se, como faz o amor: fez do seu abandono um rico tesouro, porque ofereceu a si mesmo e a sua vida, o seu trabalho, o seu amor, os seus sofrimentos e o doloroso sentimento da nossa ingratidão. Ele fez sua vontade diante de Deus e deu todos os seus méritos à Igreja e aos pecadores. Não esqueceu ninguém: falou de todos no seu abandono; Rezou também pelos hereges que dizem que, como Deus, não sentiu as dores da sua Paixão, e que não sofreu o que um homem teria sofrido no mesmo caso. Na sua dor, não demonstrou o seu desamparo com um grito, e permitiu a todos os aflitos que reconhecem Deus como seu Pai, uma queixa filial e confiante. Às três horas, Jesus gritou em alta voz: “Eli, Eli, lamma sabactani!” Que significa: “Meu Deus, meu Deus!” O grito de Nosso Senhor interrompeu o profundo silêncio que reinava em torno da cruz: os fariseus voltaram-se para Ele e um deles disse: “Chama Elias”. Outro disse: “Vamos ver se o Elias vem ajudá-lo”. Quando Maria ouviu a voz do seu Filho, nada a pôde deter. Chegou aos pés da cruz com João, Maria, filha de Cléofas, Madalena e Salomé. Enquanto o povo tremia e gemia, um grupo de trinta homens importantes da Judéia e arredores de Joppé passava para ir à festa, e quando viram Jesus na cruz

e os sinais ameaçadores que a natureza apresentava, exclamaram com plenitude de horror: "Cidade maldita! Se o templo de Deus não estivesse nela, merecia ser queimada por ter assumido tamanha iniquidade." Estas palavras foram como um ponto de apoio para o povo: houve uma explosão de murmúrios e gemidos, e todos que tinham os mesmos sentimentos se reuniram. Todos os espectadores estavam divididos em dois grupos: alguns choravam e murmuravam, outros proferiam insultos e imprecações; Porém, os fariseus foram menos arrogantes e, temendo uma insurreição popular, chegaram a um acordo com o centurião Abenadar. Deram ordens para fechar o portão mais próximo da cidade e cortar todas as comunicações. Ao mesmo tempo, enviaram um expresso a Pilatos e Herodes, para pedir ao primeiro quinhentos homens e ao segundo os seus guardas, para evitar uma insurreição. Enquanto isso, o centurião Abenadar mantinha a ordem e evitava insultos contra Jesus para não irritar o povo.

Pouco depois das três, a luz voltou um pouco, a lua começou a se afastar do sol! O sol parecia despojado de seus raios e envolto em vapores avermelhados. Aos poucos começou a brilhar e as estrelas desapareceram: porém o céu ainda estava escuro. Os inimigos de Jesus recuperaram a arrogância quando a luz regressou. Foi quando eles disseram "Chama por Elias!"

A Morte de Jesus. Quinta, Sexta e Sétima Palavras na Cruz

Quando a luz voltou, o corpo de Jesus estava lívido e mais pálido do que antes devido à perda de sangue. Ele também disse, não sei se foi internamente, ou se sua boca pronunciou estas palavras: "Estou pressionado como o cacho pressionado pela primeira vez: devo dar todo o meu sangue até que a água chegue; mas não mais será feito vinho neste local."

Mais tarde tive uma visão relacionada com estas palavras, na qual vi como Jafé fazia vinho neste lugar. Eu contarei mais tarde.

Jesus estava fraco; Sua língua estava seca e ele disse: "Estou com sede". E enquanto os amigos olhavam para ele com tristeza, ele acrescentou: "Você não poderia me dar uma gota d'água?", dando a entender que durante a escuridão eles não o teriam impedido.

Às palavras de João, ele respondeu: "Oh, Senhor, esquecemos!" Jesus acrescentou outros cujo significado era este: "Meus parentes também tiveram que se esquecer de mim e não me dar nada de beber, para que se cumprisse o que está escrito". Esse esquecimento foi muito doloroso para ele. Seus amigos ofereceram então dinheiro aos soldados para que lhe dessem um pouco de água, e eles não o fizeram; mas um deles molhou uma esponja em vinagre, borrifou-a com fel, colocou-a na ponta da lança e apresentou-a à boca do Senhor. Não me lembro quais foram as palavras que o Senhor falou; Só me lembro que ele disse: "Quando a minha voz não for mais ouvida, as bocas dos mortos falarão". Então alguns gritaram: "Blastema ainda." Mas Abenadar ordenou-lhes que ficassem quietos. A hora do Senhor havia chegado: ele lutou contra a morte e um suor frio cobriu seus membros. João estava ao pé da cruz e limpava os pés de Jesus com sua mortalha, Madalena, quebrada pela dor, inclinou-se atrás da cruz. A Santa Virgem colocou-se entre Jesus e o bom ladrão, apoiada por Salomé e Maria de Cleofas, e viu morrer o seu Filho. Então Jesus disse: "Está consumado". Então ele levantou a cabeça e gritou em alta voz: "Meu Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". Foi um grito doce e forte que penetrou no céu e na terra: ele imediatamente abaixou a cabeça e entregou o espírito. Vi sua alma em forma luminosa entrar na terra aos pés da cruz. João e as santas mulheres caíram debruços no chão.

O centurião Abenadar tinha os olhos fixos no rosto ensanguentado de Jesus e sua emoção era profunda. Quando o Senhor morreu, a terra tremeu, a rocha abriu-se entre a cruz de Jesus e a do ladrão malvado. O último grito de Jesus fez tremer todos os que o ouviam, como a terra que reconheceu o seu Salvador.

No entanto, os corações daqueles que o amavam só foram perfurados pela dor, como por uma espada. Foi então que a graça iluminou Abenadar. Seu coração, orgulhoso e duro, quebrou-se como a rocha do Calvário; Ele jogou a lança, bateu no peito e gritou com sotaque de homem convertido; "Bendito seja o Deus Todo-poderoso, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó!

Este era um homem justo: ele é verdadeiramente o Filho de Deus!" Muitos soldados, surpresos ao ouvir as palavras de seu líder, fizeram o que ele fez.

Abenadar, feito homem novo, tendo prestado homenagem ao Filho de Deus, não quis mais estar ao serviço dos seus inimigos. Ele deu seu cavalo e lança a Cássio, o segundo oficial, mais tarde chamado Longinus, que assumiu o comando; Depois disse algumas palavras aos soldados e desceu do Calvário. Ele atravessou o vale dos Ciganos em direção às cavernas do vale de Hinom, onde os discípulos estavam escondidos. Ele anunciou-lhes a morte do Salvador e voltou à cidade para a casa de Pilatos. Quando Abenadar testemunhou a divindade de Jesus, muitos soldados fizeram o mesmo com ele; Um certo número de presentes, e até mesmo alguns fariseus que haviam chegado recentemente, converteram-se. Muitas pessoas foram para casa batendo no peito e chorando. Outras rasgaram as roupas e jogaram terra na cabeça. Tudo estava cheio de estupefação e horror. João levantou-se; Algumas das santas mulheres, que estavam ali, carregaram a Virgem para uma curta distância da cruz.

Quando o Salvador confiou sua alma humana a Deus, seu Pai, e abandonou seu corpo à morte, o corpo sagrado tremeu e tornou-se branco-lívido, e suas feridas, nas quais o sangue se acumulou em abundância, tornaram-se manifestadas distintamente como manchas escuras; seu rosto se esticou; suas bochechas afundaram, seu nariz se alongou, seus olhos, cheios de sangue, permaneceram entreabertos; Levantou por um instante a cabeça coroada de espinhos e deixou-a cair sob o peso das suas dores; Os lábios lívidos permaneceram entreabertos, revelando a língua ensanguentada; suas mãos, primeiro contraídas em torno das unhas, foram estendidas com os braços; suas costas estavam endireitadas ao longo da cruz e todo o peso de seu corpo caía sobre seus pés; seus joelhos se curvaram e se caíram para o mesmo lado, e seus pés giraram em torno do prego.

Quem poderia expressar a dor da Mãe de Jesus, da Rainha dos mártires? A luz do sol ainda estava alterada e obscurecida; O ar estava sufocante durante o terremoto, mas imediatamente esfriou visivelmente.

Passava um pouco das três quando Jesus deu seu último suspiro. Quando o terremoto passou, alguns fariseus recuperaram a ousadia; Aproximaram-se da abertura da rocha do Calvário, atiraram pedras e quiseram medir a sua profundidade com cordas. Não conseguindo encontrar o fundo, ficaram pensativos; Notaram com preocupação os gemidos do povo e saíram do Calvário. Muitos sentiram-se mudados internamente; A maioria dos espectadores voltou para Jerusalém cheios de terror. Os soldados romanos foram guardar o portão da cidade e ocupar algumas posições para evitar qualquer movimento tumultuado. Cássio e cinquenta soldados permaneceram no Calvário. Os amigos de Jesus cercaram a cruz, sentaram-se diante dela e choraram. Muitas das santas mulheres voltaram para a cidade. Silêncio e luto reinaram ao redor do corpo de Jesus. Podia-se ver ao longe, no vale e nas alturas opostas, alguns discípulos aparecendo aqui e ali, olhando para a cruz com uma curiosidade inquieta; e eles desapareciam se vissem alguém chegando.

O terramoto. Aparições dos Mortos em Jerusalém

Quando Jesus morreu, vi sua alma semelhante a uma forma luminosa entrar na terra aos pés da cruz, e com uma multidão brilhante de anjos, entre os quais estava Gabriel. Esses anjos lançaram uma multidão de espíritos malignos da terra para o abismo. Jesus enviou muitas almas do limbo para seus corpos para aterrorizar os impenitentes e dar testemunho Dele.

O terremoto que abriu a rocha do Calvário causou muitos estragos, especialmente em Jerusalém e na Palestina. Mal haviam recuperado o ânimo na cidade e no templo quando a luz voltou, quando o tremor que sacudiu a terra e o barulho dos prédios afundando causaram outro ainda maior. Este terror foi ainda maior quando as pessoas que fugiam chorando encontraram no caminho os mortos ressuscitados que os alertaram e ameaçaram.

No templo, os príncipes dos sacerdotes continuaram o sacrifício, interrompido pelo terror causado pelas trevas, e acreditavam estar triunfantes com o retorno da luz; mas de repente a terra estremeceu, o barulho das paredes caindo e o véu do templo sendo rasgado encheu-os de um terror terrível, interrompido por gritos lamentáveis. Mas havia tanta ordem por toda parte, o templo estava tão cheio, as idas e vindas tão bem ordenadas, as filas dos sacerdotes sacrificando, o barulho das canções e das trombetas preocupando tanto os olhos e os ouvidos, que o medo não produzia desordem ou perturbação geral. Os sacrifícios continuaram silenciosamente em algumas partes; em outros, os esforços dos sacerdotes acalmaram o terror. Mas quando os mortos apareceram no templo, tudo se espalhou e o altar do sacrifício foi deixado sozinho, como se o templo tivesse sido contaminado.

Porém, isso aconteceu sucessivamente; e enquanto uma parte dos presentes descia as escadas do templo, outros eram contidos pelos sacerdotes, ou ainda não eram penetrados pelo pânico universal. Pode-se ter uma ideia do que estava acontecendo representando um formigueiro no qual uma pedra foi atirada ou sacudido com um pedaço de pau.

Enquanto a confusão reinava num ponto, o trabalho continuava noutro, e até o local agitado recuperar a ordem.

O sumo sacerdote Caifás e seus homens preservaram a presença de espírito; Graças ao seu endurecimento diabólico e à aparente tranquilidade que tinham, evitaram que houvesse uma confusão geral, garantindo que o povo não tomasse estas terríveis advertências como um testemunho fiel da inocência de Jesus. A guarnição romana da fortaleza Antônia também fez grandes esforços para manter a ordem, de modo que a festa foi interrompida sem qualquer tumulto popular. Tudo se tornou a agitação e a inquietação que cada um levava para casa, e que a capacidade dos fariseus de reprimir em grande parte.

Ali estão os fatos específicos de que me lembro. As duas grandes colunas situadas na entrada do santuário do templo, e entre as quais estava pendurada uma magnífica cortina, estavam separadas uma da outra; O telhado que sustentavam desabou, a cortina rasgou-se com estrondo em toda a sua extensão e o santuário ficou aberto a todos os olhos. Perto da cela onde o velho Simeão costumava rezar, uma pedra grossa caiu e a abóbada desabou.

O sumo sacerdote Zacarias foi visto aparecendo no santuário, morto entre o templo e o altar; Ele proferiu palavras ameaçadoras e falou da morte do outro Zacarias, pai de João Batista, da morte de João Batista e, em geral, da morte dos profetas. Dois filhos do piedoso sumo sacerdote e de Simão, o Justo, apareceram perto do grande púlpito, e também falaram da morte dos profetas e do sacrifício que iria cessar. Jeremias apareceu perto do altar e proclamou com voz ameaçadora o fim do antigo

sacrifício e o início do novo. Estas aparições, tendo ocorrido em locais onde apenas os sacerdotes podiam ter conhecimento delas, foram negadas ou silenciadas, e falar delas foi proibido sob pena severa. Mas houve um grande barulho: as portas do santuário foram abertas e uma voz gritou: “Saíamos daqui”.

Então eu vi os anjos irem embora. Nicodemos, José de Arimateia e muitos outros deixaram o templo. Os mortos ressuscitados ainda eram vistos andando pela cidade. À voz dos anjos eles entraram em seus túmulos.

Anás, um dos maiores inimigos de Jesus, estava quase louco de terror; Ele fugia de um canto a outro nas salas mais remotas do templo. Caifás tentou encorajá-lo, mas foi em vão; A aparição dos mortos o deixou consternado.

Caifás, embora cheio de terror, estava tão possuído pelo demônio do orgulho e da obstinação que não deixou ver nada do que sentia, e opôs-se aos sinais ameaçadores da ira divina com frente de ferro. Não podendo, apesar dos seus esforços, continuar as cerimônias, deu ordens para não revelar todos os prodígios e todas as aparições que o povo não tinha visto. Ele disse e ordenou que os outros sacerdotes fossem informados de que esses sinais da ira do céu haviam sido causados pelos partidários do Galileu, que haviam aparecido manchados no templo; que muitas coisas vieram dos feitiços daquele Homem, que na sua morte, como na sua vida, abalou o repouso do templo.

Enquanto tudo isso acontecia no templo, o mesmo medo terrível reinava em muitos lugares de Jerusalém. Pouco depois das três horas, muitos túmulos desabaram, especialmente nos jardins localizados a noroeste; Neles vi cadáveres envoltos; em alguns não havia nada além de restos de roupas e ossos. Os degraus do pátio de Caifás, onde Jesus foi ultrajado, e uma parte da casa onde Pedro negou três vezes o seu Mestre, desabaram.

O sumo sacerdote Simão, o Justo, avô de Simeão, que havia profetizado na apresentação de Jesus ao templo, foi visto aparecendo. Ele pronunciou palavras terríveis contra a sentença iníqua proferida naquele lugar. Muitos membros do Sinédrio estavam reunidos. Os servos que haviam trazido Pedro e João no dia anterior converteram-se e partiram com os discípulos. Perto do palácio de Pilatos, a pedra quebrou no local onde Jesus foi apresentado ao povo; Todo o edifício sofreu, e o pátio do tribunal vizinho afundou no local onde foram enterrados os inocentes massacrados por Herodes. Em muitos lugares as muralhas da cidade foram derrubadas; No entanto, nenhum edifício foi totalmente destruído. O supersticioso Pilatos ficou aterrorizado e incapaz de dar qualquer ordem. Seu palácio se moveu, o chão tremeu sob seus pés e ele fugiu de um cômodo para outro. Os mortos apareceram no pátio interno e o repreenderam por seu julgamento perverso. Ele acreditou que eram os deuses do Galileu e refugiou-se no canto mais remoto de sua casa, onde orou aos seus ídolos para que viessem em seu auxílio. Herodes estava tremendo em seu palácio e havia fechado tudo.

Houveram cem mortos de todas as épocas, que apareceram em Jerusalém e nos arredores. Todos os cadáveres que apareceram quando os túmulos foram abertos não foram ressuscitados. Os mortos cujas almas foram enviadas por Jesus do limbo, ressuscitaram, revelaram seus rostos e vagaram pelas ruas como se não tocassem a terra. Entraram nas casas dos seus descendentes e deram testemunho de Jesus com palavras severas contra aqueles que participaram na sua morte. Eu os via andando pelas ruas, principalmente de dois em dois: não via o movimento de seus pés, que voavam acima do solo. Eles eram claros ou amarelos; Eles tinham barbas compridas; Sua voz tinha um som estranho e inaudível. Eles foram amortalhados de acordo com o uso da época em que viviam. Nos lugares onde foi proclamada a sentença de morte de Jesus, antes de partir para o Calvário, pararam por um

momento e gritaram: "Glória a Jesus e maldição aos seus algozes!". um deles se escondeu na última parte de sua casa. Os mortos entraram em seus túmulos às quatro horas. O sacrifício foi interrompido, a confusão reinou por toda parte e poucas pessoas comeram o cordeiro pascal.

José de Arimatéia pede a Pilatos o corpo de Jesus

Mal havia sido restaurada a quietude em Jerusalém, depois de todos esses terríveis acontecimentos, quando Pilatos, já tão aterrorizado, foi assaltado por todos os lados com relatos do que havia ocorrido. O conselho dos judeus também, como haviam decidido fazer naquela manhã, mandou a ele pedir permissão para quebrar as pernas dos crucificados, e assim pôr fim à vida deles, pois queriam tirá-los da cruz, para que não ficassem pendurados nela no sábado. Pilatos enviou alguns carrascos ao Calvário para esse fim.

Pouco depois, vi José de Arimatéia, membro do Conselho, ir ter com Pilatos. Ele já tinha ouvido falar da morte de Jesus, e com Nicodemos tinha decidido enterrar o corpo do Senhor no novo sepulcro escavado em uma rocha em seu próprio jardim, não muito longe do Calvário. Acho que o vi do lado de fora do portão, como se estivesse a examinar ou a reconhecer as instalações. Alguns de seus servos já estavam no jardim, limpando-o e organizando as coisas dentro do sepulcro. Nicodemos tinha ido comprar linho e especiarias para preparar o corpo para sepultamento, e agora estava esperando por José.

José encontrou Pilatos muito ansioso e perplexo, Ele suplicou abertamente e sem medo que lhe fosse permitido tirar o corpo de Jesus, o Rei dos Judeus, da cruz, como ele queria colocá-lo em seu próprio túmulo. A ansiedade de Pilatos aumentou ao contemplar um homem tão distinto implorando com tanta fervor que lhe fosse permitido honrar o corpo de Jesus, a quem ele mesmo havia feito ser ignominiosamente crucificado. A inocência de Jesus voltou a ele, tornando-o ainda mais desconfortável, mas ele se superou e perguntou: "Então, Ele já está morto?" Porque apenas alguns momentos haviam passado desde que ele enviou executores para quebrar os ossos dos crucificados, e assim acabar com a vida deles. Ele chamou o centurião Abenadar, que voltou das cavernas onde havia conversado com alguns dos discípulos, e perguntou-lhe se o Rei dos Judeus já havia morrido. Abenadar, em resposta, contou-lhe a morte do Senhor por volta das três horas, Suas últimas palavras e Seu alto grito, o terremoto e a ruptura da rocha. Aparentemente, Pilatos parecia apenas surpreso, visto que os crucificados geralmente viviam mais tempo, mas interiormente ele estava cheio de preocupação e alarme pela coincidência desses sinais com a morte de Jesus. Talvez desejasse aliviar em certa medida sua crueldade, apressando imediatamente uma ordem para José de Arimatéia, pela qual lhe dava o corpo do Rei dos judeus, com permissão de tirá-lo da cruz e enterrá-lo. Ele se alegrava por fazer isso para poder irritar os sumos sacerdotes, que prefeririam ter Jesus enterrado desonrosamente junto com os dois ladrões. Foi provavelmente o próprio Abenadar a quem Pilatos enviou para ver a ordem executada, pois o vi presente na descida de Jesus da cruz.

José, de Arimatéia, saiu de Pilatos e foi ao encontro de Nicodemos, que o esperava na casa de uma mulher de boa disposição. Ela vivia na rua larga perto daquela estreita ruela em que Nosso Senhor, no início de Seu amargo Caminho da Cruz, foi forçado a suportar tal ignomínia. Nicodemos havia comprado ali muitas plantas e ervas aromáticas para o embalsamamento, pois a mulher era vendedora de tais coisas. Ela procurava em outro lugar muitos tipos de especiarias que ela mesma não tinha, bem como linho e bandagens para o mesmo propósito, ela enrolou tudo em

um pacote que podia ser facilmente transportado. José de Arimatéia foi ele mesmo e comprou um lençol de algodão, muito fino e belo, de seis côvados de comprimento e vários de largura. Seus servos recolheram sob um galpão perto da casa de Nicodemos escadas, martelos, fortes pregos de ferro, garrafas de água, vasos, esponjas e tudo o que era necessário para o trabalho diante deles. Os objetos menores foram embalados numa bagageira leve, ou carrinho de mão, quase semelhante àquele em que os discípulos carregavam o corpo de João Batista da cidadela de Macærus, de Herodes.

O Lado de Jesus Aberto. As pernas dos ladrões quebradas

Enquanto isso, todos estavam em silêncio e em luto no Gólgota. A multidão tinha se dispersado timidamente para suas casas. A Mãe de Jesus, João, Madalena, Maria Cléofas e Salomé estavam de pé ou sentados com a cabeça coberta e em profunda tristeza em frente à cruz. Alguns soldados estavam sentados na parede de barro, com suas lanças cravadas no chão perto deles. Cássio estava andando de cavalo, e os soldados estavam trocando palavras com seus companheiros posicionados a uma certa distância abaixo. O céu estava caindo; toda a natureza parecia estar em luto. As coisas estavam nessa posição quando seis executores foram vistos subindo ao monte com escadas, pá, cordas e pesadas barras de ferro triangulares usadas para quebrar os ossos dos malfeitores. Quando entraram no círculo, os amigos de Jesus recuaram um pouco. Novos temores tomaram conta do coração da Virgem Santíssima, para que o corpo de Jesus não fosse ainda mais ultrajado, pois os carrascos subiam à cruz, tocaram grosseiramente no corpo sagrado e declararam que Ele estava fingindo estar morto. Embora sentissem que Ele estava bastante frio e rígido, não estavam convencidos de que Ele já estava morto. João, a pedido da Virgem Santíssima, voltou-se para os soldados, para afastá-los por um tempo do corpo do Senhor. Os carrascos, em seguida, montavam as escadas para as cruzes dos ladrões. Dois deles com seus tacos afiados quebraram os ossos dos braços acima e abaixo dos cotovelos, enquanto um terceiro fez o mesmo acima dos joelhos e tornozelos. Gesmas rugia terrivelmente, conseqüentemente o carrasco terminou com ele por três golpes do taco no peito. Dismas gemeu fraco, e expirou sob a tortura. Ele foi o primeiro mortal a olhar novamente para o seu Redentor. Os carrascos soltaram as cordas, e deixaram os corpos caírem pesadamente para a terra. Então, amarrando-os com cordas, arrastaram-nos para o vale entre o monte e a muralha da cidade, e lá os enterraram.

Os carrascos pareciam ainda ter algumas dúvidas quanto à morte do Senhor, e Seus amigos, depois de testemunharem a terrível cena acabada de ser descrita, estavam mais ansiosos do que nunca para que se retirassem. Cássio, o oficial subalterno, mais tarde conhecido como Longino, um homem de vinte e cinco anos, muito ativo e precipitado, cuja visão frágil e cujos olhos tortuosos excitavam a zombaria de seus colegas, recebeu uma súbita inspiração. A ferocidade bárbara dos carrascos, as angústias das santas mulheres, e o grande ardor que a graça divina excitava nele, fizeram com que ele cumprisse uma profecia.

Empunhou a sua lança, e dirigiu o seu cavalo para a elevação onde estava a cruz. Parou-se entre a cruz do bom ladrão e a de Jesus, e, tomando a sua lança com ambas as mãos, enfiou-a com tanta força no lado direito do Senhor, que a ponta atravessou o coração, um pouco abaixo do pulmão esquerdo. Quando a retirou, saiu da ferida uma quantidade de sangue e água que encheu o seu rosto como um banho de salvação e de graça. Ele se inclinou, ajoelhou-se, bateu no peito, e confessou Jesus em voz alta.

A Virgem Santíssima, João e as santas mulheres, cujos olhos estavam fixos em Jesus, testemunharam com terror a súbita ação, acompanharam o impulso da lança com um grito de aflição e correram até a cruz. Maria, como se o impulso tinha transpassado seu próprio coração, sentiu a ponta afiada perfurando-a. Ela afundou nos braços de seus amigos, enquanto Cássio, ainda de joelhos, confessava o Senhor em voz alta e louvava a Deus com alegria. Ele foi iluminado; agora via clara e distintamente. Os olhos do seu corpo, como os da sua alma, foram curados e abertos. Todos foram tomados por um sentimento de profunda reverência ao ver o sangue do Redentor que, misturado com água, caiu em um riacho espumoso em um buraco na rocha ao pé da cruz. Maria, Cássio, as santas mulheres e João colheram-na nos copos de beber que tinham com eles, derramaram-na em frascos e secaram a cavidade com panos de linho. Cássio, que havia recuperado toda a plenitude da visão, estava em humilde contemplação. Os soldados, surpresos com o milagre que nele ocorrera, ajoelharam-se, bateram no peito e confessaram Jesus.

Cássio, batizado com o nome de Longinus, pregou a fé como diácono e sempre carregou sobre si o sangue de Jesus. Tinha secado e foi encontrada no seu túmulo, na Itália, numa cidade a pouca distância do lugar onde vivia Santa Clara. Havia um lago com uma ilha perto desta cidade. O corpo de Longino deve ter sido transportado para lá. Os oficiais, que entretanto haviam recebido ordens de Pilatos para não tocar no corpo de Jesus, não voltaram.

Tudo isso aconteceu perto da cruz, pouco depois das quatro horas, enquanto José de Arimateia e Nicodemos procuravam o que era necessário para o sepultamento de Jesus. Mas os servos de José, vindo limpar o túmulo, anunciaram aos amigos de Jesus que seu mestre iria retirar o corpo e colocá-lo em um novo túmulo. Então João voltou à cidade com as santas mulheres para que Maria recuperasse um pouco as forças, e também para trazer algumas coisas necessárias para o sepultamento. A Virgem Santíssima tinha uma pequena sala nos edifícios adjacentes ao Cenáculo. Não entraram pela porta mais próxima do Calvário, porque estava fechada e guardada no seu interior pelos soldados que os fariseus tinham colocado, mas pela porta meridional que levava a Belém.

Alguns locais da antiga Jerusalém

No lado oriental de Jerusalém ficava o primeiro portão ao sul do canto sudeste do Templo, que levava àquele bairro da cidade chamado Ofel. O que ficava ao norte do canto nordeste era o portão das ovelhas. Entre esses dois portões havia um terceiro (embora ainda não tão antigo) que conduzia a algumas ruas que corriam umas sobre as outras no lado leste do Monte do Templo, e nas quais residiam principalmente pedreiros e outros trabalhadores. Suas habitações adjacentes às fundações do Templo. Quase todas as casas destas duas ruas pertenciam a Nicodemos, que as construiu. Os pedreiros que as ocupavam pagavam-lhe aluguel ou trabalhavam para ele, pois mantinham relações comerciais com ele e com seu amigo José de Arimatéia. Este último possuía grandes pedreiras em sua cidade natal e mantinha um ativo comércio de mármore. Nicodemos construiu recentemente um lindo portão novo para aquelas ruas; Agora era chamado de Portão de Moria. Ao terminar, Jesus foi o primeiro a atravessá-lo no Domingo de Ramos. Ele entrou pela nova porta de Nicodemos, pela qual ninguém havia passado antes, e foi sepultado no novo túmulo de José de Arimatéia, onde ninguém antes dele havia descansado. Mais tarde, esta porta foi murada e havia um ditado que dizia que os cristãos voltariam a entrar na cidade através dela. Ainda hoje existe um portão murado nesta região, chamado de "Portão Dourado" pelos turcos.

Se não houvesse muros bloqueando o caminho, um caminho reto, desde a porta das ovelhas, em direção ao oeste, seria quase entre o canto noroeste do Monte Sião e o centro do Gólgota. Daquele portão ao Gólgota em linha reta a distância era talvez de três quartos de hora, mas da casa de Pilatos ao Gólgota a distância era em linha reta cerca de cinco oitavos de hora. A Fortaleza Antônio foi construída sobre uma rocha saliente a noroeste do monte do templo. Quando alguém virava à esquerda no palácio de Pilatos e passava para oeste através do arco, a fortaleza estava à sua esquerda. Em uma de suas paredes havia uma plataforma elevada que dava para o fórum, e de lá Pilatos costumava dirigir-se à população para publicar novas leis, por exemplo. Quando Jesus carregava a cruz para dentro da cidade, muitas vezes ele tinha o Monte Calvário à sua direita. (A viagem de Jesus deve ter sido feita parcialmente na direção sudoeste.) Ele estava passando pelo portão de um muro interno que corria em direção a Sião, cujo bairro da cidade era muito alto. Além deste muro e a oeste havia outro bairro que continha mais jardins do que casas. Perto da muralha externa da cidade haviam túmulos magníficos com entradas lindamente esculpidas e, acima de muitos deles, pequenos e belos jardins. A casa de Lázaro ficava neste bairro. Possuía belos jardins que se estendiam até onde a parede externa ocidental virava para sul. Creio que havia perto do grande portão das ovelhas uma pequena entrada privada através da muralha da cidade para aqueles jardins. Jesus e Seus discípulos, com a permissão de Lázaro, usavam-no muitas vezes para ir e vir. O portão no canto noroeste dava para Betsur, que ficava mais ao norte do que Emaús e Jope. Vários túmulos reais ficavam ao norte da muralha externa. Esta parte ocidental e pouco construída da cidade era a mais baixa de todas. Ela gentilmente se inclinou em direção à muralha da cidade e então subia novamente antes de alcançá-la. Esta segunda colina estava coberta de belos jardins e vinhas. Atrás dela passava uma larga estrada pavimentada dentro das muralhas, com caminhos que levavam a elas e às torres. Estas últimas não eram como as nossas, que têm escadas no interior.

Do outro lado da muralha, fora da cidade, havia um declive em direção ao vale, de modo que as muralhas em torno deste bairro inferior pareciam construídas sobre um terraço elevado. Jardins e vinhas também eram encontrados ali. O caminho de Jesus até o Calvário não passou por esses jardins, pois o bairro em que se encontravam terminava sua jornada para o norte, para a direita. Simão de Cirene vinha de lá quando encontrou Jesus. A porta pela qual Jesus foi conduzido para fora da cidade não ficava diretamente a oeste, mas voltada para sudoeste. Ao passar por aquele portão e virar à esquerda, se encontrava a muralha da cidade seguindo para o sul por uma curta distância, quando ela fazia uma curva acentuada para o oeste, e então seguia para o sul novamente ao redor do Monte Sião.

Neste lado esquerdo da muralha e no caminho para Sião, foi erguida uma torre muito forte, como uma fortaleza. Deste mesmo lado e muito perto da porta que dava acesso ao local da execução, abriu-se outra. De todos os portões da cidade, esses dois eram os mais próximos um do outro. A distância entre eles não era maior do que entre o portão do castelo e o portão Lúdio ali em Dülmen. Esta última porta de Jerusalém mencionada abria-se para o oeste, no vale, e dela a estrada seguia para a esquerda e um pouco para o sul, em direção a Belém. Algum tempo depois da porta de execução, a estrada virava para norte e seguia em direção ao Calvário, que ficava de frente para a cidade a leste e era muito íngreme, mas que, para oeste, descia gradualmente. Olhando deste lado para o oeste, podia-se avistar a alguma distância ao longo da estrada que levava a Emaús. Havia um campo à beira da estrada, e lá vi Lucas colhendo ervas quando, após a ressurreição, ele e Cleofas, na estrada para Emaús, foram recebidos por Jesus. Por volta das dez horas da manhã

da Crucificação, o rosto de Jesus estava voltado para noroeste, ou seja, para a cruz erguida para Ele no Calvário. Quando estava pendurado na cruz, se virasse a cabeça para a direita, poderia vislumbrar a fortaleza de Antônio. Ao longo de toda a muralha da cidade, tanto a norte como a leste do Calvário, haviam jardins, vinhas e túmulos. A cruz de Jesus foi enterrada no lado nordeste e ao pé do Monte Calvário. Em frente ao local onde mais tarde foram descobertas as cruzes, e a nordeste, existiam belos socacos cobertos de vinhas. Olhando para o sul, do ponto onde estava a cruz no Calvário, a casa de Caifás podia ser vista logo abaixo da fortaleza de Davi.

Jardim e túmulo de José de Arimatéia

Este jardim ficava a pelo menos sete minutos do Monte Calvário, perto da porta de Belém, e na altura que descia até à muralha da cidade. Era muito bonito, com suas árvores altas, seus assentos e seus recantos sombreados. De um lado, estendia-se até a altura acima da muralha da cidade. Quem descesse ao vale pelo lado norte notaria, ao entrar no jardim, que o terreno se elevava à sua esquerda até a muralha da cidade. À direita e no final do jardim havia uma rocha separada, sobre a qual estava o túmulo. Virando à direita, chegava à entrada da caverna, voltada para o leste, em terreno elevado e encostada na muralha da cidade. Em ambas as extremidades da mesma rocha, norte e sul, haviam duas cavernas menores com entradas baixas. Um caminho estreito cercava seu lado oeste. O piso em frente à caverna era mais alto que o da própria entrada, de modo que para chegar à porta era necessário descer alguns degraus, como em outro pequeno túmulo no lado leste da rocha. A entrada exterior era fechada com grades. O espaço dentro da caverna era grande o suficiente para quatro homens ficarem encostados na parede à direita e outros tantos à esquerda, e ainda permitir que o corpo fosse carregado entre eles pelos carregadores. As paredes da gruta eram arredondadas no lado poente até formarem, mesmo em frente da porta, um nicho amplo mas não muito alto. A parede rochosa ali formava um teto em arco sobre o túmulo, que ficava cerca de dois metros acima do nível do solo, com espaço vazio no topo para receber um cadáver em sua lâmina sinuosa. O túmulo projetava-se como um altar, estando ligado à rocha apenas por um dos lados. Havia espaço para uma pessoa ficar na cabeceira, outra nos pés e uma terceira diante do túmulo, mesmo quando as portas do nicho estavam fechadas. As portas eram de cobre ou de algum outro metal e abriam dos dois lados, onde havia espaço para elas encostadas nas paredes. Elas não ficavam perpendiculares, mas deitavam-se um pouco obliquamente diante do nicho, e alcançavam o chão o suficiente para que uma pedra colocada contra elas impedisse sua abertura. A pedra destinada a esse fim estava agora fora da entrada da caverna. Depois do Senhor ter sido sepultado, foi trazido pela primeira vez e colocado diante das portas fechadas do túmulo. Era grande e um pouco arredondada na lateral que ficava ao lado das portas, porque a parede perto delas não estava em ângulo reto. Para abrir as portas, a imensa pedra não foi primeiro retirada do túmulo, de modo que, devido ao espaço confinado, teria sido atendida com a maior dificuldade. Mas uma corrente baixada do teto estava amarrada a anéis fixados na pedra. Então, sendo a corrente arrastada com a ajuda de vários homens exercendo todas as suas forças, a pedra foi sacudida para um dos lados da gruta, deixando livre a porta do túmulo.

No jardim em frente à entrada da caverna havia um banco de pedra. Se alguém subisse ao telhado da caverna, que estava coberto de grama, poderia ver as alturas de Sião e algumas das torres nas muralhas da cidade. A Porta de Belém, um

aqueduto e o Poço de Giom também podiam ser vistos dali. A rocha dentro era branca com veios vermelhos e marrons. A caverna era muito bem acabada.

A descida da cruz

Enquanto a cruz estava abandonada e cercada apenas por alguns guardas, vi cinco pessoas, que tinham vindo de Betânia pelo vale, aproximarem-se do Calvário, levantarem os olhos para a cruz e afastarem-se furtivamente: penso que eram discípulos. Três vezes encontrei dois homens próximos examinando e deliberando: eram José de Arimateia e Nicodemos. Uma vez que estava nas proximidades e durante a crucificação (talvez quando mandaram comprar as roupas de Jesus). Mais uma vez vigiavam para ver se o povo ia embora, e foram ao túmulo preparar algo: voltaram para a cruz, olhando para todos os lados como se esperassem uma oportunidade favorável. Então eles planejaram retirar o corpo do Salvador da cruz e voltaram para a cidade.

Ocuparam-se em transportar os objetos necessários ao embalsamamento do corpo; Seus servos levaram alguns instrumentos para desprende-lo da cruz, e duas escadas, que consistiam em um pedaço de madeira atravessado de longe em distância por varas que formavam os degraus. Havia ganchos que podiam ser pendurados mais alto ou mais baixo, e serviam para consertar as escadas ou para pendurar o que fosse necessário para o trabalho.

Nicodemos havia comprado cem quilos de raízes, o que equivalia a trinta e sete quilos do nosso peso, conforme me foi explicado. Ele carregava aqueles aromas em pequenas rolhas penduradas no pescoço e no peito. Numa dessas rolhas havia pólvora. Eles tinham alguns feixes de ervas em sacos de pergaminho ou de couro. José carregava também uma caixa de pomada, não sei que substância: enfim, os criados tinham que carregar jarras, botas, esponjas e ferramentas em carrinhos. Eles carregavam fogo em uma lanterna fechada. Os servos deixaram a cidade antes de seus senhores, e por outra porta, talvez a de Betânia, e seguiram em direção ao Calvário. Passaram diante da casa onde a Virgem, João e as santas mulheres tinham vindo carregar diversas coisas para embalsamar o corpo de Jesus; João e as santas mulheres seguiram os servos a uma curta distância. havia cinco mulheres; Alguns carregavam uma trouxa grossa de pano sob as capas. As mulheres tinham o costume, quando saíam à noite ou para realizar secretamente alguma ação piedosa, de se cobrirem com um longo lençol de mais de um metro de largura. Eles começaram envolvendo um braço e envolveram o resto do corpo com tanta força que mal conseguiam andar. Eu as vi embrulhadas assim; Esse lençol ia de um braço ao outro e cobria suas cabeças.

Hoje parecia estranho: era um vestido de luto. José e Nicodemos também usavam vestes de luto, com mangas pretas e cintura larga. Suas camadas que os colocaram na cabeça, eram largas, longas e de cor marrom. Elas serviam para cobrir o que carregavam. Eles se dirigiam para a porta que levava ao Calvário.

As ruas estavam desertas; O terror geral fez com que todos ficassem trancados em casa; a maioria deles estava começando a se arrepender. Muito poucos compareceram à festa. Quando José e Nicodemos chegaram ao portão, encontraram-no fechado, e ao redor, a estrada e as ruas, cheias de soldados. Eram os mesmos que os fariseus haviam pedido em ambos, e como temiam uma insurreição popular, os mantiveram em armas.

José apresentou uma ordem assinada por Pilatos para permitir-lhe passagem gratuita. Os soldados ficaram felizes; Mas eles lhe disseram que muitas vezes tentaram abrir a porta sem conseguir; que, sem dúvida, no terremoto ela se tornou

irregular em algum lugar; que por isso os oficiais de justiça encarregados de quebrar as pernas dos crucificados tiveram que passar por outra porta. Mas quando José e Nicodemos destrancaram a porta, a porta se abriu sozinha, deixando todos atordoados.

O céu ainda estava escuro e nebuloso quando chegaram ao Calvário: encontraram seus servos e as santas mulheres chorando diante da cruz. Cássio e muitos soldados, que haviam se convertido, permaneceram à distância, tímidos e respeitosos. José e Nicodemos contaram à Virgem e a João tudo o que tinham feito para salvar Jesus de uma morte ignominiosa; como conseguiram que os ossos do Senhor não fossem quebrados e como a profecia se cumpriu. Eles também falaram sobre a lança da Casio. Assim, quando chegou o centurião Abenadar, iniciaram, em meio à tristeza e à meditação, o piedoso trabalho de baixar a cruz e embalsamar o corpo santíssimo do Senhor.

À direita, entre a cruz de Dimas e a de Jesus: as outras mulheres estavam ocupadas preparando os panos, os aromas, a água, as esponjas e os copos.

Cássio também se aproximou e contou a Abenadar sobre o milagre da cura de seus olhos.

Todos ficaram comovidos, cheios de dor e de amor, e ao mesmo tempo silenciosos e com solene seriedade. Somente quando a prontidão e a atenção exigidas por esse piedoso cuidado o permitiam, eram ouvidos lamentos e gemidos comprimidos. Acima de tudo, Madalena abandonou-se inteiramente à sua dor e nada a distraía, nem a presença dos que a rodeavam, nem qualquer outra consideração.

Nicodemos e José colocaram as escadas atrás da cruz e subiram com um lençol, ao qual foram amarradas três tiras; Amarraram o corpo de Jesus sob os braços e joelhos ao madeiro da cruz e fixaram os braços amarrados no pulso. Depois arrancaram os pregos empurrando-os por trás, colocando um ferro na ponta. As mãos de Jesus não se moviam muito apesar dos golpes, os pregos saíram facilmente das feridas, pois haviam aberto muito com o peso do corpo, e o corpo agora, suspenso pelos lençóis, não carregava os pregos. A parte inferior do corpo, que por ocasião da morte do Salvador ele carregava sobre os joelhos, repousava em sua posição natural, sustentada por um lençol amarrado aos braços da cruz.

Enquanto José retirou a mão esquerda e deixou o braço enfaixado cair lentamente sobre o corpo. Nicodemos amarrou o braço direito à cruz, e também a cabeça coroada de espinhos, que havia sido torcida no ombro direito: depois arrancou o prego direito, e lentamente deixou o braço cair sobre o corpo. Ao mesmo tempo, o centurião Abenadar arrancou com esforço o grande prego dos pés. Cássio recolheu religiosamente os pregos e colocou-os aos pés da Virgem. Imediatamente José e Nicodemos colocaram a escada em frente à cruz, quase reta e muito próxima do corpo; Desamarraram a alça de cima e penduraram-na num dos ganchos que havia na escada; Fizeram o mesmo com as outras duas correias, e baixando-as de gancho em gancho, baixaram lentamente o Santo Corpo até ficar diante do centurião, que, montado num banco, recebeu-o nos braços, abaixo dos joelhos, e baixou-o, enquanto José e Nicodemos, segurando a parte superior do corpo, descia-o passo a passo com as maiores precauções, como quando carregavam o corpo de um amigo gravemente ferido. Assim o corpo do Salvador chegou ao chão.

Foi uma visão muito terna; Tiveram os mesmos cuidados, as mesmas precauções como se tivessem temido causar algum mal a Jesus: guardaram com o Corpo santo todo o amor e toda a veneração que tiveram pelo Salvador durante a sua vida. Todos os espectadores tinham os olhos fixos no corpo do Senhor e acompanhavam todos os seus movimentos; A cada momento erguiam as mãos ao céu, derramavam lágrimas e davam sinais do mais intenso luto. Contudo, todos estavam cheios de

profundo respeito, falando apenas em voz baixa para ajudar ou avisar uns aos outros. Enquanto se ouviam os golpes dos martelos, Maria, Madalena e todos os presentes na crucificação ficaram com o coração partido. O barulho dos golpes recordou-lhes os sofrimentos de Jesus: tremeram ao ouvir novamente o grito agudo de dor, e ao mesmo tempo lamentaram o silêncio da sua boca divina, prova muito certa da sua morte. Ao baixarem o Corpo Santo, envolveram-no dos joelhos até à cintura e colocaram-no nos braços da sua Mãe, que lhes estendeu-o, possuída de dor e de amor.

O corpo de Jesus preparado para sepultamento

A Virgem Santíssima estava sentada sobre uma manta estendida no chão: o joelho direito, ligeiramente levantado, e as costas, apoiadas em algumas camadas juntas. Tinham arranjado tudo para facilitar esta Mãe cheia de dor com as tristes honras que iria prestar ao corpo do seu Filho. A sagrada cabeça de Jesus repousava sobre os joelhos de Maria; Seu corpo estava deitado em um lençol. Pela última vez, a Virgem Santíssima teve nos braços o corpo do seu amado Filho, a quem não pôde dar nenhuma prova de amor em todo o seu martírio; Contemplei suas feridas; Ela cobriu de beijos o rosto ensanguentado, enquanto Madalena descansava o dela em seus pés.

Os homens retiraram-se para um pequeno barranco, localizado a sudoeste do Calvário, para preparar os objetos necessários ao embalsamamento do cadáver. Cássio, com alguns soldados que haviam se convertido ao Senhor, mantiveram-se a uma distância respeitosa. Todos os mal intencionados haviam retornado à cidade, e os soldados serviram apenas de segurança para evitar que alguém interrompesse as últimas homenagens prestadas a Jesus. Alguns emprestaram sua ajuda quando solicitados. As santas mulheres davam copos, esponjas, panos, unguentos e aromas quando necessário, e no resto do tempo ficavam atentas a curta distância; Madalena esteve sempre aos pés de Jesus. João ajudou continuamente a Virgem, serviu como mensageiro entre homens e mulheres e ajudou a ambos. As mulheres tinham botas de couro ao lado e uma jarra de água, colocada no fogo de carvão. Ofereceram a Maria e Madalena, conforme necessitavam, copos cheios de água pura e esponjas que depois enfiaram nas botas de couro.

A Virgem Santíssima conservou uma coragem admirável na sua dor indizível. Ela não podia deixar o corpo do Filho no horrível estado em que a tortura o colocara, e por isso começou, com atividade incansável, a lavá-lo e a limpá-lo dos sinais dos insultos que havia recebido. Tirou a coroa de espinhos com a maior cautela, abrindo-a por trás e cortando uma a uma as pontas cravadas na cabeça de Jesus, para não abrir as feridas com o movimento. Colocaram a coroa ao lado dos pregos; Então Maria removeu os espinhos que haviam ficado nas feridas com uma espécie de pinça redonda e mostrou-os com tristeza às amigas. Eles colocaram esses espinhos junto com a coroa: porém, alguns devem ter sido mantidos separados.

O rosto do Senhor dificilmente poderia ser conhecido: tão desfigurado estava com as feridas que o cobriam. Sua barba e cabelo estavam cheios de sangue.

Maria ergueu a cabeça e passou esponjas molhadas nos cabelos para umedecer o sangue seco. À medida que a lavava, as horríveis crueldades exercidas contra Jesus tornaram-se mais distintas, e a sua compaixão e ternura aumentaram de uma ferida para outra. Lavou as feridas da cabeça, o sangue que cobria os olhos, o nariz e as orelhas; Com uma esponja e um pano estendido nos dedos da mão direita, limpou, da mesma forma, a boca entreaberta, a língua, os dentes e os lábios. Ela dividiu o que restava do cabelo do Salvador em três partes: em cada têmpora e a terceira na

nuca; e depois de limpar e desembaraçar o cabelo da frente, colocou-o atrás de ambas as orelhas. Depois de limpar o rosto, a Virgem cobriu-o depois de o beijar. Então ele fez isso com o pescoço, costas e peito, braços e mãos. Todos os ossos do tórax, todas as articulações dos membros estavam deslocados e não podiam dobrar. O ombro que carregava a cruz tinha uma ferida enorme; Toda a parte superior do corpo estava coberta de feridas e dilacerada por chicotadas. Perto do peito esquerdo havia uma pequena abertura por onde emergiu a ponta da lança de Cássio, e no lado direito havia uma ampla abertura por onde entrou a lança que perfurou o coração. Maria lavou todas as feridas, e Madalena, de joelhos, ajudava-a de vez em quando, sem se afastar dos pés de Jesus, a quem ela regou com lágrimas abundantes e limpou com os cabelos.

Foram lavados a cabeça, o peito e os pés do Salvador: o corpo sagrado, branco, azulado, como carne sem sangue, cheio de hematomas e manchas nos locais onde a pele foi arrancada, repousava sobre os joelhos de Maria, que Ele cobriu as partes lavadas com um véu e teve o cuidado de embalsamar todas as feridas. As santas mulheres, ajoelhadas diante de Maria, presentearam-na por sua vez com uma caixa, da qual ela tirou um precioso unguento com o qual ungiu as feridas. Ela também ungiu o cabelo. Ele pegou as mãos de Jesus com a mão esquerda, beijou-as com respeito e encheu os buracos profundos das unhas com unguento ou aromas. Também encheu as orelhas, o nariz e a ferida do lado. Madalena embalsamou os pés do Senhor: muitas vezes regou-os com as suas lágrimas e limpou-os com os seus cabelos.

Eles não jogavam fora a água que haviam usado, mas a colocavam em botas de couro, onde espremiavam as esponjas. Muitas vezes vi Cássio e outros soldados irem buscar água na fonte de Giom, que ficava bem perto. Quando a Virgem ungiu todas as feridas, envolveu a cabeça em panos, mas ainda não cobriu o rosto. Ele fechou os olhos entreabertos de Jesus e colocou a mão sobre eles por algum tempo. Ela também fechou a boca, abraçou o corpo sagrado do seu Filho e deixou o seu rosto pousar sobre o de Jesus. José e Nicodemos já esperavam há algum tempo, quando João, aproximando-se da Virgem, pediu-lhe que se separasse do Filho para que pudessem terminar de embalsamá-lo, porque o sábado se aproximava.

Maria abraçou novamente o corpo do Filho e despediu-se dele nos termos mais ternos. Então os homens o tiraram dos braços de sua Mãe sobre o lençol onde estava deitado e o carregaram até uma certa distância. Maria, imersa na sua dor, que a sua ternura distraiu por um momento, caiu, com a cabeça coberta, nos braços das piedosas mulheres. Madalena, como se quisessem arrancar dela o seu Amado, avançou alguns passos de braços abertos e voltou para junto da Virgem Santíssima. Levaram o corpo para um local mais baixo que o cume do Gólgota, sobre uma rocha, que apresentava um local confortável para embalsamar o corpo. Vi pela primeira vez um pano de malha de trabalho semelhante a renda, que me lembrou a cortina que é colocada em frente ao altar durante a Quaresma(*). Sem dúvida foi trabalhado com aberturas para deixar passar a água. Também vi outra folha grande espalhada. Colocaram o corpo do Salvador sobre o pano aberto, e alguns homens espalharam o outro sobre ele. Nicodemos e José ajoelharam-se e, debaixo deste pano, retiraram o pano que tinham amarrado à cintura dele quando o tiraram da cruz. Depois passaram esponjas por baixo daquele pano e lavaram a parte inferior do corpo. Imediatamente o pegaram com os panos cruzados sob os joelhos e o lavaram por trás, sem virá-lo, até que a água liberada pelas esponjas ficasse límpida. Depois derramaram água de mirra sobre todo o corpo e, manuseando-o com respeito, espalharam-no o tempo todo, pois ele permanecera na posição em que morrera, com os joelhos e os rins retraídos. Então colocaram um pano de um metro de

largura e três metros de comprimento sob seus ombros; Colocaram ramos de ervas como os que vejo nas mesas celestiais e espalharam por cima um pouco do pó que Nicodemos havia trazido. Em seguida, enrolaram a parte inferior do corpo e amarraram-no firmemente no lençol que colocaram por baixo. Untaram as feridas nas coxas, colocaram feixes de grama entre as pernas em toda a extensão e envolveram-nos nos aromas de baixo para cima.

Então João levou a Virgem e as santas mulheres para perto do corpo. Maria ajoelhou-se junto à cabeça de Jesus e colocou por baixo um pano de linho muito fino que a mulher de Pilatos lhe tinha dado, e que ela usava ao pescoço, por baixo do manto; Depois, com a ajuda das santas mulheres, colocou cachos de ervas, aromas e pós perfumados desde os ombros até o rosto; então ela amarrou esse pano firmemente em volta da cabeça e dos ombros.

Madalena derramou um pote de bálsamo na ferida do lado dele, e as mulheres piedosas também colocaram ervas nas feridas das mãos e dos pés. Imediatamente os homens envolveram o resto do corpo em aromas, cruzaram os braços sobre o peito e apertaram o grande lençol branco em volta do corpo até o peito, como se envolveria uma criança, e amarraram uma bandagem na cabeça e no pescoço e todo o corpo. Por fim, colocaram o Salvador no grande lençol de seis metros que José de Arimatéia havia comprado e embrulharam-no, colocado na diagonal; uma extremidade do lençol era dobrada dos pés ao peito e a outra sobre a cabeça e os ombros; os outros dois enrolados no corpo.

Enquanto todos cercavam o corpo do Senhor e se ajoelhavam para se despedir dEle, um milagre aconteceu aos seus olhos; O corpo sagrado de Jesus, com as suas chagas, apareceu representado no lençol que o cobria, como se quisesse recompensar o seu zelo e amor, e deixar-lhes o seu retrato através dos véus que o cobriam. Eles abraçaram o corpo chorando e beijaram respeitosamente sua efígie milagrosa. O espanto aumentou quando, levantando o lençol, viram que todas as bandagens que prendiam o corpo estavam brancas como antes, e que só o lençol de cima havia recebido a efígie milagrosa. Não era marca de feridas que sangravam, porque todo o corpo estava envolto e coberto de aromas; Foi um retrato sobrenatural, um testemunho da divindade criativa que sempre residiu no corpo de Jesus. Tenho visto muitas coisas relacionadas com a história subsequente daquela folha, mas seria impossível para mim coordená-las.

Depois da Ressurreição, estava no poder dos amigos de Jesus. Também caiu duas vezes nas mãos dos judeus e mais tarde foi venerado em diferentes lugares. Vi ele na Ásia, nas casas de cristãos não-católicos. Esqueci o nome da cidade, que fica num país próximo à terra natal dos três Reis Magos.

(*) Na diocese de Münster, nas igrejas está pendurada uma cortina com bordados vazados, representando as cinco chagas e os instrumentos da Paixão..

O Sepulcro

Os homens colocaram o corpo sagrado em macas de couro, coberto com uma manta escura. Isso me lembra a Arca da Aliança.

Nicodemos e José carregaram os varais da frente nos ombros, e Abenadar e João carregaram os de trás. Em seguida vieram a Virgem, María de Helí, sua irmã mais velha, Madalena e María Cleopas; depois as mulheres que estavam sentadas à distância, Verónica, Juana Chusa; Maria, mãe de Marcos; Salomé, esposa de Zebedeu; Maria Salomé, Salomé de Jerusalém, Susana e Ana, sobrinha de São José; Cássio e os soldados ficaram na retaguarda. As outras mulheres, Marôni de Naim, Diná, a Samaritana, e Maria, a Sufanita, estavam em Betânia com Marta e Lázaro.

Dois soldados com lanternas avançaram para iluminar a gruta do túmulo; Caminharam assim por cerca de sete minutos, cantando salmos em tom doce e melancólico. Vi numa altura, do outro lado do vale, Tiago, o Maior, irmão de João, que os viu passar e que novamente anunciou aos outros discípulos o que tinha visto. Pararam na entrada do jardim de José; Eles o abriram retirando alguns gravetos, que mais tarde serviram de alavanca para transportar a pedra que cobriria o túmulo até a gruta. Ao chegarem à rocha, ergueram o corpo sagrado sobre uma longa tábua, coberta com um lençol. A gruta, recentemente inaugurada, foi varrida pelos servos de Nicodemos; O interior era limpo e decoroso. As santas mulheres sentaram-se em frente à entrada. Os quatro homens trouxeram o corpo do Senhor, encheram uma parte do túmulo com aromas e estenderam um lençol, sobre o qual colocaram o corpo; Mostraram-lhe novamente o seu amor com lágrimas e abraços e deixaram a gruta. Então a Virgem entrou; Ela sentou-se ao lado da cabeça e desceu chorando sobre o corpo de seu Filho. Quando ela saiu da gruta, Madalena correu para dentro dela; Ela havia colhido flores e galhos no jardim que lançou sobre Jesus; Ela cruzou as mãos e beijou chorosa os pés de Jesus; Mas quando os homens lhe disseram que queriam fechar o túmulo, ela voltou para junto das outras mulheres. Dobraram as pontas dos lençóis sobre o corpo, colocaram a capa de cor escura e fecharam a porta; Na frente havia dois paus, um horizontal e outro vertical, que formavam a cruz.

A grossa pedra destinada a fechar o túmulo, que ainda se encontrava à porta da gruta, tinha a forma de um baú ou de uma lápide; Era grande o suficiente para cobrir um homem, muito pesada, e somente com alavancas os homens conseguiram empurrá-lo em frente ao Portão do túmulo. A primeira porta da gruta era feita de ramos entrelaçados. Tudo o que se fazia na gruta era com lanternas, porque a luz do dia mal penetrava.

O Retorno do Enterro. O sábado

O Sábado ia começar. Nicodemos e José entraram em Jerusalém por uma pequena porta perto do jardim, aberta no muro por uma graça especial concedida a José. Disseram à Virgem, a Madalena, a João e a algumas mulheres que regressavam ao Calvário para rezar, que encontrariam aquela porta aberta sempre que batessem, assim como a do Cenáculo. A irmã mais velha da Virgem, Maria de Helí, voltou à cidade com Maria, mãe de Marcos, e algumas outras mulheres.

Os servos de José e Nicodemos voltaram ao Calvário para recolher os objetos que haviam deixado.

Os soldados juntaram-se aos que guardavam a porta da cidade, junto ao Calvário, e Cássio foi até a casa de Pilatos com a lança. Ele contou-lhe o que tinha visto e prometeu-lhe um relato exato, se lhe confiasse o comando da guarda que os judeus solicitariam para o túmulo. Pilatos ouviu suas palavras com terror secreto, mas tratou-o como se fosse um homem supersticioso.

José e Nicodemos encontraram Pedro, Tiago, o Maior, e Tiago, o Menor, na cidade; todo mundo estava chorando. Pedro, sobretudo, sentiu dores violentas; Abraçou-os, acusou-se de não ter estado presente na morte do Salvador e agradeceu-lhes por o terem sepultado. Combinaram que abririam as portas do Cenáculo quando chamassem, e foram procurar outros discípulos espalhados por vários lugares. Depois vi a Virgem Santíssima e as suas companheiras entrarem no Cenáculo; Abenadar também foi apresentado e, pouco a pouco, a maior parte dos apóstolos e discípulos reuniu-se a ele. As santas mulheres reuniram-se na parte onde vivia a Virgem.

Eles comeram um pouco e passaram algum tempo juntos chorando e contando o que tinham visto. Os homens trocaram de roupa e eu os vi sob uma lâmpada para celebrar o sábado. Comiam cordeiros no Cenáculo, mas sem fazer cerimônia alguma, pois haviam comido o cordeiro pascal na véspera; Todos estavam cheios de angústia e tristeza. As santas mulheres também rezaram com Maria sob uma lâmpada. Ao cair da noite, Lázaro, a viúva de Naim, Diná, a samaritana, e Maria, a sufanita, vieram de Betânia: contaram novamente o que havia acontecido e derramaram lágrimas.

A prisão de José de Arimatéia. O Santo Sepulcro vigiado

José de Arimatéia deixou o Cenáculo em uma hora tardia e, com alguns dos discípulos e as santas mulheres, partiu para sua casa. Eles estavam caminhando triste e timidamente pelas ruas de Sião, quando um bando armado surgiu repentinamente de seu esconderijo na vizinhança da sala de julgamento de Caifás e pôs as mãos em José de Arimatéia. Seus companheiros fugiram com gritos de terror. Vi que prenderam o bom José numa torre da muralha da cidade, não muito longe do tribunal. Caifás havia confiado o cuidado dessa apreensão a soldados pagãos, que não celebravam o sábado. A intenção era deixar José morrer de fome, e manter seu desaparecimento em segredo.

Na noite entre sexta-feira e sábado, Caifás e alguns dos principais homens entre os judeus fizeram uma consulta sobre o que devia ser feito com respeito aos maravilhosos acontecimentos que acabavam de ocorrer, e seu efeito sobre o povo. Era tarde da noite quando eles foram a Pilatos para lhe dizer que, como aquele sedutor disse, enquanto Ele ainda estava vivo, "Depois de três dias ele ressuscitaria", seria correto "ordenar que o sepulcro fosse vigiado até o terceiro dia; caso contrário, os Seus discípulos poderiam vir e roubá-Lo, e dizer ao povo: "Ele ressuscitou dentre os mortos", e o último erro seria pior do que o primeiro.

Pilatos, que não queria ter mais nada a ver com o assunto, disse-lhes: "Tendes uma guarda. Vai, guarda-o como sabes. Ele, porém, designou Cássio para vigiar e dar-lhe conta de tudo o que observava. Então eu vi doze homens saindo da cidade antes do nascer do sol. Eram acompanhados por soldados que não usavam o uniforme romano. Eles eram soldados do Templo, e pareciam-me como alabardeiros, ou guarda-costas. Levaram consigo lanternas em longos varas, a fim de poderem distinguir as coisas claramente na escuridão, e também para ter luz no sepulcro sombrio.

Quando, em sua chegada, eles se certificaram de que o Corpo Sagrado estava seguro, eles amarraram uma corda sobre as portas do túmulo e outra a partir daí para a pedra que estava diante deles. Então selaram os dois com um selo na forma de meia-lua. Os doze homens retornaram depois à cidade, e a guarda tomou posição em frente à porta externa do sepulcro. Cinco ou seis tomavam turnos para vigiar, enquanto alguns outros se apresentavam ocasionalmente com provisões da cidade. Cássio nunca deixou o seu posto. Ele permaneceu a maior parte do tempo no próprio sepulcro, sentado ou de pé diante da entrada do túmulo, e em tal posição que ele poderia ver o lado em que descansavam os pés do Senhor. Ele tinha recebido grandes graças interiores e tinha sido admitido à clara compreensão de muitos mistérios. Como tal condição, estando quase todo o tempo em um estado de iluminação interior maravilhoso, era algo tão novo para ele, ele era, por assim dizer, transportado para fora de si mesmo, totalmente independentemente de coisas externas. Ali ele se tornou inteiramente mudado, um homem novo. Ele passou o dia em penitência, agradecimento e adoração.

Os amigos de Jesus no Sábado Santo

Como disse, ontem à noite vi os homens do Cenáculo celebrando o sábado e depois fazendo uma refeição. Eles eram cerca de vinte. Eles estavam vestidos com longas roupas brancas, com cintos na cintura, e reunidos sob uma luminária pendurada. Quando se separaram depois do jantar, alguns foram descansar em quartos adjacentes, outros em suas próprias casas. Hoje, dia 2, vi a maioria deles permanecendo em silêncio em casa, reunindo-se em intervalos para oração e leitura, e de vez em quando admitindo alguns recém-chegados.

Na casa ocupada pela Virgem Santíssima existia um grande salão com vários pequenos recantos cortados por cortinas e divisórias móveis. Eram lugares privados para dormir. Quando as santas mulheres voltaram do túmulo, colocaram tudo o que haviam trazido em seu lugar e acenderam a lâmpada que estava pendurada no meio do teto. Então elas se reuniram sob ele em torno da Virgem Santíssima e oraram com mais devoção. Todos ficaram muito tristes. Depois disso, eles tomaram um lanche e logo se juntaram a Marta, Maroni, Diná e Maria, que, depois de celebrarem o sábado em Betânia, foram para lá com Lázaro. A última presença foi dos homens do Cenáculo. Quando, com lágrimas de ambos os lados, a morte e o sepulcro do Senhor foram relatados aos recém-chegados, e já era muito tarde, alguns dos homens, entre eles José de Arimateia, saíram da sala de jantar, chamaram as mulheres que Eles queriam que voltassem para suas casas na cidade e se despediram. Foi no caminho que aquele bando armado prendeu José perto do tribunal de Caifás e jogou-o na torre.

As mulheres que haviam permanecido com a Virgem Santíssima retiraram-se agora, cada uma para o seu abrigo para dormir. Cobriram a cabeça com longos lenços de linho e ficaram algum tempo sentados no chão, em silenciosa tristeza, apoiados nos cobertores enrolados contra a parede. Depois de alguns momentos, levantaram-se, estenderam os lençóis, deixaram de lado as sandálias, os cintos e algumas peças de roupa, enrolaram-se da cabeça aos pés, como costumavam fazer quando se retiravam para descansar, e deitaram-se em suas camas para dormirem um pouco. À meia-noite levantaram-se novamente, vestiram-se, dobraram a cama, reuniram-se novamente sob a lâmpada em torno da Virgem Santíssima e rezaram alternadamente.

Quando a Virgem Santíssima e as santas mulheres, apesar dos seus grandes sofrimentos, cumpriram este dever da oração noturna (que tenho visto frequentemente praticado desde então pelos filhos fiéis de Deus e do povo santo, ou encorajados a isso por uma graça especial, ou em obediência a uma regra estabelecida por Deus e pela Sua Igreja), João e alguns dos discípulos bateram à porta do quarto feminino. Ele e os outros homens já haviam rezado antes, como as mulheres, sob a lâmpada do Cenáculo. As santas mulheres envolveram-se imediatamente nos seus mantos e, juntamente com a Virgem Santíssima, seguiram-nos até ao Templo.

Foi mais ou menos na mesma hora em que o túmulo foi selado, ou seja, por volta das três da manhã, que vi a Virgem Santíssima com as outras santas mulheres, João e vários dos discípulos, entrando no templo. Muitos judeus tinham o costume de ir ao templo pela manhã, depois de comer o cordeiro pascal. Assim, foi aberto por volta da meia-noite, porque os sacrifícios daquela manhã começaram muito cedo. Mas hoje, devido à perturbação da festa e à contaminação do templo, tudo tinha sido negligenciado, e parecia-me que a Virgem, com os seus amigos, queriam despedir-se dele. Ali foi criada, ali adorou o Santo Mistério, até que ela mesma carregou no seu ventre aquele mesmo Santo Mistério, aquele Santo que, como o

verdadeiro Cordeiro Pascal, havia sido tão bárbaramente sacrificado na véspera. O templo estava, segundo o costume da época, aberto, as lâmpadas acesas e até o vestíbulo dos sacerdotes (privilégio concedido neste dia) sido aberto ao povo. Mas o edifício sagrado, com exceção de alguns guardas e criados, estava completamente vazio; as marcas da desordem e confusão de ontem estavam por toda parte. Tinha sido contaminado pela presença dos mortos, e ao vê-lo surgiu em minha mente o pensamento: “Como será restaurado?”

Os filhos de Simeão e os sobrinhos de José de Arimatéia, este último muito entristecido com a notícia da prisão do tio, receberam a Virgem Santíssima e seus companheiros e os conduziram por toda parte, pois eram eles os cuidadores do templo. Em silêncio contemplaram com sentimentos mistos de medo e adoração a obra de destruição, as marcas visíveis da ira de Deus. Somente aqui e ali foram ditas algumas palavras para relatar os acontecimentos do dia anterior.

A destruição de ontem foi evidenciada de muitas maneiras diferentes, uma vez que ainda não havia sido feita nenhuma tentativa de reparação. Onde o vestíbulo se juntava ao santuário, a parede cedeu tanto que uma pessoa poderia facilmente rastejar pela fenda, e o todo ameaçava cair. A trave da cortina foi rasgada antes que o santuário fosse submerso; as colunas que a sustentavam diminuía uma das outras no teto, e a cortina, rasgada em duas, pendia dos lados. Uma abertura tão grande foi feita na parede do vestíbulo pela enorme pedra que caiu do lado norte do Templo, perto do oratório de Simeão, no local onde Zacarias apareceu, que a Virgem Santíssima pôde passar sem dificuldade. Isto a levou até a grande cadeira do professor, de onde o menino Jesus havia ensinado, e deste ponto ela pôde ver através da cortina rasgada o Santo dos Santos, algo que antes não teria sido possível. Da mesma forma, aqui e ali, as paredes estavam rachadas, partes do piso desabou, vigas deslocadas e pilares desviavam-se da direção correta.

A Virgem Santíssima visitou com as suas companheiras todos os lugares que lhe foram consagrados pela presença de Jesus. Ajelhandando-se, ela os beijou, lembrando com lágrimas e com palavras comoventes as lembranças particulares ligadas a cada um. Seus companheiros imitaram seu exemplo, ajelhandando-se e beijando os pontos sagrados.

Os judeus consideravam com extraordinária reverência todos os lugares onde algo que consideravam sagrado tivesse ocorrido. Eles os tocavam e beijavam, prostrando-se sobre eles com o rosto, e eu nunca poderia me surpreender com tais manifestações. Quando você sabe, acredita e sente que o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó é um Deus vivo, que viveu entre o seu povo no seu templo, na sua casa, em Jerusalém, seria de admirar se eles não venerassem esses lugares. Quem acredita num Deus vivo, num Pai e Redentor e Santificador da humanidade, Seus filhos, não se surpreendem que, movido pelo amor, Ele ainda esteja vivo entre os vivos.

Se sente que deve a Ele e a tudo relacionado a Ele mais amor, honra e reverência do que aos seus pais, amigos, professores, superiores e príncipes terrenos. O Templo e os lugares santos eram para os judeus o que o Santíssimo Sacramento é para os cristãos. Mas entre eles havia alguns cegos e alguns iluminados, assim como entre nós há alguns que, não adorando o Deus vivo entre nós, caíram no serviço supersticioso dos deuses do mundo. Eles não refletem sobre estas palavras de Jesus: “Quem me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está nos céus”. Pessoas que servem incessantemente o espírito e a falsidade do mundo em pensamentos, palavras e ações, que deixam de lado toda adoração exterior a Deus, dizem, de fato, se talvez não tenham rejeitado o próprio Deus como exterior demais para eles: “Nós adoramos a Deus em espírito e em verdade”. Mas

eles não sabem o que significam estas palavras no Espírito Santo e no Filho, que se encarnou na Virgem Maria e deu testemunho da verdade; que viveu entre nós, que morreu por nós na terra e que estará com a sua Igreja no Santíssimo Sacramento até o fim dos tempos.

A Virgem Santíssima e os seus companheiros visitaram, portanto, com reverência muitas partes do Templo. Ela mostrou-lhes onde, quando menina, ela havia entrado pela primeira vez no edifício sagrado e onde, no lado sul, ela havia sido educada para seu matrimônio com São José. Ela lhes indicou a cena do seu casamento, a da Apresentação de Jesus e a das profecias de Simeão e Ana. Neste momento, ela chorou amargamente, porque a profecia havia se cumprido, a espada havia trespassado sua alma. Ela mostrou onde havia encontrado Jesus quando ele era um menino ensinando no Templo e beijou reverentemente a cadeira do professor. Foram também à caixa de ofertas onde a viúva tinha guardado o seu dinheiro e onde o Senhor perdoou a mulher apanhada em adultério. Tendo assim honrado com reverência, lágrimas, orações e lembrança todos os lugares venerados pela presença de Jesus, retornaram a Sião.

A Virgem Santíssima não saiu do Templo sem muitas lágrimas e profunda tristeza, pois as suas ruínas e o aspecto desolado naquele dia sagrado testemunhavam os pecados do seu povo. Ela pensou em Jesus chorando por causa disso e em Sua profecia: “Destruí este templo, e em três dias o levantarei”. Ela pensou em como os inimigos de Jesus haviam destruído o templo do Seu corpo, e ansiava pelo terceiro dia, quando aquela palavra da Verdade Eterna se cumpriria.

Retornando ao Cenáculo de Sião ao amanhecer, a Virgem Santíssima retirou-se com suas companheiras para sua própria residência, à direita do pátio. À entrada, João deixou-os e juntou-se aos homens do Cenáculo, mais de vinte, que passaram todo o sábado na sala da Ceia, lamentando a morte do seu Mestre e rezando alternadamente sob a lâmpada. Eu os vi admitindo ocasionalmente e com muita cautela recém-chegados e conversando com eles em lágrimas. Todos sentiram uma reverência interior por João e um sentimento de confusão na sua presença, visto que ele estava no momento da morte do Senhor. Mas João estava cheio de amor e simpatia por eles e, simples e ingênuo como uma criança, cedeu a todos eles. Uma vez eu os vi comendo. Eles permaneceram juntos em muito silêncio e a casa foi fechada. Estavam a salvo de ataques, pois a casa pertencia a Nicodemos e a haviam alugado para a Ceia da Páscoa.

Novamente vi as santas mulheres reunidas até o anoitecer no salão iluminado por uma lâmpada, as portas fechadas e as janelas cobertas. Às vezes faziam a vez da Virgem Santíssima debaixo da lâmpada para rezar; ou às vezes retiravam-se sozinhos para os seus vários recantos, envolviam a cabeça em véus de luto e sentavam-se em caixas planas espalhadas por cinzas (sinal de tristeza) ou rezavam com o rosto voltado para a parede. Antes de se reunirem sob a lâmpada para rezar, sempre deixavam de lado os véus de luto e os deixavam nos cantos. Vi também que os fracos entre eles comiam um pouco, mas os demais jejuavam.

Mais de uma vez o meu olhar foi atraído para as santas mulheres, e sempre as vi como acabo de descrever, rezando ou lamentando-se num salão escuro. Quando a minha meditação se voltava para a Virgem Santíssima que pensava no nosso Salvador, às vezes via o túmulo sagrado e cerca de sete guardas sentados ou em pé em frente à entrada. Perto das portas da caverna rochosa, onde estava o verdadeiro túmulo, no próprio túmulo, estava Cássio. Ele não se moveu do local, permaneceu em silêncio e controlado. Vi as portas do túmulo fechadas e a pedra colocada na frente delas. Mas através das portas pude ver o corpo do Senhor deitado exatamente como havia sido deixado. ele estava cercado de luz e

esplendor, e descansava entre dois anjos adoradores, um na cabeça, o outro nos pés. Quando meus pensamentos se voltaram para a alma santa de nosso Redentor, foi-me concedida uma visão de sua descida ao Inferno tão grande, tão extenso, que pude reter apenas uma pequena parte. No entanto, relatarei o que puder.

Algumas palavras sobre a descida de Cristo ao inferno

Quando Jesus, com um forte grito, entregou a sua alma santíssima, vi-a como uma figura luminosa rodeada de anjos, entre eles Gabriel, entrando na terra aos pés da santa cruz. Vi a sua divindade unida à sua alma, ao mesmo tempo que permanecia unida ao seu corpo pendurado na cruz. Não consigo descrever como foi. Eu vi o lugar para onde a alma de Jesus foi. Parecia estar dividido em três partes. Eram como se fossem três mundos, e tive a sensação de que era redondo, e que cada um desses lugares era uma espécie de localidade, uma esfera separada das outras.

Bem em frente ao Limbo, havia um trecho de campo brilhante e alegre coberto de vegetação. Era ali que sempre via as almas libertadas entrarem no Purgatório antes de serem levadas ao Céu. O Limbo, onde estavam as almas que aguardavam a redenção, estava cercado por uma atmosfera cinzenta e nebulosa, e dividido em diferentes círculos. O Salvador, resplandecente e conduzido em triunfo pelos anjos, avançou entre dois desses círculos. A esquerda continha as almas dos líderes do povo até Abraão, a direita, as almas de Abraão até João Batista. Jesus passou entre esses dois círculos. Eles não o reconheceram, mas estavam todos cheios de alegria e desejo ardente. Era como se aquele lugar de ansiedade e angústia se expandisse de repente. O Redentor passou por eles como uma brisa refrescante, como uma luz, como uma chuva, rápida como o suspiro do vento. O Senhor passou rapidamente entre esses dois círculos até um lugar mal iluminado onde estavam nossos primeiros pais, Adão e Eva. Ele falou com eles, e eles O adoraram com êxtase indescritível. A procissão do Senhor, acompanhada pelos primeiros humanos, agora virava à esquerda, em direção ao Limbo dos líderes do povo de Deus antes da época de Abraão. Era uma espécie de purgatório, pois aqui e ali haviam espíritos malignos, que de diversas formas preocupavam e angustiavam algumas daquelas almas. Os anjos bateram na porta e exigiram entrada. Havia uma entrada, porque havia uma entrada; uma porta, porque havia uma abertura; e uma batida, porque tinha que anunciar Aquele que vinha. Pensei ter ouvido o anjo gritar: Abram as portas! Abra as portas! Jesus entrou triunfante, enquanto os espíritos malignos que se retiravam, clamando: "O que vocês têm a ver conosco? O que vocês estão fazendo aqui? Vocês vão nos crucificar agora? E assim por diante. Os anjos os amarraram e os colocaram diante deles. As almas daquele lugar tinham apenas uma vaga ideia de Jesus, só O conheciam um pouco, mas quando Ele lhes mostrou claramente quem Ele era, explodiram em cânticos de louvor e de ação de graças. no círculo à direita, em direção ao próprio Limbo. Lá ele encontrou a alma do bom ladrão entrando sob a escolta dos anjos no seio de Abraão, enquanto o mau ladrão, cercado por demônios, foi arrastado para o inferno. Jesus disse algumas palavras a ambos e, depois, acompanhado por uma multidão de anjos, dos redimidos, e por aqueles demônios que foram expulsos do primeiro círculo, ela entrou também no seio de Abraão.

Este espaço, ou círculo, parecia-me mais alto que o outro. Era como se uma pessoa tivesse subido da terra abaixo do cemitério até a própria igreja. Os espíritos malignos lutaram acorrentados e não queriam entrar, mas os anjos os forçaram. Neste segundo círculo estavam todos os santos de Israel à esquerda, os Patriarcas, Moisés, os Juízes, os Reis; À direita, os Profetas e todos os antepassados de Jesus, bem como Seus parentes até Joaquim, Ana, José, Zacarias, Isabel e João. Não haviam

demônios neste círculo, nem dor ou tormento, apenas o desejo ardente pelo cumprimento da promessa agora cumprida. Felicidade e êxtase inesquecíveis encheram essas almas ao saudarem e adorarem o Redentor, e os demônios acorrentados foram forçados a confessar diante deles sua ignominiosa derrota. Muitas das almas foram enviadas para ressuscitar seus corpos da sepultura e neles dar testemunho do Senhor pessoalmente. Este foi o momento em que tantos mortos saíram dos seus túmulos em Jerusalém. Pareciam cadáveres ambulantes. Eles depositaram seus corpos de volta na terra, assim como um mensageiro da justiça deixa de lado o manto de seu cargo depois de ter cumprido as ordens de seu superior.

Vi agora a procissão triunfal do Salvador entrar em outra esfera inferior à anterior. Era a morada de pagãos piedosos que, tendo tido algum pressentimento da verdade, suspiraram ardentemente por ela. Era uma espécie de purgatório, um lugar de purificação. Havia espíritos malignos ali, porque vi alguns ídolos. Vi os espíritos malignos forçados a confessar o engano que praticaram. Vi os espíritos abençoados prestarem homenagem ao Salvador com comoventes expressões de alegria. Ali também os demônios foram acorrentados pelos anjos e conduzidos diante deles.

E assim vi o Redentor passar rapidamente por essas numerosas mansões e libertar as almas ali confinadas. Ele fez muitas outras coisas, mas no meu atual estado miserável não sou capaz de relatá-las.

Finalmente o vi, com semblante grave e severo, aproximando-se do centro do abismo, ou seja, do próprio inferno. Na forma, parecia-me ser um imenso e assustador edifício de pedra negra que brilhava com um brilho metálico. A sua entrada era guardada por portas enormes e de aspecto horrível, pretas como o resto do edifício, e equipadas com parafusos e fechaduras que inspiravam sentimentos de terror. Os rugidos e gritos mais horríveis podiam ser ouvidos claramente e, quando as portas se abriram, um mundo escuro e aterrorizante foi revelado.

Assim como estou acostumada a ver a Jerusalém celestial na forma de uma cidade, e as moradas dos abençoados nela sob vários tipos de palácios e jardins cheios de frutas e flores maravilhosas, tudo de acordo com os diferentes graus de glória, então ali estava foi que vi tudo sob o disfarce de um mundo cujos edifícios, espaços abertos e várias regiões estavam intimamente ligados. Mas tudo veio do oposto da felicidade, tudo era dor e tormento. Assim como nos quartos dos bem-aventurados tudo parecia ser formado por motivos e condições de paz infinita, harmonia e satisfação eternas, ali estavam a desordem, a malformação da ira eterna, da desunião e do desespero.

Assim como no Céu existem inúmeras moradas de alegria e adoração, indescritivelmente belas em sua brilhante transparência, ali no Inferno existem inúmeras prisões escuras, cavernas de tormento, maldição e desespero. Assim como no Céu existem jardins maravilhosos para serem vistos, cheios de frutas que fornecem alimento divino, ali no Inferno existem desertos horríveis e pântanos cheios de tortura e dor e tudo que pode dar origem a sentimentos de detestabilidade, nojo e horror. Vi ali templos, altares, palácios, tronos, jardins, lagos, rios, tudo feito de blasfêmia, ódio, crueldade, desespero, confusão, dor e tortura, enquanto no céu tudo é feito de bênçãos, amor, harmonia, alegria e prazer. Ali estava a eterna desunião dos condenados; existe a feliz comunhão dos santos. Todas as raízes da perversidade e da mentira eram cultivadas ali em inúmeras formas e atos de punição e aflição. Nada ali é certo, nenhum pensamento traz paz, pois a terrível lembrança da justiça divina lança cada alma condenada na dor e no

tormento que a sua própria culpa lhe trouxe. Tudo o que era terrível ali, tanto na aparência como na realidade, era a natureza, a forma, a fúria do pecado desmascarado, a serpente que agora se voltava contra aqueles em cujo seio se alimentou. Vi também ali terríveis colunas erguidas com o único propósito de criar sentimentos de horror e terror, tal como no Reino de Deus se destinam a inspirar a paz e o sentimento de bem-aventurado repouso, etc. Tudo isso era facilmente compreensível, mas não podia ser expresso em detalhes.

Quando as portas foram abertas pelos anjos, uma multidão foi vista diante dele lutando, blasfemando, zombando, gritando e lamentando. Vi que Jesus disse algumas palavras à alma de Judas. Alguns dos anjos obrigaram aquela multidão de espíritos imundos a prostrarem-se diante de Jesus, porque todos tinham que reconhecê-lo e adorá-lo. Esse foi o castigo mais terrível para eles. Um grande número deles foi acorrentado em círculo ao redor de outros que, por sua vez, foram detidos por eles. No centro havia um abismo de escuridão. Lúcifer foi jogado nele, acorrentado, e um espesso vapor negro se reuniu ao seu redor. Isto ocorreu por decreto divino. Ouvi dizer que Lúcifer (se não me engano) será libertado novamente por cerca de cinquenta ou sessenta anos antes do ano 2000 DC. Esqueci muitas outras datas que me contaram. Alguns outros demônios serão libertados antes de Lúcifer, para punir e tentar a humanidade. Acredito que alguns foram liberados agora, em nossos dias, e outros serão liberados logo depois de nossa época.

É impossível para mim relatar tudo o que me foi mostrado. É demais. Não consigo resolver, não consigo consertar. Também estou terrivelmente doente. Quando tento falar sobre essas coisas, elas surgem diante dos meus olhos, e a visão é suficiente para fazer a pessoa morrer.

Também vi as almas redimidas em incontáveis números saindo dos locais de sua purificação, saindo do Limbo e acompanhando a alma do Senhor a um lugar de felicidade sob a Jerusalém celestial. Foi lá que havia algum tempo vi um amigo meu falecido. A alma do bom ladrão entrou com os demais e viu novamente o Senhor, conforme sua promessa, no Paraíso. Vi ali mesas celestiais preparadas para deleite e refrigério das almas, como as que muitas vezes me foram mostradas em visões garantidas para meu consolo.

Não posso dizer exatamente quando ocorreram esses acontecimentos, nem a sua duração, nem posso repetir tudo o que vi e ouvi, porque algumas coisas eram incompreensíveis até para mim, e outras seriam mal compreendidas. Vi o Senhor em muitos lugares diferentes, até nos mares. Parecia que Ele santificou e libertou toda criatura; Por toda parte, os espíritos malignos fugiram de Sua presença para o abismo. Então vi o espírito do Senhor visitando muitos lugares da Terra. Eu vi isso no túmulo de Adão, sob o Gólgota. As almas de Adão e Eva retornaram para Ele lá. Ele falou com eles, e eu o vi como se estivesse no subsolo, indo com eles em muitas direções, visitando tumba após tumba dos profetas. Suas almas entraram em seus corpos e Jesus explicou-lhes muitos mistérios. Então eu o vi com este grupo escolhido, entre os quais estava Davi, visitando muitas cenas de sua própria vida e paixão, explicando-lhes os acontecimentos típicos que ali ocorreram, e com amor inefável apontando seu cumprimento.

Entre outros lugares, vi-o com estas almas no seu batismo, onde ocorreram numerosos acontecimentos figurativos. Ele explicou-lhes tudo e, profundamente comovida, vi a eterna misericórdia de Jesus ao permitir que a graça do seu santo batismo fluísse sobre eles para seu maior benefício.

Foi indescritivelmente comovente ver a alma do Senhor cercada por aqueles espíritos felizes e abençoados brilhando através da terra escura, através das rochas, através da água e do ar, e flutuando levemente acima da superfície do solo.

Estes são os poucos pontos que me lembro das minhas meditações, tão completas, tão extensas, sobre a descida do Senhor ao Inferno após a Sua morte, e sobre a Sua libertação das almas dos Patriarcas justos dos primeiros tempos. Mas além desta visão relativa ao tempo, vi uma relativa à eternidade, na qual me foi mostrada a Sua misericórdia para com as pobres almas daquele dia. Vi que todos os anos, na celebração solene deste dia (Quinta-feira Santa) pela Igreja, Ele lança um olhar sobre o Purgatório, pelo qual muitas almas são libertadas. Vi que hoje, Sábado Santo, dia em que tive esta contemplação, ele libertou do seu lugar de purificação algumas almas que tinham pecado no momento da sua crucificação. Hoje vi a libertação de muitas almas, algumas desconhecidas e outras conhecidas por mim, embora não possa nomear nenhuma.

(Estando nesta data em estado de êxtase, a Irmã Emmerich relatou o seguinte:)

A primeira descida de Jesus ao Limbo foi o cumprimento de mistérios antigos, e em si um misterio cujo cumprimento era cumprido pela presente libertação das pobres almas. A descida ao inferno que vi foi uma visão do passado, mas a libertação das almas hoje é uma verdade duradoura. A descida de Jesus ao inferno foi a plantação da árvore da graça, a árvore dos seus próprios méritos sagrados, para as pobres almas; e a recorrência constante da libertação destas almas hoje é o fruto produzido por aquela árvore da graça no jardim espiritual do ano eclesiástico. A Igreja Militante deve cultivar a árvore e colher os frutos, dos quais a Igreja Sofredora deve poder participar, uma vez que não pode fazer nada por si só. Assim é com todos os méritos do Senhor. Temos que trabalhar com Ele para participar deles. Temos que comer o nosso pão com o suor do nosso rosto. Tudo o que Jesus fez por nós, no tempo, produz frutos para a eternidade, mas devemos, no tempo certo, cultivar e colher esse fruto, ou não o desfrutaremos na eternidade. A Igreja é a mãe mais providente. Seu corpo é, com o tempo, o jardim de frutas mais completo da eternidade. Seu corpo contém um suprimento suficiente para as necessidades de todos. Ai dos trabalhadores preguiçosos e infiéis daquele jardim que de alguma forma permitem que seja desperdiçada uma graça que poderia ter restaurado a saúde aos enfermos, a força aos fracos ou fornecido comida aos famintos. No dia da ressurreição, o dono do jardim responsabilizará até mesmo a menor folha de grama.

A véspera da Santa Ressurreição

No fim do sábado, João, Pedro e Tiago, o Maior, visitaram as santas mulheres, para chorar com elas e consolá-las. Em sua partida, as santas mulheres envolveram-se novamente em seus mantos de luto, e se retiraram para orar nos recessos espalhados com cinzas.

Vi um anjo aparecer à Virgem Santíssima. Anunciar-lhe que o Senhor estava próximo, e mandou-a sair para o portão pequeno que pertencia a Nicodemos. Com estas palavras, o coração de Maria encheu-se de alegria. Sem dizer uma palavra às santas mulheres, ela, envolta em seu manto, apressou-se para o portão na muralha da cidade, pelo qual ela tinha vindo ao retornar do jardim do túmulo.

Pode ter sido quase nove horas quando, em um lugar solitário perto do portão, vi a Virgem Santíssima parar de repente em sua caminhada apressada. Ela olhou como se arrebatado com saudade alegre no alto da parede. Flutuando em direção a ela no meio de uma grande multidão de almas dos antigos Patriarcas, vi a mais santa alma de Jesus, resplandecente com luz e sem vestígio de ferida. Voltando-se para os Patriarcas e apontando para a Virgem Santíssima, pronunciou as palavras: Maria, Minha Mãe! e pareceu abraçá-la. Depois desapareceu. A Virgem Santíssima caiu de joelhos e beijou o chão em que Ele estava. Ela deixou a impressão de seus joelhos e

pés na pedra. Inexprimivelmente consolada, ela correu de volta para as mulheres, que encontrou ocupadas preparando unguento e especiarias em uma mesa. Ela não lhes contou o que havia acontecido, mas consolou-as e fortaleceu-as na fé.

A mesa em que as santas mulheres estavam de pé tinha um suporte com os pés cruzados, algo como uma cómoda, e estava coberta com um pano que pendia até o chão. Eu vi deitados sobre ela cachos de todos os tipos de ervas misturadas e colocadas em ordem, pequenos frascos de pomada e água de nardo, e várias flores crescendo em vasos, entre os quais me lembro de um, uma íris listrada, ou lírio. As mulheres embrulharam tudo em panos de linho. Durante a ausência de Maria, Maria Madalena, Maria Cléofas, Joana Cusa e Maria Salome foram à cidade para comprar todas essas coisas. Queriam ir cedo na manhã seguinte para espalhá-las sobre o corpo de Jesus em seus lençóis e derramar sobre ele a água perfumada. Vi uma parte dela ser trazida pelos discípulos do vendedor e deixada na casa sem que eles entrassem para falar com as mulheres.

José de Arimateia é libertado

Depois disso, vislumbrei José de Arimateia orando em sua cela de prisão. De repente, a cela se iluminou e José ouviu seu nome ser pronunciado. Vi o telhado erguido exatamente onde o quadro juntava à parede, e uma figura radiante soltando uma tira de linho que me lembrou de uma daquelas em que o corpo de Jesus tinha sido enrolado. A figura ordenou a José que subisse agarrando-se a ela. Vi então José agarrar o linho com as duas mãos e, apoiando os pés nas pedras salientes da parede, subir à abertura, a uma distância de cerca de doze pés. O telhado imediatamente voltou a sua posição quando José chegou a ele, e a aparição desapareceu. Não sei se foi o próprio Senhor ou um anjo que o soltou.

Vi-o correr despercebido uma curta distância ao longo da muralha da cidade até o bairro do Cenáculo, que estava situado perto da muralha sul de Sião. Ele desceu e bateu à porta. Os discípulos estavam reunidos com as portas fechadas. Ficaram muito tristes com o desaparecimento de José, pois acreditaram na notícia de que ele havia sido lançado num esgoto. Quando abriram a porta e ele entrou, sua alegria foi tão grande quanto a que experimentaram mais tarde, quando Pedro, libertado de sua prisão, apareceu diante deles. José contou-lhes tudo sobre a aparição que tinha tido. Eles ficaram muito felizes e consolados com a sua notícia; deram-lhe comida e deram graças a Deus. Ele deixou Jerusalém naquela noite e fugiu para Arimatéia, sua cidade natal, onde permaneceu até receber a notícia de que poderia voltar a Jerusalém sem medo de perigo.

Após o fim do sábado, vi Caifás e alguns outros sumos sacerdotes na casa de Nicodemos, a quem, com ar de suposta benevolência, faziam muitas perguntas. Não me lembro agora de que assunto estavam discutindo, mas Nicodemos permaneceu fiel e firme em sua defesa do Senhor, e assim se separaram.

A noite da Ressurreição

Tudo estava calmo e em silêncio ao redor do sepulcro sagrado. Cerca de sete guardas estavam à frente e ao redor dela, alguns sentados, outros em pé. Durante todo o dia Cássio manteve sua posição dentro do sepulcro na entrada do túmulo próprio, deixando-o apenas por alguns momentos. Ele ainda estava absorto na lembrança. Ele estava à espera de algo que sabia que iria acontecer, pois lhe haviam sido concedidas graça e luz extraordinárias. Era noite; as lanternas diante do túmulo lançavam uma luz deslumbrante. Eu vi o Corpo Sagrado envolto em seu

lençol, tal como tinha sido colocado no leito de pedra. Estava rodeado por uma luz brilhante e, desde o enterro, dois anjos estavam em adoração arrebatada guardando os restos sagrados, um na cabeça, o outro nos pés. Pareciam sacerdotes. Toda a sua atitude, os braços cruzados sobre o peito, lembrou-me dos querubins na Arca da Aliança, exceto que não tinham asas. Todo o túmulo, e especialmente o lugar de descanso do Senhor, me lembrou de uma maneira impressionante da Arca da Aliança em diferentes períodos de sua história. A luz e a presença dos anjos podiam ter sido em algum grau visíveis para Cássio, e pode ter sido por isso que ele ficou olhando tão fixamente para as portas fechadas do túmulo, como alguém adorando o Santíssimo Sacramento.

E agora eu via a alma abençoada de Jesus fluando com os espíritos libertos dos antigos Patriarcas através da rocha para o túmulo, e mostrando-lhes todas as marcas de maus-tratos em Seu corpo martirizado. As faixas de linho e o lençol pareciam ter sido removidos, pois vi o Corpo Sagrado cheio de feridas; e parecia como se, de alguma forma misteriosa, a Divindade residente exibida diante das almas do corpo abençoado em toda a extensão de sua laceração cruel e martírio. Pareceu-me perfeitamente transparente, suas partes mais íntimas reveladas ao olho. As suas feridas, os seus sofrimentos, as suas dores podiam ser vistas até às suas próprias profundezas. As almas olhavam com reverência muda; pareciam soluçar e chorar com compaixão.

Minha próxima visão foi tão misteriosa que não posso relatar tudo de uma maneira inteligível. Era como se a alma de Jesus, embora sem restaurar o Corpo Sagrado à vida por uma união perfeita com ele, fosse transportada dentro e com o corpo do túmulo. Os dois anjos adoradores levantaram o corpo torturado, não em posição vertical, mas exatamente como estava no túmulo, e flutuaram com ele até o Céu. A rocha tremeu quando eles passaram. Então pareceu-me que Jesus, entre incontáveis coros de anjos adoradores, em fila de cada lado, apresentava Seu corpo ferido diante do trono de Seu Pai Celestial. O corpo de Jesus parecia ter sido ressuscitado de uma maneira semelhante àquela em que os de muitos dos profetas tinham sido assumidos por suas almas após a morte de Jesus e levados para o Templo. Eles não estavam realmente vivos, nem tinham de morrer novamente, pois foram postos por suas almas sem qualquer separação forçada uns dos outros. Vi que as almas dos antigos Patriarcas não acompanharam o corpo do Senhor ao Céu.

Reparei num tremor na rocha do sepulcro. Quatro dos guardas tinham ido à cidade buscar alguma coisa; os outros três caíram no chão inconscientes. Eles atribuíram o choque a um terremoto, mas não sabiam nada sobre a causa. Cássio, no entanto, estava muito agitado e assustado, pois ele tinha uma visão clara do que tinha acontecido, sem entendê-lo completamente. Ele manteve-se em seu posto, e com grande devoção aguardou o que viria a acontecer. Enquanto isso, os soldados ausentes voltaram.

Quando as especiarias foram preparadas e embrulhadas em panos de linho prontos para serem levados ao túmulo, as santas mulheres voltaram a retirar-se para os seus recessos e deitaram-se nos seus leitos para descansar, porque queriam partir antes do amanhecer para o túmulo de Jesus. Elas haviam mais de uma vez expressado sua ansiedade quanto ao sucesso de seu projeto. Estavam cheios de temor de que os inimigos de Jesus pudessem cercá-las quando saíssem. Mas a Virgem Santíssima consolou-as. Ela pediu-lhes que descansassem um pouco e depois fossem corajosamente ao túmulo, pois nenhum mal lhes aconteceria. E então elas foram descansar.

Eram cerca de onze horas da noite quando a Virgem Santíssima, movida pelo amor e pelo desejo ardente, não podia mais permanecer na casa. Ela se levantou,

envolveu-se em um manto cinza, e saiu sozinha. Pensei: Ah! Como podem permitir que a Mãe Santíssima, tão cheia de tristeza e alarme, saia sozinha em tais circunstâncias. Vi-a ir triste para a casa de Caifás e depois para o palácio de Pilatos, que ficava longe da cidade. E assim ela atravessou sozinha todo o caminho percorrido por Jesus carregando a sua cruz. Ela passou pelas ruas desertas e parou em cada lugar em que algum sofrimento especial ou ultraje tinha caído sobre o Senhor. Ela parecia alguém que procurava algo perdido. Frequentemente ajoelhava-se, tocava com a mão nas pedras, e tocava os lábios nelas, como se tocasse e beijasse reverentemente algo sagrado, a saber, o sangue de Jesus. Ela contemplou ao seu redor tudo santificado pelo contato com Jesus brilhante e resplandecente, e sua alma estava inteiramente perdida em amor e adoração.

Ela continuou até que se aproximou do Monte Calvário, quando ela ficou muito quieta. Era como se a aparição de Jesus com o Seu sagrado, corpo martirizado tivesse passado antes dela. Um anjo o precedeu, os dois anjos do túmulo estavam ao seu lado, e uma multidão de almas libertas o seguiram. Ela parecia não andar, mas parecia um cadáver flutuando, rodeado de luz. Ouvi uma voz procedente d'Ele, que contou a Sua Mãe o que Ele tinha feito no Limbo. Agora, continuou Ele, estava prestes a sair do túmulo vivo, num corpo glorificado, e pediu-lhe que o esperasse perto do Monte Calvário, na pedra sobre a qual havia caído. Então vi a aparição indo para a cidade, e a Virgem ajoelhada e orando no lugar indicado pelo Senhor. Era mais de meia-noite, pois Maria tinha passado um tempo considerável no Caminho da Cruz.

Então vi a procissão do Senhor a percorrer o mesmo caminho doloroso. De uma forma misteriosa, os anjos recolheram toda a substância sagrada, a carne e o sangue, que tinha sido arrancados de Jesus durante a Sua Paixão. Vi que a fixação à cruz, o levantamento da mesma, a abertura do lado sagrado, a descida da cruz, e a preparação do corpo santo para o enterro, foram mostrados às almas na trama de Jesus. A Virgem Santíssima também viu tudo em espírito. Ela amava e adorava.

Depois, foi como se o corpo do Senhor descansasse novamente no sepulcro sagrado. Com ele estava tudo o que tinha sido arrancado durante a Paixão e substituído de uma forma incompreensível pelos anjos. Vi-o como antes, envolto nas bandas funerárias e lençóis, rodeado de um esplendor deslumbrante, os dois anjos adoradores na cabeça e no pé do túmulo.

Quando o céu da manhã começou a clarear com uma faixa de luz branca, vi Madalena, Maria Cléofas, Joana Chusa e Salomé, envoltas em mantos, saindo de sua morada perto do Cenáculo. Eles carregavam as especiarias embaladas em panos de linho, e uma delas tinha uma lanterna acesa. Escondiam tudo debaixo do manto. As especiarias consistiam em flores frescas para espargir sobre o corpo sagrado, e também de seiva, essências e óleos para derramar sobre ele. As santas mulheres caminharam ansiosas até o pequeno portão que pertencia a Nicodemos.

A Ressurreição do Senhor

A alma abençoada de Jesus em esplendor deslumbrante, entre dois anjos guerreiros e cercada por uma multidão de figuras resplandecentes, desceu flutuando através do telhado rochoso do túmulo sobre o corpo sagrado. Parecia inclinar-se sobre ele e derreter, por assim dizer, em um com ele. Eu vi os membros sagrados se movendo sob as faixas envolventes, e o corpo vivo e deslumbrante do Senhor com Sua alma e Sua Divindade saindo do lado do lençol como se fosse do Lado ferido. A visão me lembrou de Eva saindo do lado de Adão. Todo o lugar resplandecia de luz e glória.

E agora tive outra visão. Vi a aparição de um dragão com uma cabeça humana que

se enrolava do abismo, como se estivesse bem debaixo do túmulo sobre o qual o Senhor estava deitado. Ele bateu sua cauda de serpente, e virou sua cabeça com raiva para o Senhor. O Ressuscitado Redentor tinha na mão um bastão branco delicado, em cujo topo flutuava uma pequena bandeira. Ele colocou um pé na cabeça do dragão, e deu três golpes com o bastão na cauda. A cada golpe, o monstro parecia contrair-se, e finalmente afundou na terra, primeiro o corpo, depois a cabeça, o rosto humano ainda virado para cima. Eu vi uma serpente semelhante à espreita no momento da concepção de Cristo. Lembrava-me da serpente no Paraíso e, penso eu, esta visão fazia referência à Promessa: "A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente". Toda a visão me pareceu simbólica da vitória sobre a morte, pois enquanto eu via a cabeça da serpente ser esmagada, o túmulo do Senhor desapareceu da minha vista.

Agora vi o Senhor a flutuar em glória através da rocha. A terra tremeu, e um anjo vestido de guerreiro disparou como relâmpago do céu até o túmulo, rolaram a pedra para um lado, e sentaram-se sobre ela. O tremor da terra foi tão grande que as lanternas balançaram de um lado para o outro, e as chamas brilhavam ao redor. Os guardas caíram atordoados no chão e ficaram ali, rígidos e contorcidos, como se estivessem mortos. Cássio viu, de fato, a glória que rodeava o santo sepulcro, o rolamento da pedra pelo anjo, e seu assento sobre ela, mas ele não viu o próprio Salvador ressuscitado. Ele se recuperou rapidamente, pisou o leito de pedra, sentiu-se entre os lençóis vazios, e deixou o sepulcro, fora do qual, cheio de desejo ansioso, ele demorou um pouco para se tornar a testemunha de uma nova e maravilhosa aparição. No instante em que o anjo desceu ao túmulo e a terra tremeu, vi o Senhor ressuscitado aparecer à Sua Mãe Santíssima no Monte Calvário. Ele era transcendentalmente belo e glorioso, com um modo cheio de seriedade. Sua roupa, que era como um manto branco jogado em seus membros, flutuava no vento atrás dele enquanto ele andava. Brilhava azul e branco, como fumaça a enrolar-se ao sol. Suas feridas eram muito grandes e brilhantes; nas Suas mãos, podia-se facilmente inserir um dedo. Os lábios das feridas formaram os lados de um triângulo equilátero que se reunia, por assim dizer, no centro de um círculo, e da palma da mão disparava raios de luz em direção aos dedos. As almas dos primeiros Patriarcas se curvavam humildemente diante da Mãe Santíssima, a quem Jesus disse algo sobre vê-la novamente. Mostrou-lhe as Suas feridas, e quando ela se ajoelhou para beijar os Seus pés, Ele agarrou-lhe a mão, levantou-a e desapareceu.

As santas mulheres no túmulo

As santas mulheres, quando o Senhor ressuscitou dos mortos, estavam perto do pequeno portão pertencente a Nicodemos. Não sabiam nada dos prodígios que estavam acontecendo; nem sequer sabiam da guarda do túmulo, pois haviam permanecido trancadas em sua casa o dia anterior inteiro, o sábado. Perguntaram ansiosamente uns às outras: Quem nos rolará a pedra das portas? Cheias de desejo de mostrar as últimas honras ao corpo sagrado no túmulo, elas perderam completamente de vista a pedra. Queriam derramar água de nardo e bálsamo precioso sobre o corpo sagrado e espalhar suas flores e arbustos aromáticos sobre ele; pois para as especiarias do embalsamamento de ontem, que só Nicodemos havia procurado, eles não contribuíram com nada. Desejavam, portanto, oferecer agora ao corpo de seu Senhor e Mestre o mais precioso que puderam conseguir. Salomé tinha partilhado com Madalena a maior parte dos custos. Ela não era a mãe de João, mas outra Salomé, uma rica senhora de Jerusalém, parente de São José. Por fim, as santas mulheres decidiram colocar os aromas na pedra diante do túmulo e

esperar até que algum discípulo viesse e abrisse a porta para elas. E assim eles foram em direção ao jardim.

Do lado de fora do túmulo, a pedra foi rolada para a direita, de modo que as portas, que simplesmente estavam fechadas, agora puderam ser facilmente abertas. Os lençóis em que o corpo sagrado tinha sido envolvido estavam no túmulo na seguinte ordem: a folha de enrolamento grande em que tinha sido envolvido estava imperturbável, apenas vazio e caído juntos, contendo nada, mas as ervas aromáticas, o longo curativo que tinha sido enrolado em torno dele ainda estava deitado torcido e em todo o comprimento, assim como tinha sido retirado, na borda externa do túmulo, mas o lenço com o qual Maria tinha envolvido a cabeça de Jesus deitado à direita, na cabeceira do túmulo. Parecia que a cabeça de Jesus ainda estava nela, exceto que a cobertura para o rosto estava levantada.

Quando, à medida que se aproximavam, as santas mulheres notaram as lanternas do guarda e os soldados deitados ao redor, ficaram assustadas e passaram a uma curta distância do jardim em direção a Gólgota. Mas Madalena, esquecida do perigo, apressou-se a entrar no jardim. Salomé seguiu-a a uma certa distância, e as outras duas esperaram lá fora.

Madalena, vendo o guarda, recuou primeiro alguns passos em direção a Salomé, então ambos fizeram o seu caminho juntos através dos soldados deitados ao redor e no túmulo. Encontraram a pedra removida, mas as portas fechadas, provavelmente por Cássio. Ansiosa, Madalena abriu uma delas, espreitou no túmulo e viu os lençóis vazios e separados. Todo o lugar estava iluminado por uma luz, e um anjo estava sentado à direita do túmulo. Madalena ficou extremamente perturbada. Ela saiu apressadamente do jardim do sepulcro, atravessou o portão que pertencia a Nicodemos e voltou para os Apóstolos. Salomé, também, que só agora entrou no sepulcro, correu imediatamente depois de Madalena, correu com medo para as mulheres que esperavam fora do jardim, e disse-lhes o que tinha acontecido. Embora admiradas e alegres com o que ouviram de Salomé, não puderam tomar a decisão de entrar no jardim. Só quando Cássio lhes contou em poucas palavras o que tinha visto, e as exortou a irem ver por si mesmas, que se atreveram a entrar.

Cássio estava apressando-se a entrar na cidade para dar a Pilatos conhecimento de tudo o que havia acontecido. Ele passou pelo portão da execução. Quando, com o coração palpitante, as mulheres entraram no sepulcro e se aproximaram do sepulcro sagrado, viram em pé diante delas os dois anjos do sepulcro, vestidos com roupas sacerdotais, brancas e brilhantes. As mulheres ficaram aterrorizadas e, cobrindo seus rostos com as mãos, inclinaram-se tremendo quase até o chão. Um dos anjos lhes falou. Não devem temer, disse ele, nem devem procurar o Crucificado aqui. Ele está vivo, Ele tressuscitou, Ele já não está entre os mortos. Então o anjo indicou-lhes o túmulo vazio, e ordenou-lhes que contassem aos discípulos o que tinham visto e ouvido, e que Jesus iria antes deles à Galileia. Eles deveriam, continuou o anjo, lembrar-se do que o Senhor lhes disse na Galiléia, a saber: "O Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores. Ele será crucificado e, no terceiro dia, ressuscitará. As santas mulheres, tremendo e apavoradas de medo, embora ainda cheias de alegria, olharam em lágrimas para o túmulo e os lençóis, e partiram, tomando o caminho para o portão da execução. Eles ainda estavam muito assustados. Eles não se apressaram, mas fizeram uma pausa de vez em quando e olharam ao redor de longe, para ver se eles não poderiam possivelmente ver o Senhor, ou se Madalena estava retornando.

Enquanto isso, Madalena alcançou o Cenáculo como um ao lado de si mesma, e bateu violentamente na porta. Alguns dos discípulos ainda dormiam em seus leitos

ao redor das paredes, ao passo que vários outros se levantaram e conversavam uns com os outros. Pedro e João abriram a porta. Madalena, sem entrar, apenas pronunciou as palavras: "Eles levaram o Senhor do túmulo! Não sabemos para onde e correu de volta com muita pressa para o jardim do sepulcro. Pedro e João seguiram-na, mas João ultrapassou Pedro.

Madalena estava bem molhada de orvalho quando chegou novamente ao jardim e correu para o túmulo. Seu manto tinha escorregado de sua cabeça para baixo em seus ombros, e seu longo cabelo tinha caído em torno solto. Como ela estava sozinha, temia entrar no sepulcro imediatamente, de modo que esperou fora, no degrau da entrada. Ela inclinou-se, tentando ver através das portas baixas na caverna e até mesmo até o leito de pedra. Seus longos cabelos caíram para a frente enquanto ela se inclinava, e ela estava tentando mantê-los de volta com as mãos, quando viu os dois anjos em roupas sacerdotais brancas sentados na cabeça e no pé do túmulo, e ouviu as palavras: "Mulher, por que você está chorando?" Ela clamou em sua tristeza: "Eles levaram meu Senhor! Não sei onde o puseram! Dizendo isso e não vendo nada além dos lençóis, ela se virou chorando, como alguém procurando algo, e como se ela tivesse que encontrá-lo. Ela tinha um pressentimento vazio de que Jesus estava perto, e mesmo a aparição dos anjos não poderia transformá-la de sua única idéia. Ela não parecia consciente do fato de que era um anjo que lhe falava. Ela só pensava em Jesus; seu único pensamento era: Jesus não está aqui! Onde está Jesus? Eu a vi correr alguns passos do sepulcro e depois voltar como um meio distraído e em busca de algo. O cabelo comprido dela caiu nos ombros. Uma vez que ela desenhou toda a massa no ombro direito através de ambas as mãos, em seguida, jogou de volta e olhou em volta. Cerca de dez passos do túmulo e em direção ao leste, onde o jardim se ergueu na direção da cidade, ela espiou na luz cinzenta da aurora, de pé entre os arbustos atrás de uma palmeira, uma figura vestida com uma longa roupa branca. Correndo em direção a ele, ouviu mais uma vez as palavras: "Mulher, por que choras? Quem procuras? Ela pensou que era o jardineiro. Eu vi que ele tinha uma pá na mão e em sua cabeça um chapéu plano, que tinha um pedaço de algo como casca de pé na frente, como uma proteção contra o sol. Era exatamente como o que eu tinha visto na parábola do jardineiro que Jesus, pouco antes de Sua Paixão, relatou às mulheres em Betânia. A aparição não era resplandecente. Parecia uma pessoa vestida com longas vestes brancas e vista no crepúsculo. Nas palavras: "A quem buscas?" Madalena imediatamente respondeu: "Senhor, se você o tirou daqui, mostre-me onde você o colocou". Vou levá-lo embora! E ela olhou novamente em volta, como se para ver se ele não o tinha colocado em algum lugar perto. Então Jesus, em Sua voz bem conhecida, disse: "Maria!" Reconhecendo a voz, e esquecendo a crucificação, morte e sepultamento agora que Ele estava vivo, ela se virou rapidamente e, como uma vez antes, exclamou: "Rabboni!" (Mestre!). Ela ajoelhou-se perante ele e estendeu os braços para os seus pés. Mas Jesus levantou a mão para afastá-la, dizendo: "Não me toques, porque ainda não subiu a meu Pai. Mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus. Com estas palavras, o Senhor desapareceu. Foi-me explicado por que Jesus disse: "Não me toque", mas eu só tenho uma lembrança indistinta disso. Acho que Ele disse isso porque Madalena era tão impetuosa. Ela parecia possuída pela idéia de que Jesus estava vivo como antes, e que tudo era como costumava ser. Sobre as palavras de Jesus de que Ele ainda não havia ascendido a Seu Pai, foi-me dito que Ele ainda não, desde Sua Ressurreição, se apresentara a Seu Pai Celestial, ainda não O havia agradecido por Sua vitória sobre a morte e pela Redenção. Compreendi por meio dessas palavras que os primeiros frutos da alegria pertencem a Deus. Era como se

Jesus tivesse dito que Madalena deveria se recolher e agradecer a Deus pelo mistério da Redenção acabado de realizar e Sua vitória sobre a morte. Após o desaparecimento do Senhor, Madalena levantou-se rapidamente e novamente, como em um sonho, correu para o túmulo. Ela viu os dois anjos, ela viu os lençóis vazios, e apressou-se, agora certa do milagre, de volta para seus companheiros.

Pode ter sido por volta das três horas e meia quando Jesus apareceu a Madalena. Mal tinha ela saído do jardim quando João se aproximou, seguido por Pedro. João ficou fora da entrada da caverna e inclinou-se para olhar, através das portas exteriores do sepulcro, nas portas semi-abertas do túmulo, onde ele viu os lençóis deitados. Depois veio Pedro. Desceu ao sepulcro e foi ao túmulo, no meio do qual viu o lençol enrolado. Estava enrolado de ambos os lados em direção ao meio, e os aromas estavam enrolados nele. As ligaduras estavam dobradas em torno dele, como as mulheres estão acostumadas a enrolar juntos tais lençóis ao colocá-los fora. O linho que cobria a face sagrada estava à direita, ao lado da parede. Também estava dobrado. João, então, seguiu Pedro até o túmulo, viu as mesmas coisas, e crê na ressurreição. Tudo o que o Senhor tinha dito, tudo o que estava escrito nas Escrituras, ficou agora claro para eles. Antes, só tinham tido uma compreensão imperfeita disso. Pedro levou os lençóis com ele debaixo do manto. Ambos voltaram pelo portão pequeno que pertencia a Nicodemos, e João mais uma vez foi à frente de Pedro.

Enquanto o corpo sagrado jazia no túmulo, os dois anjos se sentavam um à cabeça e o outro aos pés, e quando Madalena e os dois apóstolos chegaram, eles ainda estavam lá. Parece-me que Pedro não os viu. Ouvi João dizer depois aos discípulos de Emaús que, olhando para dentro do túmulo, ele viu um anjo. Talvez fosse por humildade que ele não o mencionou em seu Evangelho, para que não parecesse ter visto mais do que Pedro.

Agora, pela primeira vez, vi os guardas levantarem-se de onde estavam deitados no chão. Tomaram suas lanças, também as lanternas que estavam penduradas em postes na porta da entrada e que lançavam sua luz na caverna, e apressaram-se com evidente temor e trepidação para o portão da execução e para a cidade.

Entretanto, Madalena tinha chegado às santas mulheres e lhes contou da aparição do Senhor. Então, ela também apressou-se para a cidade através do portão vizinho da execução, mas os outros foram novamente para o jardim, fora do qual Jesus apareceu a eles em uma roupa branca que ocultava até mesmo Suas mãos. Ele disse: "Eu vos saúdo!" Tremaram e caíram aos seus pés. Jesus acenou com a mão em certa direção, enquanto lhes dirigia algumas palavras, e desapareceu. As santas mulheres então apressaram-se pelo portão de Belém em Sião, para contar aos discípulos no Cenáculo que tinham visto o Senhor e o que Ele lhes tinha dito. Mas os discípulos não acreditaram no primeiro relato de Madalena, e, até o retorno de Pedro e João, consideraram todo o assunto como o efeito da imaginação das mulheres.

João e Pedro, que o espanto pelo que haviam visto os havia feito ficar em silêncio e pensativos, encontraram no caminho de volta Tiago, o Menor, e Tadeu, que haviam saído atrás deles para o túmulo. Eles também ficaram muito agitados, pois o Senhor apareceu a eles perto do Cenáculo. Uma vez vi Pedro, enquanto eles iam, de repente começar a tremer, como se ele tivesse acabado de ter um vislumbre do Salvador ressuscitado.

As declarações dos guardas

Cerca de uma hora depois da Ressurreição, Cássio foi ter com Pilatos, que

descansava no seu leito. Cheio de emoção, Cássio contou tudo o que tinha acontecido, o tremor da rocha, a descida do anjo, o rolamento da pedra, o lençol vazio. Jesus, disse ele, era certamente o Messias, certamente o Filho de Deus. Ele ressuscitou, já não estava no túmulo. Pilatos ouviu cada detalhe com terror secreto, mas, não deixando que nada aparecesse, disse a Cássio: "Você é um vidente! Agiste muito mal ao ficar no túmulo do galileu. Os seus deuses, assim, adquiriram poder sobre ti, e foram eles que te trouxeram todas as imagens mágicas antes de ti. Aconselho-te a não dizer nada disto ao Sumo Sacerdote, senão será pior para ti. Ele fingiu acreditar que Jesus fora roubado pelos discípulos, e que os guardas haviam relatado o que haviam feito a fim de esconder sua própria negligência; ou porque haviam sido subornados, ou mesmo talvez porque também haviam sido enfeitiçados. Quando Cássio saiu, Pilatos novamente ofereceu sacrifício aos seus deuses.

Quatro dos soldados voltaram do túmulo e foram direto a Pilatos com o mesmo relatório. Mas ele não quis ouvir mais nada, e enviou-os a Caifás. Os outros guardas foram a um grande pátio perto do Templo, no qual estavam reunidos vários idosos judeus. Estes últimos consultaram-se e chegaram à conclusão de que, com dinheiro e ameaças, obrigariam os guardas a relatar que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus. Mas, quando os guardas objetaram que seus companheiros, que haviam informado a Pilatos de todo o assunto, iriam contradizê-los, os fariseus prometeram acertar tudo com Pilatos. Entretanto, vieram os quatro guardas que Pilatos havia dispensado, mas eles aderiram rigorosamente ao relato que haviam dado ao governador. O relato da libertação de José de Arimatéia, de alguma forma inexplicável, através das portas fechadas da prisão, já era divulgado no exterior e, quando os fariseus, desejando lançar sobre os soldados a suspeita de terem tido um entendimento com os discípulos para levarem o corpo de Jesus, ameaçaram-nos com punição severa se não o obedecessem imediatamente, os homens responderam que não podiam fazer mais do que o guarda na prisão de José de Arimatéia poderia trazê-lo de volta depois de ele ter desaparecido. Defenderam-se corajosamente, e por nenhuma espécie de suborno poderiam ser reduzidos ao silêncio. Sim, falaram até mesmo livre e abertamente do julgamento iníquo de Sexta-feira, e declararam que foi por causa disso que as cerimônias pascais haviam sido interrompidas. Os quatro soldados foram presos. Os inimigos de Jesus espalharam a notícia de que o Seu corpo fora roubado pelos discípulos; e os fariseus, saduceus e herodianos fizeram com que a mentira fosse propagada por toda parte, para ser publicada em todas as sinagogas do mundo inteiro, acompanhando-a com calúnias a Jesus. Suas mentiras pouco lhes beneficiaram, pois depois da ressurreição de Jesus, muitas almas de santos judeus falecidos apareceram aqui e ali para os seus descendentes ainda suscetíveis à graça e a santas impressões, e assustaram seus corações para a conversão. Para muitos dos discípulos também, que, abalados na fé e desanimados, estavam espalhados por todo o país, aparições semelhantes foram vistas para consolar e fortalecer-lhes a fé. A ressurreição dos corpos mortos de seus túmulos após a morte de Jesus não tinha nenhuma semelhança com a Ressurreição do Senhor. Jesus ressuscitou em Seu corpo renovado e glorificado, andou por alguns dias vivo sobre a terra, e, nesse mesmo corpo, ascendeu ao Céu à vista de Seus amigos. Mas aqueles outros corpos eram apenas cadáveres dados às almas apenas como mais evidências. Foram sepultados novamente por eles para aguardarem conosco a Ressurreição do último dia. Lázaro foi ressuscitado dentre os mortos, mas realmente viveu e depois morreu pela segunda vez.

Fim destas meditações para a Quaresma

Vi os judeus começarem a purificar-se, a lavar e a varrer o Templo. Espalharam ervas aromáticas, também cinzas dos ossos dos mortos, e ofereceram sacrifícios expiatórios. Eles limpavam o lixo, cobriram as marcas do terremoto com tábuas e tapeçarias, e terminaram as solenidades pascais interrompidas no dia da festa.

Com ameaças de punição e excomunhão, tentavam reprimir todos os comentários e murmurações. Eles explicaram a perturbação da festa e os danos causados ao Templo como efeitos do terremoto e da presença de impuros nos sacrifícios. Eles apresentaram algo de uma visão de Ezequiel sobre os mortos ressuscitados, mas não me lembro agora de como o aplicaram. Assim acalmaram o povo, pois muitos tinham participado no crime. Mas era apenas a grande multidão dos obstinados e incorrigíveis; todos os de melhor disposição foram convertidos. Ficaram em silêncio até o Pentecostes, quando proclamaram em voz alta a sua fé, mais tarde também nos seus lugares de origem, por meio do ensino dos Apóstolos. Consequentemente, os sumo sacerdotes começaram a perder a coragem. Já no tempo do ministério de Estevão como diácono, Ofel e o bairro oriental de Sião não podiam mais conter a multidão de crentes, de modo que tiveram de estender suas cabanas e tendas para além da cidade, através do Vale de Cedron até Betânia.

Anás era como um possuído. Ele foi obrigado a ser confinado, e nunca mais apareceu em público. Caifás tornou-se como um louco devorado por raiva secreta. Simão, de Cirene, foi ter com os apóstolos depois do sábado, pedindo para ser recebido entre os seguidores batizados de Jesus.

Na quinta-feira, depois da Páscoa, Ana Catalina disse:

Hoje vi Pilatos procurar sua mulher em vão. Estava escondida na casa de Lázaro, em Jerusalém. Eles não podiam adivinhar, pois nenhuma mulher morava naquela casa. Estêvão, que não era conhecido como discípulo, levava-lhe a comida e as notícias de fora. Estêvão era primo de Paulo: ambos, filhos de dois irmãos.

(*) Aqui termina Volume XI, com a DOLOROSA PAIXÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, cuja transcrição durou de 18 de fevereiro a 6 de abril de 1823.